

Amós Oz

COMPANHIA DAS LETRAS



Judas

"Uma obra-prima, absoluta e necessária."

Alberto Manguel

AMÓS OZ

Judas

Tradução do hebraico e glossário
Paulo Geiger



*Eis que corre o traidor na beira do campo.
Não ao vivo, mas ao morto que há nele a pedra mirava.*

Nathan Alterman, “O traidor”, do livro *Simchat aniim* [Alegria de pobres]

1.

Eis aí uma história dos dias de inverno no final de 1959 e início de 1960. Nesta história há erro e desejo, há amor frustrado e certa questão religiosa que ficou aqui sem resposta. Em alguns prédios ainda se reconhecem os sinais da guerra que há dez anos dividiu a cidade. Ao fundo dá para ouvir o toque distante de um acordeão ou os sons nostálgicos de uma gaita ao entardecer, por trás de uma persiana cerrada.

Em muitas residências de Jerusalém é possível ver na parede da sala de estar o redemoinho de estrelas de Van Gogh ou a ardência de seus ciprestes, e nos pequenos quartos ainda estão estendidas esteiras de palha, e um exemplar de *Iemei Tziklag* ou de *Doutor Jivago* virado e aberto na beirada de um colchão de espuma coberto com um pedaço de tecido de motivo oriental e um monte de almofadas bordadas. Durante a noite inteira um aquecedor a querosene arde com uma chama azul. De dentro de um cartucho de obus no canto da sala cresce uma espécie de ramallete estilizado feito de ramos de espinheiro.

No início de dezembro Shmuel Asch interrompeu seus estudos na universidade e pretendia ir embora de Jerusalém, por causa de um amor frustrado, devido a uma pesquisa que empacou e principalmente porque a situação econômica de seu pai despencara e Shmuel se via obrigado a procurar algum trabalho.

Era um rapaz corpulento, barbado, vinte e cinco anos mais ou menos, tímido, sensível, socialista, asmático, com tendência a se entusiasmar facilmente e se decepcionar logo em seguida. Tinha ombros pesados, um pescoço curto e grosso, assim como a mão, e também os dedos: grossos e curtos como se em cada um deles faltasse uma falange. De cada poro do rosto e do pescoço de Shmuel Asch irrompia sem freio um fio de barba encaracolado que lembrava lã de aço. Essa barba se estendia e se juntava ao cabelo, que era todo cacheado, e com o emaranhado de pelos do peito. De longe parecia sempre, fosse no verão ou no inverno, que ele estava todo afogueado e banhado em suor. Mas de perto, com agradável surpresa, se notava que a pele de Shmuel não exalava a acidez do suor, mas simplesmente um delicado aroma de talco de bebê. Ele num instante se embriagava com novas ideias, contanto que essas ideias viessem muito bem formuladas e implicassem numa mudança radical. Mas da mesma forma tendia a se cansar depressa, talvez por causa de um coração dilatado e também porque sofria de asma.

Com grande facilidade seus olhos se enchiam de lágrimas, e isso lhe causava constrangimento e até vergonha: ao pé de uma cerca um filhote de gato berra numa noite de inverno, talvez tenha se perdido da mãe, e esse filhote ergue para

Shmuel um olhar de cortar o coração e se esfrega suavemente em sua perna, e logo os olhos de Shmuel se turvam. Ou ao final de algum filme bem mediano sobre solidão e desespero no Cinema Edison de repente se descobre que o personagem mais durão de todos é capaz, afinal de contas, de revelar a grandeza de sua alma, e logo lhe vêm as lágrimas e elas começam a sufocar-lhe a garganta. Ao avistar na saída do Hospital Shaarei Tsedek uma mulher magra e um menino, que lhe são totalmente estranhos, parados e abraçados, ambos chorando — na mesma hora lhe vem o choro e também o arrebatado.

Naquela época era comum considerar o choro uma coisa de mulher. Um homem banhado em lágrimas provocava retraimento, e até uma leve repulsa, mais ou menos como uma mulher com uma barbicha crescendo no queixo. Shmuel sentia muita vergonha dessa sua fraqueza e se esforçava muito por superá-la, mas sem conseguir. No íntimo, ele mesmo aderiria às zombarias suscitadas por sua sensibilidade, e até se resignava com o pensamento de que sua masculinidade estava um pouco prejudicada e por isso era bastante provável que sua vida fosse passar em branco e sem atingir qualquer objetivo.

Mas o que faz você, perguntava-se às vezes em sua autorrejeição, o que na verdade você faz além de sentir pena? Pois aquele gato, por exemplo, você poderia ter aconchegado no casaco e levado para o seu quarto. Quem o impediu? E você poderia simplesmente ter ido até a mulher chorosa e o menino, e ter perguntado a eles como poderia, quem sabe, ajudá-los. Ou fazer o garoto sentar na varanda com algum livro e com biscoitos, enquanto você e a mulher sentam-se um junto ao outro na cama, no quarto, e aos sussurros esclarecem o que tinha acontecido a ela e o que você poderia tentar fazer?

Alguns dias antes de abandonar você, Iardena lhe disse: Você, ou é uma espécie de cachorrinho todo animado, fazendo barulho, correndo, se esfregando, e até mesmo quando está sentado numa cadeira de certa forma fica rodando o tempo todo em torno de seu rabo, ou ao contrário, passa dias inteiros enfiado na cama como um cobertor que fica lá o inverno todo sem ser arejado.

Com isso Iardena se referia, por um lado, ao eterno cansaço de Shmuel, e por outro a algum componente de insanidade, perceptível em seu modo de andar, no qual sempre se escondia uma corrida reprimida: devorava degraus impetuosamente, de dois em dois. Atravessava ruas movimentadas na diagonal, com muita pressa, e muito risco, sem olhar à direita ou à esquerda, como quem se atira numa briga, a cabeça com sua barba encaracolada se jogando com força à frente, pronta para a batalha, o corpo inclinado para a frente, e sempre parecendo que suas pernas perseguiam com todas as forças o corpo que perseguia a cabeça, como se as pernas tivessem medo de se atrasar caso Shmuel desaparecesse de sua vista depois de dobrar uma esquina, deixando-as para trás. Corria o dia inteiro, ofegando, febril, não porque temesse atrasar-se para a aula ou para um encontro político, mas porque a qualquer momento, pela manhã ou à

noite, estava sempre querendo terminar de uma vez o que tinha de fazer, apagar tudo o que tinha anotado em sua lista diária de tarefas. E finalmente voltar para a tranquilidade de seu quarto. Cada dia de sua vida lhe parecia uma cansativa corrida de obstáculos pelo caminho no qual circulava desde o momento em que era arrancado do sono, de manhã, até voltar para debaixo do cobertor de inverno.

Gostava muito de discursar para quem o ouvisse, e sobretudo para os colegas do grupo de estudos sobre a renovação socialista: gostava de explicar, fundamentar, divergir, refutar e propor algo novo. Discorria longamente, com prazer, com agudeza e com ímpeto. Mas quando lhe respondiam, quando chegava sua vez de ouvir as ideias alheias, Shmuel era logo atacado de impaciência, perda de atenção e cansaço a ponto de fechar os olhos e deixar pender a cabeça desgrenhada para o peito estofado.

Também gostava de proferir para Iardena todo tipo de discurso veemente, demolir preconceitos e abalar convenções, tirar conclusões de uma hipótese e formular uma hipótese a partir de uma conclusão. Mas, quando era ela que lhe falava, suas pálpebras costumavam baixar em dois ou três minutos. Ela o acusava de nem sequer a ouvir, ele negava, ela pedia que ele repetisse o que havia dito ainda agora, e ele mudava de assunto e lhe falava do erro que Ben Gurion estava cometendo. Ele era bondoso, generoso, cheio de boa vontade e suave e macio como uma luva de lã, sempre disposto a tudo para ser útil a todos, mas também confuso e impaciente, esquecia onde exatamente tinha pendurado a outra meia ou o que o senhorio estava querendo dele ou a quem tinha emprestado o caderno com as anotações das palestras. Mesmo assim, nunca se confundia ao levantar para citar com toda a exatidão o que Kropótkin tinha dito sobre Necháiev após o primeiro encontro entre os dois e o que disse sobre ele dois anos depois. Ou quem, dos apóstolos de Jesus, era o que falava menos entre todos os outros apóstolos.

Apesar de gostar de seu espírito vivaz, de seu desamparo, do que parecia a ela ser uma qualidade de cão amigável, esfuziante e exuberante, um grande cão que sempre se aperta contra nós para se esfregar e babar em nossos joelhos, Iardena decidiu separar-se dele e aceitar o pedido de casamento feito pelo namorado anterior, um hidrologista aplicado e calado chamado Neshar Sharshavsky, especialista em captação e acumulação de água de chuva, que quase sempre sabia adivinhar exatamente qual seria o próximo desejo dela. Neshar Sharshavsky comprou para ela uma bela echarpe como presente de aniversário, segundo a data do calendário universal, e depois uma esteira ao estilo oriental, verde, de acordo com a data do calendário hebraico, que caiu dois dias depois. Ele se lembrava até mesmo dos aniversários dos pais dela.

Cerca de três semanas antes do casamento de Iardena, Shmuel perdeu de vez toda esperança em relação a seu trabalho de pós-graduação, “Jesus na visão dos judeus”, trabalho que no início abordara com enorme entusiasmo, eletrizado com o vigor do ousado insight que lampejara em sua mente ao escolher o tema. Mas, quando começou a pesquisar detalhes e sulcar as fontes, descobriu rápida e facilmente que em sua brilhante ideia não havia de fato nada de novo, já fora publicada antes de ele ter nascido, no início da década de 30, numa nota de rodapé num pequeno artigo escrito por seu eminente professor, o professor Gustav Iom-Tov Eisenshalom.

Além disso, irrompera uma crise no grupo de estudos sobre a renovação socialista: o grupo se reunia toda quarta-feira às oito da noite num café encardido de teto baixo em uma das ruelas de um bairro operário. Artesãos, bombeiros, eletricitistas, pintores e gráficos às vezes se reuniam aqui para jogar gamão, e por isso o grupo achava que o lugar era mais ou menos proletário. Verdade que os estucadores e os consertadores de rádios não se juntavam à mesa do grupo, mas eventualmente um deles fazia uma pergunta ou observação a duas mesas de distância, ou também ao contrário, um dos membros do grupo se levantava e ia sem medo até uma mesa onde se jogava gamão para pedir à classe obreira fogo para seu cigarro.

Após prolongadas indecisões quase todos os membros do grupo aceitaram as revelações do Vigésimo Congresso do Partido Comunista Soviético sobre o tenebroso regime de Stálin, mas havia um grupinho resoluto a exigir dos companheiros que se reexaminasse não só a adesão a Stálin, mas também nossa relação com a própria ideia da ditadura do proletariado, como formulada por Lênin. Dois dos companheiros foram ainda mais longe, e chegaram a usar ideias do jovem Marx como um desafio às teorias blindadas em aço do Marx adulto. Quando Shmuel Asch tentou atenuar aquela erosão, quatro entre os seis membros do grupo declararam uma cisão e a formação de uma nova célula. Entre os quatro dissidentes também estavam as duas mulheres do grupo, sem as quais não valeria mais a pena frequentá-lo.

Nesse mesmo mês o pai de Shmuel perdeu a causa no julgamento de sua apelação, depois de ter lutado anos em algumas instâncias contra o antigo sócio na pequena empresa de Haifa (Shachaf Ltda., desenho, mapeamento e fotografia aérea). Os pais de Shmuel foram obrigados a cortar a mesada que o sustentava desde que começara a estudar. Ele, então, desceu para o pátio e procurou e encontrou ao fundo do quartinho das latas de lixo três ou quatro caixas

de papelão usadas, levou-as para seu quarto alugado no bairro de Tel Arza, e todo dia enfiava nelas desordenadamente mais alguns livros e roupas e pertences. Mas ainda não tinha a menor ideia de para onde, afinal, poderia ir ao sair daqui.

Durante algumas noites Shmuel perambulou pelas ruas batidas pela chuva, como um urso entontecido e irritado por ter sido despertado de seu sono hibernar. Com seus passos sempre no limite de uma corrida pesada, percorreu as ruas do centro da cidade, quase desertas devido ao frio e ao vento. Algumas vezes ficava parado na chuva depois de escurecer, em uma das ruelas do bairro de Nachlat Shiv'a, olhando para o portão de ferro do prédio no qual Iardena não morava mais. Às vezes suas pernas o levavam por engano a distantes bairros que não conhecia, castigados pelo inverno, a Nachlaot, a Beit Israel, a Achava ou a Musrara, pisando em poças, contornando latas de lixo derrubadas pelo vento. Duas ou três vezes quase bateu com a cabeça desgrenhada e atirada com força para a frente, como se cabeceasse, no muro de cimento que separava a Jerusalém israelense da Jerusalém jordaniana.

Ele se detinha para olhar, distraído, as placas entortadas que o advertiam lá dentro dos rolos de arame farpado enferrujados: Pare! Aqui é a fronteira! Cuidado, minas! Perigo — terra de ninguém! E também: Olhe, você foi avisado — está prestes a atravessar um trecho visível aos atiradores do inimigo! Shmuel ficava indeciso diante dessas placas, como se tivessem posto diante dele um cardápio variado de onde ele poderia escolher o que preferisse.

Quase toda noite ele vagueava assim, molhado de chuva até os ossos, a barba hirsuta pingando água, tremendo de frio e desespero, até finalmente se arrastar cansado e exausto de volta a sua cama e nela ficar encolhido até o anoitecer do dia seguinte: cansava-se com facilidade, talvez por causa de seu coração dilatado. E ao cair do crepúsculo tornava a se levantar, a se envolver em suas roupas e seu casaco que não tinham secado desde as perambulações da noite anterior, e de novo as pernas o levavam aos extremos da cidade, até Talpiot, até Arnona. Só quando deparava com a cancela no portão do kibutz Ramat Rachel e uma sentinela desconfiada jogava sobre ele a luz de sua lanterna, ele se dava conta, dava meia-volta e voltava para casa em passos nervosos, urgentes, que pareciam os de uma fuga desordenada. Ao chegar comia apressadamente duas fatias de pão e *lebenia*, despia as roupas molhadas e novamente se entocava e se enterrava no cobertor e por muito tempo tentava em vão se aquecer. Por fim, adormecia e dormia até o anoitecer seguinte.

Uma vez sonhou com um encontro com Stálin. O encontro teve lugar num quarto de teto baixo no fundo do café encardido do grupo de estudos sobre a renovação socialista. Stálin encarregara o professor Gustav Eisenshalom de resgatar o pai de Shmuel de todos os seus problemas e suas perdas, enquanto Shmuel, por algum motivo, mostrava a Stálin, de longe, de um ponto de

observação no telhado do mosteiro da Dormición no alto do monte Sion, o trecho do Muro das Lamentações que ficara aprisionado além-fronteira, na parte jordaniana de Jerusalém. Não conseguiu de maneira alguma explicar a um Stálin que ria zombeteiro embaixo de seu bigode por que os judeus tinham rejeitado Jesus e por que ainda mantêm sua oposição e teimam em lhe voltar as costas. Stálin chamou Shmuel de Judas. Ao final desse sonho tremeluziu por um instante também a figura magra de Neshar Sharshavsky, que deu a Stálin um cãozinho que gania dentro de uma lata. Por causa desses ganidos Shmuel despertou com a sombria sensação de que suas sinuosas explicações tinham piorado ainda mais a situação, por terem despertado em Stálin desprezo e também suspeita.

O vento e a chuva fugitavam a janela de seu quarto. De madrugada, quando a tempestade ficou mais forte, a bacia de lavar roupa feita de lata que estava pendurada lá fora na grade da sacada começou a chocar-se com batidas ocas contra o parapeito. Dois cães distantes de sua casa e talvez distantes um do outro não pararam de latir a noite inteira, latidos que aumentavam e diminuía até que se transformaram em uivos.

Cogitava, pois, ir embora de Jerusalém para achar um trabalho não muito difícil em um lugar distante, talvez como guarda-noturno nas montanhas de Ramon, entre as quais, assim tinha ouvido dizer, está sendo construída uma nova cidade no deserto. Mas enquanto isso recebeu o convite para o casamento de Iardena: tudo indicava que ela e Neshar Sharshavsky, seu obediente hidrólogo, especialista em captar e acumular água da chuva, estavam com muita pressa de se postarem sob o pálio nupcial. Não conseguiram se conter e esperar pelo menos que o inverno acabasse. Shmuel resolveu que ia surpreendê-los, surpreender todo mundo, e aceitar esse convite: eis que, contrariamente a todas as convenções, ele ia aparecer lá de repente, rindo, falando alto, distribuindo sorrisos e tapinhas nas costas, um penetra irrompendo no meio de uma cerimônia de casamento à qual só deveria comparecer um pequeno núcleo restrito de familiares e amigos muito íntimos, e depois iria se juntar com entusiasmo à festa após a cerimônia, e até participar da comemoração e dar sua contribuição ao programa artístico com seu número de magníficas imitações da pronúncia e dos trejeitos do professor Eisenshalom.

Mas na manhã do dia do casamento de Iardena, Shmuel sufocava num acesso grave de asma, e se arrastou até o ambulatório, onde tentaram, em vão, ajudá-lo com um nebulizador e diversos medicamentos antialérgicos. Como ele piorou, levaram-no do ambulatório para o Hospital Bikur Cholim.

No momento em que se realizavam a *chupá* e o casamento de Iardena, Shmuel passou na sala de triagem. Depois, durante toda a noite das bodas, não deixou nem por um momento de respirar dentro de uma máscara de oxigênio. No dia seguinte decidiu deixar Jerusalém sem mais delongas.

3.

No começo de dezembro, no dia em que uma neve rala misturada com chuva começou a cair em Jerusalém, Shmuel Asch comunicou ao professor Gustav Eisenshalom e a seus outros professores (dos cursos de história e de ciência das religiões) que ia interromper os estudos. Lá fora, no uádi, rolavam tufos de neblina que lembravam a Shmuel flocos sujos de algodão.

O professor Eisenshalom era um homem pequeno e compacto e usava óculos grossos como o vidro de um copo de cerveja, e seus movimentos eram quadrados e bruscos, lembrando um diligente cuco aparecendo de repente por uma portinhola no relógio de parede. Ele ficou estarecido ao ouvir as intenções de Shmuel Asch.

“Mas como é possível? Como pode? O que deu em você de repente? Jesus na visão dos judeus! Com certeza isso vai se revelar um campo fértil como ele só! Na Guemará! Na *tossefta*! Nos comentários de nossos sábios, de abençoada memória! Nas tradições populares! Na Idade Média! Certamente estamos a ponto de entrar aqui em algo inovador e importante! Hein? E aí? Quem sabe, então, podemos continuar a pesquisar devagarinho? Sem dúvida alguma vamos já já deixar de lado essa ideia tão negativa de desertar no meio!”

Assim falou, bafejou com raiva nas lentes de seus óculos e os limpou energeticamente com um lenço amarrotado. Subitamente, enquanto estendia a mão para um aperto que foi quase violento, disse com outra voz, um pouco envergonhado:

“Mas se o caso, Deus nos livre, é que nos surgiram, infelizmente, certas dificuldades materiais, talvez haja uma forma discreta de mobilizar para nós, gradualmente, um pouco de ajuda, mesmo que modesta”, e de novo apertou cruelmente a mão de Shmuel até se ouvir o leve estalo de seus ossos, e de novo determinou com raiva:

“Não vamos desistir tão depressa! Nem de Jesus, nem dos judeus e tampouco de você! Vamos trazer você de volta à sua obrigação consigo mesmo!”

No corredor, ao sair do escritório do professor Eisenshalom, Shmuel sorriu sem querer por ter lembrado das festas estudantis em que ele mesmo sempre se apresentava no papel de Gustav Iontef Eisenshalom, que de repente saltitava como um cuco de molas de dentro de uma portinhola num relógio de parede, e se dirigia como de costume na primeira pessoa do plural e numa voz didática até mesmo para sua mulher em seu quarto de dormir.

Na mesma noite Shmuel Asch imprimiu um anúncio em que punha à venda, bem barato, por motivo de mudança inesperada, um pequeno aparelho de rádio

(de baquelite) da marca Philips, uma máquina de escrever Hermes Baby, uma vitrola usada, junto com uns vinte discos: música clássica, jazz e canções. Pendurou esse anúncio no quadro de horários ao lado das escadas da cafeteria, no subsolo do pavilhão Kaplan. E, devido ao acúmulo de mensagens e avisos e anúncios, foi obrigado a pendurar seu anúncio de tal forma que encobrisse totalmente o anúncio anterior, que era menor: um bilhete azulado no qual Shmuel, no momento em que o sepultava, vislumbrou cinco ou seis linhas escritas numa caligrafia feminina caprichada e agradável.

Depois se encaminhou, quase atropelando a si mesmo, a cabeça de carneiro encaracolada estendida vigorosamente à frente como se tentasse escapar do peçoço grosso do qual crescia, para o ponto de ônibus junto aos portões do campus. Mas após quarenta ou cinquenta passos, quando já passara pela estátua de autoria de Henry Moore — a figura em ferro esverdeado de uma mulher larga e corpulenta, deitada e toda envolta numa espécie de mortalha de pano grosso —, de repente deu meia-volta, açodado, e correu de volta para o pavilhão Kaplan, para o quadro de avisos junto à escada da cafeteria. Seus dedos grossos e curtos se apressaram a levantar o próprio anúncio de liquidação para ler e reler o que ele tinha ocultado de si mesmo alguns momentos antes:

Proposta para um contato pessoal

Estudante solteiro da área das ciências humanas, sociável e interessado em história, poderá usufruir de moradia gratuita e também de um modesto pagamento mensal para ser acompanhante, durante cinco horas por noite, de um inválido de setenta anos, homem ilustrado e de grande cultura.

O inválido é, em geral, capaz de cuidar de si mesmo e necessita mais de um interlocutor que de assistência. Para uma entrevista de apresentação pessoal queira comparecer de domingo a quinta-feira entre 16h e 18h na travessa do Rav Alvez, 17, no bairro de Shaarei-Chessed (procurar Atalia, pf.). Por razões especiais, pede-se que o candidato se comprometa antecipadamente e por escrito a guardar segredo.

A travessa do Rav Alvez no declive de Shaarei-Chessed fora aberta na direção de Emek Hamatslevá. A casa de número 17 era a última, na extremidade da travessa, num lugar em que naquela época terminava o bairro e a cidade e começava o terreno pedregoso que se estendia dali até as ruínas da aldeia árabe de Sheikh-Bader. A rua esburacada se tornava, logo depois da casa, um caminho de pedra que escorregava hesitante para o vale e começava a fazer curvas para cá e para lá, como se arrependida de continuar em direção ao deserto e disposta a dar meia-volta e regressar a lugares habitados. E, enquanto isso, a chuva passou. Acima das colinas no oeste já soprava a luz do crepúsculo, uma luz suave e tentadora como um perfume. Ao longe, entre as pedras do declive no lado oposto se via um pequeno rebanho de ovelhas com um pastor todo encolhido numa túnica escura, sentado e empertigado entre uma chuva e outra à luz da tarde nublada, olhando, sem se mover, da árida colina para essas últimas casas na extremidade oeste de Jerusalém.

A casa em si pareceu a Shmuel Asch um meio porão, abaixo do nível da rua, como que enfiada quase até as janelas na terra pesada do declive. Vista da travessa, essa casa parecia um homem corpulento, de ombros largos, usando um chapéu escuro, que se ajoelhara para procurar alguma coisa perdida na lama.

As duas partes do portão de ferro enferrujado já haviam se entortado em seus gonzos fazia muito tempo e mergulhavam na poeira com seu próprio peso, como se tivessem criado raízes. Assim, o portão não ficava nem fechado nem aberto. O espaço entre as duas partes atoladas do portão mal dava para passar sem roçar com os ombros. Sobre o portão se estendia um arco de ferro enferrujado com um escudo de Davi gravado no alto, e em letras quadradas gravadas a marteladas lia-se:

CHEGOU A SION O REDENTOR DE JERUSALÉM TOVAVA, 5674

Do portão Shmuel desceu seis degraus de pedra baixos e rachados, desiguais em tamanho, para um pequeno pátio que o encantou logo ao primeiro olhar, e lhe despertou, num aperto, saudade de um lugar do qual não conseguiu de forma alguma se lembrar. A sombra difusa de uma lembrança pairou elusiva em seu espírito, um reflexo incógnito de outros pátios internos, de tempos passados, pátios que ele não sabia onde ficavam nem quando os tinha visto mas sabia vagamente que não eram pátios hibernais como este, ao contrário, pátios cheios de verão e de luz. Essa lembrança lhe trouxe um arroubo entre a tristeza e o prazer: como o som solitário de um violoncelo à noite, em meio à escuridão.

O pátio inteiro estava cercado por um muro de pedra da altura de um homem e pavimentado com lajotas de pedra cujas faces os anos haviam alisado, até lhes dar um brilho avermelhado enredado em veios cinzentos. Aqui e ali, na superfície dessas lajotas, brilhavam moedas feitas de luz. Uma velha figueira e uma viçosa parreira sombreavam todo o pátio. Seus galhos eram tão grossos e tão entrelaçados que mesmo agora, época de desfolha, só um punhado de tufos dourados e saltitantes de luz conseguia infiltrar-se por essa cobertura para brilhar aqui e ali sobre as lajotas. Como se aqui não houvesse um pátio de pedra, mas uma piscina oculta com uma infinidade de pequenas ondas a se agitar sobre a superfície lisa de suas águas.

Ao longo do muro do pátio e ao pé da parede da casa, e também nos peitoris das janelas, ardiavam pequenas fogueiras de gerânios, em vermelho, branco, cor-de-rosa, violeta e púrpura. Cresciam em um amontoado de painéis enferrujadas e bules antigos já fora de uso, erguiam-se dentre as frestas de fogareiros, se enroscavam em baldes, bacias, latas e uma privada rachada. Todos esses recipientes tinham sido enchidos de terra e promovidos a vasos de flores. As janelas da casa eram protegidas por grades de ferro cobertas com persianas de ferro verde. As paredes eram de pedra de Jerusalém, com o lado não lapidado para fora, sem proteção. E atrás, para além da casa e do muro do pátio, estendia-se uma espessa cortina de ciprestes, cuja cor nessa luz vespertina não era verde, mas quase negra.

Sobre tudo pairava ali o silêncio de um frio anoitecer de inverno. Não era um silêncio do tipo dos silêncios transparentes que o convidam a se juntar, você também, a ele, mas um silêncio indiferente, muito antigo, um silêncio que jaz com as costas voltadas para você.

O telhado da casa era feito de empenas revestidas de telhas. No meio da empena frontal da casa surgia uma pequena água-furtada, uma construção triangular que lembrou a Shmuel o formato de uma barraca truncada. Essa água-furtada também estava coberta com um pequeno telhado feito de telhas desbotadas. De repente ele quis muito vir morar nessa água-furtada, enrolar-se dentro nela numa pilha de livros, uma garrafa de vinho tinto, um aquecedor, um cobertor de inverno, uma vitrola e alguns discos, e não mais sair. Nem para palestras nem para debates nem para amores. Ficar lá e não sair uma única vez, pelo menos enquanto lá fora reinar o inverno.

Em toda a extensão da fachada da casa crescia uma trepadeira de maracujá cujos galhos se espalhavam e se agarravam com suas unhas polidas às asperezas da pedra. Shmuel atravessou o pátio, deteve-se para captar com o olhar as moedas de luz que tremulavam nas lajotas da varanda e a rede de veios cinzentos que se entrelaçavam na pedra avermelhada. Agora estava diante de uma porta de ferro com duas folhas pintada de verde na qual pairava a cabeça esculpida de um leão cego, à guisa de aldraba. As presas do leão estavam cerradas em torno

de uma grande argola de ferro. No meio da folha direita da porta estava aplicado com letras em relevo:

CASA DE IEHOIACHIN ABRAVANEL HI'V PARA DIZER QUE DEUS É JUSTO

Embaixo dessa inscrição em relevo havia também um pequeno bilhete, prático e funcional, preso à porta por duas delicadas fitas adesivas, e sobre ele a caligrafia que Shmuel já conhecia do aviso no pavilhão Kaplan, no anúncio que lhe propunha “um contato pessoal”: uma letra feminina agradável e elaborada, sem a conjunção “e” entre os dois nomes, e com um duplo espaço entre eles:

Atalia Abravanel Guershom Wald

Cuidado — degrau quebrado logo atrás da porta

“Vá direto em frente. Depois dobre à direita. Avance, por favor, em direção à luz e chegará até mim”, falou-lhe, das profundezas da casa a voz de um homem que já não era jovem. Era uma voz profunda, um tanto divertida, como se ele já estivesse esperando a chegada desse visitante, esse e não outro, e nessa hora e não em qualquer outra hora, e agora comemorasse seu acerto e a concretização de suas expectativas. A porta da casa não estava trancada.

Shmuel Asch tropeçou assim que entrou, pois imaginara um degrau ascendente, e não descendente. E na verdade nem era um degrau, mas um sucedâneo de degrau, uma espécie de banquetta de madeira precária. No momento em que o pé do visitante pisou na ponta, a banquetta se ergueu como se fosse uma alavanca e quase derrubou quem estava apoiando todo o seu peso sobre ela. Foi a pressa que salvou Shmuel de uma queda ruim, pois, enquanto a banquetta se erguia e enviesava embaixo dele, o visitante, num grande salto, já estava aterrissando no chão de pedra, seus cachos encaracolados jogados para a frente, arrastando-o atrás deles para as profundezas do corredor quase totalmente às escuras, pois as portas que davam para ele estavam fechadas.

À medida que Shmuel penetrava nas profundezas da casa, a testa abrindo caminho à sua frente como a cabeça de um feto que irrompe ao longo do canal do parto, aumentava sua sensação de que o chão do corredor não era plano, e descia num leve declive: como se fosse o leito de um rio temporário, e não um corredor escuro. Enquanto isso, suas narinas captaram uma lufada de odor agradável, o cheiro de roupa recém-lavada, de uma limpeza delicada, da goma e do calor de roupa passada com um ferro em brasa.

Da extremidade do corredor saía mais um corredor, mais curto, de cujo final provinha a luz, a luz que lhe havia prometido aquela voz divertida quando ele entrou na casa. Essa luz trouxe Shmuel Asch a uma biblioteca tépida, de teto alto, cujas persianas de ferro estavam bem cerradas, e onde um aquecedor a querosene esquentava o ambiente com uma agradável chama azulada. A única luz elétrica vinha de uma luminária de escrivaninha corcunda que se inclinava sobre uma pilha de livros e papéis e focava neles como se, para iluminar os livros, abrisse mão de todo o espaço restante da biblioteca.

Por trás do cálido círculo de luz, entre dois carrinhos de metal totalmente abarrotados de livros, pastas e fichários e grossos cadernos, estava sentado um homem idoso, falando ao telefone. Um cobertor de lã cobria seus ombros, como se ele estivesse envolto num *talit*. Era um homem feio, comprido, largo e torto, todo encurvado, o nariz afilado como o bico de um pássaro sedento, e a curva do

queixo lembrava uma foice. Uma abundante cabeleira de fios embranquecidos e delicados, uma cabeleira quase feminina, escorria de sua cabeça como uma larga cachoeira prateada, e cobria sua nuca. Seus olhos se escondiam atrás de cristas de sobrancelhas grisalhas e espessas que pareciam feitas de uma geada lanosa. Também seu grosso bigode, bigode de Einstein, era um tufo de neve. Sem parar de falar ao telefone, o homem espetou no visitante um olhar agudo, seu queixo afiado inclinado diagonalmente para o ombro esquerdo, o olho esquerdo apertado e o direito arregalado, um olho azul redondo e aumentado de forma quase não natural. Com isso a fisionomia do homem assumia uma expressão parecida com a de uma piscadela ladina e jocosa, ou de sarcástica difamação, como se num segundo ele já tivesse captado a natureza do rapaz que estava diante dele, já sabia o que pensava e decifrara todas as suas intenções. Após um instante o inválido apagou o holofote de seu olhar, com um ligeiro aceno de cabeça reconheceu a presença do visitante, e desviou seus olhos dele. Enquanto isso não parou nem por um minuto de falar ao telefone, parecendo discutir com veemência:

“Mas quem está sempre desconfiado, quem presume o tempo todo que todos estão mentindo, aquele cuja vida inteira não é senão um infundável desfile de rodeios e armadilhas — um momento, por favor, me apareceu aqui um mensageiro? Ou talvez seja um profissional que eu não chamei?”, e com isso cobriu o bocal do telefone com uma mão de dedos róseos e que pareciam quase transparentes na contraluz da luminária em sua escrivaninha, dedos de um fantasma. De repente o rosto áspero como um tronco de oliveira brilhou num rápido sorriso maroto embaixo da espessidão do bigode grisalho, como se já tivesse conseguido fazer seu visitante cair numa cilada, o qual ainda não percebera que fora pego.

“Sente-se. Aqui. Espere.”

E afastou a mão do bocal e continuou, a cabeça com a juba grisalha ainda pendendo para o ombro esquerdo:

“Um homem perseguido, seja porque com as próprias mãos transformou a todos em seus perseguidores, seja porque é perseguido pois em sua imaginação infeliz grassam legiões de inimigos que tramam contra ele, seja como for, num homem como esse, além da infelicidade, há também alguma deficiência moral: pois existe uma desonestidade básica na própria alegria de ser uma vítima de perseguição. Aliás, da própria natureza das coisas, espera-se que o sofrimento e a solidão e os acidentes e as doenças aflijam mais um homem como esse do que os outros, ou seja — todos nós. Por sua natureza, o desconfiado está marcado e destinado ao desastre. A desconfiança é como o ácido, corrói o recipiente em que está e faz do próprio desconfiado sua presa: defender-se dia e noite de todo o gênero humano, tramar o tempo todo como escapar de atentados e como rechaçar conspirações e qual estratégia utilizar para farejar de longe uma

rede armada sob seus pés — tudo isso no âmbito de *Avot-Nezikin*. E são essas as coisas que alienam o homem do mundo. Aguarde, por favor, um momento —

E voltou a cobrir o bocal do telefone com seus dedos cadavéricos. E dirigiu-se a Shmuel Asch numa voz irônica, baixa, usada, um pouco rouca:

“Espere, por favor, mais alguns minutos. Enquanto isso você pode prestar atenção no que eu digo. Embora um rapaz como você com certeza vive a vida num outro planeta.”

Sem esperar pela resposta, o velho tirou a mão do bocal do telefone e voltou a seu sermão:

“Ainda que, no fundo, a desconfiança, a alegria dos perseguidos e até mesmo o ódio a todo o gênero humano são todos muito menos devastadores do que um amor a todo o gênero humano: o amor a todo o gênero humano exala um cheiro muito antigo de rios encharcados de sangue. A meu ver o ódio gratuito é menos ruim do que o amor gratuito. Os que amam a humanidade inteira, os paladinos de *tikun-olam*, esses que em cada geração se erguem sobre nós para nos salvar e não há quem nos salve de suas mãos, eles na verdade — está bem. Está bem. Você tem razão. Não vamos entrar nisso agora. Enquanto especulamos entre nós sobre redensões e consolos, materializou-se aqui um rapaz desgrenhado com uma barba de homem das cavernas, um rapaz corpulento com um casaco militar e talvez também com calçados do exército. Será que veio me convocar também? Então, vamos pôr aqui uma vírgula. Você e eu voltaremos a falar amanhã também, e depois de amanhã. Vamos conversar, vamos conversar, meu amigo, sem dúvida vamos conversar. Pois é indispensável que conversemos. E o que mais farão pessoas como nós senão dizer suas falas? Vão caçar baleias? Seduzir a rainha de Sabá? Aliás, a propósito da sedução da rainha de Sabá, eu tenho uma interpretação pessoal, uma interpretação antirromântica, uma interpretação bem criminal na verdade, do versículo ‘a todos os pecados o amor encobrirá’. E o versículo ‘Nem muitas águas conseguirão apagar o amor, os rios não o arrastarão’ lembra-me sempre o som anunciador de catástrofe da sirene dos bombeiros. Transmita meu shalom à querida Genia, abrace-a e beije-a em meu nome, abrace e beije sua Genia do meu jeito, não a beije do seu jeito burocrático. Diga a ela que me faz muita, muita falta o brilho do rosto dela. Não, não o brilho do *seu* rosto, querido da minha alma, seu rosto é como o da geração atual. Sim, até a vista um dia desses. Não, não sei quando Atalia vai voltar. Ela está na dela, e eu também estou na dela. Até mais. Obrigado, amém, como você diz, que assim seja.”

E com isso se voltou para Shmuel, que enquanto isso havia sentado com cuidado, depois de alguma hesitação, numa cadeira de vime que lhe pareceu um tanto bamba, como que balançando sob o peso de seu corpo. De repente o homem exclamou numa voz muito alta:

“Wald!”

“Como?”

“Wald! Wald! Meu nome é Wald! E você o que é? Um *chalutz*? Um *chalutz* do *kibutz*? Direto das alturas da Galileia você se dignou a descer até nós? Ou, ao contrário, você subiu das estepes do Neguev?”

“Sou daqui, de Jerusalém, isto é — de Haifa, mas estudo aqui. Isto é, não estudo, e sim estudava. Até agora.”

“Por favor, meu jovem amigo: estuda ou estudava? De Haifa ou de Jerusalém? Do celeiro ou do lagar?”

“Desculpe. Já vou explicar.”

“E além de tudo isso você é, com certeza, uma pessoa positiva? Não? Uma pessoa iluminada? Progressista? Partidária do *tikun-olam* e da implementação dos valores da moral e da justiça? Um ideófilo-idealista como todos são? Não é assim? Abra a boca e que suas palavras nos iluminem, *davar davur al ofnav*, ou seja, com uma argumentação organizada e lógica, clara e convincente.”

Assim disse, e esperou docilmente a resposta, a cabeça inclinada para o ombro esquerdo, um olho apertado e o outro arregalado, como alguém que espera resignadamente que a cortina suba e comece uma peça da qual ele nada espera e não lhe resta senão aguardar com paciência tudo o que os personagens vão perpetrar uns aos outros: como vão se derrubar até o fundo do poço da infelicidade, se é que esse fundo existe, e de que forma cada um dos personagens irá fazer recair sobre ele a tragédia que só a ele é destinada.

Shmuel recomeçou, pois, dessa vez — com todo o cuidado: disse seu nome e seu sobrenome, não, não, ao que saiba não tem nenhum parentesco com Sholem Asch, o famoso escritor, sua família é uma família de funcionários e de topógrafos, de Haifa, e ele estuda, isto é, estudava aqui em Jerusalém história e ciência das religiões, embora não seja religioso, absolutamente não, pode-se dizer que até mesmo é um pouco o contrário disso; mas de certa forma até que a figura de Jesus, o nazareno, e de Judas Iscariotes... e o mundo espiritual dos sacerdotes e dos fariseus que rejeitaram Jesus, e como foi exatamente para os judeus que o nazareno se transformou muito rápido de uma figura de perseguido a símbolo da perseguição e da opressão... e isso de certa forma se liga, na sua opinião, ao destino dos maiores reformadores da sociedade nas últimas gerações... bem, é uma história um tanto comprida, ele espera não estar atrapalhando, veio por causa do anúncio de vocês, o anúncio sobre “uma proposta de um contato pessoal” que descobriu por acaso no quadro de avisos do pavilhão Kaplan. Na entrada da cafeteria dos estudantes.

Ao ouvir essas palavras, o inválido se empertigou de repente, jogando no chão o cobertor de lã em padrão escocês, ergueu-se da cadeira em toda a sua longa e entortada estatura, retorcendo em alguns movimentos complicados a parte superior do corpo, agarrou com força, com ambas as mãos, os braços da cadeira, e assim ficou de pé num ângulo estranho, apesar de perceber que não

suas pernas, mas apenas seus braços fortes agarrados à estrutura da cadeira é que sustentavam com a força dos músculos todo o peso de seu corpo. Nas muletas, apoiadas num canto da mesa, optara por não tocar. Era um homem forte e torto, encurvado, alto, a cabeça quase tocando o lustre baixo pendurado no teto, ao se levantar parecia ser todo retorcido como o tronco de uma oliveira antiga. Era de constituição larga, sólido, com orelhas grandes, e mesmo assim quase majestático com sua juba grisalha a escorregar sobre a nuca, com os tufos de neve das sobrancelhas e o grosso bigode que brilhava em sua brancura. Quando os olhos de Shmuel encontraram por um breve momento os olhos do velho, ele se surpreendeu com o fato de que, em contraste com a voz divertida e o tom irônico, os olhos azuis estavam enevoados e como que toldados pela tristeza.

Em seguida o homem apoiou as mãos no tampo da mesa e de novo lançou todo o peso do corpo sobre os músculos dos braços e começou a avançar devagarinho ao longo da beirada da mesa, num esforço enorme, como um polvo gigantesco que tivesse sido atirado no continente e agora lutasse para rastejar pelo declive da praia em direção à água. Assim se movia o homem, arrastando-se da cadeira com a força dos músculos dos braços por todo o comprimento de sua mesa até chegar a um sofá de vime acolchoado, uma espécie de poltrona giratória, que o aguardava ao lado da escrivaninha, sob a janela da biblioteca. Lá, fora do círculo de luz da luminária, começou a realizar uma série complicada de inclinações, entrechoques, troca de pontos de apoio sob suas mãos, até que conseguiu deixar cair seu grande corpo naquele berço. E logo irrompeu com sua voz zombeteira:

“Ah! O anúncio! Então temos um anúncio! E ele, apressado, disse... — ora, mas afinal tudo isso é entre você e ela. Eu não tenho nada a ver com os segredos dela. Enquanto isso, se lhe apraz, de minha parte você está autorizado a ficar sentado aqui esperando por ela até cansar. E que tesouro você está escondendo aí? Quer dizer, embaixo de sua barba? Por favor, eu só estava brincando. Não ligue para mim se eu agora, com sua licença, cochilar um pouco. Como seus olhos estão vendo, trata-se aqui de uma doença degenerativa, estou indo e degenerando, ou melhor, degenerando mas já não indo. E você, faça-me um favor, sente-se, sente-se, rapaz, não se preocupe, nenhum mal vai lhe acontecer aqui comigo, sente-se, pode também escolher um livro ou dois para ler até ela voltar, a menos que prefira tirar um cochilo também, então, por enquanto sente-se. Sente-se de uma vez.”

E com isso calou-se. E talvez também tenha fechado os olhos, afundado num sofá acolchoado e se embrulhado como uma gigantesca pupa de bicho-da-seda dentro de um cobertor de lã xadrez em tudo parecido com o anterior, e que o esperava em seu novo lugar. E logo ele passou a ser uma cadeia de colinas, indistinta e silenciosa.

Shmuel espantou-se um pouco com a insistência com que o sr. Wald o instara a sentar-se, embora lhe bastasse um único olhar para constatar que o visitante estivera o tempo todo sentado em seu lugar e não se levantara nem se movera dele uma só vez. Olhou para um vale, colinas, oliveiras, ruínas e um sinuoso caminho de montanha, em desenho do pintor Rubin, num calendário que estava pendurado, ligeiramente torto, na parede em frente à escrivaninha, entre as fileiras de prateleiras carregadas de livros, Shmuel foi atacado de repente de uma urgência que não conseguiu refrear de se levantar de seu lugar e endireitar o quadro torto. Depois voltou a sentar-se em seu lugar. Guershom Wald silenciava. Talvez cochilasse e não tivesse visto. Ou seus olhos talvez ainda não tivessem fechado de todo sob as sobrancelhas grisalhas e ele estivesse olhando e vendo mas concordando com a correção. E por isso guardara silêncio.

Ela apareceu em outra porta, cuja existência Shmuel não tinha percebido. Na verdade não era uma porta, mas uma abertura oculta, escondida por trás de uma cortina feita de fieiras de contas orientais, além da divisória formada pela estante de livros num canto do aposento. Assim que entrou estendeu a mão e acendeu as luzes do teto e num instante toda a biblioteca se encheu de uma clara luz elétrica. As sombras recuaram para trás das fileiras de livros. Era uma mulher esbelta com cerca de quarenta e cinco anos e se movimentou pelo quarto como quem conhece bem os poderes de sua feminilidade. Usava um vestido claro e liso, que ia até os tornozelos, e um suéter vermelho e liso. Seus cabelos escuros e compridos caíam graciosamente e pousavam na elevação de seu seio esquerdo. Debaixo da torrente de cabelos oscilavam dois grandes brincos de madeira. Seu corpo preenchia todo o vestido. Sapatos de salto alto realçaram a leveza de seus passos quando deslizou da entrada até o sofá de vime do sr. Wald. Lá se postou, uma das mãos na cintura, como uma camponesa enérgica à espera de uma cabra retardatária. Quando ergueu os olhos castanhos e alongados para Shmuel, que a contemplava, não sorriu, mas em seu rosto espalhou-se certa simpatia curiosa com um ligeiro toque de provocação. Como se perguntasse: E então, e você? O que quer? Qual é a surpresa que trouxe hoje aqui para nós? E também como se quisesse lhe dizer que ainda não estava sorrindo, mas um sorriso seria certamente possível e certamente aceitável.

Ao entrar trouxera consigo um leve bafejo de perfume de violetas, mas também aquele resquício indistinto de um aroma agradável de roupa lavada e goma de passar e a tepidez de roupa passada a vapor que suas narinas haviam captado antes, quando avançava por entre as portas fechadas do corredor em declive.

Shmuel desculpou-se:

“Pelo visto cheguei numa hora que não convém.”

E apressou-se a acrescentar:

“Vim por causa do anúncio.”

Novamente ela lhe dirigiu os olhos calorosos, seguros de sua força, e avaliou sua figura com interesse e até satisfação, e não afastou os olhos dos dele até que ele se viu obrigado a baixá-los. Ela perscrutou com o olhar sua barba hirsuta, como quem olha sem pressa para um animal estendido no chão. E assentiu com a cabeça, não para ele, mas para o sr. Wald, como a concordar plenamente com a primeira conclusão a que já tinha chegado. Shmuel Asch, de sua parte, olhou para ela uma ou duas vezes e de novo apressou-se a desviar o olhar, mas entre

uma espada e o baixar dos olhos teve tempo de perceber o sulco que descia, talhado numa linha marcante, de seu nariz ao meio do lábio superior. Esse sulco lhe pareceu profundo numa medida fora do comum, e mesmo assim atraente e agradável. Ela tirou uma pilha de livros de cima de uma das cadeiras, sentou-se, cruzou as pernas e arrumou a beirada de seu vestido.

Não se apressou a responder sua pergunta, se tinha vindo numa hora imprópria. Como se tivesse decidido considerar a pergunta de todos os ângulos até conseguir formular uma resposta responsável e aceitável. Por fim disse:

“Você ficou esperando durante muito tempo. Com certeza vocês dois já conversaram.”

Shmuel surpreendeu-se com sua voz, impregnada e soante de preguiça, e mesmo assim — uma voz prática, segura. Não falava como se perguntasse, mas como se concluísse os resultados de algumas considerações que fizera consigo mesma.

Shmuel disse:

“Seu marido me sugeriu que a esperasse. Sobre o anúncio, eu entendi que —”

O sr. Wald abriu os olhos e interveio. Ele se dirigiu à mulher:

“Ele diz que seu nome é Asch. Asch com *alef*, esperemos que seja.”

E, voltando-se para Shmuel, corrigiu, como um professor paciente corrige seu aluno:

“Mas não sou o marido da madame. Não tenho a honra e o prazer. Atalia é minha *koná*.”

Somente depois de deixar Shmuel chafurdar um instante em seu espanto, o homem dignou-se a explicar:

“*Koná*, não no sentido de cliente, ou de consumidora, mas no sentido de ‘senhora’, ‘dona’, às vezes ‘criadora’. Como em *koné shamaim vaarets*, ‘que criou o céu e a terra’, como na fórmula de juramento *konan alai*, ‘juro que não farei isso’. Ou, para diferenciar, como em *iadá shor konehu*, ‘o boi conhece o seu dono’.”

Atalia disse:

“Está bem, continuem os dois nisso quanto quiserem. Parece que estão se divertindo.”

Disse essa frase sem sorrir, e sem vírgula entre “está bem” e “continuem”. Mas sua voz, calorosa também dessa vez, como que assegurava a Shmuel que tudo ainda estava em aberto contanto que não exagerasse em nada e não provocasse riso. Ela fez a Shmuel quatro ou cinco perguntas curtas e repetiu uma delas com mais ênfase e em palavras mais simples porque não ficara satisfeita com a resposta. Depois ficou calada por um momento e resolveu acrescentar ao fim de seu silêncio que faltava esclarecer algumas questões.

O sr. Wald disse alegremente:

“Nosso visitante com certeza está com fome e com sede! Ele veio até nós

direto das alturas do Carmel! Duas ou três laranjas, uma fatia de bolo, um copo de chá podem fazer aqui maravilhas!”

“Vocês dois, continuem a fazer maravilhas enquanto eu vou pôr uma chaleira para esquentar.” O sorriso tão difícil de chegar a seus lábios vinha agora de sua voz.

Falou, virou-se e desapareceu pela abertura por onde havia entrado, a abertura que Shmuel Asch não tinha percebido até ela chegar. Mas agora, ao sair, seus quadris roçaram na cortina de contas em estilo oriental que cobria a abertura. Mesmo depois de ela desaparecer essa cortina não se aquietou imediatamente, e continuou a se agitar em ondas mais um instante, e até fez soar um ruído borbuhante, ou farfalhante, e Shmuel esperou que esse som não se apressasse a silenciar.

Tem vezes que a marcha da vida se reduz, gaguejante como água que escorre da calha e vai correndo e abrindo um pequeno sulco na terra do quintal. Essa corrente é retida por um montículo de terra, absorvida, acumula-se por um instante numa pequena poça, hesita, vai tentando e corroendo o montículo de terra que lhe obstrui o caminho ou abre uma passagem por baixo dele. Por causa desse obstáculo às vezes a água se divide e continua em seu caminho em três ou quatro finos filamentos, como uma teia formada por rastros de insetos. Ou desiste, e é engolida pela poeira do quintal. Shmuel Asch, cujos pais tinham perdido de uma só vez tudo o que economizaram na vida, cujo trabalho de pesquisa se frustrara, cujos estudos na universidade tinham se interrompido e cuja amada fora casar com seu namorado anterior, decidira, pois, aceitar o trabalho que lhe fora proposto, na casa da travessa do Rav Alvez. Inclusive a “pensão completa” e inclusive o salário, que era muito modesto. Algumas horas por dia faria companhia ao inválido, e o restante do tempo seria livre. E aqui também está Atalia, cuja idade é quase o dobro da dele, e assim mesmo ele se decepciona a cada vez que ela sai do aposento. Pareceu-lhe ter captado certo distanciamento, ou diferença, entre as palavras dela e a voz dela. As palavras eram poucas e às vezes ásperas, mas a voz era calorosa.

Ao cabo de dois dias ele desocupou seu quarto no bairro de Tel Arza e mudou-se para a casa cercada de um pátio de lajotas e sombreada por uma figueira e uma parreira, a casa que o tinha atraído desde o primeiro olhar. Dentro de cinco embalagens de papelão e um velho *kitab* ele trouxe suas roupas, seus livros, sua máquina de escrever e também pôsteres enrolados com as figuras impressas do crucificado agonizante nos braços da mãe e dos heróis da revolução popular em Cuba. Embaixo do braço levava a vitrola e na mão, o pacote com os discos. Dessa vez não tropeçou com a subida da banquetta diante da porta principal, pois teve o cuidado de passar por cima dela com um passo largo.

Atalia Abravanel explicou-lhe na devida ordem o elenco de suas atribuições e as disposições da casa. Mostrou-lhe a escada de ferro em espiral que subia da cozinha para a sua água-furtada. De pé e ao pé desses degraus ela instruiu Shmuel quanto ao trabalho e às rotinas da cozinha e da lavagem de roupa, a mão de dedos entreabertos pousada na cintura enquanto a outra mão roçava por um instante o suéter dele, tirando da manga um pedaço de palha ou uma folha seca que grudara na lã. Precisa em suas palavras, prática — assim mesmo numa voz que o fez imaginar um quarto escuro e morno —, disse:

“Olhe. A questão é a seguinte. Wald é uma criatura noturna. Sempre dorme até meio-dia porque fica acordado todas as noites e permanece acordado até as primeiras horas da manhã. Todas as noites, das cinco às dez ou às onze você vai conversar com ele na biblioteca. E nisso se resume, mais ou menos, toda a sua tarefa. Todo dia, às quatro e meia, você irá até lá para colocar querosene no aquecedor e acendê-lo. Dar de comer aos peixes no aquário. Não precisa se esforçar procurando assuntos para conversar — ele já vai cuidar de arranjar para vocês um abundante sortimento de assuntos, embora você com certeza vai descobrir bem depressa que ele é desses que falam porque não conseguem aguentar nem um minuto de silêncio. E você, não tenha medo de discutir com ele, pelo contrário, ele se anima todo exatamente quando não concordam com ele. Como um velho cão que ainda precisa que algum estranho às vezes chegue perto para que tenha motivo de se irritar e começar a latir, e de vez em quando até morder um pouco. Verdade que só mordidas de brincadeira. Em compensação, vocês dois vão poder tomar todo o chá que quiserem. Aqui está a chaleira e aqui a essência e o açúcar, e aqui tem uma lata com biscoitos. Toda noite, às sete horas, você vai esquentar o mingau na cozinha, que sempre estará esperando por você na chapa elétrica, coberto com papel-alumínio, e vai servi-lo. Em geral ele engole a refeição com apetite e rapidamente, mas mesmo que se contente só em prová-la, ou se recuse a comer, não o pressione. Só pergunte, no fim, se já pode retirar a bandeja, e deixe tudo, como estiver, sobre a mesa da cozinha. Ao banheiro ele é capaz de ir com as próprias forças, usando muletas. Às dez horas você deve sempre lembrá-lo de tomar os remédios. E às onze, ou até mesmo um pouco antes, deixará em cima da mesa, para ele tomar à noite, uma garrafa térmica com chá quente, e com isso está livre para ir embora. Depois de se despedir dele, você vai entrar na cozinha por um instante, lavar os pratos e a xícara, e deixar tudo no escorredor em cima da pia. À noite ele costuma ler e escrever mas quase sempre, pela manhã, rasga em pedacinhos tudo o que escreveu durante a noite. Quando está sozinho ele às vezes gosta de falar sozinho, ditar para si mesmo em voz alta, ou até discutir consigo mesmo. Ou falar horas inteiras ao telefone com este ou aquele de seus três ou quatro inimigos de longa data. Você, se por acaso ouvi-lo elevar a voz fora de suas horas de serviço, não ligue para isso. É raro, mas pode acontecer de ele chorar em voz alta à noite. Não vá até ele. Deixe-o sozinho. E no que me diz respeito...”, por um momento se abriu em sua voz uma brecha de hesitação, e no mesmo instante ela se fechou, “... não importa. Venha aqui. Olhe: aqui é o gás. Aqui, a lata de lixo. A chapa elétrica. Aqui tem açúcar e café. Biscoitos salgados. Biscoitos doces. Frutas secas. Na geladeira tem leite e queijos, e também algumas frutas e legumes. Aqui em cima ficam latas de conservas, carne, sardinhas, ervilhas e milho. Parte delas estão aqui desde os tempos do cerco de Jerusalém. Este é o armário da louça e dos talheres. Aqui está a caixa de luz com os fusíveis. Aqui o

pão. Temos em frente uma vizinha não muito jovem chamada Sara de Toledo, que diariamente ao meio-dia traz uma refeição vegetariana para o sr. Wald e à tarde um mingau, que ela prepara na cozinha dela, e deixa em cima da chapa elétrica em nossa cozinha. É um serviço pago. Desse mingau que ela deixa à tarde na cozinha pode sobrar para você também. Na hora do almoço você vai ter de se arranjar sozinho: tem um pequeno restaurante vegetariano nas redondezas, na rua Ussishkin. Aqui é o cesto de roupa suja. Toda terça-feira vem a diarista. Bela. Se isso lhe convier, Bela poderá lavar sua roupa também, e limpar um pouco seu quarto lá em cima sem pagamento extra de sua parte. Por algum motivo, um dos que antecederam você aqui tinha muito medo de Bela. Não tenho a menor ideia do motivo. Os que o antecederam pelo visto estavam à procura de si mesmos. Não sei o que encontraram, mas nenhum deles ficou aqui mais do que alguns meses. Tantas horas livres lá em cima na água-furtada os atraíram no início, mas depois os oprimiram. Com certeza você também veio até aqui para se isolar, para ir atrás de você mesmo. Ou talvez para compor uma nova poesia. É possível pensar que todos os assassinatos e as torturas já acabaram e imaginar que o mundo já está mentalmente são e totalmente isento de todo sofrimento e só esperando com impaciência que apareça uma nova poesia. Veja, aqui tem sempre toalhas limpas. E esta é a minha porta. Você, que não tenha em mente vir me procurar. Nem uma só vez. Se precisar de algo, se houver um problema, é só deixar um bilhete aqui em cima da mesa da cozinha, e eu, em tempo, vou providenciar o que estiver lhe faltando. E não venha correndo até mim de tanta solidão ou coisa assim, como os que estiveram aqui antes de você. Esta casa pelo visto destila solidão. Mas esta decididamente não é minha área. Não tenho o que sugerir. E mais uma coisa: quando está sozinho, ele não só fala consigo mesmo como às vezes grita. À noite ele chama por mim, chama por pessoas que já não existem mais, pede, implora a elas. Talvez chame por você também. Isso acontece sobretudo à noite. Não dê atenção: é só tentar virar para o outro lado e continuar dormindo. Sua única tarefa nesta casa está definida, das cinco da tarde às onze da noite, os gritos noturnos de Wald não estão incluídos no emprego. Nem outras coisas que talvez às vezes aconteçam aqui. Do que não for de sua conta, simplesmente guarde distância. E olhe só, já ia esquecendo: pegue estas chaves. Não as perca. Esta é a chave da casa, e esta, a de sua água-furtada. É claro que fora de suas horas de trabalho você está livre para ir e vir como quiser, mas está proibido, em qualquer hipótese, de trazer um visitante aqui. Ou uma visitante. Isso — não. Esta não é de modo algum uma casa aberta. E quanto a você, Asch? Você às vezes grita durante a noite? Perambula dormindo pela casa? Não? Não importa. Apaguei a pergunta. E mais uma coisa: você também vai assinar aqui que com isso se compromete a não falar sobre nós. Em circunstância alguma. Não dar qualquer informação, nenhum detalhe. Nem a seus parentes. Você não vai contar a ninguém qual é o seu trabalho aqui conosco. Se não tiver outro jeito,

poderá talvez dizer que toma conta da casa, e por isso mora aqui de graça. Esqueci alguma coisa? Ou, quem sabe, você esqueceu? Você quer pedir ou perguntar alguma coisa? Ou talvez eu o tenha assustado um pouco.”

Por duas ou três vezes Shmuel tentara, enquanto ela falava com ele, olhar dentro de seus olhos. Mas todas as vezes tinha deparado com uma seca centelha de advertência, e fora obrigado a desviar rapidamente o olhar. Dessa vez decidiu não desistir. Sabia sorrir para as mulheres com uma candura juvenil e cordial, e também sabia infltir na voz um certo tom de timidez, desamparo, num tocante contraste com seu grande corpo e sua encaracolada barba neandertalesca. Muitas vezes essa característica de timidez diluída tanto em entusiasmos arrebatadores quanto em uma espécie de permanente tristeza conseguia abrir seu caminho até as garotas.

“Só uma pergunta. Uma pergunta pessoal. Posso? Qual é o grau de proximidade, ou a ligação, entre o sr. Wald e você?”

“Mas isso ele já lhe respondeu: sou a responsável por ele.”

“Mais uma pergunta. Que você realmente não é obrigada a responder.”

“Pergunte. Mas será a última pergunta por hoje.”

“Abravanel? Um nome de prestígio como esse? Não tenho o direito de especular, mas por acaso está relacionado com Shaltiel Abravanel? Lembro que havia aqui em Jerusalém um Shaltiel Abravanel na década de 40. Membro da direção da Agência Judaica. Ou do Comitê Nacional? Parece-me que ele foi o único entre eles que se opôs ao estabelecimento do Estado: ou se opôs apenas à linha de Ben Gurion? Lembro-me vagamente de alguma coisa, era um jurista? Um orientalista? Jerusalmita de nona geração? Ou sétima? Ele foi, acho, uma espécie de oposição de um homem só. Por isso Ben Gurion o expulsou do diretório, para que não o atrapalhasse. Pode ser que eu esteja fazendo uma mistura de pessoas diferentes.”

Atalia não se apressou a responder. Em vez disso, sinalizou-lhe que subisse pela escada em espiral e subiu atrás dele até a entrada da água-furtada que lhe fora destinada, e lá ficou, o corpo apoiado no corrimão, o quadril esquerdo levantado e se arredondando num pequeno outeiro, o braço estendido agarrando o corrimão oposto, impedindo-o, com o corpo, de ultrapassar seu recuo da água-furtada para os degraus espiralados. E como se despontasse por trás de uma nuvem baixa surgiu no canto de seus olhos e circundou seus lábios um sorriso introvertido, dolorido, mas talvez — assim pareceu a Shmuel naquele momento — seu sorriso denotasse alguma surpresa e quase também gratidão. E imediatamente o sorriso se fechou e o rosto dela se apagou, como numa batida de porta.

Ele a achou bonita e atraente, contudo em seu rosto havia algo estranho, magoado, algo que lhe lembrava uma máscara teatral pálida, ou o rosto pintado de branco de um mímico. Por algum motivo, naquele momento lhe surgiram lágrimas aos olhos e Shmuel apressou-se em virar o rosto, porque teve vergonha

delas.

De costas para ele, começando a descer pelos degraus de ferro, ela disse:
“Ele era meu pai.”

E alguns dias se passaram até que ele a visse novamente.

Assim se abria a partir de agora uma nova página na vida de Shmuel Asch. Por vezes o assaltava um desejo agudo de correr para encontrar Iardena, de tirá-la por uma ou duas horas dos braços do marido acumulador de águas da chuva Neshet Sharshavsky e de discorrer para ela com entusiasmo sobre sua existência atual, monástica, tão distinta de sua vida anterior, como se tivesse nascido aqui numa encarnação diferente; queria muito provar a Iardena já que agora conseguira superar todos os seus defeitos, sua agitação, sua tagarelice, sua tendência nada máscula de lacrimejar e sua permanente impaciência, e já que finalmente está se tornando um homem tranquilo e equilibrado, não menos que o marido que ela encontrara para si...

Ou não lhe contar nada, mas sim puxar Iardena pelo braço e arrastá-la até aqui para mostrar-lhe o pátio de pedra no inverno, com suas lajotas de pedra talhadas e esta casa penumbrosa e introvertida, cercada de ciprestes e da figueira e da parreira, e mostrar-lhe a pequena água-furtada em que ele vive agora uma vida de isolamento e meditação à sombra das imagens barbadas dos líderes da revolução popular em Cuba, e a biblioteca do sr. Wald, onde ficamos sentados e conversamos algumas horas a cada dia, e eu vou aprendendo lentamente a ser uma pessoa paciente e atenciosa. Também seria bom apresentar a Iardena o seu didata inválido, alto, torto, com sua juba grisalha einsteiniana e o espesso bigode de neve, e a bela e distante mulher cujos olhos penetrantes zombam de você, mas cuja voz calorosa se eleva e flui, lenta, do fundo do peito, uma voz que desmente a zombaria.

Como poderia Iardena não nos amar?

Quem sabe não desperte nela o desejo de abandonar seu represador de águas pluviais e vir se juntar a nós?

Mas Atalia o fizera assinar um papel em que se comprometia a não trazer visitantes e não contar a ninguém qual era sua ocupação nesta casa.

De novo seus olhos se encheram de lágrimas. E por ter se irritado por causa de suas lágrimas e suas invenções decidiu descalçar os sapatos e ir para a cama vestido. Eram tantas as horas livres. E lá fora, só vento e chuva. Você pediu para si mesmo uma solidão absoluta, você pediu inspiração, extensões vazias de tempo silencioso e vago, e eis que tudo isso lhe é oferecido aqui. Está tudo em suas mãos. E sobre o teto de sua água-furtada, bem em cima de sua cama, desenham-se oceanos e continentes num gesso que está rachando; você pode ficar deitado de costas horas e horas e fixar os olhos em arquipélagos de cal que se descasca, ilhas, penhascos, golfos, vulcões, fiordes. E de vez em quando um

pequeno inseto passa, sinuoso, entre eles. Quem sabe exatamente aqui você consiga voltar a Jesus na visão dos judeus? A Judas Iscariotes? Ou à razão interna e comum para o desastre que foram todas as revoluções? Você faria uma pesquisa profunda neste lugar? Ou talvez em vez disso comece a escrever um romance? E toda noite, após suas horas de trabalho, poderá tomar um chá com Guershom Wald e com uma admirada Atalia e ler para eles, capítulo por capítulo?

Todo dia, pouco depois das quatro horas da tarde, Shmuel se levantava, se lavava, polvilhava a barba espessa com um pouco de talco perfumado, descia os degraus de ferro que voluteavam em torno de si mesmos, acendia o aquecedor a querosene na biblioteca e sentava-se em frente à escrivaninha preta de Guershom Wald, no sofá de vime acolchoado com almofadas de bordado oriental. Às vezes fixava os olhos no par de peixinhos dourados que olhavam para ele com tristeza e quase sem sair do lugar atrás do vidro iluminado de um aquário redondo, enquanto prestava atenção nos discursos que o sr. Wald lhes proferia com muita satisfação. De quando em quando ele se levantava e servia chá para os dois. Ou regulava o pavio do aquecedor, para que a chama não parasse de arder, azul e tranquila. Às vezes abria a janela, só uma pequena fresta atrás das persianas fechadas, para deixar entrar uma fina lufada de ar de pinheiros encharcado de chuva.

Às cinco e de novo às sete e às nove horas da noite o velho ouvia o noticiário no pequeno rádio que ficava sobre sua escrivaninha. Tem vezes que fica mergulhado na leitura do jornal *Davar*, e interpreta para Shmuel o que está por trás das notícias. Ben Gurion está, uma vez mais, montando uma coalizão. Vai ou não vai incluir nela o Mapam e o Achdut Avodá. Não há ninguém como Ben Gurion, diz Wald. O povo judeu nunca teve um líder que enxergasse tão longe quanto Ben Gurion. Poucos entendem, como ele, que o mote “um povo que habita à parte, e não é classificado entre as nações” é uma maldição, e não uma bênção.

Entre um noticiário e outro Guershom Wald fala com ele, por exemplo, sobre a tolice de Darwin e de seus seguidores: como é possível sequer cogitar a ideia de que o olho, ou o próprio nervo óptico, foram se formando gradativamente, como resposta à necessidade de enxergar, por meio do que eles chamam de seleção natural? Pois enquanto não existia no mundo inteiro nem olho nem nervo óptico, ninguém teria a menor necessidade de enxergar, e não haveria gente ou coisa que adivinhasse haver essa necessidade de enxergar! De forma alguma se poderia cogitar que dentro da não visão, dentro da escuridão infinita e eterna que não tem noção de que é escuridão, desponte de repente alguma célula cintilante, ou um grupo de células que comece, numa geração espontânea, a se sofisticar e a enxergar formas, cores e dimensões. Como um prisioneiro que se liberta da prisão? E, além disso, de forma alguma a teoria evolucionista tem a menor

sombra de explicação para o aparecimento da primeira célula viva, ou do primeiro núcleo de crescimento dentro do pétreo e eterno silêncio do mundo inerte. E quem poderia despontar de repente, surgindo do nada, e começar a ensinar a alguma molécula distante de matéria inerte como ela deve despertar subitamente de sua imobilidade perene e começar a processar fotossíntese, ou seja, começar a traduzir a luz do sol em carboidratos e também a utilizar os carboidratos para florescer e crescer? Ora, e não há nem pode haver qualquer pretexto darwiniano nem mesmo para o fato maravilhoso de que o gato, desde praticamente o dia em que nasce, sabe que tem de cavar um pequeno buraco para fazer suas necessidades, e depois cobri-lo de terra. E alguém pode sequer aventar que houve aqui uma seleção natural? Todos os gatos que eram incapazes de realizar essa complicada operação higiênica foram eliminados do mundo sem deixar rebentos, e só as proles dos gatos que enterram suas fezes conseguiram crescer e se multiplicar? E por que exatamente o gato saiu das engrenagens do mecanismo da seleção natural agraciado com esse legado de uma higiene exemplar, e não o cachorro, nem a vaca ou cavalo? Por que a seleção natural de Darwin não cuidou de selecionar e deixar no mundo não apenas o gato, mas também, digamos, um porco capaz de se lambar e se escovar todinho? Ora, e quem foi afinal que ensinou de repente ao pai dos pais dos avós dos antepassados de todos os gatos amantes da higienização, o primeiro coveiro de fezes, como ele devia escavar esse primeiro esgoto e como cobri-lo de terra? Pois não é que nossos sábios primevos nos ensinaram que há sempre uma causa mais remota e que uma tenaz se fabrica com outra tenaz?

Shmuel ficava olhando para os lábios do velho se movendo atrás de seu espesso bigode grisalho, notando mais e mais uma vez o contraste entre a lúcida e aguda animação nas falas do homem e aquela mesma tristeza profunda que enevoava e acinzentava seus olhos azuis: olhos trágicos no meio do rosto de um sátiro.

E havia vezes em que o velho falava, como costumava falar, longamente, com satisfação e com energia sobre o medo obscuro que a figura do judeu errante inspira desde tempos imemoriais na imaginação cristã; pois não é qualquer um que pode assim não mais levantar-se prazenteiro pela manhã, escovar os dentes, tomar uma xícara de café e matar Deus! Para matar uma divindade, o matador precisa ser ainda mais forte do que o deus e também tem de ser de uma iniquidade e perversidade sem limites. Quem matou Jesus, o nazareno, uma divindade afável e que irradia amor, era mais forte que ele, e também ardiloso e repugnante. E esses malditos matadores de Deus só são capazes de ser matadores de Deus sob a condição de terem se alimentado em fontes monstruosas de poder e de maldade. E é assim que são vistos os judeus nos porões da imaginação de um odiador de judeus. Somos todos Judas Iscariotes. Mesmo depois de oitenta gerações, somos todos Judas Iscariotes. Mas a verdade, meu jovem amigo, a

verdade verdadeira é a que vemos aqui em Erets Israel, bem diante de nossos olhos: tal como o judeu antigo, assim também até mesmo o novo judeu que aparentemente cresceu aqui, não é nada forte nem perverso, mas cobiçoso, sofisticado, ruidoso, assustado e cheio de suspeitas e de temores. Ora, Chaim Weizmann disse uma vez, em seu desalento, que um Estado judeu nunca poderia existir porque há nisso uma contradição: se for um Estado, não vai ser judeu, e se for judeu, certamente não será um Estado. Como está escrito aqui entre nós: é um povo que se parece com um burro.

Às vezes começava a falar sobre a migração de aves e os deslocamentos de cardumes de peixes, tanto uns quanto outros se valendo de misteriosas capacidades de orientação em cuja profunda essência a lógica científica não consegue sequer começar a penetrar. Os braços do inválido costumavam descansar estendidos sobre o tampo de vidro de sua escrivaninha, quase sem se mover enquanto ele falava a Shmuel, a juba grisalha iluminada no halo da luminária de mesa, enquanto aqui e acolá ele realçava suas ponderações elevando a voz, ou baixando-a até quase um sussurro. Às vezes seus dedos se apoderavam de uma caneta, ou de uma régua, e sua mão forte desenhava no ar todo tipo de formas e de cortes. A cada hora ou hora e meia se levantava pesadamente de seu lugar e, com a força dos músculos dos braços, arrastava seu corpo torto ao longo da beirada da escrivaninha, apanhava as muletas e capengava até o banheiro ou até uma das prateleiras. Às vezes abria mão das muletas e puxava o corpo apenas com seus fortes braços, da mesa para seu berço de vime. De forma alguma permitia que Shmuel o ajudasse. Em seu manquejar sinuoso, o sr. Wald parecia um inseto ferido ou uma gigantesca mariposa noturna cujas pontas das asas tinham se queimado no fogo e se debatia e contorcia em seus vãos esforços por alçar voo.

Shmuel, de sua parte, servia chá para os dois. Consultava de vez em quando o relógio para não atrasar o mingau vespertino que aquecia lentamente na chapa elétrica na cozinha. Vez ou outra tentava despertar o interesse de seu anfitrião no debate que despertara a peça *A visita da velha senhora*, ou nas “Reflexões sobre a poesia de Alterman”, um tempestuoso artigo publicado pelo poeta Nathan Zach, no qual ele condenava sem piedade o que considerava o artificialismo floreado que dominava o mundo imaginário altermaniano. O sr. Wald, por sua vez, via em tudo isso uma medida não desprezível de rigor crítico, mas também de uma prolixa maldade, jactância e imaturidade, e portanto se retirava do assunto com a ajuda do dito: “De Nathan a Nathan não há como Nathan”. Em compensação, o velho nada disse quando Shmuel leu para ele três ou quatro poemas de Dalia Ravikovitch publicados algumas semanas antes. Só inclinou muito sua cabeça nervosa e ouviu com profunda atenção, calado.

Por causa de seu pescoço, que de repente se curvara num ângulo reto, o rosto do sr. Wald, enquanto ouvia esses poemas, estava cravado no chão do aposento. A

ponto de, por um efêmero momento, o homem lembrar a Shmuel o corpo de um enforcado com a cervical partida.

Flávio Josefo, ou Iossef ben Matitiah, a primeira de todas as fontes judaicas de que dispomos que se preocupou em lembrar a própria existência de Jesus, nos conta sua história do Nazareno em duas versões diferentes: em seu livro *Antiguidade dos judeus*, Ben Matitiah dedica algumas linhas, claramente cristãs, a “Jeshua, um homem sábio, se é que se pode escrever ‘homem’, pois fazia milagres... e ele atraiu para si muitos judeus e também muitos dos helenos. Ele era o Messias, e quando Pilatos o condenou a ser pendurado... revelou-se a eles no terceiro dia e estava vivo de novo”. Flávio fecha esse pequeno registro, em sua credulidade, ao achar por bem ressaltar que “até hoje não desapareceu a estirpe dos messias, que assim leva seu nome”. Mas alguns pesquisadores contemporâneos, e entre eles o professor Gustav Iom-Tov Eisenshalom, alegam que de maneira alguma um judeu como Iossef ben Matitiah cogitaria escrever assim sobre Jesus, e é bem provável, na opinião de Eisenshalom, que todo esse trecho tenha sido em sua maior parte reescrito no decorrer dos anos por cristãos e inserido em *Antiguidades* mais tarde, num ato de falsificação.

E uma versão totalmente diferente das palavras de Iossef ben Matitiah sobre Jesus aparece nos escritos de Agáprio, escritor árabe cristão do século X. Segundo Agáprio, Iossef ben Matitiah não considera Jesus um Messias, e não apresenta sua ressurreição três dias após a crucificação como um fato real, mas apenas descreve com objetividade a crença dos seguidores de Jesus.

O próprio Ben Matitiah nasceu alguns anos após a crucificação, e talvez o aspecto mais eletrizante em seu escrito sobre Jesus, seja na versão de *Antiguidades judaicas*, seja na versão apresentada por Agáprio, é como todo o episódio do surgimento de Jesus se mostra pequeno, quase insignificante, aos olhos do historiador que por pouco não foi seu contemporâneo. Nas duas versões, a versão de *Antiguidades* e a de Agáprio, Ben Matitiah dedica menos de uma dúzia de linhas a todo o episódio da vida de Jesus, com suas parábolas, seus milagres, sua crucificação, sua ressurreição e a nova religião de seus crentes.

Também para os judeus das gerações posteriores à de Iossef ben Matitiah, a figura de Jesus ocupa um espaço pequeno, quase o de uma curiosidade: em todas as gerações de nossos sábios, de abençoada memória, há só um punhado de sábios que se deu ao trabalho de espalhar aqui e ali, em cantinhos recônditos de seus textos, uma ou outra insinuação nebulosa cuja intenção talvez seja criticar Jesus, e talvez não tenha nenhuma relação com ele e esteja lá para zombar de alguém totalmente diferente ou de várias pessoas diversas e estranhas. Em geral nossos sábios, de abençoada memória, evitam a mera lembrança do nome de

Jesus. Em gerações posteriores lhe atribuíram, como expressão de zombaria e excomunhão, o apelido Otó Haish, “Eis o Homem”.

Em dois ou três escritos se vislumbra entre as palavras de nossos sábios de abençoada memória uma pequena alusão depreciativa que se pode interpretar dessa ou de outra maneira, como a do *taná* Shimon ben Azzai, que cita um registro genealógico que encontrou em Jerusalém e onde está escrito: **HOMEM ANÔNIMO BASTARDO DE MULHER CASADA**. Talvez esteja aí embutida alguma estocada medrosa nos crentes de uma religião concorrente, e talvez não seja mais do que um pedacinho de fofoca jerusalmita cujo protagonista não passa de um fulano ou beltrano qualquer; uma dessas fofocas anônimas que pairam hoje também no ar de Jerusalém e se exalam até nos corredores da universidade.

Na *tossefta* ao tratado *San' hedrim* da Mishná, aparece uma vez a condenação de alguém chamado Ben Stada, punido em Lida por ter incitado à idolatria, e há comentaristas que teimam em achar aqui também uma alusão a Jesus, o nazareno. Em outro lugar, na *tossefta* ao tratado *Cholin*, é citado um médico que examinava mordidas de cobra recorrendo ao nome de “Ieshu ben Pantera”. Mas quem era esse Ieshu (Jesus) ben Pantera? É uma questão aberta a suposições que não são mais do que palpites. Só mais tarde, na *Pasta de Shim'on sobre Números* aparece uma advertência explícita quanto ao filho de uma mulher “que pretende se fazer de Deus, para enganar o mundo inteiro”.

E também, em três lugares diferentes do Talmude Babilônio, apareceram em algum momento trechos explícitos de censura a Jesus, descrito como um erudito que se desviara do caminho, ou como um feiticeiro que incitava à idolatria, ou até como um excomungado que queria se reconverter e não lhe permitiam. Mas no decorrer das gerações esses três trechos foram apagados e nada restou deles em quase todas as versões impressas do Talmude Babilônio, porque os judeus tinham um medo terrível do que lhes fariam seus vizinhos cristãos ao ler esses trechos.

O poeta Yanai, que viveu em Erets Israel no século V ou VI, escreveu um poema anticristão em acróstico, todo ele zombaria e desprezo para com “os que pedem socorro ao iníquo/ os que optam pela abominação que é a idolatria/ que se dirigem ao crucificado até a madrugada...” e por aí vai.

Quando Shmuel trouxe os papéis com seu abandonado trabalho sobre Jesus na visão dos judeus para a biblioteca e começou a ler esse poema floreado para Guershom Wald, o velho riu e cobriu os dois olhos com sua mão grande e feia, como quem se recusa a olhar para algo condenável, e disse com raiva:

“Basta, basta, quem é que pode ouvir gracinhas insípidas como essas, eu pedi que me contasse como os judeus veem Jesus, e não como o veem todo tipo de idiotas. Este chá está muito fraco e também doce demais, e além de tudo

também está morno. Ora, todos os defeitos do mundo podem se concentrar dentro de um pequeno copo, e ainda mais se misturarem todos juntos. Não, não, não é necessário, não precisa correr para me preparar outro chá. Apenas me traga, por favor, um copo d'água da torneira, e depois vamos fazer um pouco de barulho. Ben Stada ou Ben Pantera, que têm eles a ver conosco? Que descansem em paz. E nós, nós só temos aquilo que nossos olhos enxergam. E mesmo isso, só de tempos em tempos, e são tempos muitos distantes entre si. Agora vamos ouvir o noticiário.”

Ele achava aconchegante sua água-furtada, com seu teto baixo. Como uma espécie de caverna para se hibernar. Era um espaço alongado com um teto inclinado, como a lona de uma barraca. A única janela dava para a parte da frente da casa, para o muro do jardim e a cortina de ciprestes além dele, e para o pátio calçado com lajotas de pedra à sombra da parreira e da velha figueira. Um gato negro como carvão, provavelmente um macho, às vezes passava por lá, lento, majestoso, a cauda espetada para cima, pisando, como que pairando, de lá para cá com passos de veludo, como se cada uma de suas delicadas patas não estivesse pisando e sim lambendo, lentamente, prazerosamente, as lajotas de pedra polidas que reluziam e brilhavam na chuva.

A janela era profunda, porque as paredes da casa eram grossas. Shmuel levou seu cobertor de inverno até o peitoril da janela e o forrou com ele, criando assim uma espécie de assento acolchoado no qual às vezes ficava, confortavelmente, durante meia hora ou uma hora olhando para o pátio deserto. Num canto do pátio descobriu, de seu posto de observação, a abertura de uma cisterna, coberta com uma tampa de metal enferrujada. Cisternas como essa tinham sido cavadas em pátios da antiga Jerusalém e serviam para acumular águas pluviais, isso antes de os britânicos chegarem e puxarem linhas de abastecimento das piscinas de Salomão e das fontes de Rosh Ha'ain e de estenderem em Jerusalém uma rede de canos d'água. Essas antigas cisternas de água da chuva salvaram os judeus de Jerusalém de uma terrível sede em 1948, quando a Legião Árabe do Reino da Transjordânia estabeleceu um cerco sobre a cidade e explodiu todas as fontes de água em Latrun e em Rosh Ha'ain, para forçar a rendição de seus habitantes. Será que Shaltiel Abravanel, pai de Atalia, ainda estava entre os líderes da comunidade judaica na época da invasão dos exércitos árabes, ou já tinha sido expulso por Ben Gurion de todas as suas funções na direção da comunidade? E por que tinha sido expulso? E o que fizera após sua expulsão? E em que ano, de fato, morrera Shaltiel Abravanel?

Um dia, Shmuel resolveu consigo mesmo, vou passar algumas horas na Biblioteca Nacional para pesquisar e tentar esclarecer o que há por trás dessa história.

Mas que consequência terá para você saber o que houve? Esse conhecimento vai aproximar você de Atalia? Ou exatamente o contrário, vai fazer com que ela se feche para você ainda mais do que está se fechando agora, dentro da concha de seus segredos?

Entre o cantinho do café e os cubículos da privada e do banheiro, separados por uma cortina, ficava a cama de Shmuel. Ao lado da cama, uma mesinha e uma cadeira e uma luminária, e em frente a ela um aquecedor e uma estante, sobre a qual repousavam um dicionário hebraico-inglês, um dicionário aramaico-hebraico, uma Bíblia em encadernação de tecido preto com gravações a ouro que incluía o Novo Testamento, um atlas estrangeiro, assim como um livro sobre a história da Haganá e tomos de *Gvilei Esh*. A seu lado havia uns dez livros de matemática superior ou de lógica matemática, em inglês. Shmuel tirou um deles para olhar e não entendeu nem mesmo as primeiras linhas da introdução. Na prateleira que ficava embaixo desses livros da casa Shmuel pôs os poucos livros que tinha trazido consigo, bem como a vitrola e os discos. Presos à porta se projetavam alguns ganchos de metal, nos quais Shmuel pendurou sua roupa. E com fita adesiva prendeu na parede os retratos dos heróis da revolução cubana, os irmãos Fidel e Raúl Castro e, junto deles, seu amigo médico, o argentino Ernesto Che Guevara, cercados por um grupo compacto de outros homens, também eles ostentando barbas quase tão espessas quanto a do próprio Shmuel, todos em fardas desleixadas e parecendo uma sociedade de poetas-sonhadores que tinham vestido roupas de combate e cingido revólveres nas cinturas. A figura desalinhada e desajeitada de Shmuel poderia se encaixar facilmente nesse grupo. Do ombro de cada um deles pendia também uma submetralhadora. Em alguns desses revolucionários a submetralhadora que lhes pendia do ombro estava presa numa corda grosseira, e não numa correia de couro.

E Shmuel ainda encontrou nessa água-furtada, num canto, um carrinho de metal muito parecido com o que vira com o sr. Wald, na biblioteca do andar térreo, só que aqui, sobre este carrinho, cuidadosamente arrumados em ângulos retos, como soldados num pátio em ordem-unida, havia canetas, lápis, cadernos, fichários, pastas de cartolina vazias, um punhado de cliques e um montinho de elásticos, duas borrachas e até um brilhante apontador. Será que esperavam que ele se estabelecesse aqui como escriba de textos sagrados, como um antigo monge em sua cela? Ou que mergulhasse nas profundezas de uma pesquisa? Sobre Jesus? Sobre Judas Iscariotes? Sobre ambos? E talvez sobre a obscura cisão entre Ben Gurion e Shaltiel Abravanel?

Ele ficava deitado de costas na cama tentando destacar e acrescentar formatos complexos nas rachaduras do reboco do teto, até os olhos se fecharem. E, mesmo depois de fechados, continuavam a enxergar através das pálpebras o teto inclinado da água-furtada que lhe fora destinada, talvez a cela de um prisioneiro, talvez um quarto de isolamento, afastado dos outros, no qual um hospital interna um doente com uma doença rara e contagiosa.

Mais um objeto lhe apareceu lá, um objeto para o qual Shmuel Asch não

descobriu qualquer utilidade. Não percebera a existência desse objeto assim que começara a morar na água-furtada, mas só depois de quatro ou cinco dias e noites, quando se curvou e olhou debaixo da cama, ao perseguir uma meia que desertara de sua função e se escondera no escuro. E eis que em lugar da meia fugitiva se abriam para ele, de dentro das sombras sob a cama, as presas afiadas e brilhantes na mandíbula de uma raposa malvada, esculpida no castão de uma bengala preta e muito refinada.

Todos os dias Guershom Wald se refestelava em sua cadeira junto à escrivaninha ou em seu sofá acolchoado e desfechava sobre o interlocutor telefônico seus sarcásticos sermões. Temperava seus conceitos com versículos e com citações, com sutilezas e afiados jogos de palavras cujas pontadas se dirigiam a ele mesmo não menos que ao adversário. De vez em quando parecia a Shmuel que o sr. Wald espetava e feria com uma agulha fina a pessoa com quem conversava, com um tipo de ofensa que só pessoas eruditas são capazes de serem atingidas. Ele dizia, por exemplo: “Mas sabe por que você deve fazer profecias, meu caro? Porque desde que o Templo foi destruído a profecia foi entregue a pessoas como eu e você”. Ou: “Mesmo se você me socar num pilão, não vou mudar de ideia”. E uma vez disse: “Ora, você e eu, meu caro, certamente, certamente nenhum de nós dois se parece com qualquer dos quatro filhos aos quais a Torá se refere na Hagadá de Pessach, mas às vezes eu acho que não somos especialmente parecidos com o primeiro”. Nesse momento o feio rosto de Guershom Wald expressava uma certa dose de afronta e insolência, e sua voz soava com uma vitoriosa alegria infantil. Mas seus olhos azuis acinzentados sob as espessas sobranceiras grisalhas contradiziam a ironia e expressavam distanciamento e tristeza, como se não participassem dessa conversa, mas estivessem fixados em algo terrível demais para que as forças dele pudessem suportar. Shmuel nada sabia sobre esses seus interlocutores do outro lado da linha telefônica, a não ser o fato de que, tudo indicava, estavam dispostos a aceitar pacientemente as estocadas de Wald e a perdoar-lhe o que, a julgar pelo que Shmuel ouvia, oscilava no limite entre o humor e a crueldade. Pensando bem, não era improvável que esses interlocutores, que Wald sempre tratava como “meu caro”, ou “meu caro amigo”, não fossem todos senão um só, talvez não muito dessemelhante do próprio Guershom Wald, talvez também um velho inválido preso em seu gabinete de trabalho, e talvez até tendo a seu lado algum estudante pobre cuidando dele e tentando — tal como Shmuel — adivinhar quem era o suposto dublê no outro lado da linha telefônica. E acontecia às vezes de o sr. Wald se envolver no silêncio e na tristeza, largado no sofá acolchoado e coberto com o cobertor de lã de padrão xadrez escocês, meditando, cochilando, acordando, pedindo a Shmuel que lhe servisse por favor um copo de chá, e novamente se desligando, cantarolando consigo mesmo um som prolongado e abafado, talvez um fragmento de canção, talvez uma espécie de pigarrear opressivo.

Todo dia ao anoitecer, às sete e quinze, após o noticiário no rádio, Shmuel

esquentava para o velho seu mingau vespertino, que a vizinha Sara de Toledo tinha preparado. Sobre o mingau Shmuel polvilhava um pouco de açúcar mascavo e canela em pó. O mingau era suficiente para os dois. Às nove e quinze, depois da segunda edição do noticiário noturno, ele punha diante do velho a bandeja dos remédios com seis ou sete pilulas e diversas cápsulas e um copo cheio de água da torneira.

* * *

Certa vez o velho ergueu os olhos e perscrutou com o olhar todo o corpo de Shmuel, de cima a baixo e de novo, sem qualquer cerimônia, como quem olha para um objeto suspeito, ou como se apalpasse com dedos ásperos seu interlocutor, longamente, avidamente, até talvez achar o que estava procurando. E perguntou sem acanhamento: “Mas, afinal, é lógico supor que você tenha uma namorada em algum lugar. Ou algo parecido com uma namorada. Ou pelo menos você já teve? Não? Nenhuma mulher? Nenhuma namorada? Nunca?”.

E enquanto isso ele ria, como se tivesse contado uma piada suja.

Shmuel gaguejou:

“Sim. Não. Eu tive. E já tive algumas. Mas —”

“E então, por que a madame o deixou? Não importa. Não perguntei. Ela o deixou, então bom proveito para ela. Então a nossa Atalia já o atrai. Sem mover um dedo ela tem o poder de atrair estranhos. Mas ela aprecia muito sua solidão. Aproxima dela homens que se encantam com ela e torna a afastá-los depois de algumas semanas e às vezes até depois de uma semana. Há três coisas que me ultrapassam, e uma quarta que não compreendo: o caminho da água no céu, o caminho da serpente na rocha, o caminho da nave no mar, o caminho do homem com a donzela. Uma vez ela me disse que os estranhos a atraem enquanto são mais ou menos estranhos. Um estranho que deixou de ser um estranho começa imediatamente a oprimi-la. E qual o significado da palavra ‘atrair’, *leratek*, por acaso você sabe? Não? O que é isso, já não se ensinam mais nas suas universidades as origens das palavras e sua evolução?”

“Não estou mais na universidade.”

“Não. É verdade. Você já foi atirado de lá para a escuridão exterior, para os uivos e o ranger de dentes. Então, a origem da palavra *leratek* está no Talmude de Jerusalém, no aramaico de Erets Israel, *ritka* — ou seja, um terreno circundado por uma cerca, e daí o verbo *leratek*, ou seja, amarrar, prender com algemas, imobilizar com cadeias. Essas cadeias talvez se pareçam com correntes, ou com grilhões. E pais? Hein? Pais você tem? Ou teve algum dia?”

“Sim. Em Haifa. No Hadar HaCarmel.”

“Irmãos?”

“Uma irmã. Na Itália.”

“E o avô sobre o qual você me contou, esse que serviu na polícia do mandato e

que por vestir uma farda inglesa foi assassinado por nossos fanáticos — esse avô também veio da Letônia?”

“Sim. E na verdade ele se alistou na policia britânica a fim de obter informações para nossas forças subterrâneas. Ele era de fato uma espécie de agente duplo, um combatente secreto da mesma organização cujos membros o assassinaram. Concluíram que era um traidor.”

Guershom Wald ficou pensando um pouco sobre isso. Pediu um copo d'água. Pediu que abrisse a janela, uma pequena fresta. Depois assinalou, com tristeza:

“Ela cometeu um grande erro. Um erro grande e amargo.”

“Quem? A organização subterrânea?”

“A garota. Essa que deixou você. Pois você é um rapaz que tem uma alma. Isso a própria Atalia me disse há alguns dias, e eu, como sempre, sei que ela tem razão, porque é impossível Atalia não ter razão. Ela nasceu com a razão... Ela toda é moldada em razão, mas a razão permanente é na verdade uma terra arrasada? Não é?”

Toda manhã Shmuel acordava às nove ou às dez horas, apesar de ter prometido a si mesmo, repetidas vezes, que acordaria antes das sete no dia seguinte, para fazer um café bem forte e debruçar-se no trabalho.

Acordava mas não abria os olhos. Envolvia-se bem no cobertor de inverno e começava a discutir consigo mesmo em voz alta, levante-se de uma vez, preguiçoso, já estamos na metade do dia. E toda manhã regateava consigo mesmo dizendo: mais dez minutos, o que tem de mais? Você veio até aqui exatamente para descansar dessa corrida lá fora, e não para ser de novo perseguido por ela.

Por fim se espreguiçava, suspirava duas ou três vezes e se arrancava com esforço, levantando-se da cama em roupa íntima, todo trêmulo de frio, e chegava à janela para ver no que diferia aquele dia de inverno do dia de inverno que o antecederia. O pátio da casa com suas lajotas polidas de tanta chuva, as folhas da desfolha rolando pelo chão, a tampa de ferro enferrujada da cisterna e a visão da figueira desnuda, tudo isso despertava nele serenidade e tristeza. A figueira nua lembrava a ele a figueira do Novo Testamento, no Evangelho segundo são Marcos, a figueira entre cujas folhas Jesus, ao sair de Betânia, procurou em vão um fruto para comer e, como não encontrou, amaldiçoou-a em sua raiva e com isso fez com que na hora ela secasse e morresse. E Jesus sabia muito bem que nenhuma figueira é capaz de produzir fruto ainda antes da festa de Pessach. Ao invés de amaldiçoá-la não poderia tê-la abençoado, e num pequeno milagre fazer com que a figueira desse um fruto naquela mesma hora?

A tristeza de Shmuel, por sua vez, suscitava exatamente uma espécie de estranha e misteriosa alegria: como se alguém dentro dele estivesse alegre pelo próprio fato de ele estar triste. Essa alegria lhe fornecia energia bastante para enfiar a cabeça encaracolada e a barba debaixo da torneira e deixar que o fluxo de água fria como o gelo descascasse os restos de sono ainda existentes.

Agora já se sentia acordado o bastante para receber o novo dia e, arrebatando a toalha, enxugava-se com vigor, como se raspasse o próprio frio de sua carne, escovava os dentes com entusiasmo e gargarejava e cuspiu num forte ronco lá do fundo da garganta. Depois se vestia e se enrolava num suéter desajeitado, acendia o fogão, punha uma chaleira para esquentar e preparava um café sem coar. Enquanto o café borbulhava, olhava para os líderes da revolução cubana que o contemplavam das paredes inclinadas da água-furtada, e dizia animadamente: Bom dia, companheiros.

Caneca de café na mão direita, apanhava no canto a bengala com a cabeça de

raposa entalhada e voltava a ficar alguns minutos à janela, na companhia dessa raposa. Se via um gato varando a neblina entre os arbustos gelados, aproximava a bengala do vidro da janela e batia, como a incitar a raposa de dentes afiados a sair para caçar sua presa, ou como se transmitisse com as batidas uma mensagem de aflição para o mundo exterior, para que tomasse conhecimento dos dois, da raposa e dele, e enviasse quem os libertasse da prisão da água-furtada. Às vezes seus olhos se enchiam de lágrimas porque via em pensamento Iardena sentada na cafeteria da universidade numa saia macia de veludo cotelê, os cabelos claros presos com um grampo, enquanto distribuía cascatas de riso, pois alguém junto à sua mesa tinha caçoado do modo como Shmuel aparecera na escada, a cabeça envolta na barba sempre se antecipando ao corpo, as pernas a persegui-lo, e todo ele ofegando e bufando.

Após o café, Shmuel demorava-se um pouco para borrifar talco de bebê perfumado na barba e no cabelo encaracolado — em seus cachos desganhados pareciam surgir cãs prematuras — e descia pela escada em caracol que levava de sua água-furtada para a cozinha. Cuidava de não fazer barulho, para não perturbar Guershom Wald em seu sono de antes do meio-dia. E mesmo assim, sem qualquer contradição, lançava à sua frente quatro ou cinco tossidades forçadas, na incansável esperança de com elas fazer com que Atalia talvez se dignasse a sair do quarto em sua honra para vir resplandecer por alguns instantes na cozinha.

Na maioria das vezes ela não estava lá, embora lhe parecesse que suas narinas captavam um tênue aroma de seu perfume de violetas. De novo era atacado de sua tristeza matinal, e dessa vez essa tristeza não se traduzia em alegria pela própria existência da tristeza, mas passava a ser um arranhar que anunciava um ronco de asma, e ele se apressava a inalar duas vezes profundamente o inalador que sempre levava no bolso. Depois abria a geladeira e ficava olhando para dentro durante três ou quatro minutos sem ter a menor noção do que estava buscando.

A cozinha estava sempre arrumada e limpa, a xícara e o prato dela lavados virados de boca para baixo no escorredor, o pão dela embrulhado em papel fino dentro da caixa dos pães, nem uma só migalha na toalha de encerado; só uma cadeira um pouquinho afastada da mesa e inclinada num pequeno ângulo em relação à parede, como se a tivesse deixado às pressas.

Teria sido de casa? Ou estava mais uma vez fechada, silenciosa, em seu quarto?

Por vezes não conseguia reprimir sua curiosidade e se esgueirava da cozinha para o corredor, aguçando o ouvido diante da porta do quarto dela. Nenhum som se ouvia lá dentro, mas após alguns instantes de escuta concentrada lhe parecia ter captado, do outro lado da porta fechada, uma espécie de zumbido ou murmúrio baixo, um murmúrio monocórdio e constante. Ele tentava esboçar na

imaginação o que haveria nesse quarto, para o qual nunca fora convidado e cujo interior jamais conseguira vislumbrar nem de passagem, embora já tivesse ficado algumas vezes de emboscada no corredor, esperando a porta se abrir.

Após um ou dois minutos já não tinha como saber se o murmúrio ou zumbido vinha realmente da porta, ou ocorria, todo ele, apenas em sua cabeça. Ficou quase tentado a experimentar silenciosamente a maçaneta. Mas conteve-se e voltou para a cozinha, as narinas palpitando como as de um cachorrinho em busca de um eco longínquo de algum farejar. Tornou a abrir a geladeira, e dessa vez achou um pepino, que comeu com casca e tudo.

Ficou cerca de dez minutos à mesa da cozinha olhando as manchetes do jornal *Davar*: o novo governo tomará posse dentro de dois ou três dias. Sua composição ainda não estava clara. O líder da oposição, Begin, declarou que não havia solução para a questão dos refugiados dentro das fronteiras do Estado de Israel, mas que há para ela uma solução positiva e verdadeira em Erets Israel, quando todo o país voltar a ficar unido. E o prefeito da cidade de Safed escapara da morte, quando seu carro despencou num abismo à margem da estrada. São esperadas mais chuvas em todo o país, e em Jerusalém pode nevar um pouco.

Às vezes tornava a subir para o seu quarto, passava duas ou três horas numa leitura que ele começava junto à janela e continuava deitado de costas na cama até o livro cair sobre sua barba espessa e os olhos se fecharem ao som do vento na janela e da chuva nas calhas da casa. Agradava-lhe a vaga ideia de que a chuva caía e caía a uma distância não maior do que alguns dedos de sua cabeça, já que o teto inclinado da água-furtada se enviesava de tal modo que quando estava na cama podia tocar nele com os dedos.

Ao meio-dia se sacudia, vestia o surrado casaco de estudante, que se abotoava enfiando grandes botões de madeira em laçadas que pareciam feitas de corda. Na cabeça punha uma espécie de gorro chamado *chapka*. Refugiados do Leste Europeu tinham trazido com eles para o país esses chapéus russos. Saía para passear um pouco lá fora entre uma chuva e outra, circundando o novo prédio da Casa do Povo, ou ia mais para leste, em direção à rua Shmuel Hanaguid, ao longo da muralha de pedra do convento de Ratisbona, passava pela sinagoga Ieshurun e voltava para o bairro de Shaarei-Chessed pelas ruas Keren Kaiemet e Ussishkín. Às vezes levava consigo, sem pedir licença a Atalia, a bengala com a raposa, e enquanto andava batia com ela nas lajotas ou testava os portões de ferro. Queria muito não encontrar no caminho nenhum conhecido de seus tempos de estudo, para não ter de gaguejar explicações, por que tinha desaparecido de repente como se a terra o tivesse engolido? E para onde tinha desaparecido? O que exatamente estava fazendo agora? E por que vagueava assim pelas ruas de inverno como um fantasma todo encolhido? E por que de repente ele precisa dessa bengala luxuosa, com uma raposa prateada no castão?

Ele não tinha nenhuma resposta. Nem pretexto. E tinha assinado um compromisso de não contar nada a ninguém sobre seu novo emprego.

Mas, realmente, por que não? Afinal ele serve de companhia a um velho inválido durante algumas horas por dia, ou seja, faz uma espécie de trabalho assistencial em tempo parcial, em troca de moradia gratuita, refeições gratuitas e um pequeno ordenado mensal. O que exatamente Guershom Wald e Atalia Abravanel têm a esconder do mundo exterior? Qual o sentido dessa sua cortina de mistério? Mais de uma vez enchera-se de curiosidade e ficou tentado a lhes fazer muitas perguntas, mas a tristeza contida do sr. Wald e a fria distância mantida por Atalia silenciavam suas perguntas ainda antes de as ter formulado.

Uma vez ele viu ou imaginou ter visto na rua Rei George, perto de Beit Hama'alot, Neshar Sharshavsky, o especialista em acumulação de águas pluviais. Enquanto puxava seu *chapka* para esconder metade do rosto, Shmuel sorriu para

si mesmo e determinou em pensamento que este inverno estava realmente oferecendo ao caro Neshar Sharshavsky muita água de chuva para ele acumular. Será que, talvez um dia desses, Neshar Sharshavsky também virá até nós para examinar a água que se acumulou na cisterna com a tampa de ferro no pátio da casa da travessa do Rav Alvez?

Em outra ocasião, na rua Keren Haiessod, quase caiu direto nas garras do professor Gustav Iom-Tov Eisenshalom, e somente graças à vista curta do professor, atrás de suas lentes grossas como uma vidraça blindada, foi que Shmuel Asch conseguiu escapar no último segundo, entrando em um dos quintais.

Na hora do almoço ia se sentar num pequeno restaurante húngaro na rua Rei George, e pedia sempre um goulash bem quente e picante com duas fatias de pão branco, e de sobremesa uma compota de frutas. Às vezes cruzava rapidamente o jardim da Independência, trocando em seus passos de fuga, a cabeça encaracolada perseguindo a barba, o corpo pendendo enviesado para a frente e perseguindo a cabeça, os pés se apressando atrás do corpo como se temessem serem deixados para trás. Pisava em poças d'água sem perceber, dos galhos das árvores pingavam em sua testa gotas afiadas e pontiagudas, enquanto avançava quase correndo, como se o perseguissem. Até que chegava à rua Hilel e de lá a Nachlat Shiv'a, onde ficava ofegante e arquejante em frente à casa em que Iardena tinha morado antes de casar, o colarinho levantado, olhando para a entrada, como, se não Iardena, mas exatamente Atalia pudesse surgir de lá de repente. E tirava do bolso o inalador e fazia três inalações profundas.

Naquele inverno Jerusalém estava quieta e meditativa. De quando em quando os sinos das igrejas repicavam. Um vento brando vindo do oeste passava pelos ciprestes, beliscando suas frondes e o coração de Shmuel. Às vezes um atirador jordaniano entediado dava um tiro isolado para além do campo minado e além da terra de ninguém que separava a cidade israelense da cidade jordaniana. O tiro isolado como que aumentava ainda mais o silêncio das ruínas e o peso cinzento dos altos muros de pedra que circundavam terrenos cercados, que Shmuel não sabia o que neles se escondia, se mosteiros ou orfanatos ou talvez instalações militares. No alto desses muros tinham sido encravados cacos de vidro e muitas vezes a eles se acrescentaram rolos de arame farpado enferrujado. Uma vez ele passou bem ao lado do muro que cercava o hospital de leprosos no bairro de Talbie, perguntou a si mesmo como seria a vida atrás daquele muro, e respondeu para si mesmo que talvez não fosse muito diferente da vida dele, fechada numa água-furtada de teto baixo na última casa no fim da travessa do Rav Alvez na extremidade de Jerusalém junto a terrenos pedregosos e abandonados.

Ao cabo de quinze minutos retornava, atravessava o bairro de Nachlat Shiv'a e ia para casa fazendo uma volta, pela rua Agron, até aterrissar finalmente junto ao portão de ferro meio enterrado da casa baixa de pedra e chegar, ofegando e

bufando, com ligeiro atraso, a seu turno na biblioteca do sr. Wald. Enchia e acendia o aquecedor a querosene, dava comida para o par de peixinhos dourados no aquário de vidro redondo, e preparava um copo de chá para os dois. E trocavam entre si páginas do jornal *Davar*. Por causa das chuvas daquele inverno, uma velha casa havia desmoronado em Tiberiades e dois moradores ficaram feridos. O presidente Eisenhower fizera uma advertência quanto às intenções e as tramas de Moscou. Na Austrália fora descoberta uma pequena aldeia de nativos que nunca tinham ouvido falar da chegada de homens brancos. E o Egito estava abarrotando seus arsenais com armas soviéticas modernas.

Certa manhã, ao descer, encontrou Atalia na cozinha, sentada à mesa coberta de encerado, lendo um livro aberto à sua frente. Com ambas as mãos e os dez dedos abraçava uma xícara de café fumegante. Shmuel deu uma breve tossidela e lhe disse:

“Perdão. Não queria incomodar.”

Atalia disse:

“Já incomodou. Sente-se.”

Seus olhos castanhos e atraentes o percorreram numa leve zombaria, como se estivesse muito segura do poder de sua feminilidade mas um tanto insegura quanto à natureza do rapaz sentado à sua frente. Ou como se lhe perguntasse sem palavras: E aí, talvez você tenha enfim alguma pequena surpresa para mim, ou só veio até aqui para fazer uma visitinha?

Shmuel baixou os olhos e viu por baixo da mesa da cozinha a ponta dos sapatos pretos de salto alto que ela calçava. A barra da saia de lã esverdeada que lhe descia até quase os tornozelos. Ele inspirou profundamente, quase entontecido pelo aroma de violetas. Depois, pesando cada gesto, pegou com a mão esquerda o saleiro e com a direita o pimenteiro e disse:

“Não tive nenhum motivo especial. Só desci até a cozinha para procurar uma faca para o pão ou...”

“Mas você já sentou, por que está procurando pretextos?”

E com isso olhou para ele, ainda sem sorrir mas com os olhos já irradiando e prometendo que um sorriso era com certeza possível: só faltava um pequeno esforço da parte dele.

Ele largou o saleiro e o pimenteiro, arrancou uma folha do caderninho com anotações que estava sobre o encerado e a dobrou. Com a folha ele fez mais duas dobras em forma de orelhas, para um lado e para o outro. Depois dobrou a linha de vinco e puxou, e vergou novamente, formando assim primeiro um triângulo e depois um retângulo, que dobrou mais uma vez em dois triângulos, e de novo num retângulo, puxou para cá e para lá e entregou a ela um barquinho de papel, dizendo:

“Surpresa. Pra você.”

Ela pegou o barquinho da mão dele e, pensativa, o fez navegar pelo encerado até achar um abrigo seguro entre o saleiro e o pimenteiro. E fez que sim com a cabeça, como se concordasse consigo mesma. Shmuel olhou e viu a fenda profunda, bem delineada, que descia numa linha nítida de suas pequenas narinas até o meio do lábio superior. Agora percebia também que passara batom nos

lábios, muito levemente, um batom quase imperceptível. Como que em resposta ao olhar dele, Atalia ergueu a xícara e bebeu o café que nela restava. Depois, como que saindo de seu posto de observação, disse-lhe em sua voz saciada, que soava quase preguiçosa, como se acariciasse cada sílaba antes de lançá-la em seu caminho:

“Você veio até nós para se isolar e eis que só se passaram três semanas e parece que o isolamento começa a lhe ser um pouco pesado demais.”

Não disse isso como se perguntasse, mas como se constatasse. Nessas palavras Shmuel ouviu algo que o fez imaginar um quarto morno e semi-iluminado, com persianas fechadas e uma luminária de mesa com a luz amortecida por uma cúpula escura. De repente, quis com todas as suas forças tocar nos sentimentos dela, despertar sua curiosidade ou admiração ou compaixão materna ou até mesmo zombaria, não importa, o principal era evitar que ela agora se levantasse e desaparecesse em seu quarto. Ou, pior que isso, que saísse de casa. Pois às vezes saía e só voltava tarde da noite. Às vezes saía e só voltava no dia seguinte. Ele disse:

“Experimentei uma fase um pouco difícil antes de vir para cá. E ainda não está totalmente resolvida. Passei por uma crise. Ou, melhor dizendo, um fracasso pessoal.”

Agora o sorriso dela estremeceu nos cantos dos lábios, como se quisesse adverti-lo a parar por ali e não contar nada. Como se estivesse constrangida em nome dele. E disse:

“Eu já terminei de beber. E você? Estava procurando uma faca para o pão?”

Da gaveta da mesa próxima ao lugar onde estava sentada, Atalia tirou uma faca comprida e afiada, e entregou-a com cuidado a Shmuel. Com isso seu sorriso finalmente apareceu. Dessa vez não era um sorriso irônico, mas um sorriso que iluminou seu rosto com uma luz de simpatia e compaixão. Ela disse:

“Fale, se quiser. Vou ficar aqui sentada e ouvir.”

Shmuel, distraído, pegou a faca da mão dela. Esqueceu de apanhar a bandeja com o pão. O sorriso dela o deixara tonto, e ele começou contando para ela, em sete ou oito frases, seu namoro com Iardena, que de repente decidira ir embora e se casar, sem lhe dar qualquer explicação, com seu namorado anterior, um hidrólogo secarrão que ela havia encontrado. Depois ficou passando a faca de mão em mão, sacudindo-a um pouco, testando seu gume afiado na ponta da unha, e disse:

“Mas o que se pode entender sobre as misteriosas preferências das mulheres?”

Com isso Shmuel esperava oferecer a ela — e à conversa entre os dois — alguma lenha para a fogueira, ou talvez somente uma espécie de seta indicando uma direção.

Atalia retirou seu sorriso e resolveu encerrar a conversa dizendo:

“Isso não existe, essa tal de misteriosa preferência das mulheres. Onde foi que

você ouviu esse disparate? Quanto a mim, não tenho a menor ideia do motivo por que casais se separam, porque não tenho ideia de como se juntam, e por que se juntam. Em outras palavras, não me faça perguntas sobre as preferências femininas. Ou masculinas. Não tenho nenhum insight feminino para propor a você. Talvez Wald, quem sabe você converse com ele sobre isso também. Pois ele é um especialista em generalidades.”

E com isso recolheu do encerado quatro ou cinco migalhas, depositou-as dentro do barquinho de papel de Shmuel, muito delicadamente empurrou o barquinho, fazendo-o navegar até ele, e se levantou: uma bela mulher com cerca de quarenta e cinco anos, os brincos de madeira oscilando de leve quando se levantou, o corpo acariciando o vestido por dentro, ela passou por ele num tênuê bafejo de um delicado perfume de violetas. Mas deteve-se junto à porta, uma das mãos na cintura:

“Aos pouquinhos nós talvez consigamos anestesiá-lo um pouco, para que doa menos. Essas paredes estão acostumadas a absorver dor. Só não toque em minha xícara. Vou voltar depois para a cozinha e lavá-la. Mas, você, não fique esperando aqui por mim. Ou sim, espere, por que não, se não tiver nada melhor para fazer. Wald com certeza diria: Feliz de quem espera por quem há de chegar. Não faço ideia daqui a quanto tempo.”

Shmuel aproximou a faca do encerado, não achou o que cortar, voltou atrás, cuidadosamente pôs a faca junto ao saleiro e disse:

“Sim.”

E logo se corrigiu e disse:

“Não.”

Mas ela já tinha deslizado para fora da cozinha. E o deixara retalhando com a faca, em pequenos fragmentos de papel, o barquinho que havia feito para ela.

Em meados do século IX, e talvez um pouco antes disso, um judeu cujo nome não sabemos escreveu um texto que ridicularizava Jesus e a fé cristã. Não há a menor dúvida de que esse escritor, que escrevera esse texto na língua árabe, vivia num país muçulmano, pois caso contrário não teria ousado zombar assim do cristianismo. O artigo se chamava “Katsa mdjadala al-askaf”, isto é, “História da controvérsia do padre”. Nele se conta de um padre que havia se convertido ao judaísmo, e depois da conversão se dirige aos cristãos e lhe explica por que a crença deles é ilusória. Percebe-se que o autor anônimo é um especialista em cristianismo e conhece bem seus escritos sagrados, assim como algumas interpretações cristãs mais tardias.

No decorrer da Idade Média, judeus traduziram esse texto do árabe para o hebraico e lhe deram o título de *A controvérsia do padre Nestor* (ou como alusão à igreja nestoriana, ou como uma corruptela da palavra hebraica *stirá* [contradição] ou da palavra *nistar* [segredo, oculto] ou talvez simplesmente porque Nestor era o nome do padre que se convertera). No decorrer do tempo se formaram várias versões desse texto, algumas com acréscimo de citações em grego e latim, e algumas, pelo visto, migraram da Espanha para a Alemanha e chegaram até as terras bizantinas.

O foco principal de *A controvérsia do padre Nestor* é apontar contradições evidentes nas histórias dos evangelhos, contestar o conceito da Trindade e abalar a ideia da divindade de Jesus. Para alcançar esses objetivos, o livro elege diversos meios, alguns dos quais contradizem uns aos outros: por um lado, Jesus é descrito como um judeu completo, um judeu cumpridor dos mandamentos judaicos que nunca pretendeu fundar uma nova religião ou ser considerado Deus, e só após sua morte surgiu o cristianismo e falsificou sua figura de acordo com suas necessidades, e o elevou ao grau de divindade. Por outro lado, o texto não tem pudor de empregar alusões grosseiras e até repugnantes sobre as circunstâncias peculiares do nascimento de Jesus. O escritor chega a zombar dos sofrimentos e da morte solitária de Jesus na cruz E, por um terceiro lado, o livro apresenta argumentos lógicos e argumentos teológicos destinados a contradizer os princípios da fé cristã.

Shmuel Asch examinara cuidadosamente essas contradições, e escreveu num papel — que juntou aos rascunhos de suas anotações — que esse duvidoso autor judeu anônimo da *Controvérsia* alegava, quase que de um fôlego só, que Jesus era um judeu autêntico e honesto, e que era um bastardo que nascera das prevaricações de sua mãe e necessariamente se infectara, como todo feto de

carne e osso no mundo, das infecções nas vísceras da mãe, pois até mesmo o primeiro dos homens não nascera de uma mulher e assim mesmo ninguém o tinha considerado um deus, e que Henoc e Elias tampouco tinham morrido, mas ascendido ao céu, e apesar disso não eram tidos como filhos de Deus. Isso e mais: o profeta Eliseu e o profeta Ezequiel tinham realizado milagres e ressuscitado mortos ainda mais do que fizera Jesus, sem mencionar os milagres e as maravilhas de Moisés. Para terminar, o escritor faz zombaria e escárnio do episódio da cruz, lembra como a turba ria do Jesus agonizante na cruz e o insultava com as seguintes palavras: Salve a si mesmo e desça da cruz, e por fim Nestor cita, das escrituras, que todo homem que está pendurado traz consigo uma maldição, como está escrito, “pois o que for suspenso é um maldito de Deus”.

Quando Shmuel contou a Guershom Wald sobre essas afirmações do padre Nestor, e também sobre alguns outros textos judaicos populares na Idade Média, “A vida de Jesus”, “História do pendurado”, e outras reproduções do gênero — Guershom Wald golpeou com suas duas grandes mãos o tampo da mesa e exclamou:

“Repugnante! Totalmente repugnante e degenerado!”

Guershom Wald estava convencido de que nunca houvera um Nestor nem jamais existira nenhum padre que se convertera ao judaísmo, mas que judeuzinhos medrosos e de mente estreita é que tinham escrito todas aquelas abominações porque temiam a força de atração do cristianismo e porque queriam aproveitar a proteção do regime muçulmano e afiar a língua contra Jesus enquanto se escondiam com segurança entre as dobras da túnica de Maomé.

Shmuel discordou dele: não era um fato que no texto da *Controvérsia do padre Nestor* se podia perceber uma boa medida de especialização sobre o mundo do cristianismo, conhecimento dos evangelhos e da teologia cristã?

Mas Guershom Wald descartou de todo essa especialização: “Especialização coisa nenhuma, aqui não há qualquer especialização a não ser talvez todo um pacote de clichês horríveis, desses que estão na boca do populacho nas feiras. O linguajar desses judeus, que vilipendiam Jesus e os que nele creem, se parece como duas gotas d’água com o linguajar infecto de todo tipo de antissemitas que vilipendiam os judeus e o judaísmo”.

“Pois para discutir com Jesus, o nazareno”, disse Wald num lamento, “um homem tem de se elevar um pouco, e não baixar aos esgotos. É claro que se pode, e até se deve, divergir de Jesus, por exemplo na questão do amor universal: será de fato possível que todos nós, sem exceção, possamos amar o tempo todo a todos nós, sem exceção? Será que o próprio Jesus amou a todos o tempo todo? Será que amou, por exemplo, os vendilhões que estavam na entrada do Templo, quando foi dominado pela raiva, foi lá e derrubou, furioso, a mesa deles? Ou quando declarou: ‘Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz,

mas espada’ — será que esqueceu nesse momento o mandamento do amor total e o mandamento de oferecer a outra face? Ou, também, quando ordenou aos apóstolos que fossem ‘prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas’? E especialmente, como em Lucas, quando ordenou que seus inimigos, que tinham se recusado a aceitar seu reino fossem trazidos a sua presença no mesmo dia e executados ante seus olhos? Onde tinha desaparecido naquele instante o mandamento de amar também — e sobretudo — os que nos odeiam? Pois aquele que ama a todos não ama na verdade a ninguém. Ora. Aí está, é assim que se pode discutir com Jesus, o nazareno. Assim, e não com blasfêmias tiradas do esgoto.”

Shmuel disse:

“Os judeus que escreveram esse texto de controvérsia com certeza o escreveram sob a profunda influência do sofrimento causado pelas perseguições e opressões por parte dos cristãos.”

“Judeus como esses”, disse Wald com um riso de nojo, “judeus como esses, se tivessem o poder e o domínio, com certeza iriam perseguir os que acreditam em Jesus e os torturariam barbaramente, talvez não menos do que os cristãos que odeiam Israel perseguiram os judeus. O judaísmo e o cristianismo, e também o Islã, destilam todos eles o néctar da graça, da justiça e da compaixão, mas só enquanto não têm nas mãos algemas, grades, poder, porões de tortura e cadafalsos. Todas essas crenças, e mais aquelas que nasceram nas últimas gerações e continuam até hoje a enfeitiçar muitos corações, todas vieram para nos salvar e rapidamente acabaram derramando nosso sangue. Eu, por mim, não acredito em *tikun-olam*. Ora, não acredito em nenhuma forma de conserto do mundo. Não porque o mundo esteja a meu ver consertado, por certo não está, o mundo é torto e triste e cheio de sofrimento, mas todo aquele que se dispõe a arranjá-lo logo está imerso em rios de sangue. Venha, agora vamos tomar juntos um copo de chá e deixar de lado essas porcarias que você me trouxe hoje. Se ao menos um dia desaparecessem do mundo todas as religiões e todas as revoluções, eu lhe digo — todas, até a última delas, sem exceção —, vai haver muito menos guerras no mundo. O homem, escreveu uma vez Immanuel Kant, não é mais do que um toco de madeira torto e áspero por natureza. E não devemos tentar aplainá-lo, pois podemos rachá-lo até o pescoço, mergulhado em sangue. Ouça a chuva caindo lá fora. Daqui a pouco vamos ouvir o noticiário.”

Do outro lado das persianas cerradas da biblioteca de repente se aquietaram os ventos, a chuva parou, e um silêncio profundo, molhado, veio preencher a cidade que escurecia. Só dois pássaros renitentes tentavam repetidamente pontuar esse silêncio. Guershom Wald descansava, pontiagudo e corcunda, em seu sofá de vime, coberto com uma manta de lã, e folheava devagar um livro estrangeiro em cuja capa Shmuel divisava uns entalhes espiralados dourados. A luz da luminária na escrivaninha lançava em volta do inválido um círculo amarelado e tépido, deixando Shmuel fora dele. O velho já tivera tempo esta tarde de brigar longamente ao telefone com um de seus interlocutores fixos: jogou com insolência na cara do adversário que nem sempre a coerência é uma qualidade da qual alguém pode se vangloriar, não e não, mas a falta de coerência sem dúvida é uma vergonha para seu portador.

Wald e Shmuel já tinham tomado ambos um chá, e mais outro chá, Shmuel alimentara os dois peixinhos dourados no aquário de vidro redondo, e falavam um pouco sobre a decisão do governo jordaniano em Jerusalém Oriental de reter o comboio israelense para a Universidade Hebraica no cercado monte Scopus. Falaram sobre a onda de atentados perpetrados por jovens antisemitas em toda a Alemanha e sobre a decisão da câmara municipal de Berlim de tirar da legalidade as organizações neonazistas. O jornal noticiou que o dr. Nahum Goldmann, presidente da Organização Sionista, declarara que havia nazistas por trás da nova onda de ataques a instituições judaicas na Europa. Depois Shmuel foi até a cozinha, levando consigo o prato de biscoitos vazio, e na volta deu ao velho os remédios vespertinos, para que os tomasse com o último gole do chá.

De repente o homem disse:

“E aí, e sua irmã? Essa de quem você me falou que foi estudar medicina na Itália? Você já comunicou a ela qual é a sua situação?”

“Minha situação?”

“Você veio aqui até nós para supostamente se esconder da vida e eis que aqui sucumbiu ao amor: como quando um homem foge do leão e se depara com um urso. Você já pensou alguma vez, meu jovem amigo, como os ingleses foram precisos quando criaram em sua língua a magnífica expressão ‘caiu no amor’?”

“Eu?”, espantou-se Shmuel. “Mas eu —”

“E quando os ingleses ainda viviam nas copas das árvores, aqui entre nós o mais sábio de todos os homens já sabia que o amor encobre todos os crimes, a saber — sabia muito bem que o amor na verdade está relacionado com um tropeço que leva aos degraus mais baixos, às profundezas do mundo do crime. E

nesse mesmo livro também está escrito: ‘A esperança que tarda deixa doente o coração’. Sua irmã, é mais nova que você? Mais velha que você?”

“Mais velha. Cinco anos. E ela não —”

“Se ela não, quem sim? Pois um homem como você não estende as mãos para os pais quando tem uma queda como essa. Nem para seus professores. Ou talvez seus amigos possam lhe dar apoio: você tem amigos?”

Ao que respondeu Shmuel, que estava querendo mudar logo o assunto da conversa, que seus amigos já tinham se afastado dele, ou melhor, ele havia se afastado deles, porque todo o campo socialista tinha ficado duramente estremecido em consequência da revelação das distorções do regime de Stálin, e entre ele e seus amigos surgiram divergências. Para evitar que o sr. Wald voltasse a falar com ele sobre amor e solidão, Shmuel estendeu-se em descrições detalhadas do grupo de estudos sobre a renovação socialista, que se reunia semanalmente no café encardido no bairro operário até que se dissolvera havia algum tempo por causa dessa cisão. Depois continuou falando sobre o legado deixado por Lênin, e sobre o que Stálin fizera com esse passado, e daí refletiu em voz alta sobre a questão de qual fora o legado deixado por Stálin a seus herdeiros, Malenkov e Mólotov e Bulgánin e Khruschóv. Será que temos o direito de pôr uma lápide sobre uma ideia tão poderosa e desistir de uma vez por todas de ‘consertar o mundo’ só porque o partido lá, na União Soviética, se corrompeu e perdeu o rumo? Será que podemos julgar com demérito a maravilhosa figura de Jesus só porque a Inquisição se arvorou o direito de agir em seu nome?

Guershom Wald disse:

“E além de sua irmã, e além de Lênin e de Jesus, você não tem no mundo ninguém que lhe seja próximo? Não faz mal. Você não é obrigado a responder a essas perguntas. Você é um corajoso soldado no exército dos consertadores do mundo e eu não sou senão uma parte do estrago do mundo. Quando o mundo novo sair vitorioso, quando os seres humanos forem todos honestos e simples e produtivos e fortes e iguais e eretos, com certeza será abolido por lei o direito de existência de pessoas distorcidas como eu, que são do grupo dos que comem e nada fazem e ainda enfeiam tudo com todo tipo de graçolas e brincadeiras sem fim. Ora, até mesmo ela, isto é, Atalia, com certeza será supérflua no mundo puro que se erguerá após a revolução, um mundo que não vai querer viúvas solitárias que não se mobilizam para o conserto do mundo, e só ficam zanzando para cá e para lá, fazendo todo tipo de coisas boas e ruins, despedaçando corações ingênuos no caminho, e por tudo isso elas se beneficiam de dotações fixas que recebem da herança dos pais e também das pensões para viúvas do Ministério da Defesa.”

“Atalia? Viúva?”

“E até mesmo de você, meu caro, eles não vão ter necessidade alguma, nem a sombra de uma sombra de necessidade, depois que finalmente se realizar a

grande revolução do futuro. Pois o que têm eles a ver com a questão de como Jesus é visto pelos judeus? O que têm eles a ver com todo tipo de sonhadores como Jesus? Ou como você? O que eles têm a ver com a questão judaica? O que têm a ver com todas as questões do mundo? Pois eles mesmos são como que a resposta a todas as questões, eles mesmos são o ponto de exclamação definitivo. E eu lhe digo, meu caro, ouça bem, se eu tiver de escolher mil vezes entre o nosso sofrimento, esses antigos tormentos que são seus, meus e de todos nós, e as salvações e redensões do mundo, é melhor que deixem para nós toda a dor e a aflição e guardem para si os seus consertos do mundo, que sempre vêm junto com corrupção, cruzadas ou jihad ou gulag ou guerras de Gog e demagog. E agora, meu amigo, se concordar, de nossa parte vamos fazer com você uma pequena experiência: vamos lhe pedir três obséquios, fechar por favor as persianas, acrescentar querosene ao aquecedor e preparar para nós mais um copo de chá. Então, vamos pedir isso a você — e ver qual vai ser o destino desses três pedidos.”

À noite, em sua cama, encolhia-se sob o cobertor, apagava a luz e ficava olhando o lampejar que vinha dos relâmpagos na parede à sua frente e ouvindo o martelar da chuva e o rolar dos trovões que pareciam golpear com correntes de ferro as telhas do telhado bem perto de sua cabeça, porque a água-furtada era baixa e porque sua cama ficava sob a parte mais baixa do teto inclinado, a ponto de ele poder alcançá-lo com a mão estendida, sabendo que entre a ponta de seus dedos e os titãs na natureza só havia quatro ou cinco centímetros de gesso e, acima dele, as telhas.

A proximidade do frio do vento e da chuva fazia desabar sobre ele uma pesada sonolência, mas ao cabo de meia hora ou uma hora ele despertava, pois lhe parecia ter ouvido, vindo de baixo, o ranger de uma porta ou o som de passos no pátio. Imediatamente se precipitava para a janela, alerta como um gatuno, e olhava através das frestas da persiana para ver se por acaso não seria ela, saindo para a noite. Ou, ao contrário, voltando, e trancando a porta. Sozinha? Ou não sozinha?

Essa possibilidade desencadeava em Shmuel uma onda de ira misturada com autocomiseração e um ressentimento amargo em relação a ela. Ela e os segredos dela. Ela e seus jogos misteriosos. Ela e os homens estranhos que talvez circulem por aqui, entrando e saindo nas noites de vento e de chuva. Ou quem sabe não venham nem circulem, e seja ela quem se esgueira para sair a seu encontro?

Mas, enfim, o que ela deve a você? Só porque você lhe contou tudo quanto é tipo de história infeliz sobre suas desilusões e sobre seu abandono por quem o abandonou e sobre todo tipo de babacas hidrológicos, estaria ela obrigada a lhe contar em troca a história da vida dela ou detalhes sobre seus relacionamentos? Por quê, afinal? O que tem você a lhe propor e que direito tem de esperar dela algo mais do que o salário combinado e algo além das disposições quanto à cozinha e à lavagem de roupa que foram acertadas entre ela e você no dia em que chegou aqui?

E com isso voltava para a cama, encolhia-se, ouvia a chuva ou o profundo silêncio entre uma pancada e outra, adormecia por alguns instantes, acordava com desânimo ou com raiva, acendia a luz de cabeceira, lia três ou quatro páginas sem assimilar o que estava nelas escrito, apagava, virava-se, esforçando-se para abafar os tormentos de seu desejo debaixo do cobertor no escuro, acendia, sentava-se, ouvia o som do ronco de uma motocicleta noturna ao longo das ruínas desertas, todo ele varrido por uma onda de raiva e de ódio dela, e um

pouco também do velho que ela mimava, levantava-se, ficava andando pelo quarto, sentava-se junto à escrivaninha capenga ou sobre a pedra que formava o peitoril da janela profunda, e via, como se tivesse diante de seus olhos, a imagem dela enquanto descalçava lentamente as botas e as meias, o vestido um pouco arregaçado, a linha de suas coxas branquejando para ele de dentro da escuridão, os olhos rindo para ele com sarcasmo. Sim? Perdão? Você queria algo de mim? O que exatamente está lhe faltando ou do que está precisando dessa vez? A solidão está pressionando um pouco? Ou o arrependimento? E de novo corria até a janela, até a porta, até sua pequena quitinete, servia-se de meio copo de vodca barata e tomava de um só gole, como se fosse um remédio amargo, voltava para a cama, amaldiçoando seu desejo e o riso irônico de Atalia, odiando a centelha esverdeada em seus olhos castanhos que zombavam dele, totalmente seguros de seu próprio poder, e seu cabelo escuro a lhe escorrer sobre o seio esquerdo, odiando seus pés descalços e seus joelhos que alvejavam bem diante dele, um joelho após o outro quando descalçava as meias. A chuva tornava a golpear as telhas bem em cima de seu corpo ardente, e o vento castigava as frondes dos ciprestes diante de sua janela, e Shmuel era obrigado a descarregar seu desejo por entre seus dedos e logo era invadido por uma desprezível onda de vergonha e de nojo e jurava que ia deixar aquela casa, o velho doido e a mulher viúva, se é que era viúva, que o torturava sem compaixão. Amanhã mesmo, ou depois de amanhã, iria embora. Ou, o mais tardar, no início da próxima semana.

Mas para onde iria?

Às nove ou às dez da manhã acordava novamente, turvo e todo amarfanhado de uma noite maldormida, os olhos se enchiam de lágrimas de tanta autopiedade, amaldiçoava seu corpo e sua vida, discutia consigo mesmo, Levante-se logo, levante-se de uma vez, seu miserável, levante-se ou a revolução vai logo começar sem você, e implorava a si mesmo por mais dez minutos, ou cinco, virava-se e tornava a adormecer e tornava a acordar e eis que já era quase meio-dia, e às quatro já teria de se apresentar em seu turno na biblioteca, e se por acaso ela, a viúva-negra, entrasse na cozinha para tomar um copo de chá e lá ficasse uns quinze minutos esta manhã, você de novo a deixaria escapar. Agora quem sabe você finalmente se veste e sai de casa para ir atrás de um almoço que também vai servir de café da manhã, e na verdade também de jantar, pois à noite você não vai comer nada além de duas grossas fatias de pão com geleia e os restos do mingau que a vizinha, Sara de Toledo, traz toda noite para Guershom Wald da cozinha dela, mediante o modesto pagamento que Atalia Abravanel combinara com ela.

Certa noite Guershom Wald lhe contou uma história que se passara com um batalhão de cruzados que, no século XI, saíra da região de Avignon em sua jornada até Jerusalém, para resgatá-la das mãos dos infiéis e nela encontrar o perdão para seus pecados e a paz espiritual. Em seu caminho, esse batalhão passou por florestas e estepes, por vilas e aldeias, montanhas e rios. Muitas dificuldades acometeram os portadores da cruz em sua jornada, doenças, e discórdias e fome e combates sangrentos contra bandos de salteadores de estrada e contra outros batalhões armados que também estavam a caminho de Jerusalém em nome da cruz. Mais de uma vez erraram o caminho, mais de uma vez foram assolados pela peste e pelo frio e pela carência, mais de uma vez os atacou uma pungente saudade de casa, mas sempre, todas as vezes, evocaram a visão maravilhosa de Jerusalém, uma cidade que não pertence a este mundo, uma cidade sem maldade e sem sofrimentos, só com a paz terrena e celestial, com um amor profundo e límpido, uma cidade toda banhada da luz eterna da compaixão e da caridade. E assim avançavam por vales áridos, escalavam montanhas nevadas, atravessavam planícies cortadas pelos ventos e desoladas regiões de colinas com vegetação rasteira. Aos poucos seu ânimo foi arrefecendo, a decepção, o cansaço e o desalento corroíam suas hostes, alguns deles se esgueiravam nas noites e começavam a voltar para casa, um a um, alguns perdiam a razão e outros foram tomados pelo desespero e pela indiferença quando perceberam que a ambicionada Jerusalém não era de forma alguma uma cidade, mas pura saudade. E assim mesmo aqueles cruzados continuaram a ir para o Oriente, em direção a Jerusalém, chafurdando na lama e na poeira e na neve, arrastando as pernas cansadas ao longo da margem do rio Pó e para a costa setentrional do mar Adriático até chegarem numa certa tarde de verão, na hora do pôr do sol, a um pequeno vale cercado de altas montanhas em uma região interior da terra que hoje se conhece pelo nome de Eslovênia. Esse vale foi para eles como que a morada de Deus, cheio de fontes e pradarias e pastos verdejantes, coroado de bosques florescentes e vinhedos e pomares em flor, e nele havia uma pequena aldeia construída em torno de um poço, com uma praça calçada com lajes de pedra, e com celeiros e telheiros de telhados inclinados. Rebanhos de ovelhas se espriavam pelas encostas e entre vacas pachorrentas e sonhadoras espalhadas pelo prado aqui e ali gansos perambulavam. Os camponeses da aldeia lhes pareceram tranquilos e serenos, e as moças de cabelos escuros eram sorridentes e roliças. E assim aconteceu que esses cruzados confabularam e finalmente decidiram chamar aquele vale

abençoado de Jerusalém, e nele encerrar sua exaustiva jornada.

Ergueram, pois, um acampamento numa das encostas, em frente às casas da aldeia, deram de beber e de comer a seus cansados cavalos, mergulharam nas águas do riacho, e depois de descansar das aflições da jornada nessa Jerusalém, começaram a construí-la com as próprias mãos: ergueram vinte ou trinta cabanas modestas, separaram e entregaram um pedaço de campo para cada um, abriram caminhos, construíram uma pequena igreja com um belo campanário. Com o passar do tempo foram tomando como esposas moças da aldeia que viviam na parte mais profunda do vale, tiveram filhos que cresceram e que também se divertiam chapinhando nas águas do Jordão, corriam descalços pelos bosques de Belém, galgavam o monte das Oliveiras, desciam a Getsêmani, ao vale de Kidron e Betânia, ou brincavam de esconder entre os vinhedos de Ein Guedi. “E assim eles vivem até hoje”, disse Guershom Wald, “uma vida de pureza e liberdade na Cidade Santa e na Terra Prometida, e tudo isso sem mais derramamento de sangue inocente e sem lutas, sem ter de lutar sem trégua com hereges e inimigos. Vivem na Jerusalém deles em paz e tranquilidade, *ish tachat gafnó veish tachat teenató*, um à sombra de seu vinhedo, outro à sombra de sua figueira. Até o fim de todos os tempos. E você? Para onde você pensa, se é que pensa, em ir ao sair daqui?”

“Você está sugerindo que eu fique”, disse Shmuel, sem ponto de interrogação após a frase.

“Visto que você já está gostando dela.”

“Talvez só um pouco, só da sombra dela, não dela.”

“Mas você só vive mesmo entre sombras, como o escravo suspira pela sombra.”

“Sombras. Talvez. Sim. Mas não tão escravo. Ainda não.”

Certa manhã Atalia subiu à água-furtada e encontrou Shmuel sentado à mesa folheando os papéis que tinha preparado ainda quando esperava concluí-los e entregá-los ao professor Gustav Iom-Tov Eisenshalom, seu trabalho sobre Jesus na visão dos judeus. Ela ficou parada na entrada, uma das mãos na cintura, como uma pastora de gansos no prado, na história de Guershom Wald, uma pastora de gansos junto ao riacho tomando conta de seu bando. Usava um vestido liso de lã cor de pêssego, com uma longa fileira de botões na frente. O botão de cima e o botão de baixo optara por não abotoar. No pescoço, um lenço de seda amarrado num laço borboleta, e em volta da cintura um cinto escuro com uma fivela de madreperla. Ela perguntou, em tom de zombaria, o que tinha acontecido com ele, por que acordara tão cedo, antes do nascer do sol (eram onze e quinze). Shmuel respondeu que para corações partidos não existe sono. Ao que Atalia respondeu que o contrário é que era o correto, pois é sabido que os corações partidos buscam refúgio no sono. Shmuel respondeu que o sono também, como todas as mulheres, bate com a porta na sua cara. Atalia disse que exatamente por isso tinha subido até lá, para abrir-lhe uma porta, isto é — para avisar que esta tarde virão buscar nosso velho para levá-lo de carro para visitar uns amigos no bairro de Rechavia, e por isso Shmuel poderia tirar uma noite de folga.

“E você? Quem sabe também está livre esta noite?”

De novo ela voltou o olhar para ele, fitando-o com seus olhos castanhos com a centelha esverdeada, até que ele foi obrigado a baixar os dele para o chão. O rosto dela estava muito pálido, seu olhar como que passava por ele para se fixar em algo atrás dele, mas o seu corpo vivia e pulsava e seu peito arfava em respirações tranquilas. Atalia disse com palavras precisas:

“Estou sempre livre. E esta noite também estou livre. Você tem algo a propor? Uma proposta tentadora à qual de maneira alguma eu possa resistir?”

Shmuel propôs um passeio. E depois quem sabe um restaurante? Ou um filme? Atalia disse:

“As três propostas foram aceitas. Não exatamente na ordem em que você propôs. Eu convido você para a primeira sessão de cinema, você me convida para o restaurante, e quanto ao passeio — ainda veremos. Estas noites estão frias. Talvez só voltemos a pé para casa, ou seja, um acompanhando o outro. Com certeza vão devolver o Wald entre dez e meia e onze horas, e vamos voltar um pouco antes disso para recebê-lo. Às seis e meia você desce para a cozinha, eu estarei pronta e o esperarei lá. E se por acaso eu demorar, você talvez concorde em me esperar um pouco lá? Não?”

Shmuel gaguejou um “obrigado”. Ficou durante dez minutos junto à janela, tentando com dificuldade digerir sua alegria. Tirou do bolso o inalador e fez duas aspirações profundas, pois com a emoção ficara ofegante. Depois sentou na cadeira em frente à janela e ficou olhando para o pátio, ao qual os pálidos raios de sol davam um brilho molhado. Perguntou a si mesmo sobre o que conversaria esta noite com Atalia. Aliás, o que sabia sobre ela? Que era uma viúva de uns quarenta e cinco anos, filha de Shaltiel Abravanel que tentara divergir de Ben Gurion na época da Guerra de Independência e fora afastado de seus cargos e posições, e ela agora estava aqui nesta casa antiga e enclausurada com o inválido Guershom Wald que se refere a ela como a “senhora dele”. Mas que relação havia entre os dois? A qual dos dois pertence agora esta casa, sobre cujo portão de ferro estão gravadas as palavras CASA DE IEHOIACHIN ABRAVANEL HI'V PARA DIZER QUE DEUS É JUSTO? Será que Atalia, assim como ele, não é senão uma inquilina de Guershom Wald? Ou seria Wald o inquilino de Atalia? E quem é Iehoiachin Abravanel? E qual a natureza da proximidade entre o velho inválido e essa mulher forte, que vem penetrar seus sonhos durante as noites? E quem tinham sido seus antecessores na água-furtada, e por que haviam sumido daqui? E por que o tinham feito assinar uma obrigação de guardar em segredo este seu trabalho?

Shmuel decidiu investigar uma a uma todas essas questões e, com o passar do tempo, encontrar uma resposta satisfatória para cada uma delas. E enquanto isso tomou um banho de chuveiro, polvilhou o rosto com talco de bebê, trocou de roupa e tentou, em vão, pentear um pouco sua barba encaracolada. Essa barba continuou renitente e ainda era uma barba desgrenhada mesmo depois de ser penteada. Shmuel disse a si mesmo baixinho: É uma pena. Não adianta.

Na Idade Média já se ouviam aqui e ali algumas vozes judaicas que se opunham à grosseria das histórias que enxovalhavam Jesus, como a voz do rabi Guershom Hacohen na introdução a seu livro *O terreno do legislador*, no qual diz que as difamações de Jesus não são mais do que “coisas estúpidas e vãs que um homem culto deveria se envergonhar de carregar nos lábios” (apesar de *O terreno do legislador* também procurar contestar a validade das histórias do Novo Testamento). O rabi Iehudá Halevi, em seu *Livro do Kuzari*, escrito no século XII, pôs na boca de um sábio cristão a história do nascimento divino de Jesus, os principais eventos de sua vida e a ideia da Santíssima Trindade. Tudo isso o sábio cristão conta para o rei dos Kazares, que não se convence e não adota a fé cristã porque toda a história lhe parece estar longe da lógica e do senso comum. Deve-se ressaltar que aqui, no *Livro do Kuzari*, rabi Iehudá Halevi apresenta em resumo a história da vida de Jesus sem falsificações, sem zombaria e até, em certa medida, de modo bem convincente.

Quanto a Maimônides, também do século XII, em seu *Mishne Torá* ele descreve Jesus como um falso profeta e mesmo assim acha que o cristianismo representa um passo correto no caminho da humanidade, do paganismo para a crença no Deus de Israel. Em seu livro *Carta do Iêmen*, Maimônides afirma que o pai de Jesus era estrangeiro, e sua mãe, israelita, e que o próprio Jesus não participava de tudo o que diziam e faziam seus discípulos em todas as lendas com que o cercaram após sua morte. Maimônides chega mesmo a afirmar que os sábios de Israel da geração de Jesus teriam participado de sua execução.

Ao contrário dos escritores que atacaram a memória de Jesus enquanto viviam em terras muçulmanas, Radak (rabi David Kimchi) atuou na Provença cristã. No *Livro da aliança*, cujo texto é atribuído a Radak, se encontram ecos das divergências teológicas que tiveram lugar no seio do próprio mundo cristão: entre os sábios cristãos houve os que adotaram a interpretação de que Jesus era a corporificação da divindade, em carne e osso, enquanto outros pensavam que Jesus era espírito e não carne, e que por isso, enquanto no ventre da mãe, nada comera ou bebera. Radak faz pouco caso desse argumento e trata amplamente do paradoxo concernente à existência de um feto que não é de carne e osso dentro de uma mulher que é de carne e osso: “[Jesus] saiu do lugar que se conhece, pequeno como todos os pequeninos, fazendo suas necessidades, urinando como todas as crianças, e não fez nenhum milagre até descer com seu pai e sua mãe para a terra do Egito, onde aprendeu muitas artes [magias] e depois de subir à terra pura do cervo [a Terra Prometida] é que fez os milagres

descritos em seus livros, e tudo isso devido às artes que aprendeu no Egito”, escreve Radak em seu *Livro da aliança*. Isso e mais: se Jesus não tivesse sido de carne e osso, alega Radak, seria impossível ele morrer na cruz.

Que coisa estranha, anotou Shmuel num pedaço de papel em separado, que enquanto esses judeus se digladiam o tempo todo com as histórias sobrenaturais que cercam a ascendência e o nascimento de Jesus, sua vida e sua morte, eles teimam em evitar qualquer enfrentamento espiritual ou moral com seus evangelhos. Como se lhes bastasse contestar seus sinais e esconder seus milagres, e como se com isso o próprio evangelho desaparecesse como se nunca tivesse existido. E era estranho que em nenhum desses escritos houvesse alguma menção a Judas Iscariotes. Pois se não fosse Judas Iscariotes talvez não tivesse havido crucificação, e sem crucificação não haveria cristianismo.

O ar noturno estava frio e seco, e as ruelas, desertas, envoltas numa fina mortalha de neblina leitosa, que se espessava um pouco em volta do lampião de rua. Aqui e ali um gato cruzava seu caminho, correndo de uma sombra à outra. Atalia estava toda encolhida num casaco escuro, só sua delicada cabeça sem proteção. Enquanto Shmuel vestia seu casaco de estudante, um casaco áspero com laçadas de corda à guisa de casas de botões, e seus rudimentares botões de madeira, e com seu gorro *chapka* cobrindo a cabeça e sombreando a testa. Só a barba espessa se lançava, desgrenhada, à sua frente. Era-lhe difícil refrear seus passos apressados e desenfreados e ajustá-los às passadas discretas de Atalia. De quando em quando ele se adiantava a ela, envergonhava-se dessa sua pressa e se detinha por um instante, esperando por ela. Atalia disse:

“Para onde você está correndo?”

Shmuel apressou-se a se desculpar:

“Perdão, estou habituado a caminhar sozinho, e quando caminho sozinho estou sempre apressado.”

“Apressado para ir aonde?”

“Não sei. Não tenho ideia. Perseguindo minha própria cauda.”

Atalia cruzou seu braço no dele e disse:

“Esta noite você não vai persegui-la. E tampouco estão perseguindo você. Esta noite você está caminhando comigo. E vai caminhar no meu ritmo.”

Shmuel sentiu que tinha de despertar o interesse dela, ou entretê-la, mas a visão da ruela deserta sobre a qual pairavam varais de secar roupa e varandas vazias, e que um lampião solitário iluminava com uma luz turva, lhe provocou uma sensação opressiva e ele não encontrou palavras. Apertou de encontro às costelas o braço que ela cruzara com o seu, como a lhe prometer que tudo ainda estava em aberto. Ele agora sabia que ela o tinha sob seu domínio e que podia levá-lo a fazer quase tudo o que lhe pedisse. Mas não sabia como começar a conversa que no íntimo ele já mantinha com ela havia algumas semanas. Quando Atalia lhe disse que esta noite ele teria de andar no ritmo dela, pensou que seria melhor para ele esperar que ela resolvesse começar a falar. Ela ficou calada, e só uma ou duas vezes rompeu o silêncio para mostrar uma ave noturna que passava bem por cima deles, ou para adverti-lo quanto a um monte de ferrovelho sobre a calçada com que ele, em sua pressa, quase tinha colidido.

Enquanto isso passaram pela rua Ussishkin e pelo espaço em frente à deserta Casa do Povo, e continuaram em direção ao centro da cidade. Aqui e ali cruzaram com transeuntes encolhidos, casais abraçados e também duas

velhinhas vagarosas que pareciam estar congelando de frio. O frio era seco e mordente, e Shmuel virou a cabeça, tentando aspirar para seus pulmões o sopro da expiração de Atalia, embora com medo de se aproximar demais, pois não se sentiu seguro quanto ao cheiro do próprio hálito. Andavam de braços dados, e Shmuel sentiu de repente um agradável arrepio nas costas. Já fazia muito tempo que uma mulher não o tocava. Já fazia muito tempo que um ser vivo não o tocava. As paredes de pedra das casas de Jerusalém devolviam as luzes dos faróis dos carros e como que irradiavam de dentro delas uma palidez fria. Atalia disse:

“E você quer tanto me fazer perguntas. Está todo cheio de perguntas. Olhe para você mesmo: parece ser, você inteiro, um ponto de interrogação itinerante. Então está bem. Pare de se torturar. Pergunte. Eu lhe concedo uma cota de três perguntas.”

Shmuel disse:

“Que filme vamos ver?”, e de repente, num impulso que não conseguiu controlar, falou: “Wald diz que você é viúva”.

Ao que Atalia respondeu, numa voz controlada, e também quase com suavidade:

“Eu fui casada durante um ano com Micha, que era o filho único de Guershom Wald. Depois Micha foi morto na guerra. Micha foi morto na guerra e nós ficamos sozinhos. Wald é meu ex-sogro. Um dia fui nora dele. Eu e você estamos indo agora assistir a um filme francês. Um filme de suspense com Jean Gabin, no Cinema Orion. Mais alguma coisa?”

Shmuel disse:

“Sim.”

Mas nada acrescentou, e sim puxou seu braço do dela e abraçou seu ombro por cima dos dois casacos. Ela o deixou fazer isso mas não devolveu o abraço nem se recostou nele. Ele se sentia atraído por ela, mas não conseguia falar.

Dentro do Cinema Orion fazia muito frio, e os dois não tiraram os casacos. Metade da sala estava vazia, pois era a terceira semana de exibição do filme. Antes do filme foi exibido um cinejornal no qual se viu um David Ben Gurion enérgico, saltitante, maciço, vestindo uma roupa cáqui simples, subindo agilmente num tanque de guerra. Depois foi mostrado um bairro pobre na periferia de Tel Aviv, cujas casas tinham sido invadidas pela água devido às inundações do inverno. No fim, viram a cerimônia em que fora eleita miss Carmel, e de novo Shmuel pôs seu braço envolvido no casaco em torno do ombro do casaco de Atalia. Que não reagiu. Quando terminaram os trailers de “em breve” e “na próxima semana”, ela mudou sua postura e, como por acaso, afastou o braço dele. Jean Gabin foi perseguido pelos inimigos até parecer não restar qualquer esperança, mas ele não perdeu nem por um instante o sangue-frio e o autocontrole. Tinha uma firmeza irônica, uma firmeza cética mesclada a

uma fria obstinação que provocaram a inveja de Shmuel, até que se inclinou e perguntou a Atalia num sussurro se ela desejaria para si mesma um homem como Jean Gabin. Ao que ela respondeu que não alimentava nenhum desejo, para quê? Os homens lhe parecem quase sempre infantis e totalmente dependentes de um constante fluir de sucessos e vitórias, sem os quais eles azedam e degeneram. Shmuel ficou calado e desiludido, pois tinha compreendido que a mulher a seu lado se fechara para ele. Seus pensamentos se dispersaram, e ele parou de acompanhar o que se passava no filme, e mesmo assim às vezes vislumbrava que Jean Gabin se relacionava com as mulheres, principalmente com a heroína do filme, com certa dose de fina zombaria paternal, embora não desprovida de calor. Esse tipo de zombaria Shmuel queria adotar para si mesmo também, mas sabia que não tinha o perfil necessário, nem estava a seu alcance. Seus olhos se encheram de repente, no escuro, de lágrimas de compaixão por si mesmo, por Atalia, por Jean Gabin, pelos homens infantis, pela própria e complicada existência de dois sexos diferentes no mundo. Lembrou-se do que Iardena lhe havia dito quando o deixara e decidira casar com Neshar Sharshavsky, seu obediente hidrologista: Você, assim lhe dissera, ou é um tipo de cãozinho excitado, barulhento, espevitado, se esfregando, e até quando está sentado na cadeira é como se de alguma forma estivesse girando atrás do próprio rabo, ou você, ao contrário, fica dias inteiros enfiado na cama como um cobertor de inverno que não se areja nunca.

E intimamente concordou com ela.

Depois do filme Atalia o levou a um restaurante que não era caro, um pequeno restaurante oriental onde havia poucos clientes. As mesas eram cobertas com toalhas de oleado. Nas paredes do restaurante estavam pendurados um retrato de Herzl apoiado no corrimão de uma varanda na Basileia, um do presidente Ben-Zvi e um de David Ben Gurion. Além desses, havia um desenho imaginário do Templo, que parecia um pouco com o cassino de Monte Carlo, que Shmuel vira uma vez num cartão-postal colorido. Nos vidros que protegiam esses retratos se espalhavam muitos pontinhos deixados pelas moscas. O halo de luz amarelada projetada pela luminária do balcão saltitava e tremeluzia na barba preta de Herzl. Do teto do restaurante pendiam três grandes ventiladores, um deles coberto de teias de aranha. Shmuel tirou do bolso o inalador, pois sentira de repente sua respiração ofegar. Depois de duas ou três inalações sentiu-se melhor. Em vez de seus grandes brincos de madeira, Atalia usava agora um par de delicadas gotas de prata. Os dois conversaram um pouco sobre o cinema francês em comparação com o americano, e sobre as noites de Jerusalém em comparação com as noites de Tel Aviv. Subitamente Shmuel disse:

“Antes, a caminho do cinema, você me permitiu fazer três perguntas, e eu já as desperdicei. Quem sabe você me permita só mais uma pergunta?”

Atalia disse:

“Não. Sua cota de perguntas já foi preenchida por hoje. Agora é minha vez de perguntar. Diga-me, não é verdade que você foi um menino muito mimado?”

E logo respondeu ela mesma:

“Não precisa me responder. A resposta seria supérflua.”

Mas Shmuel começou a contar sobre sua infância. No início, pouca coisa, e cheio de hesitação, como se temesse cansá-la, e depois voltou ao que já havia contado, dessa vez com entusiasmo, com a respiração entrecortada, em frases sobrepostas, como se estivesse cassando sua própria palavra para começar tudo de novo, só para tornar a interromper repetidas vezes o que estava contando e recomençar a partir de outra perspectiva. Tinha nascido e crescido em Haifa, no bairro de Hadar HaCarmel, para ser mais exato tinha nascido em Kiriat Motzkin, e quando estava com dois anos de idade a família saiu de lá para morar de aluguel em Hadar HaCarmel, ou não tinha, de fato, saído, mas todos foram obrigados a se mudar porque o barracão de madeira em que moravam em Kiriat Motzkin tinha se incendiado. Foi devorado pelo fogo às duas da madrugada, por causa de um candeeiro a querosene que virou. Esse incêndio era, na verdade, a primeira coisa de que se lembrava, embora não houvesse como saber o que era exatamente uma lembrança e o que era a lembrança de uma lembrança. Isto é, uma lembrança nebulosa e confusa que fora reforçada e mantida em sua vida com as histórias que seus pais e sua irmã contavam ao longo de muitos anos. Talvez tenha de recomençar do princípio: essa casa de madeira seu pai construíra com as próprias mãos quando chegou ao país vindo da Letônia, em 1932. Ele viera de Riga, onde tinha estudado no Instituto de Cartografia e aprendera a desenhar mapas. O pai imigrara com vinte e dois anos de idade, junto com o pai dele, com o avô Antek, que já tinha então quarenta e cinco anos e assim mesmo os ingleses o aceitaram, o avô, como guarda não fardado na polícia do mandato, porque era um grande especialista em falsificação de documentos. Esse era o avô que depois foi assassinado pelos homens da organização secreta, porque tinham-no considerado um traidor e não sabiam que na verdade ele falsificava documentos para eles também. Mas como é que chegamos ao vovô Antek, se estávamos falando do incêndio no barracão? É isso que sempre acontece comigo. Começo a contar uma coisa e um minuto depois aparecem outras histórias e elas prevalecem sobre aquela primeira e estas outras histórias também estão mergulhadas em coisas anteriores, cada coisa vindo como para explicar uma anterior, até que tudo fica confuso. Quem sabe falamos um pouco de você?

Atalia disse:

“Mimaram você.”

Seus pais absolutamente não o haviam mimado na infância, talvez apenas tivessem se espantado com ele. Mas Shmuel não a contestou. Ele dobrou um guardanapo de papel na diagonal e de novo dobrou em dois fazendo suas orelhas

precisas e dobrou e esticou e soltou e eis que de novo surgiu pelas dobras um barquinho de papel que ele fez navegar sobre a mesa até ancorar junto ao garfo de Atalia. Ela pegou um palito do paliteiro espiralado que estava no centro da mesa e o espetou no meio da vela do barquinho, como um mastro, e fez navegar o barquinho assim aprimorado em toda a largura da mesa até ele roçar num leve, quase imperceptível, toque na mão de Shmuel. Enquanto isso veio o garçom, um rapaz meio encurvado de bigode espesso, as duas sobrancelhas se juntando no alto do nariz, e sem que lhe pedissem pôs diante deles pães árabes, tahine, homus, azeitonas, picles, folhas de parreira recheadas com carne e uma salada verde picada em pedacinhos muito pequenos e brilhando de tanto azeite. Atalia pediu espetinhos de frango. Shmuel hesitou um pouco e pediu espetinhos de frango também. A sua pergunta, se ela também ia beber vinho, Atalia respondeu com um sorriso cheio de humor: naquela época não se costumava pedir vinho em restaurantes orientais em Jerusalém. Ela pediu apenas água gelada. Shmuel disse “O mesmo para mim”, e tentou fazer graça com seus pedidos iguais. A graça não foi engraçada, e ele a repetiu de outra maneira até que Atalia lhe sorriu um sorriso que começava nos cantos dos lábios e se espalhava tardiamente pelos cantos dos olhos, e disse-lhe que não se esforçasse tanto, não era necessário, ela estava se divertindo assim também.

Depois da mudança para Hadar HaCarmel quando Shmuel tinha dois anos de idade, o pai começou a trabalhar no escritório de topografia do governo. Ao cabo de alguns anos abriu, em sociedade com um húngaro magro chamado László Vermesh, uma firma particular de mapeamento e fotografia aérea. A residência em Hadar HaCarmel era pequena, dois aposentos apertados e uma cozinha cujo teto estava sempre coberto de fuligem oriunda de uma lamparina e de um aquecedor Primus a querosene. Quando sua irmã Miri completou doze anos os pais tiraram Shmuel do quarto que ele dividia com ela e puseram sua cama no corredor. Lá ele ficava durante horas deitado de costas olhando para as teias de aranha que havia por cima do tosco guarda-roupa. Era impossível convidar amiguinhos para lá, porque o corredor era escuro e porque na verdade quase não tinha amigos. Mesmo agora, acrescentou e sorriu de dentro da espessura de sua barba, quase não tem amigos, a não ser a namorada que o havia deixado e se casado de repente com um próspero hidrologista chamado Neshar Sharshavsky. E fora os seis participantes do grupo de estudos da renovação socialista, que se havia cindido em duas facções, a ala da maioria e a ala da minoria. Após a cisão, o grupo perdeu a graça, principalmente porque as duas garotas tinham decidido ficar na ala da maioria.

Shmuel via a mão de Atalia pousada sobre a mesa bem em frente a ele, e, como num sonho, estendeu os dedos para ela. No meio do caminho voltou atrás. Ela era muitos anos mais velha que ele, e ele ficou com vergonha dela e com medo de parecer ridículo. Ocorreu-lhe que Atalia, com a idade que tinha,

poderia ser sua mãe. Ou quase. De uma só vez parou de falar. Como se tivesse de repente percebido que havia exagerado, e que aquilo não tinha o menor sentido. Só muito raramente sua mãe o tocara em toda a infância. Em geral não prestava atenção ao que ele dizia, pois seus pensamentos vagavam por outros lugares. Atalia disse:

“Agora você não sabe muito bem como deve continuar. Não hesite. E tampouco fique falando o tempo todo. Não é necessário. Esta noite não vou fugir de você mesmo se você às vezes parar de falar. Na verdade, para mim é agradável estar com você exatamente porque você não é um caçador. Quer café?”

Shmuel começou a explicar que não tomava café à noite porque tinha dificuldade em adormecer, e no meio da frase se arrependeu e disse que sim, por que não, se ela queria tomar, ele também tomaria café. A irmã mais velha, Miri, que estuda medicina na Itália, tinha enchido sua cabeça com a ideia de que não se devia tomar café à noite, na verdade, nem pela manhã. Quando era pequeno ela mandava nele porque sabia sempre o que estava certo e o que não estava. Sabia isso ainda mais do que o pai. Sempre tinha razão, em todas as discussões. Mas como é que chegamos de repente a falar sobre Miri? Sim. Vamos tomar café, e até vou tomar um copinho de áraque. Quem sabe você também quer?

Atalia disse: “Vamos tomar café. O áraque, por favor, deixemos para outra vez”.

Shmuel abriu mão. Enquanto vasculhava em seu bolso, Atalia pagou a conta. Depois, na volta para casa, um gato cruzou a ruela numa corrida assustada e desapareceu num dos quintais. Espessos vapores de neblina envolviam o lampião de rua. Shmuel disse que às vezes acontecia de ele ficar falando coisas sem sentido em vez de dizer o que de fato queria. Atalia não respondeu e ele se encheu de coragem e pousou o braço no ombro dela, pressionando-o contra o seu ombro. Os dois vestiam casacos de inverno e por isso esse contato quase não era um contato. Atalia não tirou o braço dele, e desacelerou um pouco seus passos. Shmuel procurou e não encontrou o que ainda pudesse lhe dizer. Na escuridão seu olhar buscou o rosto dela para tentar decifrá-lo mas não conseguiu enxergar mais que uma sombra delicada que lhe pareceu de repente imersa numa tristeza serena à luz do lampião. Por fim disse:

“Veja como aqui está deserto. Jerusalém numa noite de inverno é realmente uma cidade abandonada.”

Atalia disse:

“Basta. Não se esforce o tempo todo para achar o que me dizer. Podemos andar juntos sem falar também. Eu quase ouço você também quando está calado. Embora você não fique calado tantas vezes assim.”

E depois, quando chegaram em casa, disse: “Foi uma noite agradável.

Obrigada. Boa noite. O filme não foi nada mau”.

Guershom Wald riu e disse:

“Em gerações passadas havia *avrachim* que perguntavam ao noivo no dia seguinte à noite nupcial: *descobriu* ou *encontrou*? Se respondia *descobriu*, eles compartilhavam sua tristeza, e se respondia *encontrou*, alegravam-se com ele.”

Shmuel perguntou:

“Ou seja?...”

“A palavra *descobriu* sinaliza um versículo que diz ‘e descobri que a mulher é mais amarga do que a morte’, e *encontrou* remete ao versículo ‘encontrar uma mulher é encontrar a felicidade’. E você? *Descobriu* ou *encontrou*?”

Shmuel disse:

“Eu ainda estou procurando.”

Wald ficou olhando para ele com o queixo inclinado, como a escutar palavras que não tinham sido ditas, e disse:

“Ouça, para o seu bem. Você, se conseguir, não vá se apaixonar por Atalia. Não vale a pena. Mas, na verdade, quem sabe eu já cheguei atrasado?”

Shmuel disse:

“Por que você se preocupa comigo?”

“Talvez porque há algo em você que nos toca o coração: um formato de homem das cavernas com uma alma tão a descoberto quanto um relógio de pulso do qual alguém tenha tirado a cobertura de vidro. E se você simpatizou um pouco comigo, por favor, sirva para nós dois um copo de chá. Depois ligue, por favor, o gramofone e vamos ouvir agora um quarteto de Mendelssohn. Talvez você tenha notado que de vez em quando, entre os sons de Mendelssohn, se esgueira uma espécie de eco agridoce, um eco pungente de uma antiga melodia judaica.”

Shmuel refletiu um pouco sobre o que dissera Guershom Wald. Não se apressou em concordar. Entre o punhado de discos que tinha trazido consigo não havia nada de Mendelssohn. Ele tinha algumas obras de Bach, e mais três ou quatro discos da época barroca, o *Réquiem* de Mozart, o *Réquiem* de Fauré, sete ou oito discos de jazz e de canções, e um disco de músicas revolucionárias da época da guerra civil espanhola. Ele disse:

“Mendelssohn. Sim. Música sentimental demais para o meu gosto.”

Guershom Wald riu:

“Mas você mesmo é um rapaz tão sentimental.”

Shmuel não respondeu a isso, e sim levantou-se e dirigiu-se à cozinha para esquentar o mingau do velho que fora preparado pela vizinha, Sara de Toledo.

Ligou a chapa elétrica, pôs sobre ela a panela com o mingau, mexeu um pouco com uma colher, esperou três ou quatro minutos, mergulhou a ponta da colher no mingau e o provou, acrescentou uma colher de açúcar, mexeu mais um pouco, polvilhou tudo com um pouco de pó de canela, desligou a chapa, verteu o mingau da panela num prato e levou o prato para o quarto. Lá ele estendeu uma toalha de cozinha sobre a escrivaninha diante do velho, serviu-lhe o mingau e esperou. O sr. Wald comeu sem vontade enquanto os dois ouviam o noticiário da noite. O comandante da força de paraquedistas franceses na Argélia, um general chamado Jacques Massu, recebera ordem de voltar imediatamente para Paris. Corriam boatos na capital francesa de que o general De Gaulle estava prestes a fazer uma surpreendente declaração em relação ao futuro da Argélia. O general Massu dissera a jornalistas no aeroporto que possivelmente o exército tinha cometido um erro quando decidira se apoiar em De Gaulle após a revolta da facção de direita na Argélia, dois anos antes.

Guershom Wald disse:

“Todo aquele que tem olhos na cabeça já devia saber como isso ia terminar lá. A corda foi atrás da caçamba.”

Shmuel disse:

“Milhares de pessoas ainda vão morrer.”

A isso o velho não respondeu. Ele olhou para Shmuel, o olho esquerdo apertado e o direito arregalado, como se tivesse descoberto naquele momento um novo traço em sua figura.

Subitamente Shmuel se admirou de que em toda essa biblioteca, com muitas prateleiras e suas centenas de livros, não havia um só retrato de Micha, o filho morto de Guershom Wald, seu filho único, Micha, que tinha sido marido de Atalia. Será que Atalia o escolhera porque tinha alguma semelhança com seu pai? Será que Atalia e o marido haviam morado juntos aqui, no quarto dela, antes da tragédia? Com certeza um dia também existira uma mãe. Tanto esse Micha quanto Atalia teriam tido uma mãe? De repente Shmuel se encheu de coragem e formulou a pergunta:

“Seu filho. Micha?”

O velho contraiu-se na cadeira, as feias mãos, que estavam pousadas sobre a escrivaninha, foram recolhidas num movimento brusco para seu colo, seu rosto ficou cinzento e ele fechou os olhos.

“Você permite que eu pergunte quando ele morreu? E como?”

Wald não se apressou a responder. Seus olhos permaneceram fechados como se ele estivesse forçando muito a memória, como se a resposta lhe exigisse uma tremenda concentração. O copo de chá vazio ainda estava na escrivaninha diante dele, e ele o segurou com seus dedos fortes, movimentando-o de um lugar para o outro, e depois de um instante se arrependeu e o devolveu num movimento muito lento a sua posição anterior. Sua voz ao responder era seca e rasa:

“Na noite de 2 de abril de 1948. Nos combates de Shaar HaGai.”

E com isso calou-se. E continuou em silêncio por um longo período. Até que de repente se sacudiu, seus ombros tremeram, e dessa vez sua voz era grave e baixa, quase um sussurro:

“Agora você precisa alimentar os peixes no aquário. Está na hora. Depois disso me deixe. Suba, por favor, para o seu quarto.”

Shmuel tirou o prato de mingau do qual o velho quase não provara e a toalha de cozinha, pediu desculpas pela pergunta, desejou-lhe uma boa-noite, demorou um pouco na cozinha comendo sua porção de mingau, que enquanto isso esfriava, lavou os pratos na pia e subiu para a água-furtada. Tirou os sapatos e ficou alguns instantes sentado na cama, as costas apoiadas na parede, e se perguntou por que não se levantava e não empacotava amanhã mesmo suas poucas coisas e ia para um lugar totalmente diferente. Quem sabe encontrasse um emprego como guarda-noturno nas montanhas de Ramon, no Neguev, onde estava se erguendo uma nova cidade no deserto? Esta casa na extremidade da travessa do Rav Alvez parecia-lhe de repente uma prisão onde a cada dia ele se cobria mais e mais de limo. O velho inválido com suas gracinhas e suas citações e com seu luto solitário, e a mulher com o dobro de sua idade esta noite lhe pareceram ser dois carcereiros que o mantinham lá como que com cordas mágicas, mas dessa mágica ele teria forças para se livrar se apenas se levantasse e rasgasse a rede de teias invisíveis em que o haviam apanhado. Será que neles encontrava um substituto tardio de seus pais? Mas se ele tinha vindo para Jerusalém com a intenção de se afastar de uma vez por todas dos pais. Já fazia semanas que não trocava uma só palavra com nenhum jovem de sua idade. E que não tinha dormido com uma mulher.

Ele se levantou, despiu-se, lavou-se, mas, em vez de ir deitar, permaneceu ainda por meia hora no peitoril da janela, forrado com almofadas, enrolou-se em seu cobertor de inverno e ficou olhando para o pátio com calçamento de pedra. O pátio estava gelado e abandonado. Nem um gato passava por lá. Uma luz mortíça que vinha do lampião de rua iluminava a tampa de ferro da cisterna e os vasos com gerânios. Shmuel disse a si mesmo que já era hora de deitar para dormir, e de fato ao cabo de dez minutos se enfiava na cama, vestindo suas roupas íntimas, mas o sono não veio. Em lugar do sono, passaram por ele imagens da infância e se misturaram com pensamentos sobre Iardena e sobre Atalia. Essas duas mulheres provocavam nele raiva e tristeza e também o forte pulsar do desejo. Ele se virava de um lado para o outro e não conseguia adormecer.

Shmuel recebeu uma carta dos pais. A água da chuva tinha penetrado na caixa de correio de Guershom Wald e de Atalia Abravanel, e algumas linhas da carta haviam ficado um pouco embaçadas, pois a tinta desbotara com a umidade. Seu pai escrevia:

Querido Shmuel, estou aqui sentado e de luto pela interrupção de seus estudos na universidade. Que desperdício terrível de esforço e de talento! Nos seus primeiros anos de estudo você nos trazia notas altas e até uma promessa (verdade, não uma promessa definitiva) do professor Eisenshalom, que lhe disse uma vez que, se você perseverasse em seu trabalho e fizesse nele algumas mudanças e atualizações, havia a possibilidade de depois que você terminasse a pós-graduação lhe fosse dado um emprego como assistente de ensino, isto é, um primeiro passo para a Academia. E agora, de um golpe só, você veio e acabou com essa possibilidade. Sei, meu querido Shmuel, que sou eu o culpado de tudo. Não fosse a falência da companhia (que aconteceu por causa da vileza de meu sócio mas um pouco também por culpa de minha burrice e de minha cegueira), eu continuaria a financiar seus estudos, sua moradia e seu sustento, e o faria de mão aberta, como fiz desde o início, quando você foi para a universidade, da mesma forma como dei suporte aos estudos de sua irmã na Itália. Mas não existe mesmo nenhuma possibilidade de você combinar o seu trabalho atual com a continuação dos estudos? Não há uma saída [e aqui havia duas ou três linhas que foram apagadas por terem ficado molhadas] os estudos? Você não vai conseguir manter seus estudos e seu sustento com o salário de seu trabalho? Olhe como a Miri continua, apesar de tudo, a estudar medicina na Itália, não interrompeu os estudos apesar de termos sido obrigados a deixar de ajudá-la. Ela trabalha agora em dois empregos, como auxiliar numa farmácia à tarde e como telegrafista na agência central do correio à noite. Ela se contenta, assim nos escreveu, com quatro ou cinco horas de sono por dia, mas os estudos ela não abandonou e continua agarrada a eles com unhas e dentes. E você não pode tomar Miri como exemplo? Você está trabalhando, assim nos escreveu, cinco ou seis horas por dia. Não nos contou quanto estão lhe pagando aí, mas contou que a moradia e a alimentação são cobertas pelos empregadores. Quem sabe se, com algum esforço, você poderia acrescentar a essas cinco ou seis horas mais algumas horas de outro emprego, e então poderia financiar a continuação de seus estudos. Não ia ser fácil para você, mas desde quando uma pessoa obstinada como você recua diante de dificuldades? E você é um socialista por convicção, um proletário, um trabalhador! (Aliás, você não nos explicou que ligação existe entre o sr. Wald e a sra. Abravanel. São um casal? Ou pai e filha? Tudo aí com você está envolto num denso mistério, como se estivesse trabalhando em alguma instalação militar

secreta.) Em sua única carta até agora, você foi muito lacônico nos detalhes. Só contou que fica conversando no fim da tarde e início da noite com o velho inválido, e às vezes lê para ele algum livro. Esse trabalho parece a mim, se me permite dizê-lo, fácil e não cansativo. Você poderá sem dificuldade encontrar em Jerusalém mais um emprego remunerado, e com as remunerações [aqui havia de novo algumas linhas desbotadas por terem sido molhadas]. Permita-me acrescentar aqui, com cautela: é possível que nos próximos meses possamos nós também voltar a ajudar você com quantias modestas. Verdade que muito longe do nível de apoio que lhe demos antes da falência, mas assim mesmo é melhor do que nada. Eu lhe peço, meu querido Shmuel, e até lhe imploro: até agora você só perdeu algumas semanas do ano letivo. É possível, com um esforço que você decididamente é capaz de fazer, preencher essa lacuna e voltar com todo o ímpeto aos estudos. O tema que você escolheu para seu trabalho de pós-graduação, “Jesus na visão dos judeus”, está muito distante de mim, e o acho até estranho. Na cidade em que nasci, Riga, era costume nós, judeus, desviarmos o olhar toda vez que passávamos pela imagem do crucificado. Você me escreveu uma vez que a seu ver Jesus era carne de nossa carne, gente de nossa gente. Para mim é muito difícil aceitar isso: quantas condenações, quantas perseguições, quanto sofrimento, quanto sangue inocente nossos inimigos derramaram em nome desse mesmo homem! E você, Shmuel, vem de repente, cruza todas as linhas e se posta, sabe-se lá por quê, do outro lado da barricada, exatamente ao lado desse mesmo homem. Mas eu respeito sua escolha, embora não compreenda o porquê dela. Assim como respeito sua atividade voluntária num desses grupos socialistas, apesar de eu estar muito afastado do socialismo e ver nele uma tentativa cruel de impor a igualdade aos homens. A mim parece que a igualdade contradiz a natureza do homem devido ao simples fato de que os homens não nascem iguais e sim diferentes uns dos outros, e na verdade até muito estranhos uns aos outros. Você e eu, por exemplo, não nascemos iguais. Você é um rapaz talentoso e eu sou um homem simples. Pense, por exemplo, na diferença que há entre você e sua irmã: ela é tranquila e contida e você, agitado e emotivo. Mas não estou à altura de divergir de você em política etc. Você não herdou de mim seu entusiasmo e sua dedicação. Afinal você vai agir como quiser. Você sempre fez tudo o que quis. Por favor, meu querido Shmuel, escreva-me logo que você está procurando e encontrando mais uma ocupação para que possa voltar aos estudos. Os estudos são o verdadeiro objetivo de sua vida. Você não tem direito de traí-lo. Sei muito bem que não é fácil trabalhar, sustentar-se e financiar os estudos tudo ao mesmo tempo. Mas se nossa Miri consegue — com certeza você também poderá. Obstinação você tem de sobra, e pelo visto isso você herdou de mim, e não de sua mãe. Assino aqui com muito amor e com uma profunda preocupação, seu pai.

P.S. Por favor, escreva-nos com mais frequência, e conte-nos um pouco mais de sua rotina na casa em que agora está morando e trabalhando.

A mãe de Shmuel acrescentara junto à carta:

Meu Mulí: estou com muitas saudades de você. Já há alguns meses que você

não vem nos visitar em Haifa, e quase não escreve cartas. Por que isso? Que mal fizemos nós? [Aqui, mais uma vez, algumas linhas estavam desbotadas por terem se molhado.] A derrocada de seu pai quase destruiu o coração dele. Do dia para a noite ele se tornou um velho. Comigo ele quase não fala. Para ele sempre foi difícil falar comigo, mesmo antes do que aconteceu. Você agora tem de tentar ficar ao lado dele, pelo menos em cartas. Desde que você interrompeu seus estudos ele se sente um pouco traído. Miri também nos escreveu que há muitas semanas não recebe de você nem carta nem sinal de vida. O que está havendo, está muito ruim para você aí? Escreva-nos dizendo a verdade.

P.S. Estou fechando este envelope e pondo nele, sem que seu pai saiba, cem liras. Não é uma quantia grande, eu sei, mas não tenho agora mais do que isso. Eu me junto ao pedido de seu pai: volte aos estudos, se não ainda vai se arrepender para o resto da vida. Com amor. Sua mãe.

Guershom Wald disse:

“Ben Gurion enxerga coisas que os outros não enxergam, ou só vão enxergar depois de muitos anos. Estou muito longe de todos os mecanismos do mundo, mas vejo neste homem não um consertador do mundo, e sim um grande realista. Ele foi o único que percebeu a tempo uma pequena brecha na história, e conseguiu nos fazer passar no momento certo através dessa brecha. Não fez isso sozinho. Sem dúvida, não. Se não fosse o meu filho e seus camaradas, estaríamos todos mortos.”

Shmuel disse:

“Na Operação Sinai de 1956, o seu Ben Gurion amarrou Israel ao rabo de duas potências colonialistas destinadas ao ocaso e à decadência, a França e a Inglaterra; com isso só aprofundou o ódio árabe a Israel e convenceu definitivamente os árabes de que Israel é um enxerto estranho à região, um instrumento a serviço do imperialismo mundial.”

Wald disse:

“Mesmo antes da Operação Sinai, esses seus árabes não morriam de amores por Israel, e até mesmo —”, Shmuel interrompeu o velho:

“E por que haveriam de gostar de nós? Por que, realmente, você acha que os árabes não têm o direito de se opor com todas as suas forças a estrangeiros que chegaram de repente aqui como vindos de outro planeta e tiraram deles seu país e sua terra, campos e aldeias e cidades, os túmulos de seus antepassados e o patrimônio de seus filhos? Nós contamos a nós mesmos que viemos para o país só ‘para construir e sermos construídos por ele’, para ‘renovar nossos dias para serem como antigamente’, para redimir a pátria de nossos ancestrais etc., mas diga-me você se existe um único povo em todo o mundo que receberia de braços abertos uma invasão repentina como essa de centenas de milhares de estrangeiros, e depois também de milhões deles, que aterrissaram aqui vindo de grandes distâncias e tendo na boca a estranha alegação de que os livros sagrados deles, que trouxeram com eles dessas distâncias, prometem a eles, e somente a eles, o país inteiro?”

“Se você simpatizou comigo, você faria a gentileza de agora me servir, por favor, mais um copo de chá? Nessa mesma oportunidade você poderia servir um copo para você também? Já que nem você nem eu, quer bebamos ou não o chá, vamos demover Ben Gurion daquilo em que ele acredita. Shaltiel Abravanel, o pai de Atalia, tentou em vão convencer Ben Gurion, em 1948, de que ainda se podia chegar a um acordo com os árabes para expulsar os ingleses e criar uma

comunidade de árabes e judeus, se aceitássemos abandonar a ideia de um Estado judeu. Ora, por causa disso ele foi expulso do executivo da organização Sionista e da direção da Agência Judaica, que era na prática o governo judaico não oficial nos dias finais do mandato britânico. Pode ser que um dia desses baixe o espírito em Atalia e ela comece a lhe contar toda essa história. Eu mesmo reconheço e não me envergonho, nessa discordância fiquei totalmente do lado do realismo cruel de Ben Gurion e não do lado das ideias descartadas de Abravanel.”

“Ben Gurion”, disse Shmuel enquanto se dirigia à cozinha para ferver água na chaleira, “Ben Gurion talvez tenha sido em sua juventude um líder de trabalhadores, uma espécie de tribuno popular, mas hoje ele é o chefe de um Estado chauvinista e convencido de suas próprias razões, e não para de espalhar a sua volta muita fraseologia bíblica oca sobre a renovação de nossos dias para serem como antigamente, e sobre a realização da visão dos profetas.”

E da cozinha, enquanto coava o chá, elevou a voz e acrescentou:

“Se não houver paz, um dia os árabes vão nos vencer. É só uma questão de tempo e de paciência. E os árabes têm um tempo infinito, e também uma paciência bem extensível. Eles não vão nos perdoar a humilhação de sua derrota em 1948 nem a conspiração que armamos contra eles junto com a Inglaterra e a França, há três anos.”

Guershom Wald bebeu o chá que Shmuel lhe serviu enquanto ainda estava muito quente, quase fervendo, ao passo que Shmuel esperava pacientemente que o seu esfriasse um pouco.

“Uma vez, há um ou dois anos”, disse Shmuel, “li um artigo chamado ‘As fronteiras da força ou o soldado número 11’. Já me esqueci do nome do autor. Mas ainda me lembro do que estava escrito. Quando Stálin invadiu a Finlândia, no fim da década de 1930, o chefe do Estado-Maior finlandês, o marechal de campo Mannerheim, apresentou-se ao presidente da Finlândia, Kekkonen, e tentou tranquilizá-lo: ‘Cada soldado finlandês é capaz de vencer dez mujiques russos. Somos dez vezes melhores que eles, dez vezes mais cultos que eles, e também dez vezes mais motivados para defender a pátria atacada’. O presidente Kekkonen meditou um pouco sobre isso, pelo visto deu de ombros, e disse: ‘Talvez para si mesmo, e não para o marechal de campo, quem sabe, talvez realmente cada um de nossos soldados finlandeses valha por dez soldados soviéticos, tudo isso é com certeza muito bom e bonito, mas o que faremos se por acaso Stálin enviar contra cada soldado nosso onze, e não dez soldados?’. E essa, assim estava lá escrito, essa é a questão silenciada do Estado de Israel. Os árabes já há mais de dez anos se agitam furiosos e todo dia falam de nosso extermínio, mas até o dia de hoje não investiram nesse extermínio nem um décimo de sua força. Na Guerra de Independência lutaram menos de oitenta mil soldados de todos os cinco exércitos árabes, contra cento e vinte mil homens e mulheres que uma comunidade judaica de seiscentas mil pessoas mobilizou. E o que vamos fazer se

um dia vier o décimo primeiro soldado árabe? O que vamos fazer se os árabes mobilizarem contra nós um exército de meio milhão? Ou um milhão? Ou dois milhões? E Nasser está se armando agora com uma grande quantidade das melhores armas soviéticas, e fala abertamente de uma nova rodada. E nós? Embriagados com a vitória. Embriagados com a força. Embriagados de citações bíblicas.”

Guershom Wald disse:

“E o que propõe, vossa excelência? Que ofereçamos a outra face?”

“Ben Gurion errou quando desprezou uma política de não identificação e ligou Israel, numa ligação de vassalagem e escravidão, às potências ocidentais, e nem mesmo com a mais forte das potências ocidentais e sim exatamente com aquelas que estão se esvaindo — a França e a Inglaterra. O jornal de hoje noticia mais dezenas de mortos e feridos na Argélia. Constata-se que o exército francês baseado lá é categórico quando se recusa a abrir fogo contra os colonos franceses que se revoltaram. A França está escorregando agora para uma guerra civil e a Inglaterra, neste instante mesmo, está terminando vergonhosamente de recolher os destroços de seu império. Ben Gurion nos complicou numa aliança com barcos que estão afundando. Talvez você queira que em vez de mais um copo de chá eu sirva para nós dois um copinho de conhaque? Em homenagem ao seu Ben Gurion? E quem sabe você já quer comer seu mingau vespertino? Ainda não? Quando quiser, diga-me, e vou esquentá-lo.”

Guershom Wald disse:

“Obrigado. Acho muito bom o que você disse sobre o soldado número 11. Se ele aparecer de repente no campo de batalha, nós simplesmente seremos obrigados a rechacá-lo também. Se não, não estaremos mais aqui.”

Shmuel levantou-se e começou a caminhar pelo aposento, entre as prateleiras cheias de livros.

“Até certo ponto talvez se possa entender o que se passa no coração de um povo que durante milhares de anos compreendeu a força que há nos livros, a força das orações, a força do estudo e do aperfeiçoamento, a força da devoção religiosa, a força do comércio e a força da intermediação, mas a força da força ele só conheceu em suas costas espancadas. E subitamente ele tem nas mãos uma maça pesada. Tanques e canhões e aviões a jato. É natural que ele se incendeie na embriaguez da força e se incline a acreditar que com a força da força poderá infligir tudo que lhe venha à cabeça. E o que, em sua opinião, é totalmente impossível de obter com a força?”

“Quanta força?”

“Toda a força do mundo. Pegue a força conjunta dos Estados Unidos e da União Soviética e a França e a Inglaterra. O que é que você não vai conseguir obter de maneira alguma com uma força assim?”

“Parece-me que com essas forças é possível conquistar tudo o que se possa

imaginar. Da Índia à Etiópia.”

“Assim lhe parece. Assim parece aos judeus em Israel, porque não têm noção de quais são os limites da força. A verdade é que toda a força no mundo não pode transformar uma pessoa que odeia você numa pessoa que gosta de você. Pode transformar quem odeia num escravo, mas não em alguém que goste de você. Nem com toda a força do mundo se pode transformar uma pessoa fanática numa pessoa sensata. E nem com toda a força do mundo se pode transformar quem está ávido por vingança num amigo. E aí está, são exatamente esses os problemas existenciais do Estado de Israel: transformar quem o odeia em quem o estime, um fanático num moderado, um agente de represália e vingança num amigo. Estarei dizendo com isso que nossa força militar não é necessária? De forma alguma. Eu nunca poderia pensar numa tolice assim. Eu sei tanto quanto você que a força, nossa força militar, em todos os momentos, mesmo neste momento em que você e eu estamos aqui discutindo, está postada entre nós e nossa morte. Essa força tem o poder de evitar por enquanto que sejamos exterminados. Com a condição de que lembremos sempre, a cada momento, quem em nosso caso a força só pode impedir. Não pode apaziguar nem trazer uma solução. Só pode evitar a catástrofe por algum tempo.”

Guershom Wald disse:

“Perdi meu único filho só para que se adiasse um pouco a catástrofe que na sua opinião não há maneira de evitar?”

Shmuel foi tentado de repente a se levantar e com ambas as mãos atrair a seu peito a cabeça sólida, talhada só pela metade, do homem sentado a sua frente, e talvez até lhe dizer algumas palavras de consolo. Ele se conteve e preferiu calar para não acrescentar mais sofrimento ao sofrimento dele. Em vez de responder, foi alimentar os peixinhos dourados no aquário. Voltou-se e foi para a cozinha. Sara de Toledo tinha trazido dessa vez, em lugar de mingau de semolina, uma salada de batatas com maionese e legumes cortados. Guershom Wald comeu em silêncio, como se tivesse esgotado por aquela noite todo o seu tesouro de versículos e citações. Continuou calado até cerca de onze horas, quando Shmuel encheu um copinho de conhaque para cada um, sem esperar pela concordância do velho. Com isso despediu-se dele, comeu o que restava da salada e das batatas com maionese, lavou a louça e subiu para a água-furtada. O pai ficou sentado à escrivaninha, escrevendo algo num pedaço de papel, amarrotando o papel e o jogando com raiva na cesta de papéis, e escrevendo novamente. Um silêncio profundo descera agora sobre a casa. Atalia tinha saído. Ou talvez não tivesse saído. Talvez estivesse lá em total silêncio também, em seu quarto, onde Shmuel não estivera nem uma única vez.

No dia seguinte às onze e meia da manhã Shmuel vestiu seu casaco roto, cobriu o emaranhado selvagem dos cabelos com o *chapka*, que mais parecia uma espécie de chapéu de carroceiro com pala, levou consigo a bengala com a cabeça de raposa que buscava uma presa, e saiu para perambular pelas ruas de Jerusalém. Naquela manhã não tinha chovido e só flocos esgarçados de nuvens cinzentas passavam sobre a cidade em seu caminho do mar para o deserto. A luz matinal que tocava os muros de pedra de Jerusalém era devolvida suavizada e adocicada, uma luz de mel, tal era a luz que acariciava Jerusalém nos transparentes dias de inverno entre uma chuva e outra.

Shmuel seguiu o aclave que levava da travessa do Rav Alvez à rua Ussishkin, passou pela Casa do Povo, cujas paredes eram cobertas de uma pedra vermelha lisa semelhante ao mármore, e continuou seu caminho em direção ao centro da cidade. Sua cabeça se lançava fortemente à frente, como se cabeceasse o ar, ou como se abrisse caminho em meio a obstáculos, o corpo inclinado para a frente e as pernas se apressando para não se atrasar em relação à cabeça. Era um caminhar que parecia uma corrida lenta. Havia algo divertido nessa maneira de andar, como se o caminhante estivesse com muita pressa de chegar a tempo ao lugar onde já o esperavam havia muito, mas não esperariam indefinidamente, e caso se atrasasse chegaria tarde demais.

Iardena provavelmente já fora trabalhar no escritório de fornecimento de clippings, onde trabalhava desde antes do casamento, e agora devia estar lá sentada, no segundo andar de um prédio antigo na rua Harav Kook, num gabinete escuro, marcando com um lápis os nomes dos assinantes do serviço que apareciam nos jornais. Talvez também tivesse deparado uma ou duas vezes com o nome do seu Neshar Sharshavsky, enquanto o próprio Neshar Sharshavsky com certeza estava agora sentado a uma mesa do Instituto de Pesquisa dos Mares e dos Lagos, redigindo diligentemente algum documento, o rosto exprimindo, como sempre, uma satisfação moderada, como se estivesse chupando uma bala. Só você está perambulando pelas ruas de Jerusalém sem fazer nada. Os dias estão passando, o inverno vai passar, depois virá o verão, e de novo o inverno, e você vai se degradando entre as lembranças de Iardena e as ilusões com Atalia. Iardena dorme suas noites no regaço de Neshar Sharshavsky, e seu tépido perfume, de castanha, envolve a cama de casal deles. E se você ainda estiver apaixonado por ela? Um amor rejeitado e ofendido, o amor dos descartados e jogados fora? Ou talvez você esteja apaixonado já não mais por ela, mas por Atalia, um amor que você não assume, e que, na verdade, de forma alguma

você sequer admite?

Ele contemplou na imaginação o longo e macio cabelo de Atalia escorregando sobre o ombro esquerdo por cima do vestido bordado. Seus passos, nos quais se encerra uma espécie de dança interior contida, como se seus quadris fossem ainda mais vivazes do que ela. Uma mulher determinada, cheia de segredos, que intermitentemente o trata com aspereza e com certa medida de fria curiosidade, uma mulher que não para de lhe dar ordens, e que sempre o olha com uma ligeira zombaria talvez dissolvida em alguns estilhaços de compaixão. Seu coração se apega a essa compaixão, como se para ela você fosse apenas um cãozinho abandonado.

Afinal, o que Atalia vê em você, do alto de sua zombeteira superioridade? Com certeza vê em você um ex-estudante, ex-pesquisador, um rapaz todo desalinhado, desganhado e encaracolado, confuso, que está atraído por ela mas que nunca ousará expressar em palavras seus sentimentos que não são sentimentos, mas emoções, como as de um menino. Será que sua presença às vezes a incomoda? Ou diverte? Incomoda e também diverte?

Sobre uma mureta de cimento cinzento e áspero, imóvel, estava um grande rato, ou talvez uma ratazana de esgoto. A criatura fixou em Shmuel seus pequenos olhos pretos, como se quisesse fazer-lhe uma pergunta. Ou talvez fazê-lo passar por um teste. Shmuel se deteve e ficou olhando para o rato por um instante ou dois, como a dizer-lhe não tenha medo de mim, minhas mãos estão vazias e não tenho o que esconder. Um dos dois, pensou Shmuel, terá de desistir agora. Desistir neste momento. E com isso, de fato, desistiu e virou-se para continuar seu caminho sem olhar para trás. Depois de dar cinco passos reconsiderou, com vergonha de si mesmo, e tencionou voltar, mas a criatura tinha desaparecido e a mureta estava vazia.

Ao meio-dia e vinte, Shmuel Asch entrou no pequeno restaurante na rua Rei George e sentou-se à mesa que era seu lugar fixo. Era nesse lugar que todo dia comia a refeição que lhe servia de almoço e também de café da manhã. O garçom, que também era dono do restaurante, um húngaro gordo e baixo de rosto corado, cuja testa mesmo no inverno ficava coberta com gotas de suor — Shmuel achava que ele sofria de hipertensão —, lhe trouxe, sem perguntar o que ele queria, um prato fundo com um goulash quente e picante. Sempre, sem exceção, ele comia aqui esse goulash com fatias de pão branco, e todo dia a mesma sobremesa, uma compota de frutas.

Uma vez, no inverno passado, esteve aqui com Iardena, os dois almoçaram e ele lhe falou do crescente isolacionismo da ala esquerda do Mapam, o Partido Operário Unido. Ela de repente olhou para ele como que assustada, puxando-o pelo braço. Fez com que se levantasse, num movimento brusco, pagou a conta às pressas, agarrou-o com força, com as unhas, como que subitamente cheia de raiva, e arrastou-o quase à força para o quarto dele no bairro de Tel Arza. Em

todo o percurso não disse uma só palavra, e ele, espantado, obedeceu-lhe e foi rebocado por ela. Depois de subirem a seu quarto, ela logo o empurrou pelos ombros, derrubou-o de costas na cama e sem emitir um som sequer despiu o vestido, subiu em cima dele e cavalgou-o numa transa violenta, submetendo-o embaixo dela como se estivesse se vingando dele, e não o largou até gozar duas vezes. Ele foi obrigado a tapar sua boca com a mão para abafar a voz e não assustar a dona da casa no quarto ao lado. Depois disso ela se vestiu, bebeu dois copos de água da torneira e saiu.

Por que o tinha deixado? O que tem esse Neshar Sharshavsky que ele não tem? Que mal fizera a ela? O que havia visto em seu lúcido hidrologista, cujo corpo quadrado lembrava um caixote e que gostava de falar frases complicadas e empoladas sobre assuntos que sempre entediavam todos os presentes? Às vezes dizia coisas do tipo “Tel Aviv é uma cidade muito menos antiga do que Jerusalém porém mais moderna”, “Há uma grande diferença entre velhos e jovens” ou “É isso aí. A maioria decide e a minoria simplesmente tem de aceitar a opinião da maioria”. “Cachorrinho animado”, assim ela havia se referido a Shmuel em sua última conversa. Ele no íntimo concordou com ela e com isso se encheu de repente de vergonha, pudor e humilhação.

Levantou-se, pagou pelo goulash e pela compota, demorou-se um instante junto ao balcão para olhar as manchetes do jornal da tarde. Forças do Exército de Defesa de Israel estavam depurando o setor meridional da fronteira entre Israel e a Síria. Nasser, o governante do Egito, fazia novas ameaças, enquanto Ben Gurion advertia. Por que as advertências de Nasser são sempre chamadas de ameaças e as ameaças de Ben Gurion são aqui chamadas de advertências?

Saiu então para a rua jerusalmita, banhada da agradável luz do inverno, luz de ciprestes e de pedra. De repente o assaltou um estranho sentimento, agudo, de que tudo, tudo era possível, e o que estava perdido só parecia estar perdido, mas na verdade nada estava totalmente perdido, e o que estava por vir dependia apenas de sua ousadia. E decidiu mudar a si mesmo naquele mesmo instante. Mudar neste exato instante toda a sua vida. Ser a partir deste momento um homem sereno e ousado que sabe o que quer e parte para realizá-lo, sem recuos ou hesitações.

Atalia encontrou Shmuel sentado em sua cadeira em frente à escrivaninha, curvado sobre um livro antigo que tomara emprestado na Biblioteca Nacional. Vestia uma saia clara e um suéter azul muito grande para ela e que lhe conferia um ar de certa mornidão caseira. Seu rosto era mais jovem que seus quarenta e cinco anos e só nas mãos tendinosas se reconheciam os sinais da idade. Atalia sentou-se na extremidade da cama de Shmuel, as costas apoiadas na parede, cruzou as pernas num movimento leve, esticou um pouco a saia e disse, sem se desculpar pela invasão repentina de seus domínios:

“Você está estudando. Estou atrapalhando você. O que está estudando?”

Shmuel disse:

“Sim. Por favor. Me atrapalhe. É muito conveniente que você me atrapalhe. Já estou cansado deste trabalho. Em geral, estou cansado o tempo todo. Até quando estou dormindo estou cansado. E você? Por acaso está livre? Gostaria que saíssemos juntos para um pequeno passeio? Lá fora faz um desses dias límpidos de inverno que só existem nos dias de inverno de Jerusalém. Vamos sair?”

Atalia ignorou o convite. Ela disse:

“Você ainda está escavando as histórias de Jesus?”

“Jesus e Judas Iscariotes. Jesus e os judeus”, disse Shmuel, “como os judeus em todas as gerações viam Jesus.”

“E por que afinal tudo isso interessa a você? Por que não como os judeus viam Maomé? Ou Buda?”

“É o seguinte”, disse Shmuel, “eu posso entender facilmente por que os judeus rejeitaram o cristianismo. Mas acontece que Jesus de forma alguma era cristão. Jesus nasceu judeu e morreu judeu. Nunca lhe passou pela cabeça fundar uma nova religião. Paulo, ou seja, Shaul, da cidade de Tarso, foi quem inventou o cristianismo. O próprio Jesus diz, explicitamente: ‘Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas’. Se os judeus o tivessem aceitado, toda a história teria uma feição totalmente diferente. A Igreja nunca teria surgido. E talvez toda a Europa tivesse adotado alguma versão amena e destilada do judaísmo. Com isso teríamos sido poupados da diáspora, das perseguições, dos pogroms, da Inquisição, dos libelos de sangue, das condenações à morte e também do Holocausto.”

“E por que os judeus se recusaram a aceitá-lo?”

“Esta, Atalia, é exatamente a pergunta que eu faço a mim mesmo e para a qual ainda não encontrei resposta. Ele era, segundo os conceitos atuais, um judeu reformista. Ou não um judeu reformista, mas um judeu fundamentalista, não no

sentido de fanatismo associado a essa palavra, mas no sentido de uma volta às raízes mais puras do judaísmo. Ele aspirava a purificar a religião judaica de todo tipo de acréscos rituais e untuosas que tinham se grudado nela, de todo tipo de pontas de gordura que os sacerdotes cultivaram nela e com que os fariseus a sobrecarregaram. Foi natural que os sacerdotes tivessem visto nele um inimigo. Acredito que Judas ben Simão Iscariotes foi um desses sacerdotes. Ou talvez somente alguém próximo deles. Talvez tenha sido enviado pela casta sacerdotal de Jerusalém para se infiltrar no grupo de seguidores de Jesus para espioná-los e para informar Jerusalém de suas ações, só que ele se ligou a Jesus e o amou com um amor sincero, até se tornar o mais dedicado de todos os seus discípulos, chegando a ser o tesoureiro do grupo dos apóstolos. Um dia, se você quiser, eu lhe conto o que é, em minha visão, o evangelho segundo Judas Iscariotes. Mas, eu fico pensando, e o povo mais simples? Por que eles não aceitaram em massa Jesus? Eles, que gemiam sob o jugo da rica e nutrida casta sacerdotal de Jerusalém?”

“Não gosto da expressão ‘povo simples’. Isso não existe, um ‘povo simples’. O que existe é um homem e uma mulher, e mais uma mulher e mais um homem e cada um deles tem discernimento e sentimentos e inclinações e critério moral, sejam quais forem. Verdade que o critério moral de um homem, se é que é possível, só será possível quando seus impulsos estiverem por um momento satisfeitos.”

“Olha só, quando você entrou aqui eu estava olhando o que o Ramban disse sobre Jesus. Ramban, rabi Moshe ben Nachman, que os cristãos chamam de Nachmânides, um dos maiores sábios de Israel em todas as gerações, viveu no século XIII, nasceu em Gerona, na Espanha, e morreu aqui, em Acre. Ele fala de uma disputa religiosa que lhe foi imposta por Jaime I, rei de Aragão, uma discussão pública que durou quatro dias seguidos entre o Ramban e um judeu convertido ao cristianismo chamado Pablo Cristiani, também chamado ‘frei Paul’. Havia algo de medonho e aterrorizante nessas disputas públicas impostas aos judeus durante a Idade Média. Se o cristão vencesse, os judeus teriam de pagar com seu sangue pela derrota, pois teria sido provado na discussão que sua Torá era enganosa. Se vencesse o judeu, de novo os judeus teriam de pagar com sangue o preço de seu atrevimento. O padre tentou provar por meio de citações do Talmude — lembre-se de que ele era um judeu convertido — que há tanto insultos ao cristianismo quanto sinais claros de que o cristianismo é a religião verdadeira e que Jesus realmente é o Messias que já esteve em nosso mundo e que um dia a ele retornará. O Ramban alega em seus escritos que ele venceu essa disputa, uma vitória contundente, mas na verdade parece que a disputa foi encerrada sem uma decisão. Talvez o Ramban temesse vencer essa disputa não menos do que temia perder. O bom senso e a natureza, juntos, alegou o Ramban nessa disputa, também chamada ‘a disputa de Barcelona’, não podem aceitar a

história do parto de uma virgem, assim como não podem aceitar a história da morte de Jesus na cruz e sua ressurreição três dias depois. O principal argumento do Ramban foi o seguinte: nas escrituras sagradas judaicas está explícito que com a vinda do Messias acabarão os derramamentos de sangue na Terra e um povo não brandirá a espada contra outro povo e não mais aprenderão a guerra. Essas são palavras do profeta Isaías. E desde os tempos de Jesus até hoje, em nenhum momento parou o derramamento de sangue em lugar algum. Isso e mais: no livro dos Salmos está dito explicitamente que o Messias vai baixar, isto é, vai governar, do mar ao mar e do rio até o fim das terras. E Jesus não exerceu governo algum nem em vida nem após sua morte. Roma é que governava o país e o mundo, e hoje até mesmo os cultuadores de Maomé têm mais governo do que os cristãos. E os próprios cristãos, diz o Ramban concluindo sua argumentação, derramam mais sangue do que todas as outras nações.”

Atalia disse:

“Essas palavras me soam bem convincentes. Acho que talvez o seu Ramban afinal venceu a disputa.”

Shmuel disse:

“Não. Essas palavras não convencem porque nelas não há nenhuma tentativa de competir com o evangelho em si mesmo, o evangelho de Jesus, o evangelho de um amor universal e de perdão, e de caridade, e de compaixão.”

“Você é cristão?”

“Sou ateu. O menino Iossi Siton, de três anos e meio que ontem morreu atropelado quando corria atrás de sua bola verde, não longe daqui, na rua Gaza, é prova bastante de que não existe nenhum deus. Mas eu gosto dele. Eu gosto das palavras que ele usou, como, ‘Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!’, ou ‘Minha alma está triste até a morte’ ou ‘deixa que os mortos enterrem seus mortos’ ou ‘Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar inosso, com que o salgaremos?’. Gostei dele desde o dia em que li seus evangelhos no Novo Testamento, quando eu tinha quinze anos. E creio que Judas Iscariotes foi o mais fiel e dedicado de todos os seus discípulos, e que nunca o traiu, mas, ao contrário, quis provar ao mundo inteiro como ele era grande. Uma dia eu lhe explico, se você quiser ouvir. Talvez, se concordar, você eu podemos sair de novo uma noite qualquer e sentarmos juntos num lugar tranquilo onde possamos conversar.”

Ao dizer isso olhava e via seus joelhos cruzados dentro das meias de náilon e se perguntava se essas meias de náilon terminavam sob a saia presas com um elástico ou com ligas, e encolheu-se em sua cadeira para que ela não percebesse que seu membro se armava para ela, sem nenhuma esperança.

Atalia disse:

“Você está corando novamente debaixo dessa sua barba neandertalesca. Esta noite você e eu iremos à primeira sessão de cinema. Tem um filme italiano

neorrealista. Eu estou convidando você.”

Shmuel espantou-se e todo agitado balbuciou:

“Sim. Obrigado.”

Atalia levantou-se e veio se postar atrás dele. Ela abraçou por trás sua cabeça encaracolada com mãos frescas e a pressionou por um instante contra o peito. Depois virou-se e saiu do quarto sem fechar a porta. Shmuel ficou ouvindo o ruído de seus passos descendo a escada, até que cessou. Um silêncio profundo baixou sobre toda a casa. Ele tirou do bolso seu inalador e aspirou duas vezes.

Ao anoitecer, pediu a Guershom Wald licença para dessa vez sair às sete e meia.

“Vamos sair, Atalia e eu”, disse, radiante como um menino que de repente tivesse recebido um beijo da rainha da classe.

Wald disse:

“O mel vai comer o urso.” E acrescentou: “Ora, um homem de coração partido como você. Só tome muito cuidado para ela não chamuscar a sua barba”.

À noite ele a esperou na cozinha, impaciente. Não ousou bater à porta do quarto dela. Sobre o encerado na mesa da cozinha tinham ficado dessa vez as migalhas de pão do jantar dela. Shmuel umedeceu com saliva a ponta dos dedos e juntou essas migalhas uma a uma, jogou-as na pia e lavou a pia e os dedos. Como se assim Atalia constataste que ele tinha razão. Tinha razão em quê? Para isso não teve resposta. Enquanto isso a esperava e olhava para um antigo impresso que estava pendurado na parede da cozinha, acima da mesa, um impresso em cores de um cartaz do Keren Kaiemet LeIsrael, onde se via um *chalutz* robusto e musculoso de mangas arregaçadas com retilínea precisão. O botão de cima da camisa desse *chalutz* estava aberto e revelava um tórax bronzeado e peludo. O *chalutz* segurava com suas mãos fortes as rabiças de um arado de ferro que estava sendo puxado por um cavalo ou um burro que avançava em direção ao horizonte, onde o sol tocava as cristas das colinas. Pôr do sol ou nascer do sol? A figura não oferecia nenhum indício que respondesse a essa pergunta, mas Shmuel cogitou que se tratava do nascer do sol, e não do pôr do sol, como na canção “nas montanhas, nas montanhas brilhou nossa luz/ vamos galgar a montanha/ o ontem ficou para trás/ mas é longo caminho do amanhã”. Ele pensou que após esse nascer do sol viria o ocaso, como sempre, e talvez o ocaso já estivesse aí. Será que Micha Wald era robusto e bronzeado? Parecido com o *chalutz* do cartaz? Será que Ben Gurion exige que sejamos todos como este *chalutz*?

Mais de uma vez Shmuel tinha escrito, na imaginação, uma veemente carta a David Ben Gurion, e uma vez chegou a escrever um rascunho, cheio de rasuras, no qual explicava a Ben Gurion que o afastamento dele do socialismo de sua juventude fora uma tragédia para o Estado de Israel, acrescentando a opinião de que a política de operações de represália era uma política estéril e perigosa porque a violência gera violência e a redenção pelo sangue gera redenção pelo sangue. Shmuel destruiu essa carta ainda antes de terminá-la. Às vezes, em pensamento, se envolvia em ásperas discussões com o primeiro-ministro,

discussões semelhantes às que havia tido no grupo de estudos para renovação socialista, só que com essas discussões imaginárias esperava não só triunfar sobre Ben Gurion e convencê-lo mas também ser alvo de sua admiração e até mesmo de sua estima.

Atalia apareceu num vestido de inverno justo, de cor laranja. Seus olhos estavam maquiados com delicadas pinceladas. Trazia no pescoço um colar fino de prata. Em seus lábios não se desenhava um sorriso, mas algo que talvez fosse a promessa oculta de um sorriso. Ela disse, espantada:

“Você com certeza está me esperando aqui desde a manhã. Se não estiver desde ontem à noite.”

Subitamente ela lhe pareceu bonita e atraente a ponto de doer. Sabia muito bem que essa mulher lhe era proibida, mas assim mesmo todo o seu corpo estava tenso como se ela estivesse abraçada e envolvida em seus braços. Ela sentou-se à mesa da cozinha em frente a ele e disse:

“Não. Esta noite não vamos assistir a filme algum. O céu está claro e temos lua cheia. Eu e você vamos vestir nossos casacos e caminhar um pouco pelas ruelas e ver como ficam ao luar.”

Shmuel concordou imediatamente. Atalia acrescentou:

“Não sei se gosto de Jerusalém ou se apenas a tolero. Mas quando saio de Jerusalém por mais de duas ou três semanas, ela começa a aparecer em meus sonhos, e sempre banhada de luar.”

Shmuel encheu-se subitamente de uma coragem que não tinha, e perguntou:

“Com o que mais você sonha?”

Atalia respondeu sem sorrir:

“Com rapazes jovens e bonitos.”

“Como eu?”

“Você não é um rapaz. Você é um menino velho. Diga, por acaso você não se esqueceu de esquentar o mingau de Wald?”

“E também polvilhei com açúcar e canela. Ele já comeu. Não todo. Uma parte ficou no prato, e eu comi o que sobrou. Agora ele está sentado, escrevendo. Não tenho ideia do que está escrevendo. Nunca me contou e não me atrevi a lhe perguntar. Será que você sabe, Atalia? Ou adivinha o que o ocupa tanto?”

“Abravanel. Micha. A guerra. Ele já está escrevendo há alguns anos sobre uma pesquisa, ou talvez seja algum livro, sobre o caso de Shaltiel Abravanel e também memórias da vida do filho. Talvez ele ligue o banimento e o afastamento de Shaltiel Abravanel com a morte de seu filho. Talvez, por acaso, ele ache que havia uma ligação entre esses dois fatos.”

“Ligação? Que ligação?”

A isso ela não respondeu. Levantou-se, encheu um copo com água da torneira e bebeu em goles ruidosos de camponês sedento, sem propor a Shmuel que enchesse um copo para ele também. Depois enxugou a boca com sua mão um

pouco enrugada, mão que era mais velha do que seu rosto.

“Vem, vamos sair. A lua vai nascer daqui a pouco. Gosto de ver como ela nasce entre as montanhas e irrompe sobre os telhados.”

Saíram de casa para o pátio escuro, que estava sombreado pelas frondes das árvores e que a sombra da fileira dos altos ciprestes atrás da casa também escurecia. Foi com dificuldade que Shmuel vislumbrou a tampa de metal da cisterna. Atalia segurou seu cotovelo e o guiou ao longo do caminho calçado com pedras de Jerusalém talhadas. Através da manga de seu casaco roto, Shmuel sentiu o calor do toque de sua mão, de cada um de seus cinco dedos, e ficou com muita vontade de pôr sua mão sobre a mão tendinosa dela que o guiava nos degraus. Mas teve medo de que zombasse dele. Em vez de tocar nela, tirou do bolso o inalador, pois ficara ofegante. Depois de uma inalação profunda sentiu-se melhor, e tornou a guardar o inalador no bolso.

A travessa do Rav Alvez estava deserta. O lampião de rua reticulado em pequenos retângulos de vidro, um lampião da época do mandato britânico, balançava ao vento, pendurado num cabo estendido na largura da travessa. O lampião projetava nas pedras do calçamento um incessante movimento de sombras, um movimento inquieto em forma de pequenas ondas. Soprava um vento oeste, um vento brando e silencioso, como se estivesse encarregado de esfriar um copo de chá.

Shmuel disse:

“Conte-me, que tipo de homem foi seu pai?”

Atalia respondeu numa voz suave, quase um sussurro:

“Não vamos falar agora. Vamos caminhar um pouco sem falar. Vamos ouvir as vozes da noite.”

Na extremidade da travessa do Rav Alvez a lua saltou de repente sobre os telhados de telhas, toda vermelha e gigantesca como um sol enlouquecido que tivesse voltado e surgido da escuridão para nascer no meio da noite, contrariando as leis da natureza. Shmuel não simpatizou com essa lua, por culpa dela lhe fora decretado silêncio. Atalia deteve-se, a mão ainda segurando seu cotovelo, como se temesse que ele tropeçasse, e olhou longamente para a lua, ou para o halo brilhante e difuso que a cercava e como que escorresse lá de cima para branquear as paredes de pedra de Jerusalém com um esplendor esquelético e pálido. De repente ela disse:

“É chamada de *levaná*, ‘branca’, mas ela não tem nada de branca. É banhada de sangue.”

Depois caminharam em silêncio ao longo das ruelas dos bairros de Nachlaot, Atalia conduzindo e Shmuel andando meio passo atrás dela. Ela já largara sua manga mas de vez em quando tocava de leve em seu ombro para dirigi-lo para a direita ou para a esquerda. Um rapaz e uma moça abraçados e muito juntos os ultrapassaram e continuaram a andar rua acima. O rapaz disse:

“Não acredito. Não pode ser.”

E a moça respondeu:

“Espere. Você ainda vai ver.”

O rapaz lhe disse algo que Shmuel e Atalia não conseguiram ouvir, mas perceberam que sua voz expressava embaraço e humilhação. Atalia disse:

“Ouça que silêncio profundo. Quase dá para ouvir as pedras respirando.”

Shmuel abriu a boca para responder, mas arrependeu-se, pois adivinhou corretamente que ela estava pedindo que ele não quebrasse o silêncio. Calou-se, pois, e continuou cuidando de caminhar meio passo atrás dela. De repente sua mão se estendeu e seus dedos acariciaram rapidamente sua nuca e deslizaram sobre o colar de prata por baixo de seus cabelos. Ao fazer isso seus olhos se encheram de lágrimas, pois adivinhava, enquanto acariciava sua nuca, que não havia qualquer possibilidade para ele e para ela. Atalia não podia ver seus olhos lacrimosos na escuridão e só desacelerou um pouco seus passos. Shmuel pensou consigo mesmo: Que idiota você é. Medroso e idiota. Você poderia agora atrair o corpo dela para o seu, envolver os ombros dela em seus braços e beijar-lhe os lábios. Mas uma voz interior o advertira: Não, não tente, pois você sairá humilhado.

Passearam pelas ruelas durante quarenta ou cinquenta minutos, atravessaram a rua Agripas, passaram ao longo do mercado de Machane Iehuda, que estava vazio e fechado e só estonteantes cheiros de fruta e lixo e verduras maduras demais, e de açougue e de temperos, e de uma ligeira podridão, se elevavam de suas barracas escuras. Shmuel e Atalia saíram para a rua Jaffa, na praça em frente ao relógio de sol que lá estava no alto de um dos prédios desde a época de domínio dos turcos. Atalia demorou-se um pouco diante desse relógio e de repente respondeu à pergunta que Shmuel lhe fizera minutos antes, a pergunta sobre seu pai:

“Ele não pertencia a nosso tempo. Talvez tenha chegado atrasado. Talvez adiantado. Ele pertencia a outro tempo.”

Depois ela se voltou, e Shmuel atrás dela, para retornar à casa, e dessa vez — passando por outras ruelas. Durante todo o percurso quase não trocaram uma palavra, a não ser “Cuidado, aqui tem um degrau” ou “A roupa dependurada para secar acima de nós está pingando direto na cabeça”. Atalia queria esse silêncio e Shmuel não ousava contrariar sua vontade apesar de estar muito agitado e cheio de um desejo que quase transbordava. Enquanto isso a lua perdera suas tonalidades sanguíneas, galgara o céu para ficar sobre o muro do Museu Bezalel e iluminava toda a cidade com uma luz fantasmagórica e esquelética. Na volta, Atalia despiu o casaco, e ajudou Shmuel a se livrar do dele. (Quando tentava despir o casaco enfiou o braço, por engano, dentro do forro, que tinha um rasgão.) Atalia disse:

“Obrigada por esta noite. Para mim, foi bom. Às vezes estar com você é bem

agradável, especialmente quando você não fica falando. E agora não, obrigada, não quero comer nada. Se você quiser, pode preparar alguma coisa com o que encontrar na geladeira, e ao mesmo tempo poderá falar consigo mesmo o quanto quiser. Você está cheio de palavras que não o deixei dizer. Vou para o meu quarto. Boa noite. Não se preocupe, não desperdiçamos esta noite. Quando subir, não se esqueça de apagar a luz da escada.”

E com isso se virou e saiu andando sobre seus saltos baixos, o cabelo caindo no ombro, e o vestido laranja ainda refulgiu um instante no retângulo da porta e se apagou. Deixou atrás de si um leve eflúvio de perfume de violetas e Shmuel aspirou esse perfume enchendo com ele os pulmões. O coração, que desde a infância os médicos tinham constatado ser dilatado, batia em fortes pulsações, e ele lhe ordenou que se acalmasse.

Resolveu então preparar duas fatias de pão com manteiga e queijo, abrir um vidrinho de *lebenia* e talvez também fritar uma omelete. Mas de uma só vez seu apetite sumiu, substituído por uma surda depressão. Subiu para seu quarto, estendeu-se na cama com sua roupa íntima e durante um bom tempo ficou olhando a lua, bem no centro da janela. Ao cabo de vinte minutos mudou de ideia, desceu e abriu uma lata de milho em conserva e outra de carne bovina e comeu tudo usando um garfo, de pé, em frente à geladeira aberta, pois seu apetite tinha voltado.

Pensou na pequena casa dos pais, numa travessa lateral em Har HaCarmel, a casa para a qual a família se mudara depois que o barracão em Kiriat Motzkin pegou fogo. Na casa havia dois cômodos, um grande, que servia de sala de visitas, sala de jantar e quarto de dormir dos pais, e um pequeno, onde ficava sua irmã Miri, que era cinco anos mais velha que ele. A cama dele ficava no corredor, entre a porta da pequena cozinha e a porta do banheiro. À cabeceira da cama, uma arca pintada de marrom lhe servia de guarda-roupa e também de mesinha de escrever, onde preparava seus deveres, e ainda de criado-mudo. Aos onze anos Shmuel era um menino magro, um pouco encurvado, olhos grandes e espantados, pernas de palito e joelhos sempre arranhados. Só com o passar dos anos, depois que deu baixa do serviço militar, deixara crescer a cabeleira desgrenhada e a barba de homem das cavernas, sob a qual se escondia o rosto estreito e alongado. Ele não gostava nem da cabeleira, nem da barba, nem do rosto infantil que havia por baixo, mas parecia-lhe que a barba selvagem escondia algo do qual um homem deveria envergonhar-se.

Teve três ou quatro amigos na infância, e todos estavam entre os panacas da turma; um deles era um imigrante da Romênia e outro era ligeiramente gago. Shmuel tinha uma grande coleção de selos, e gostava de mostrá-la aos amigos enquanto ministrava palestras sobre o valor de cada um e sobre a singularidade de selos raros, e também sobre as características dos diversos países. Era um menino sabichão e falante, mas quase incapaz de ouvir quando outros falavam, e cansava-se deles depois de três ou quatro frases. Gabava-se principalmente dos selos de países que já tinham deixado de existir: Ubangui-Chari, Áustria-Hungria, Boêmia e Morávia. Sabia dar aos amigos longas explicações sobre as guerras e os levantes que haviam apagado esses países do mapa mundial, sobre os que tinham sido conquistados primeiro pelos nazistas e depois por Stálin, os que passaram a ser regiões em países novos surgidos na Europa depois da Primeira Guerra Mundial, como a Iugoslávia e a Tchecoslováquia. Os nomes de países distantes como Trinidad e Tobago ou Quênia, Uganda e Tanganica despertavam nele uma espécie de saudade nebulosa. Em sua imaginação, ele se transportava a essas regiões longínquas e participava de suas corajosas guerras subterrâneas para se libertar da conquista estrangeira. Discursava sobre isso para os amigos com entusiasmo e ardor, e o que não sabia, inventava. Lia muito, tudo o que lhe chegava às mãos, livros de aventuras, livros de viagens, livros policiais, livros de terror, e também histórias de amor que não compreendia mas que lhe despertavam uma certa e indefinida doçura. Além disso, quando completou doze

anos decidiu ler toda a Enciclopédia Hebraica, volume por volume, verbete por verbete, na ordem em que eram apresentados, porque tudo o interessava e até as coisas que não entendia se apoderavam de sua imaginação. Mas quando chegou à metade da letra *alef* cansou-se e parou.

Uma vez saiu com seu amigo Menachem, o garoto cuja família viera da Transilvânia, para passear numa manhã de sábado em um dos uadis de vegetação espessa que existem nas encostas ocidentais do monte Carmel. Calçaram botinhas, puseram um chapéu e cada um se armou de um cajado, um cantil e uma mochila com cobertores para com eles armar uma barraca, pães árabes, ovos cozidos e batatas para assar na fogueira. Às cinco e meia, pouco antes do nascer do sol, os dois se puseram a caminho, atravessaram o bairro, desceram para o uádi, e até quase onze horas escalaram a íngreme encosta e no trajeto contaram pássaros cujos nomes nenhum dos dois sabia. Fora os corvos, que circulavam com gritos guturais entre as fendas da montanha, e que eles conheciam. Shmuel lançou alguns gritos berrados e estridentes na direção do uádi e esperou a resposta do eco, porque em sua casa não era permitido levantar a voz.

Às onze horas o sol já era ardente e batia em seus rostos, e os dois estavam vermelhos e banhados de suor salgado. Shmuel mostrou um espaço plano entre dois carvalhos e sugeriu fazer uma pausa e descansar ali, e depois armar a barraca, preparar uma fogueira e assar batatas. Ele conhecia, dos livros, os altos e frondosos carvalhos de terras europeias, mas esses, nas encostas do Carmel, nem eram árvores, mas arbustos emaranhados que não faziam quase nenhuma sombra. Durante muito tempo os dois lutaram com os espeques e os cobertores no esforço de erguer a barraca, mas as estacas se recusavam a penetrar na terra apesar de os dois estarem usando uma pedra à guisa de martelo e se revezando em turnos, um segurando o espeque e o outro batendo nele com a pedra. Shmuel curvou-se para erguer uma pedra grande e no mesmo instante irrompeu de seu peito um grito lancinante. O escorpião o tinha picado no dorso da mão, na raiz do polegar. A dor foi aguda e ardente, assim como o susto. E como Shmuel e Menachem não compreenderam no início o que havia acontecido, Shmuel primeiro pensou que um estilhaço de caco de vidro talvez tivesse se encravado fundo em sua pele, e Menachem pegou a mão que inchava cada vez mais e tentou achar e tirar o espinho ou o caco de vidro. Depois jogou água do cantil sobre o lugar da picada, mas a dor não passou, e sim aumentou, e Shmuel se contorcia de dor e gemia, até que Menachem lhe propôs sentar sobre o cobertor e esperar enquanto ele corria em busca de ajuda. Shmuel percebeu então um escorpião amarelo se arrastando lentamente entre as folhas secas, o escorpião que o tinha picado, ou talvez fosse outro escorpião. Seu corpo todo começou a tremer, pois estava certo de que ia morrer. Uma onda de medo e desespero se apossou dele e fez com que se virasse e comesse a correr muito rápido no

declive do uádi, segurando a mão que ardia com a outra mão. Corria e tropeçava, corria e os pés se chocavam com as pedras e com os ramos secos, uma ou duas vezes se estatelou no chão e logo se levantou e continuou a correr com todas as forças, a respiração ofegante, e seu amigo Menachem corria atrás dele sem conseguir alcançá-lo, pois o medo e a dor tinham feito nascer asas em Shmuel.

E como Menachem não sabia em que poderia ajudar, passou a gritar por socorro numa voz fina e aterrorizada, como se fosse ele o ferido, e assim correram os dois pela encosta pedregosa, Menachem correndo e gritando e Shmuel correndo à sua frente, aumentando a distância entre os dois, e já não gritando, e sim tremendo todo.

Enfim chegaram a uma estrada nova que não conheciam, e se detiveram, ofegantes e em pânico. Após alguns instantes passou por lá uma mulher dirigindo um carro e ela os recolheu e levou os dois para a emergência de um hospital, e lá os separaram, deram em Shmuel uma injeção e a Menachem um copo de água gelada. Com a injeção Shmuel desmaiou, e quando voltou a si viu sua mãe e seu pai curvados sobre ele, seus rostos quase tocando um no outro como se afinal tivesse se instalado entre eles uma trégua. E ficou orgulhoso de si mesmo, por lhes ter trazido esse momento de calma.

Os dois lhe pareceram subitamente fracos e confusos e não paravam de olhar para ele com olhos assustados, como se agora dependessem dele e como se nesse momento coubesse a ele preocupar-se com os dois. Sua mão estava enfaixada, a dor tinha cedido um pouco, e em lugar da dor recrudescia nele uma altivez agradável e ele balbuciou um “isto não é nada, é só uma picada de escorpião, não se morre disso”. Quando saíram de sua boca as palavras “não se morre disso”, sentiu como que um leve toque de decepção, porque na imaginação já visualizara os pais enlutados por ele e se arrependendo amargamente de todos os males que lhe tinham feito desde que era pequeno. Depois de algumas horas o médico de plantão lhe deu alta e recomendou que descansasse em casa, comesse pouco e bebesse muito. Os pais chamaram um táxi, levaram Menachem em casa e de lá continuaram até sua casa.

Lá eles lhe ofereceram o lugar no quartinho pequeno, na cama da irmã, e exilaram Miri para o cantinho de Shmuel no corredor, entre a porta da cozinha e a do banheiro. Durante dois dias despejaram dentro dele caldo de galinha quente, e fígado de galinha com purê de batatas e cenoura cozida e pudim de baunilha, e passados os dois dias lhe disseram, pronto, basta de paparicos, esta noite você volta para sua cama e amanhã para a escola. E com isso chegou também a vez das repreensões e reprimendas. Seu amigo Menachem veio visitá-lo, cheio de culpa, embaraçado, baixinho como capim, como se fosse ele quem tivesse picado Shmuel, e até trouxe de presente um selo raro e valioso, um selo que Shmuel já queria havia muito tempo, um selo nazista com a suástica e acima

dela o retrato de Hitler. Alguns dias depois o inchaço desapareceu, a atadura foi removida, mas Shmuel não esqueceria jamais o cálido prazer que viera junto com o medo da morte e com a doçura secreta da visão dos pais e da irmã de luto junto à sua sepultura fresca e se arrependendo de todas as coisas ruins que lhe tinham feito desde a infância. Imaginava também as duas meninas mais bonitas da turma, Tamar e Ronit, de pé junto à sua lápide, abraçadas e em lágrimas. Ela lembrava-se do toque da mão de Miri, sua irmã, em sua testa e em seus cabelos. Ela havia se curvado sobre ele e o acariciado quando estava deitado na cama dela, ela, que nunca o acariciou uma única vez, nem antes nem depois disso. Em sua família as pessoas pouco se tocavam. Às vezes recebia do pai um ardido tapa no rosto, e de muito em muito tempo a mãe pousava por um instante seus dedos frescos na testa dele. Talvez estivesse só verificando se tinha febre. Não se lembrava de jamais ter visto seus pais tocarem um no outro, nem que fosse para tirar uma migalha do suéter, mas em todos os seus anos de infância teve a impressão de que a mãe carregava uma humilhação reprimida enquanto o pai abafava um contido rancor. Seus pais quase não se falavam, e quando falavam era só a respeito de alguma providência que era necessário tomar. Bombeiro, formulários, compras. Quando o pai falava com a mãe sua boca se retorcia para baixo, como se estivesse com dor de dentes. Quais eram as causas da humilhação da mãe e do rancor do pai ele nunca soube nem quis saber. Desde suas primeiras recordações, de quando tinha dois ou três anos, seus pais já eram distantes um do outro. Embora quase nunca tenham elevado a voz nem brigado em sua presença. Algumas vezes viu que a mãe tinha os olhos vermelhos. às vezes o pai saía à varanda para fumar um cigarro e ficava sozinho na varanda durante quinze ou vinte minutos, voltava e sentava-se em sua cadeira, escondendo-se atrás do jornal. Seus pais eram pessoas educadas e contidas e não achavam ser preciso elevar a voz. Ao longo de sua infância e de sua juventude Shmuel se envergonhava e estava sempre com raiva deles sem saber que raiva era aquela e por que a sentia. Por causa da fraqueza deles? Por seu permanente servilismo, o servilismo de imigrantes que mudam de comportamento só para agradar a pessoas estranhas? Pelo calor que não lhe deram porque não existia neles? Por causa do ódio contido que sempre pairava entre os dois? Por sua avareza? Mas se eles sempre se preocupavam em lhe dar tudo de que precisava: apesar de sua sovínice, nunca lhe faltaram roupas e livros, álbuns e catálogos para sua coleção de selos, uma bicicleta no Bar mitsvá, tinham até financiado seus estudos na universidade até que lhes sobreveio a falência. E mesmo assim não conseguia gostar da mãe nem do pai. Repudiava a mistura de submissão e amargura que sempre havia neles. O corredor atarracado e deprimente onde o tinham alojado na infância e juventude. A sujeição do pai, que sempre declamava os lemas do partido governante, e os silêncios depressivos da mãe. Durante toda a sua infância ele os traía repetidamente, e inventava para si

mesmo país em tudo diferentes, pais cordiais e fortes, calorosos, talvez professores no Technion, o Instituto Tecnológico de Haifa, talvez eruditos abastados dos bairros ricos do alto do Carmel, pais articulados e cheios de simpatia e encanto, pessoas capazes de despertar nele e também nos outros respeito, amor e reverência. Nunca falara sobre isso com ninguém, nem com a irmã. Quando era pequeno ela o chamava de “filho adotado”, enfeitado, e dizia: Encontramos você nas florestas do monte Carmel. Às vezes seu pai a corrigia dizendo: Não nas florestas do Carmel, que história é essa de florestas do Carmel, nós o achamos num beco perto do porto. Sua mãe murmurava, deprimida: Não foi isso o que aconteceu, mas o seguinte, nós quatro nos achamos, uns os outros, totalmente por acaso. Shmuel sempre ficava com raiva de si mesmo por causa de sua raiva deles, e sempre se culpava de uma deslealdade oculta. Como se tivesse sido durante todos esses anos um agente estrangeiro infiltrado em sua família.

Quanto à irmã Miri, uma moça bonita, esbelta e morena, desde que tinha catorze ou quinze anos vivia cercada de muitas garotas risonhas e rapazes altos, alguns dos quais eram dois ou três anos mais velhos que ela, um deles um oficial na unidade de comandos.

Shmuel carregou consigo aquela picada de escorpião como uma das poucas lembranças doces da época de sua infância. Aqueles anos sempre se fechavam sobre ele na forma das paredes do corredor sombrio no qual dormia, paredes cobertas de fuligem por causa do lampião a querosene que ficava aceso nas interrupções do fornecimento de energia elétrica, e um teto baixo atacado de mofo. E eis que por dois ou três dias foi como se tivesse aberto uma fenda em uma das paredes, e através dessa fenda surgira algo do qual Shmuel nunca deixara de ter saudade na adolescência; e até mesmo agora, já adulto, se lembrava da picada do escorpião e se enchia de uma certa e obscura vontade de perdoar o mundo inteiro e de amar quem quer que lhe surgisse no caminho.

Na terça-feira, entre uma chuva e outra, Shmuel acordou mais cedo, às nove da manhã, enfiou a cabeça desgrenhada debaixo da torneira e deixou que o jato de água fria expulsasse os resquícios de sua sonolência. Depois se vestiu, desceu para a cozinha, preparou uma fatia de pão com queijo e bebeu dois copos de café sem coar e muito espesso. Ainda não eram dez horas quando se dirigiu ao ponto de ônibus na rua Keren Kaiemet, e foi de ônibus até a Biblioteca Nacional, em Guivat Ram. Dessa vez deixou no quarto a bengala com a cabeça de raposa de dentes arreganhados. Uma bibliotecária de baixa estatura, de óculos, cujo rosto irradiava compaixão e bondade, mas sobre cujo lábio superior crescia um fino bigodinho, o encaminhou, a seu pedido, para a sala de leitura do departamento de jornais. Lá ele pediu, e recebeu, nove tomos, cada tomo com a edição de um mês inteiro, do jornal *Davar*, entre junho de 1947 e fevereiro de 1948. Acomodou-se na cadeira, pôs na mesa à sua frente algumas folhas de papel que trouxera consigo e uma caneta que apanhara na mesa de Guershom Wald, e começou a percorrer pacientemente os jornais encadernados, edição por edição, página por página.

Além dele havia só mais uma pessoa na sala de leitura, um homem idoso e comprido com uma barbicha de bode, orelhas salientes e usando um pincenê com aro dourado. Shmuel notou que o homem quase não tinha sobrancelhas. Folheava um grosso volume de um semanário cujo nome Shmuel não conseguiu discernir, mas sim que era um antigo semanário estrangeiro, e também percebeu que o homem anotava febrilmente, fazendo listas em pequenas folhas de papel, enquanto isso mordendo sem parar seu lábio inferior.

Depois de meia hora Shmuel afinal encontrou uma pequena notícia que dizia respeito ao membro do executivo da Organização Sionista e da direção da Agência Judaica Shaltiel Abravanel. A notícia aparecia sem destaque numa página interna do *Davar*, e nela se dizia que em 18 de junho de 1947 Abravanel pedira para comparecer ante a comissão especial enviada pela Organização das Nações Unidas para estudar a questão relativa ao futuro de Erets Israel. Abravanel solicitava que pudesse apresentar à comissão a opinião de uma minoria ou, na verdade, uma opinião solitária sobre o conflito entre judeus e árabes. Para sugerir uma solução original por meios pacíficos. A direção da Agência Judaica tinha rejeitado seu pedido, sob a alegação de que cabia à Agência Judaica e ao executivo da Organização Sionista dirigir-se à comissão de maneira unânime, e não por intermédio de várias vozes contraditórias entre si. A notícia dizia ainda que Abravanel tinha ponderado se iria ou não se apresentar à

comissão apesar da decisão da Agência Judaica, mas resolvera acatar disciplinadamente a decisão da maioria, talvez porque lhe tivessem insinuado que, caso se atrevesse a comparecer ante a comissão por conta própria, não teria mais lugar nas instituições centrais da comunidade judaica.

Shmuel Asch copiou essa notícia numa folha de papel, que ele dobrou e enfiou no bolso da camisa. Depois continuou a folhear as edições de setembro e de outubro, parou para ler detalhadamente a recomendação da comissão enviada pela ONU para dividir Erets Israel em dois Estados, um judeu e um árabe, e seguiu adiante à procura de mais menções ao caso de Shaltiel Abravanel. Mas não encontrou nada que indicasse um debate público ou um apelo de Abravanel à opinião pública judaica ou árabe.

Depois de três horas subitamente sentiu fome, mas decidiu que enquanto o homem com a barbicha de bode estivesse sentado na mesa à sua frente e trabalhando com tanta perseverança, tampouco ele aliviaria suas buscas. Manteve essa decisão por uns vinte minutos. Depois de vinte minutos desistiu e foi até a cafeteria que ficava no pavilhão Kaplan, ao lado, a mesma cafeteria em que costumava matar a fome quando era estudante. Esperava muito não encontrar lá nenhum de seus antigos colegas. Se lhe fizessem perguntas, o que lhes poderia dizer?

Já era uma e meia da tarde, e ele pediu um sanduíche de queijo amarelo, *lebenia* e um copo de café. Depois, como não tinha saciado a fome, pediu mais um sanduíche e mais um *lebenia*, e, como sobremesa, mais um copo de café, e dessa vez comprou também um pedaço de bolo para acompanhar o café. Quanto terminou de comer, teve de combater uma leve sonolência que fez seu corpo relaxar na cadeira e seus olhos piscar e se fechar. Ficou assim sentado durante quinze minutos num canto da cafeteria, o queixo barbado pendendo sobre o peito, e então mobilizou o que lhe restava de força de vontade, levantou-se e voltou para a sala de leitura da seção de periódicos e sentou-se no mesmo lugar de antes. O homem desprovido de sobrancelhas com barbicha de bode e pincenê de aro dourado não tinha se movido de lá e ainda anotava febrilmente em pedacinhos de papel. Quando passou por ele Shmuel percebeu que o título do volume que encadernava os semanários do homem estava escrito em caracteres cirílicos e até mesmo as listas que ele tinha feito eram provavelmente em russo. Mas ele não se deteve e pediu de novo emprestados os volumes de *Davar* que ainda não tinha olhado, voltou para seu lugar e continuou a folhear os jornais, página por página.

Quando chegou às semanas que precederam a resolução da Organização das Nações Unidas em 29 de novembro, quase esqueceu o objetivo de sua vinda à biblioteca, e devorou sofregamente os jornais, uma edição após a outra, um artigo após o outro, como se o resultado daquela votação crucial na Assembleia das Nações Unidas ainda estivesse pendente e indefinido, e como se cada voto

oscilante pudesse fazer pender a balança nesta ou naquela direção. Ele pensou sobre o conceito expresso por Wald quanto à grandeza histórica de Ben Gurion e agora via nisso aspectos numa e noutra direção. Às quatro e meia lembrou-se de suas obrigações, devolveu à bibliotecária os volumes de *Davar*, juntou seus papéis, esqueceu a caneta e correu, ofegante e resfolegante, para o ponto de ônibus, a fim de se apresentar antes das cinco em seu posto junto a Guershom Wald. Enquanto corria para o ponto teve um acesso de asma e parou de correr, tirou do bolso do casaco o inalador e aspirou profundamente, chegando ao ponto menos de um minuto depois de o ônibus ter partido. Teve de esperar pelo próximo ônibus.

Do ônibus, correu para casa com o que lhe restava de forças.

Suando e ofegante chegou às cinco e vinte à casa com o pátio calçado de pedra na travessa do Rav Alvez, encontrou Wald mergulhado em uma daquelas suas conversas telefônicas espirituosas e mordazes que às vezes mantinha com os amigos, esperou que terminasse a conversa e se desculpou pelo atraso.

“Eu”, disse o inválido, “como você sabe, não vou fugir daqui para lugar algum. Como dizem nossas escrituras, felizes os que habitam tua casa. Ora, e você, se me permite perguntar, esteve perseguindo uma das cervas e gazelas do campo? A julgar pelo aspecto de seu rosto, parece-me que a cerva conseguiu escapar de você.”

Shmuel perguntou:

“Um copo de chá? Quem sabe uma fatia de bolo?”

“Sente-se, rapaz. É da natureza do urso andar devagar, e você correu e se apressou só para vir apressar a mim. Você não tinha motivo algum para correr. Como Bialik cita, referindo-se ao profeta Amós: Aprendi na raiva a andar devagar. Estou satisfeito com você, apesar de ter se atrasado. Sonhadores são pessoas que sempre se atrasam. Mas está em nossos escritos. Os sonhos não falam em vão.”

Depois disso o velho tornou a falar durante muito tempo ao telefone com um de seus interlocutores, fez citações, brincadeiras, provocações e de novo citações. Quando a conversa acabou, dirigiu-se novamente a Shmuel e perguntou-lhe sobre seus professores na universidade. Conversaram durante quinze minutos sobre um dos professores da universidade, que tinha se apaixonado por uma estudante jovem cujos pais eram velhos amigos do professor. Wald gostava de fofocas e Shmuel não as rejeitava. Depois, Shmuel perguntou subitamente:

“Shaltiel Abravanel. O pai de Atalia. Seu consogro. O que pode me contar sobre ele?”

Wald mergulhou em seus pensamentos. Passou a mão no rosto e depois olhou a mão por um instante como se a resposta a essa pergunta de Shmuel estivesse nela registrada. Por fim, disse:

“Ele também era um sonhador. Mas não se ocupou nem com Jesus, o

nazareno, nem com a relação dos judeus com Jesus, mas a seu modo ele também acreditava, assim como Jesus, no amor universal, o amor de todos os que foram criados à imagem de Deus para com todos os que foram criados à imagem de Deus. Peçam e lhes será dado, busquem e acharão. Batam e a porta se abrirá. Porque todo aquele que pedir receberá. Aquele que buscar achará. A porta será aberta para quem bater. Eu, meu caro, não acredito no amor de todos por todos. A quantidade de amor é muito reduzida. Um homem pode amar cinco homens e mulheres, talvez dez, às vezes até quinze. E mesmo assim, *só raramente. Mas se vem um homem e me declara que ele ama todo o Terceiro Mundo, ou que ama a América Latina, ou que ama o sexo feminino, isso não é amor, mas pura fraseologia.* Ditos da boca para fora. Palavra de ordem. Não nascemos para amar mais do que um pequeno punhado de pessoas. O amor é um evento íntimo, estranho e cheio de contradições, pois mais de uma vez nós amamos alguém por amor a nós mesmos, por egoísmo, por cupidez, por desejo físico, por vontade de dominar o amado e subjugá-lo, ou, ao contrário, devido a uma espécie de desejo de ser dominado pelo objeto de nosso amor, e geralmente o amor se parece muito com o ódio e é mais próximo dele do que imagina a maioria das pessoas. Veja, por exemplo, que quando você ama alguém ou odeia alguém, em ambos os casos você está a todo instante ansioso por saber onde ele está, com quem está neste momento, se está ou não está bem, o que está fazendo, no que está pensando, quais são seus temores. O coração é falso como ninguém, ele é incorrigível; quem poderá conhecê-lo? Assim falou o profeta Jeremias. Thomas Mann escreveu em algum lugar que o ódio não é senão o amor a que se acrescentou o sinal de subtração da aritmética. A medida do ciúme é a prova de que o amor se parece com o ódio, pois no ciúme se mesclam o amor e o ódio. No Cântico dos Cânticos, no mesmo versículo, nos é dito que forte como a morte é o amor, poderoso como o inferno é o ciúme. O pai de Atalia sonhou que judeus e árabes pudessem amar uns aos outros se apenas se eliminasse o mal-entendido entre eles. Mas nisso ele errou. Entre judeus e árabes não há e nunca houve mal-entendido. Pelo contrário. Já faz algumas décadas que entre eles há uma compreensão total e absoluta. Os árabes nativos do lugar se agarram a esta terra porque ela é sua única terra, não têm outra para seu lugar, e nós nos agarramos a esta terra pelo mesmo motivo. Eles sabem que nós nunca poderemos desistir dela, e nós sabemos que eles não desistirão dela nunca. Essa compreensão mútua é, pois, bem clara e irretocável. Não há e nunca houve mal-entendido entre nós. O pai de Atalia era uma dessas pessoas que pensam que toda briga que há no mundo não passa de um mal-entendido: uma pequena dose de aconselhamento familiar, um pouquinho de terapia de grupo, uma ou duas gotas de boa vontade — e logo seremos todos irmãos de coração e de alma, e a briga entre nós será como se não tivesse existido. Ele era desses que acredita que tudo que se exige dos que estão brigando é que se conheçam melhor, e eles logo começarão a

gostar um do outro. Só precisam tomar juntos um copo de café bem forte e bem doce e ter uma conversa amigável — e logo o sol vai brilhar e os que se odeiam cairão em lágrimas no pescoço um do outro, como no romance de Dostoiévski. E eu lhe digo, meu caro, dois homens que amam a mesma mulher, dois povos que reclamam a mesma terra, mesmo se beberem juntos rios de café, esses rios não irão apagar seu ódio, e muitas águas não o varrerão. E ainda lhe digo mais, não obstante tudo que eu lhe disse antes, felizes os sonhadores, e maldito aquele que lhes abre os olhos. É verdade que os sonhadores não irão nos salvar, nem eles nem seus discípulos, mas sem sonhos e sem sonhadores essa maldição que paira sobre nós seria mil vezes mais pesada. Graças aos sonhadores, nós também, os sóbrios, talvez fiquemos um pouco menos petrificados e desesperançados do que estaríamos sem eles. E agora, por favor, sirva-me um copo de água e não se esqueça de dar de comer aos peixes no aquário. Seria interessante saber o que é que o peixe vê quando olha através da parede de vidro para dentro do quarto, para as estantes com livros, para o quadrado de luz na janela. O seu Jesus também foi um grande sonhador, talvez o maior dos sonhadores que jamais houve. Mas seus discípulos não foram sonhadores. Eles foram ávidos de autoridade, e seu fim, como o fim de todos que são ávidos de autoridade e poder no mundo, foi que se transformaram em derramadores de sangue. Não se preocupe em me responder, já sei o que você quer dizer e posso até declamar toda a sua resposta do início ao fim, e até do fim ao início. Ora, já falamos muito por hoje e agora quero ler descansadamente meu Gógol. A cada dois ou três anos volto a ler Gógol. Ele sabia quase tudo que se pode saber sobre a nossa natureza. Sabia, e rolava de tanto rir. Mas, você, não o leia. Não. Você deve ler Tolstói. Tolstói tem muito mais a ver com você. Por favor, dê-me aquela almofada que está em cima do sofá. Sim. Assim. Obrigado. Por favor, ponha-a atrás das minhas costas. Muito obrigado. Tolstói é a melhor opção de leitura para os sonhadores.”

Na manhã seguinte Shmuel Asch conseguiu despertar novamente às nove e vinte, e às dez e meia já estava na sala de leitura da seção de periódicos e já tinha encontrado a edição de *Davar* do dia 30 de novembro de 1947. A manchete, em letras grossas, declarava: EM BREVE SE ERGUERÁ O ESTADO HEBREU, e anunciava que “a Assembleia da ONU decidiu por uma maioria de mais de dois terços pelo estabelecimento de um Estado judeu livre em Erets Israel”. Sob essa manchete estava escrito: “O país será dividido em dois Estados independentes, um judeu e um árabe, que estarão ligados por laços econômicos e uma moeda comum. Jerusalém e Belém estarão sob domínio internacional”. E embaixo dessa notícia ainda vinha um detalhamento do processo da votação na Assembleia Geral, e uma lista dos países que votaram a favor, dos que votaram contra e dos que se abstiveram. Lendo essa notícia Shmuel foi tomado de forte

emoção e seus olhos ficaram marejados, como se os fatos descritos pelo jornal tivessem acontecido exatamente neste momento. Ele notou que o homem de ontem, o homem sem sobrancelhas, com barbicha de bode e pincenê o olhava com curiosidade. Mas quando seus olhares se cruzaram o estranho se apressou a baixar os olhos para seus papéis, e Shmuel baixou seu olhar também.

Depois de satisfazer seu apetite com três sanduíches de queijo amarelo, *lebenia* e duas xícaras de café na cafeteria do pavilhão Kaplan, voltou a seu lugar na sala de leitura, e agora lá estava também, além do barbicha de bode, uma mulher jovem, num vestido tipo avental, o cabelo arrumado numa trança enrolada, uma mulher que parecia uma *chalutzá* de kibutz. Talvez fosse uma estudante, ou talvez uma jovem professora. Ela lhe pareceu vagamente conhecida. Ele se aproximou, inclinou-se sobre ela e perguntou num sussurro se precisava de alguma ajuda. A professora sorriu com tristeza e respondeu também sussurrando:

“Obrigada. Estou bem.”

Falando baixinho, Shmuel desculpou-se por tê-la incomodado e voltou para sua mesa e para os tomos de *Davar* dos meses de dezembro de 1947 e de janeiro e fevereiro de 1948. Cerca de meia hora antes da hora em que teria de correr para seu turno junto a Wald, deparou com mais uma notícia referente a Shaltiel Abravanel. Essa notícia, como a anterior, estava escondida no pé da página interior, a página 3 do jornal, embaixo da notícia da convocação, pela organização da defesa, de todos os donos de caminhões para que viessem se registrar nos escritórios da guarda nacional. A data do jornal era 21 de dezembro de 1947. A notícia dizia que o *chaver* S. Abravanel se demitira ontem de suas funções da Organização Sionista e da diretoria da Agência Judaica devido a divergências com os colegas de ambas as instituições. Comunicava ainda que o próprio Abravanel se recusara a responder à pergunta do repórter de *Davar* sobre os motivos de sua demissão. A partir de uma curta declaração da parte dele, só era dito que o correspondente do jornal tinha sabido que, na opinião do *chaver* Abravanel, a linha adotada por David Ben Gurion e outros levaria inevitavelmente a uma guerra sangrenta entre os dois povos do país, uma guerra sangrenta da qual era impossível saber quem sairia vencedor, e que essa linha podia ser considerada uma aposta precipitada na vida ou na morte dos seiscentos mil judeus de Erets Israel. Na opinião de Abravanel, assim estava escrito, ainda não estava bloqueado o caminho para uma solução de compromisso histórica entre os dois povos que viviam no país. O correspondente de *Davar* tinha acrescentado que Shaltiel Abravanel, conhecido advogado e orientalista, tinha atuado nas duas instituições durante cerca de nove anos.

Às três e meia o homem com a barbicha de bode se levantou, fechou o volume que estava olhando, juntou a pilha de papéis com suas anotações em cirílico e saiu. Shmuel adicionou ainda alguns momentos para folhear o *Davar*,

na verdade esperando que a mulher jovem saísse para que pudesse sair atrás dela e talvez também entabular com ela uma conversa ligeira. Mas já eram quase quatro horas, e quase quatro e quinze, e a garota continuava sentada, debruçada sobre seus papéis. Shmuel lembrou-se de suas obrigações e saiu apressado para seguir seu caminho.

Certa manhã, quando estavam na cozinha e Shmuel servia café sem coar para Atalia e para si mesmo, adoçando e mexendo nos dois copos, num ataque de coragem que não lhe era próprio perguntou:

“O que você faz?”

“Tomo café com um rapaz confuso”, disse Atalia.

“Não, o que você faz... geralmente?”

“Eu trabalho.”

“Num escritório? Como professora?”

“Trabalho na firma de um investigador particular. Mas agora trocamos de função e é você quem está investigando a mim?”

Shmuel ignorou o sarcasmo. Ardia de curiosidade:

“E o que você investiga?”

“Traições, por exemplo. Adultérios. Motivos para um processo de divórcio.”

“Como nas histórias policiais? Esgueira-se, segue as pessoas secretamente, com a gola levantada e usando óculos escuros, atrás de homens que mantêm concubinas e mulheres casadas que têm amantes?”

“Também.”

“E o que mais?”

“Principalmente, a verdadeira situação econômica de candidatos a uma sociedade. Ou as fontes de renda de investidores. Ou também a propriedade de bens cujos donos estão ausentes ou que moram longe daqui. Você por acaso está interessado em saber algo sobre alguém?”

“Sim. Sobre você.”

“Quem sabe você procura uma agência concorrente e paga a ela para que me sigam?”

“E o que eles vão descobrir para mim? Traições? Adultérios? Bens ocultos da vista de todos?”

“Você tenta viver aqui conosco uma vida de nazireu, mas suas imaginações pelo jeito se atropelam num harém.”

“Você gostaria de censurar a vida de minha imaginação?”

“Censurar não. Mas não seria contra dar uma olhada. Você é um pouco órfão, apesar de seus pais ainda estarem vivos. Às vezes emana de você um leve cheiro de desespero. E não é disso que precisa o nosso Wald. Ele precisa de um interlocutor espirituoso e divertido que discorde dele o tempo todo.”

“Quem são as pessoas com quem ele briga às vezes ao telefone?”

“Dois conhecidos bem antigos, de antes do Dilúvio. Esquisitões como ele.

Cabeçudos. Sabichões. Vulcões extintos. Aposentados que ficam o dia inteiro em casa a fiando argumentos. Pessoas um pouco parecidas com ele. Só que são ainda mais solitárias do que ele porque não têm como sustentar um Shmuel Asch para diverti-los todo dia durante algumas horas. Apesar de você não ser lá muito divertido. Ou talvez você seja divertido exatamente quando não tem intenção de ser.”

Shmuel baixou o olhar e examinou o aspecto de seus dedos, abertos à sua frente sobre o oleado da mesa da cozinha. Eles lhes pareceram feios, curtos e grossos. Depois ergueu os olhos para Atalia e lembrou-lhe hesitantemente que ela havia aceitado duas vezes sair com ele à noite. E, na verdade, em ambas as vezes tinha sido por iniciativa dela.

Atalia disse:

“É um fenômeno conhecido. As mulheres às vezes se deixam atrair por rapazes perdidos.”

Depois sorriu, mas seu rosto não lhe pareceu expressar divertimento:

“Antes de você houve aqui três ou quatro moradores que faziam companhia a Wald e moravam em sua água-furtada. Todos eram um pouco esquisitões e se isolavam um pouco. Pelo visto esse emprego é conveniente para jovens que se perderam no caminho. Todos tentaram, mais ou menos, me cortejar um pouco, apesar de serem vinte ou vinte e cinco anos mais jovens que eu. Assim como você. A solidão engendra todo tipo de estranheza. Ou talvez vocês tragam as estranhezas dos lugares de onde vieram.”

“E a você?”, perguntou Shmuel com os olhos ainda fitando seus dedos feios, “o que a solidão faz a você?”

“Eu? Já faz algumas semanas que você não para de cravar os olhos em mim e assim mesmo nem sequer começou a me conhecer. Pelo visto existe algo que interessa ou atrai você, mas esse algo com certeza não sou eu. O mundo está cheio de homens que se interessam muito por mulheres mas não se interessam por elas de verdade. Mulheres fracas são condescendentes com homens desse tipo. Exatamente eu, por acaso, não preciso de homem algum. Sou sozinha. Trabalho, leio livros e ouço música. Às vezes alguém vem me visitar à noite. E às vezes, em outra noite, vem outra visita. Vem, e vai embora. Eu me contento comigo mesma. Senão eu contrataria, como Wald, algum rapaz desempregado que seria pago para me divertir seis horas por dia.”

“E quando você está sozinha em seu quarto?”

“Eu moro nele. E isso me basta.”

“Então, por que me propôs não uma, mas duas vezes, que saíssemos juntos à noite?”

“Bem”, disse Atalia, e levantou-se, levando consigo para a pia as duas xícaras de café vazias, lavou-as e as deixou viradas para baixo no escorredor. “Bem, eu e você talvez saíamos esta noite também. Não ao anoitecer. À noite. Não à noite,

ao amanhecer. Vou lhe dar de presente uma pequena aventura noturna. Você sabe se esconder?”

“Não”, respondeu Shmuel desanimado. “Nem um pouco.”

“Podemos ver a lua do alto do monte Sion, em frente às muralhas da cidade antiga”, disse Atalia de pé, junto à porta da cozinha, seu quadril esquerdo um pouco levantado e cinco dedos pousados nele. Um eflúvio muito suave de perfume de violetas exalava dela, com um ligeiro toque de cheiro de xampu.

Shmuel disse:

“Esta noite já não vai ter lua cheia.”

“Então vamos contemplar o quarto minguante. Quase tudo é minguante, imperfeito, defeituoso no mundo. Quase tudo em que tocamos se torna defeituoso. Você, esteja pronto na cozinha às três da manhã. Se é que você é mesmo capaz de acordar a essa hora. Vamos subir no monte Sion e ver juntos o nascer do sol além das montanhas de Moab. Se não houver nuvens. Tem um casal, os dois são muito cultos, os dois são pessoas que conhecem bastante sobre Jerusalém, os dois são casados mas não um com o outro, e eles combinaram de se encontrar esta noite para ver o nascer do sol do monte Sion. Não me pergunte de onde eu sei. Devo tentar fotografá-los juntos à luz do sol nascente sem que eles percebam. Se tivermos sorte, vamos fotografá-los abraçados. Você virá comigo e será o meu álibi.”

Ao sair, do corredor, quando Shmuel já não a avistava, acrescentou:

“E vista roupas quentes. Estas noites de inverno são muito frias em Jerusalém.”

Shmuel continuou sentado cerca de vinte minutos na cozinha, olhando para a ponta de seus dedos. Resolveu que ainda hoje cortaria as unhas e os pelos do nariz e que também tomaria outro banho à tarde, apesar da chuva de manhã. De forma alguma esqueceria de trocar o inalador já quase vazio em seu bolso por um novo. Lembrou que tinha cogitado perguntar a Atalia sobre seu pai e talvez também sobre seu marido, mas por algum motivo sentira que essas perguntas iriam irritá-la e afastá-la dele. E acrescentou para si mesmo: Iriam afastar. Afastar? Desde quando afastar? Como se estivéssemos próximos. Pois se ela mesma disse que só está me levando para esse passeio noturno na qualidade de álibi. Com certeza não lhe é conveniente andar sozinha pelo monte Sion a essa hora da madrugada. Também não é seguro. Será que ela gosta de mim? Um pouco? Ou só tem pena de mim? Ou se comporta comigo exatamente como se comportou com os três ou quatro que moraram lá antes de mim? Ou talvez só esteja se divertindo um pouco comigo, como se eu fosse um menino que ela não teve? E de repente, de uma só vez, todas essas perguntas deixaram de ser importantes e em seu lugar uma onda de alegria que encheu seu peito e acelerou o sangue em suas veias o invadiu. Pela primeira vez em alguns meses era como se a dor aguda pelo abandono de Iardena e por seu casamento com Neshar Sharshavsky desvanecesse e se aplacasse um pouco ante a força dessa alegria.

Sentiu-se tranquilo, decidido, até quase másculo. E disse para si mesmo em voz alta:

“Sim. Às três da manhã.”

Saiu da cozinha, passou pela porta fechada de Atalia e subiu para sua água-furtada. Ficou um pouco junto à janela e depois vestiu seu casaco roto e pegou a bengala com a cabeça de raposa em busca de uma presa, passou talco na barba e na testa e saiu para comer goulash no restaurante húngaro da rua Rei George. Mas de súbito, enquanto ainda comia a sopa mergulhando nela pedacinhos de pão branco, foi tomado de apreensão por não se lembrar se Atalia lhe dissera para esperá-la às três da manhã em seu quarto, ou na cozinha, ou no corredor, ou talvez lhe tivesse dito para bater às três da manhã à porta do quarto dela? Pior ainda. Já não sabia se era para eles saírem de casa às três da manhã ou às três já era para estarem no monte Sion, para contemplar a lua no quarto minguante, esperar pelo nascer do sol e seguir em segredo o casal de amantes secretos?

Na mesma noite, depois de servir o mingau a Guershom Wald, esperou que terminasse de comer e comeu ele mesmo o que restara, devolveu à cozinha e lavou a colher e o prato, alimentou os peixes ornamentais, cerrou as persianas no escritório de Wald e subiu a seu quarto, mas não se deitou para dormir. Não tinha despertador, e sabia que se adormecesse não haveria a menor possibilidade de acordar a tempo do encontro noturno. Por isso decidiu ficar acordado a noite inteira e descer às duas e meia para esperá-la na cozinha. Acendeu a luminária da mesa, acendeu o aquecedor a querosene e esperou que a chama se firmasse e se refletisse como uma flor azul-violeta na chapa côncava de metal. Sentou-se então à mesa olhando por um momento a escuridão que havia lá fora. Os miados de gatos no cio se elevavam de um dos pátios próximos e cortavam o silêncio da noite. A noite estava clara, mas as silhuetas dos altos ciprestes escondiam o céu estrelado e a lua em quarto minguante. Shmuel abriu um livro, e depois dele outro livro, folheou um pouco, consultou suas anotações, descartou um parágrafo inteiro de dois dias antes porque lhe pareceu literário demais. Depois começou a escrever, e, como a caneta estava seca, remexeu a gaveta e encontrou uma caneta antiga, que talvez tivesse sido de um dos inquilinos anteriores. Era uma caneta de luxo, um pouco pesada, com uma lista dourada em seu comprimento. Ela transmitiu a seus dedos uma tepidez agradável. Shmuel acariciou um pouco a caneta, enfiou-a no emaranhado de seus cachos, coçou-se com ela, e começou a escrever.

“O rabi Iehudah Arie de Modena, que vivera em Veneza no final do século XVI e até quase a metade do século XVII, nascera numa família rica de banqueiros e comerciantes. Estudou a Torá com diversos professores, mas também se dedicou a estudos laicos, como ele mesmo descreveu: ‘também aprendi a tocar, a cantar, a dançar e um pouco da língua latina’. Mostrou interesse por teatro e por música e até escreveu algumas comédias e promoveu apresentações e concertos. Suas palestras eram frequentadas não só por judeus mas também por cristãos, entre eles gente simples do povo, nobres e até pessoas do clero. A tragédia na vida de rabi Iehudah Arie de Modena foi ser viciado em jogos de azar, vício que o levou à falência a ponto de quase passar fome. Seus anos derradeiros ele os passou na pobreza e na doença.

“Muitas vezes polemizou com sábios cristãos e com padres, e no fim da vida escreveu um livro de polémica metodológica contra o cristianismo, chamado *Escudo e espada* (escudo como defesa ante os ataques cristãos ao judaísmo e espada nas mãos dos judeus para demonstrar a iniquidade que havia na fé cristã).

Esse seu texto se diferenciava de todos os antecessores pelo fato de não haver nele o menor tom apologético nem qualquer expressão de imprecisão ou blasfêmia contra o cristianismo, e sim uma coerente exigência de se valer da pura lógica para fundamentar a veracidade da fé judaica e revelar as contradições intrínsecas da fé cristã. Para isso ele lia o Novo Testamento com uma leitura que hoje em dia, assim anotou Shmuel em seu caderno, chamaríamos leitura crítica. O rabi Iehudah Arieh, antes de deixar este mundo, só conseguiu escrever cinco dos nove capítulos que tencionava incluir em seu livro, *Escudo e espada*. O rabi Iehudah Arieh via Jesus como um judeu fariseu em todos os aspectos, um judeu fariseu que discordava de seus mestres só em questões regulamentares marginais, mas não discordava no principal. Nunca, acentua o rabi Iehudah Arieh, nunca Jesus cogitou se apresentar como divindade. Em lugar algum nos livros do Novo Testamento ele se atribuiu um status divino: ‘De tudo que se depreende, segundo a narrativa do Evangelho [...] jamais encontraremos nenhuma afirmação dele dizendo que era deus, e sim... ser humano, e menos que seu próximo: ‘Quanto a *mim*, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo’. Em comparação, em dezenas de lugares no Evangelho ele se denomina *ben adam*, ‘filho do homem’, ou seja, ‘pessoa’, ‘gente’. E mais do que isso: ‘Quando lavou os pés de Pedro (João 13,31 e seguintes) disse sobre si mesmo: ‘Agora o Filho do Homem foi glorificado, e Deus foi glorificado nele’. Assim, pois, o próprio Jesus chamava a si mesmo, explicitamente, de ‘Filho do Homem’”.

O rabi Iehudah Arieh ainda escreveu, e Shmuel copiou suas palavras numa animação e numa excitação noturnas cada vez maiores, todo o seu cansaço desaparecera e seu coração transbordava a ponto de ele quase esquecer completamente do encontro noturno que o aguardava: “Saiba que havia entre os judeus naquela época [...] algumas seitas, todas reconhecendo a Torá de Moisés, mas divididas quanto a suas interpretações e mandamentos. Havia os fariseus e os escribas, nossos sábios, dos quais saiu a Mishná, e além desses os saduceus e os boetusianos, essênios e mais alguns [...] E entre todos o nazareno escolheu [...] e foi atraído pela seita dos fariseus, nossos mestres [...] e assim se vê claramente no Evangelho que disse a seus discípulos: ‘Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis suas ações, pois dizem mas não fazem’ (Mateus 23,1-3). Vamos ver que Jesus reconhece não apenas a Torá escrita mas (também) a Torá oral: ‘Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento’ (Mateus 5,17). E disse ainda: ‘até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado’ (Mateus 5,18)”. Em continuação, o rabi Iehudah Arieh de Modena explica como e por que, usando “estratagemas”, Jesus se descreve algumas vezes como filho de Deus, por razões didáticas, para ser seguido pelas multidões,

e não porque se considerasse um rebento de Deus. Todo o resto, nas palavras do rabi Iehudah Arieih, não passa de “remotas invenções que adotaram seus seguidores algum tempo após sua morte, coisas que não eram (não podiam ser) e ainda não são admissíveis por nenhum senso comum e simples de qualquer pessoa no mundo”.

À margem dessas palavras, por volta de meia-noite e meia, num estado de grande excitação, Shmuel anotou em seu caderno:

“Judas Iscariotes é o fundador da religião cristã. Ele era um homem abastado da Judeia, ao contrário dos demais apóstolos, que eram simples pescadores e agricultores de aldeias longínquas da Galileia. Os sacerdotes de Jerusalém tinham ouvido boatos estranhos sobre um excêntrico milagreiro da Galileia que fazia coisas prodigiosas e atraía adeptos aqui e ali, em aldeias e vilas esquecidas, até as margens do mar da Galileia, por meio de todo tipo de milagres provincianos, ele assim como dezenas de pseudopropetas e milagreiros, a maioria dos quais eram charlatões, ou loucos, ou charlatões e também loucos. Só que esse galileu atraía um pouco mais de crentes do que os outros embusteiros, e sua fama crescia cada vez mais. Por isso os sacerdotes de Jerusalém decidiram escolher Judas Iscariotes, um homem abastado, culto, inteligente, profundo conhecedor da Torá escrita e da Torá oral, e próximo dos fariseus e do sacerdócio, e enviá-lo para se juntar ao grupo dos crentes que seguiam o rapaz galileu de aldeia em aldeia, fazer-se passar por um deles para informar aos sacerdotes de Jerusalém qual era a verdadeira natureza daquele excêntrico e se ele representava de fato algum perigo especial. Afinal de contas, esse embusteiro da Galileia realizava todos esses milagres provincianos em lugares distantes, para uma assistência de aldeões sem instrução que acreditavam facilmente em todo tipo de mágicos, feiticeiros e prestidigitadores. Judas Iscariotes vestiu-se pois de andrajos, foi para a Galileia, procurou e encontrou Jesus e seu grupo e juntou-se a eles... Rapidamente conseguiu fazer amizade com os integrantes da seita, uma seita de rotos e esfarrapados que seguiam seu profeta de aldeia em aldeia. Ele também fez amizade com o próprio Jesus, graças a sua inteligência e sua lucidez, e fingindo ser um crente entusiasta logo passou a ser uma das pessoas mais próximas de Jesus, seu confidente, do círculo íntimo de seus seguidores, o tesoureiro desse grupo de indigentes, os doze apóstolos. O único entre eles que não era galileu nem agricultor ou pescador pobre.

“Só que aqui ocorre uma reviravolta surpreendente no desenrolar da trama. O homem que fora enviado pelos sacerdotes de Jerusalém para espionar o embusteiro galileu e seus seguidores, para desmascará-lo, passou a ser um de seus mais entusiasmados crentes. A personalidade de Jesus, a irradiação do amor caloroso e arrebatador que dele emanava, aquela mescla de simplicidade nos gestos, humildade, humor afetuoso, cálida intimidade com qualquer um, junto com a estatura moral, a visão elevada, a aguda beleza das fábulas de que Jesus se

valia, e os encantos do maravilhoso evangelho em sua boca, transformaram o homem lógico, realista e cético da cidade de Keraiot num seguidor dedicado com todas as forças ao salvador e seu evangelho. Judas Iscariotes passou a ser o discípulo mais fiel e dedicado, até a morte do homem de Nazaré. Se isso aconteceu da noite para o dia ou se foi consequência de um longo processo de renascimento, não sabemos”, escreveu Shmuel em seu caderno, “mas na verdade essa questão não tem muita importância. Judas Iscariotes passou a ser Judas cristão. O mais entusiasta dos apóstolos. E além disso: foi o primeiro homem no mundo a acreditar piamente na divindade de Jesus. Acreditava que Jesus era onipotente. Acreditava que logo os olhos de todos os homens iriam se abrir, de mar a mar, para enxergar a luz, e viria a redenção para o mundo. Mas para isso, concluiu Judas, que era um homem do grande mundo e entendia bastante de relações públicas e de como criar uma repercussão impactante, era preciso que Jesus deixasse a Galileia e subisse a Jerusalém. Tinha de conquistar a rainha em sua casa. Deveria realizar em Jerusalém, diante de todo o povo e aos olhos do mundo inteiro, um milagre que como tal não houve igual desde o dia em que Deus criou o Céu e a Terra. Jesus, que caminhara sobre as águas no mar da Galileia, Jesus que trouxera de volta dos mortos a menina morta e Lázaro, Jesus que transformara água em vinho, que tinha exorcizado demônios e curado enfermos com o toque de sua mão e com o toque das fimbrias de sua roupa, tinha de ser crucificado aos olhos de Jerusalém inteira. E aos olhos de Jerusalém inteira ele se livraria e desceria da cruz, vivo e presente, e se postaria saudável e inteiro, sobre as duas pernas, firme sobre o solo ao pé da cruz. O mundo inteiro, sacerdotes e o povo comum, romanos e edomitas e helenistas, fariseus e saduceus e essênios, samaritanos e ricos e pobres, centenas de milhares de peregrinos que chegarão a Jerusalém vindos de todo o país e dos países vizinhos para a festa de Pessach, todos cairão de joelhos para se empoeirar com o pó de seus pés. Com isso começará o Reino dos Céus. Em Jerusalém. Diante do povo e do mundo. E exatamente na sexta-feira que antecede a festa de Pessach. A maior de todas as reuniões de multidões”, anotou Shmuel em seu caderno. Mas Jesus hesitou muito se deveria aceitar a ideia de Judas e subir para Jerusalém. Bem fundo em seu coração de menino, durante todos aqueles dias, o verme da dúvida roía. Serei eu o homem: Serei eu o homem? E se eu for menor do que isso? E se essas vozes estiverem me iludindo, forem vãs? E se meu pai que está no céu estiver me experimentando? Brincando comigo? Me usando para um fim cujo segredo me é oculto? Talvez o que tinha conseguido realizar na Galileia não conseguisse realizar na Jerusalém sofisticada, laica, assimilada, helenista, a Jerusalém pouco crente que viu de tudo e ouviu de tudo e já não se admira de nada. O próprio Jesus talvez estivesse esperando o tempo todo por algum milagre contundente vindo de cima, por alguma revelação ou iluminação, por alguma resposta divina a suas dúvidas: serei realmente eu o homem?

“Judas não o largou: Você é o homem. Você é o salvador. Você é o filho de Deus. Você é Deus. Você foi destinado a salvar todos os homens onde quer que estejam. O Céu o encarregou de ir a Jerusalém e lá realizar seus milagres, você fará em Jerusalém o maior milagre de todos, vai descer vivo e inteiro da cruz, e Jerusalém inteira cairá a seus pés. A própria Roma cairá a seus pés. O dia de sua crucificação será o dia da redenção do mundo. É a última prova a que o submeteu seu pai que está no céu, e você há de passar por ela porque você é o nosso salvador. Após essa prova terá início a era da redenção da humanidade. Nesse mesmo dia começará o Reino dos Céus.

“Após muitas hesitações Jesus e seus seguidores subiram para Jerusalém. Mas aqui de novo foi assolado pelas dúvidas. E não apenas dúvidas, mas também um temor mortal, tão simples quanto isso, como o de um ser humano. Um temor mortal e humano, muito humano, se apoderou de seu coração: ‘E seu espírito se alarmou’, ‘E foi tomado das dores da morte’, ‘E começou a se alarmar e desencorajar e disse a eles: Minha alma está agora conturbada’.

“‘Se pudeses’, rezou Jesus a Deus em Jerusalém durante a última ceia, ‘afasta de mim esse cálice’. Mas Judas o animou e fortaleceu seu espírito: quem caminhou sobre as águas e transformou água em vinho e curou leprosos e exorcizou demônios e ressuscitou mortos, será capaz de descer da cruz e com isso fazer com que o mundo inteiro reconheça sua divindade. E como Jesus continuara a temer e a duvidar, Judas Iscariotes assumiu os preparativos da crucificação. Não foi fácil para ele: os romanos não tinham nenhum interesse por Jesus, pois o país estava cheio de profetas, milagreiros e visionários sonâmbulos como ele. Não foi fácil a Judas convencer seus colegas sacerdotes a levar Jesus a julgamento: Jesus não era considerado por eles mais perigoso do que uma dúzia de seus dublês na Galileia e em regiões remotas. Judas Iscariotes teve de recorrer a manobras, valer-se de seus bons relacionamentos nos círculos farisaicos e do sacerdócio, incendiar corações, talvez também pagar subornos, para providenciar a crucificação de Jesus entre dois criminosos menores na véspera da festa sagrada. Quanto aos trinta siclos de prata, isso quem inventou foram os abominadores de Israel das gerações seguintes. Ou talvez o próprio Judas tenha inventado esses trinta siclos de prata para dar credibilidade à história. Judas ou que seriam trinta siclos de prata para um abastado dono de propriedades da cidade de Keraiot? Trinta siclos de prata naquela época não eram mais do que a quantia apurada pela venda de um escravo de qualidade média. E quem pagaria até mesmo três siclos de prata pela prisão de um homem que todos conheciam? Um homem que não tentou nem por um momento se esconder ou negar sua identidade?

“Judas Iscariotes é, pois, o inventor, o organizador, o diretor e o produtor da cena da crucificação. Nisso tiveram razão seus detratores e difamadores em todas as gerações, talvez com mais razão do que eles mesmos imaginavam. Mas

quando Jesus agonizava na cruz em terrível sofrimento, horas e horas no sol ardente, o sangue escorrendo de todas as suas feridas com moscas esvoaçando sobre elas, e até mesmo quando lhe deram vinagre para beber, a fé de Judas não esmoreceu nem por um instante: eis que já está chegando. Eis que o deus crucificado já vai se levantar, livrar-se dos pregos e descer da cruz, e dirá a todo o povo, prostrado em seu assombro: ‘Amem uns aos outros’.

“E o próprio Jesus? Mesmo nos momentos em que agonizava na cruz, na nona hora, quando a multidão zombava dele gritando ‘Salve a si mesmo se puder e desça da cruz’, ainda o fustigava a dúvida. Serei eu realmente o homem? E mesmo assim, talvez ainda tentasse se agarrar, em seus últimos momentos, à promessa de Judas. Com o que lhe restava de forças puxava as mãos presas com pregos à cruz e puxava os pés também pregados, puxava e se sacudia, puxava e gritava de dor, puxava e clamava a seu pai no céu, puxava e morria tendo nos lábios as palavras do livro dos Salmos, ‘*Eli eli lama shabachtani*’, que significam ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste’. Tais palavras só poderiam sair dos lábios de um homem agonizante que acreditava, ou talvez acreditasse, que o Deus realmente o ajudaria a arrancar os pregos, realizar o milagre e descer inteiro da cruz. E com essas palavras agonizou e morreu dessangrado como humano, como carne e sangue.

“E Judas, cujos olhos horrorizados viam o sentido e o objetivo de sua vida se esfacelar, Judas, que compreendeu que com suas próprias mãos tinha causado a morte do homem que amava e admirava, foi embora de lá e se enforcou. Assim”, anotou Shmuel em seu caderno, “assim morreu o primeiro cristão. O último cristão. O único cristão.”

Shmuel estremeceu de repente e olhou para o relógio. Atalia lhe tinha dito para estar na cozinha às três horas da manhã? Ou para bater à sua porta? Ou talvez tivesse tido a intenção de que às três os dois já deveriam estar a caminho do monte Sion? Já eram três e vinte, e ele rapidamente passou talco de bebê na testa e na barba, pegou e vestiu às pressas seu roto casaco de estudante, pôs o *chapka*, enrolou no pescoço um cachecol antigo feito de uma lã áspera que o espetava, desistiu da bengala com a raposa prateada e correu escada abaixo sem fechar a porta de seu quarto.

Quando chegou ao pé da escada ouviu a voz de Guershom Wald o chamando. Quase tinha esquecido de que o velho ficava acordado durante a noite, sempre sozinho na biblioteca.

“Rapaz. Venha, entre aqui por um momento. Só por um momento.”

Atalia saiu de seu quarto, vestindo também um casaco de inverno e tendo na cabeça um xale de lã preta tricotada que lhe dava o aspecto de uma viúva já madura. Shmuel acariciou com os olhos a fenda profunda, bem marcada, que descia numa linha firme do nariz até o meio do lábio superior. Em seus sonhos acariciava essa fenda, delicadamente, com seus lábios.

“Vá falar com ele. Mas não demore. Estamos atrasados.”

Wald não estava sentado à sua escrivaninha, e sim deitado no sofá de vime, as pernas cobertas com o cobertor de lã quadriculado em padrão escocês. Torto, o rosto feio mas fascinante, o queixo projetado para a frente, o bigode de Einstein cobrindo a sombra de um sorriso irônico que pairava, ou não, em seus lábios, o brilhante cabelo prateado escorrendo até os ombros. Segurava com ambas as mãos um livro aberto, e sobre os joelhos jazia outro livro, virado e também aberto. Quando Shmuel apareceu na porta, disse-lhe Guershom Wald:

“Em meu leito, pela noite, procurei o amado de meu coração.”

E acrescentou:

“Ouça. Não se apaixone por ela.”

E depois disse ainda:

“Tarde demais.”

E ainda:

“Vá. Ela espera por você. Estou perdendo você também.”

Depois das três e meia Shmuel e Atalia saíram para a escuridão do lado de fora. O céu estava limpo de nuvens. Grandes estrelas nele brilhavam, cercadas de um halo de vapor leitoso, parecendo as estrelas de Van Gogh. As lajotas do pátio estavam úmidas da chuva que caíra antes do anoitecer. Os negros ciprestes

oscilavam para lá e para cá, como que em tranquila devoção, pois um vento silencioso soprava do oeste em direção às ruínas da aldeia árabe de Sheikh Bader. O ar estava limpo e frio, um ar penetrante que beliscava os pulmões e aguçava os sentidos de Shmuel.

Shmuel tencionava, como fizera antes, caminhar meio passo atrás dela, para contemplar sua silhueta pelas costas. Mas Atalia cruzou seu braço no dele e o apressou:

“Você pode andar mais depressa? Você está sempre correndo, e exatamente quando precisa se apressar você resolve se arrastar. Como se andasse dormindo. Existe, em geral, algo que você seja capaz de fazer com agilidade?”

Shmuel disse:

“Sim. Não. Às vezes.”

E depois disse:

“A época em que eu ficava circulando sozinho pelas ruas, numa hora como esta. Não foi há muito tempo. Quando Iardena me deixou e foi...”

“Eu sei. Neshar Sharshavsky. Especialista em represar águas pluviais.”

Não disse isso em tom de zombaria, mas com tristeza, quase com simpatia. Shmuel pressionou um pouco o braço dela cruzado com o seu, para lhe agradecer.

As ruas estavam desertas. Aqui e ali um gato faminto passava correndo pelo caminho. Aqui e ali se viam latas de lixo que o vento derrubara e cujo conteúdo se espalhara na calçada. Jerusalém estava silenciosa e atenta na escuridão da madrugada. Como se a qualquer momento algo fosse acontecer. Como se os prédios envoltos em leve neblina, os pinheiros que sussurravam nos pátios, muretas de pedra molhadas, os carros estacionados, as fileiras de latas de lixo na beira das calçadas, tudo estivesse desperto, tudo lá a esperar. No silêncio profundo pulsava certa inquietude. Havia uma sensação de que a cidade não dormia, mas fingia dormir, e na verdade estava toda tensa e contendo um tremor interno.

Shmuel disse:

“E o casal que vamos seguir?”

“Não fale agora.”

Shmuel calou-se imediatamente. Atravessaram a rua Keren Kaiemet, passaram pelo prédio semicircular da Agência Judaica, desceram o leve declive da rua Rei George, viraram na rua George Washington, passaram por trás da torre da Associação Cristã de Moços e atravessaram de novo em direção ao Hotel Rei Davi, no qual um alto porteiro uniformizado estava postado do lado de fora da porta giratória e batia com os pés no chão para se aquecer. De lá desceram na direção do moinho de vento de Montefiori e das edificações de Mihskenot Shaananim. Na descida pela rua de escadarias no bairro de Iemin Moshe, foram acoçados por um cão de rua, um vira-lata que farejou a bainha

do vestido de Atalia e soltou um leve ganido. Shmuel se deteve por um instante, curvou-se e acariciou o cão, duas carícias rápidas. O cão lambeu sua mão e de novo soltou baixinho um ganido, cheio de submissão e de súplica. E começou a andar atrás deles com a cabeça baixa, balançando a cauda e implorando por mais uma esmola de amor.

No fim da década de 1950 e início da de 1960, Iemin Moshe ainda era um bairro pobre com fileiras e mais fileiras de casas baixas de pedra, algumas com telhados de telhas, e outras com telhados rasos. Nos pequenos quintais havia cisternas subterrâneas, do tempo dos turcos, com tampas de ferro cobrindo a abertura de cada perfuração. Em vasos de lata enferrujada floresciam gerânios e todo tipo de ervas comestíveis e para temperos. Todas as casas estavam às escuras e fechadas. Não havia luz brilhando em nenhuma das janelas gradeadas. Só um pálido lampião de rua espalhava sobre os degraus flocos de uma débil luz amarela. Fora o cão que grudara neles e, rabo entre as pernas, andava atrás deles a alguma distância, não se via ninguém nas ruelas. Shmuel e Atalia desceram até a estrada sinuosa no *gai* Hinom, o vale de Hinom, e Shmuel sussurrou:

“Agora estamos no *guehinom*, o inferno.”

Atalia disse:

“Estamos acostumados, não?”

Passaram junto à cerca de arame farpado enferrujada que bloqueava a continuação da estrada ao pé das muralhas da cidade velha e marcava a fronteira com a terra de ninguém semeada de minas, entre a Jerusalém israelense e a Jerusalém jordaniana. Começaram então a galgar o caminho íngreme e tortuoso em direção ao topo do monte Sion. O monte em si era uma espécie de protrusão de território israelense cercado em três lados por território jordaniano. Nesse ponto o cão parou, hesitou um instante, soltou um latido agoniado, esgratou a calçada com as duas patas dianteiras, resolveu que seu destino era desistir dessa vez também, produziu um gemido de despedida agoniado e virou-se e voltou por onde viera, as orelhas caídas para trás, a boca um pouco aberta num uivo silencioso, o ventre quase se arrastando no pó e o rabo pendendo frouxo. O frio penetrava o casaco surrado de Shmuel e cravava unhas afiadas em suas costas e em seus ombros. Ele tremia. Atalia, em seus sapatos rasos, caminhava com rapidez e ele se arrastava atrás dela no caminho estreito e íngreme, tentando com todas as forças não ficar para trás. Mas Atalia era mais ágil do que ele e entre os dois se abriu uma distância que ia aumentando no escuro até que Shmuel se assustou com medo de perdê-la de vista e de se perder naquelas plagas abandonadas limítrofes com a terra de ninguém e a descoberto dos ninhos de metralhadoras do inimigo. Um grilo cricrilou no escuro e um bando de sapos lhe respondeu de uma das poças nas fendas entre as pedras. Uma ave noturna assustada, talvez uma coruja, passou de repente muito baixo e muito perto de suas cabeças, bateu as asas três ou quatro vezes e desapareceu. A

sombra escura das muralhas da cidade velha se estendia pesadamente à sua esquerda, ao longo de todo o caminho. Da extremidade abandonada do vale de Hinom irrompeu o longo uivo de um chacal, de cortar o coração, e logo lhe respondeu de todos os lados um coro de chacais cujas vozes atravessavam o silêncio da noite. Cães começaram a ladrar e outros cães lhes responderam de longe, da direção do bairro de Abu Tor. Shmuel começou a dizer qualquer coisa mas logo voltou atrás. Sobre ele baixara o cansaço e sua respiração ficara ofegante com aquela subida pelo íngreme acíve. Temeu estar próximo de uma crise de asma. Mas a crise não veio. O xale de lã grosseira espetava seu pescoço e sua nuca.

Quando chegaram ao topo do monte, na entrada da construção chamada Túmulo de Davi, porque abriga um antigo ataúde coberto com um pano ornamental que os devotos acreditam conter os restos mortais do rei Davi, postou-se diante deles um soldado da reserva de uns quarenta e cinco anos, gordo, baixo, envolto num grosseiro casacão militar com a gola levantada, usando um gorro de lã que desenrolara para proteger também suas orelhas do frio. O soldado estava lá de pé, as pernas abertas, apoiado num antigo fuzil tcheco. Fumava um toco de cigarro e ao ver Shmuel e Atalia falou sem tirar o toco de entre os lábios:

“Está fechado. Não podem entrar.”

“Por quê?”, riu Atalia. O soldado ergueu um pouco da parte do gorro que cobria uma orelha e respondeu:

“Porque é uma ordem, madame. Não se pode entrar.”

“Mas nós nem queríamos entrar”, disse Atalia, puxando Shmuel pelo braço.

Shmuel não se moveu e perguntou ao soldado:

“Até que horas é seu turno na guarda?”

“Mais meia hora”, disse o soldado, a brasa do cigarro quase chegando aos lábios. E sem nenhum motivo acrescentou:

“Ninguém entende nada.”

Atalia voltou-se sem falar e andou uma distância de alguns passos, até o corrimão de ferro que margeia o cume do monte para o leste, na direção da terra de ninguém. Enquanto Shmuel se detinha mais um pouco junto ao soldado, a brasa já tocando seus lábios. O soldado cuspiu o toco de cigarro num grande arco, sem apagá-lo. A pequena centelha de luz elevou-se à altura de sua cabeça, fez uma curva e aterrissou na poeira, e assim mesmo não parou de cintilar. Como se recusando-se a morrer. Shmuel saiu de lá e arrastou-se atrás de Atalia. Ela examinou o lugar, como se farejasse o ar, e afastou-se para o canto da construção, escondendo-se nas densas sombras sob o arco de pedra que escondia o céu estrelado e a fina camada de neblina que envolvia todo o monte. Shmuel veio e ficou junto a ela e, depois de hesitar por um instante, pôs o braço em torno de seus ombros. Ela não o repeliu. Ao fim de seu silêncio, disse:

“Temos entre meia hora e uma hora.”

Depois cochichou:

“Agora, se você realmente precisa, pode falar um pouco. Mas baixinho.”

“Veja, Atalia, a coisa é assim.”

“Assim como?”

“Você e eu moramos sob o mesmo teto há mais de dois meses. Quase.”

“O que está tentando me dizer?”

“E além disso saímos juntos duas vezes. Três, se contarmos esta noite também.”

“O que está tentando me dizer?”

“Não estou tentando dizer nada. Estou perguntando.”

“A resposta é: ainda não. Talvez, com o tempo. E talvez nunca.”

E acrescentou:

“Às vezes você é comovente, e outras vezes você é irritante.”

Perto das seis horas da manhã faiscaram os primeiros clarões de luz, que começavam a brilhar sobre as montanhas de Moab. As silhuetas das montanhas se tornaram mais claras, o céu empalideceu e as estrelas começaram a se empanar. O casal com certeza já não viria aqui para contemplar o nascer do sol. E talvez não houvesse casal algum. Talvez Atalia tivesse inventado esse casal. O velho soldado que estava postado e fumando na entrada do Túmulo de Davi tinha desaparecido. Certamente havia completado seu turno, fumara um último cigarro e fora dormir encolhido em suas roupas, seu casaco e seu gorro de lã em um dos compartimentos subterrâneos. Um vento leste frio e penetrante soprou, parou e tornou a soprar. Atalia pediu a Shmuel que esperasse com ela mais alguns minutos. Depois lhe disse que fosse para casa.

“E você?”

“Eu vou ficar aqui mais um pouco. Sozinha. Depois irei para o trabalho.” Disse isso e tomou em sua mão os dedos dele, gelados de tanto frio, e introduziu dois deles na boca, onde os manteve por um breve instante e falou: “Veremos”. Foi assim que se despediu dele.

Às sete e meia, com fome, com sede e gelado, Shmuel chegou à casa na extremidade da travessa do Rav Alvez. Foi para a cozinha e comeu quatro grossas fatias de pão com queijo, tomou dois copos de chá quente, subiu para o seu quarto, serviu-se de um pouco de vodca num copo, bebeu de um só gole, despiu-se e dormiu até meio-dia. Ao meio-dia levantou-se, tomou um banho de chuveiro e foi para o seu restaurante húngaro. Dessa vez levou consigo a luxuosa bengala com a cabeça de raposa entalhada a exhibir seus caninos, como que numa ameaça a toda a Jerusalém.

No restaurante húngaro viu que sua mesa de sempre estava ocupada. Um casal não muito jovem, os dois usando óculos e os dois encasacados, comia não um goulash, mas salsichas quentes com ovos fritos e batatas. Diante de cada um,

uma taça de vinho tinto, e Shmuel teve a impressão de que estavam alegres. O que foi? O que aconteceu? O que é tão bom assim aí com vocês? O pequeno Iossi Sítan, que foi atropelado e morreu há alguns dias na rua Gaza quando corria atrás da bola dele, ressuscitou de repente?

Hesitou alguns instantes na entrada, cogitou ir embora dali, mas a fome o venceu, desistiu de ir embora e sentou-se em outra mesa, o mais longe possível do casal invasor. O dono do restaurante, que era também seu único garçom, cujo avental branco não estava completamente limpo e que também não tinha se barbeado muito bem, chegou até ele dez minutos depois e, sem lhe perguntar nada, pôs sobre a mesa o goulash com algumas fatias de pão branco. Como sobremesa lhe trouxe um pires com compota de maçã. E como Shmuel passara a noite sem dormir, aconteceu que ao fim da refeição ele ficou lá debruçado e cochilou por meia hora. Visões do nascer do sol no topo do monte Sion agora lhe apareciam em forma de sonho. E, de fato, não só as visões do nascer do sol, mas todas as últimas semanas lhe pareceram um sonho no qual a gente sonha que está acordado, acorda e verifica que era isso mesmo.

Meu irmão,

Esta noite aqui em Roma nevou um pouco, mas a neve derreteu antes de chegar às ruas, às calçadas e às estátuas. É pena. Ainda não vi, uma única vez, Roma coberta de neve. Não que eu fique andando pela cidade. Já estou aqui há três anos e meio e ainda não vi nada. O dia inteiro eu estudo, ou fico no laboratório, no fim da tarde trabalho como ajudante numa farmácia, e quatro horas por noite no setor de telegramas de uma agência de correio. O dinheiro desses dois empregos quase não dá para pagar a faculdade, um quarto que divido com uma estudante nervosa da Bélgica, e para uma refeição simples duas vezes por dia: pão, leite, legumes, espagete ou arroz e uma xícara de café preto.

Sei que sua vida tampouco é muito fácil desde que papai perdeu na justiça para aquele desgraçado e nossa companhia, a Shachaf, faliu. Sei disso, apesar de você quase não me escrever. Nos últimos dois meses você só escreveu duas cartas muito curtas, e só contou que tinha interrompido os estudos na universidade e encontrado trabalho e moradia numa casa antiga em Jerusalém. Mesmo sobre o casamento de Iardena você só escreveu duas linhas. A palavra “solidão” não aparece em suas cartas nem uma só vez mas em cada palavra sua há um cheiro de solidão. E desde que você era menino, quase sempre era um menino isolado: mergulhado em sua coleção de selos ou trepando no telhado da casa e lá ficando sozinho a sonhar. Já faz anos que tento conversar com você sobre você mesmo, mas você se esquivava e fala comigo sobre Ben Gurion ou sobre as cruzadas. Não fala. Discursava. Eu esperava que Iardena fosse tirar você de sua concha. Mas a concha também é você.

Eu imagino você vivendo no sótão de alguma casa de Jerusalém escura e ameaçando cair, com seu inválido, com certeza um chato doentio e caprichoso, um velho confuso a lhe passar o dia inteiro todo tipo de tarefas, comprar um selo de correio, ou trazer o jornal ou fumo para seu cachimbo, e você o servindo na maior parte do dia (da manhã à noite? Ou quem sabe durante a noite também?) e ele ou seus parentes pagando a você uma ninharia porque lhe permitem, em sua magnanimidade, que more com eles. Pelo menos você tem aquecimento suficiente nesse inverno de Jerusalém?

Até umas semanas atrás eu esperava que você se casasse com Iardena, embora, verdade seja dita, eu também tivesse um pouco de medo dela. Uma vez, há dois anos, quando papai ainda podia pagar para que eu fosse passar as férias em Israel, viajei um dia para visitar você em Jerusalém — você se lembra? —, e em sua casa, naquele quarto no bairro de Tel Arza, conheci Iardena. Ela me pareceu ser tão diferente de você quanto duas almas podem ser. Diferente, mas não no mau sentido. Você sendo como você é, e ela irradiando alegria, faladora, quase infantil. Você sentado e estudando e ela sentada e tocando uma gaita sem ter noção de como se deve tocá-la. Você, como sempre, cansado já às nove horas da

noite e querendo ir dormir e ela arrastando você à força para sair, ir com ela ao centro, para um cinema, cafês, reuniões em quartos de amigos comuns. Apesar de tudo isso eu achava que vocês combinavam bem. Pensei que talvez aos poucos ela fosse extrair de dentro de você um outro Muli, liberto, amante da vida, até mesmo um hedonista. Talvez.

Por que se separaram, você e Iardena? Por que de repente ela “resolveu voltar para o ex-namorado e se casar com ele”? O que aconteceu? Vocês brigaram? Ou, quem sabe, você a traiu? Ou Iardena queria que vocês fossem morar juntos e você recusou? Ela quis se casar com você? Ou foi você quem quis terminar a relação e voltar à sua eterna solidão? Ela também interrompeu os estudos? Aliás, o que me interessa o que ela faz ou deixa de fazer? O que me importa é que você voltou à sua ilha isolada. E como é que decidiu arruinar sua carreira acadêmica, com as próprias mãos, quando estava perto de completar sua graduação com distinção e já começava a estudar para a pós-graduação? Você não poderia, por exemplo, voltar para Haifa, achar um trabalho que combinasse com você, estar perto de nossos pais, fazer novos relacionamentos ou reatar um antigo? Como fez Iardena?

Lembro-me, Muli, de que quando você tinha onze anos, e eu dezesseis e meio, uma vez viajamos só nós dois para um dia de farra em Tel Aviv. Mamãe me deu dinheiro e disse: Divirtam-se. Papai ganhava na época um bom dinheiro com a firma Shachaf. Ele também nos incentivou: Vão, sim. Em comparação com Tel Aviv a nossa Haifa é só uma vila sonolenta. Voltem esta noite para Haifa no último ônibus. Ou não voltem. Fiquem, e vão dormir na casa da tia Edith, em Tel Aviv. Vou ligar para ela. Ela vai ficar feliz em receber vocês.

Lembro-me de você subindo atrás de mim no ônibus que ia de Hadar HaCarmel para a rodoviária, de calças curtas cáqui, seu eterno canivete pendurado no cinto, de sandálias, e um chapéu tembel cáqui que mamãe o tinha obrigado a levar por causa do sol. Lembro-me de sua pequena sombra se projetando nas paredes dos prédios, porque você andava, como sempre andou, junto às paredes. Um menino páldio, calado, introvertido. Quando lhe perguntei se você preferia ir para Tel Aviv de ônibus ou de trem você disse: Que diferença faz? E depois disse: Como você quiser. Você ficava mergulhado em pensamentos. Não em pensamentos, mas, pelo visto, num único e obstinado pensamento que você não queria compartilhar comigo. Não queria compartilhar com ninguém.

Lembro-me de ter dito durante a viagem (afinal fomos de trem) que você precisava se entusiasmar um pouco. Um dia de curtição em Tel Aviv, temos muito dinheiro, estamos ricos e com mil possibilidades, qual você escolhe? Jardim Zoológico? Praia? Andar de barco no rio Iarkon? Passear pelo porto de Tel Aviv? A cada uma dessas possibilidades você me respondia com as palavras: Sim. Beleza. Quando o pressionei a fazer uma escolha, pelo menos para decidir por onde começar, você me respondeu: Não faz diferença. E de repente resolveu me dar uma aula sobre o método de mobilização de reservistas na Suíça, método que nós imitamos aqui.

Essa sua tristeza. Embora às vezes até que você é capaz de ser um falastrão incansável, fazer discursos inteiros, palestras, e até com certa e entusiasmada

alegria, mas sempre palestras e discursos, nunca uma conversa. Você nunca foi capaz de ouvir.

Sou diferente de você. Tenho sempre duas ou três amigas. Em Haifa eu tive um namorado. E depois dele, outro. Aharon. Você deve se lembrar dele. O instrutor dos escoteiros. E agora também, em Roma, tenho alguém. Um rapaz que nasceu e cresceu em Milão, tradutor de literatura, do espanhol para o italiano, Emilio, na verdade não um rapaz, mas um homem divorciado com trinta e oito anos, ou seja, mais velho que eu uns sete ou oito anos. Tem uma filha de dez anos, Sofia, que nós chamamos de Sonia, e que hoje talvez esteja mais ligada a mim do que à mãe dela. A mãe vive em Bolonha e só mantém com ela uma relação muito superficial. Em vez de Miri, Sonia me chama de Meri. Só Emilio faz questão de ser preciso e de me chamar de Miri. Cara Miri. Com uma das mãos acaricia minha nuca e com a outra a nuca de Sonia. Como que fazendo uma ligação entre nós duas.

Não temos tempo para nos encontrar a não ser nos fins de semana, porque eu estudo e trabalho, como já lhe contei, em dois empregos. Emilio trabalha em casa, nas horas que lhe são convenientes, na maioria das vezes de manhã bem cedo. Ele gostaria de me ver todos os dias, e Sonia também ficaria feliz se eu fosse morar com eles. Mas eles moram na outra extremidade de Roma, longe da universidade, longe da farmácia e da agência de correio. E eu vivo mergulhada nos estudos, e nas atividades de laboratório e nos dois empregos que me sustentam. Só vou até a casa de Emilio nas noites de sábado, e fico com ele e com a pequena Sonia até a noite de domingo. No domingo sempre acordo às quatro da manhã e cozinho para eles a comida de toda a semana. Depois saímos os três para um parque próximo da casa dele ou para um curto passeio de barco no rio, ou, quando o tempo está bom, vamos de ônibus para fora da cidade e fazemos um piquenique num bosque de pinheiros, à sombra de uma ruína antiga.

No domingo à noite Emilio e Sonia me acompanham até meu emprego noturno na farmácia e nos despedimos, os três, com um abraço prolongado. Durante a semana nos falamos quase todas as noites ao telefone. Não tenho telefone no quarto mas o dono da farmácia permite que eu use o dele.

Emilio sabe que não tenho dinheiro e que trabalho mais do que posso. Sabe também o motivo pelo qual nossos pais deixaram de financiar meus estudos. Sabe muito bem que vivo da mão para a boca. E, apesar de seus ganhos com os trabalhos de tradução serem muito modestos, propôs-se várias vezes a me ajudar com um pequeno apoio financeiro. Recusei e tornei a recusar e até me zanguei um pouco com ele. Não entendo por que recusei. Ainda menos entendo por que fiquei zangada. Ele pelo visto se ofendeu com minha recusa mas não expressou isso com palavras, como você. Gosto dessa sua generosidade. A mim parece que a qualidade mais atraente de um homem, a mais máscula, é exatamente a da generosidade. E você, Muli, poderia em vez disso achar um trabalho de tradução, como Emilio, ou dar aulas particulares? Tanto para mamãe como para papai e para mim a interrupção de seus estudos é uma dura decepção. Em meus pensamentos eu sempre o vi como um estudante, um acadêmico, um pesquisador, um erudito, conferencista, talvez algum dia também um eminente professor. Por que você traiu tudo isso? Por que se levantou um dia e jogou tudo para trás? Será

que foi só por causa da falência de papai?

Se tivesse dinheiro eu faria agora uma breve interrupção em meus estudos de medicina, iria para Israel por duas ou três semanas, subiria até Jerusalém para ver você, o arrancaria dessa sepultura que você cavou para si mesmo, o sacudiria com toda a minha força, arranjaria um trabalho para você e o forçaria a retomar os estudos. E você só perdeu até agora um semestre. Ainda dá para consertar isso. Naquela nossa ida a Tel Aviv, quando você tinha onze anos e eu, dezesseis e meio, ficamos andando pelas ruas o dia inteiro, passamos por vitrines que quase não olhávamos, banhados em suor, porque o dia estava quente e úmido, bebemos duas vezes gazoz, tomamos sorvete duas vezes, entramos no meio de um filme francês em preto e branco, e voltamos para Haifa muito antes do último ônibus. Não ficamos para dormir na casa da tia Edith. Lembro que lhe perguntei o que realmente queria, Muli, e você disse que queria saber qual era o sentido. Essa foi nossa única conversa naquele dia. Talvez também tenhamos falado um pouco sobre outras coisas, por exemplo, sobre o gazoz e sobre o sorvete, mas só me lembro dessa sua frase. Eu quero descobrir é o sentido. Talvez finalmente tenha chegado o tempo, Muli, de você parar de buscar a verdade que não existe e começar a viver sua vida.

Será que existe alguma coisa em você que o faz querer se castigado? Mas do que exatamente você se castiga? Escreva-me. Não, de novo, quatro ou cinco linhas, “Estou bem, tudo vai bem, é inverno em Jerusalém, tenho um trabalho fácil de algumas horas por dia e passo o resto do tempo lendo e andando pela cidade”. Isso é mais ou menos tudo o que você me contou em sua última carta. Escreva-me uma carta de verdade. Escreva-me logo. Miri.

Na manhã de um dia de inverno com cara de primavera em Jerusalém, um dia banhado em azul e mergulhado nas fragrâncias de resinas de pinheiros e de terra molhada, envolto em cantos de pássaros, Shmuel Asch acordou pouco depois das nove, lavou-se, passou um pouco de talco de bebê na barba e na testa, desceu até a cozinha para tomar café e comer quatro fatias de pão com geleia de amora, vestiu seu casaco, deixou de lado o gorro e a bengala com a cabeça de raposa, e pegou dois ônibus para chegar ao Arquivo do Estado. Subiu a escadaria em passos apressados, na diagonal, sua cabeça cacheada e despenteada se projetando com força à frente e antecipando-se a seu corpo e suas pernas, atravessou rapidamente o salão de entrada à procura de um ser vivo. No balcão de informações encontrou uma mulher jovem, cabelos claros, os lábios pintados de um vermelho vivo e vestindo uma blusa com decote generoso. Ela ergueu os olhos para ele, hesitou um pouco ante seu aspecto de homem das cavernas e perguntou como poderia ajudar. Shmuel, ofegante por causa de sua corrida pela escadaria, começou por lhe dizer que aquele dia era sem dúvida o dia mais bonito do ano. Depois, que era um crime ficar fechado num escritório num dia assim. O que se deveria fazer era sair da cidade, para as montanhas, os vales, os bosques, e quando ela lhe disse que ele tinha razão, propôs-lhe com um sorriso envergonhado que saíssem juntos os dois. Agora. Depois lhe perguntou se e onde lhe seria permitido ficar algumas horas para examinar os documentos do executivo da Organização Sionista e as atas das reuniões da direção da Agência Judaica entre meados de 1947 até o fim do inverno de 1948.

Como ele aparentava estar com sede, a funcionária da recepção perguntou-lhe se podia lhe servir um copo d'água. Shmuel agradeceu e disse “sim” e depois mudou de ideia e disse “não, obrigado, não vale a pena perder tempo com isso”. Ela sorriu para ele, um sorriso cheio de surpresa e bondade e disse:

“Aqui não nos apressamos nunca. Aqui o tempo está sempre parado.”

Depois o enviou ao gabinete do sr. Sheindlovitch, no subsolo.

O sr. Sheindlovitch, um homem pequeno e ativo, colarinho aberto e uma calva bronzeada e sardenta, cercada, como um anfiteatro, por um cabelo de branco brilhante, estava sentado à sua escrivaninha diante de uma máquina de escrever antiga e desconjuntada, escrevendo algo com grande lentidão, usando um dedo só, como se ponderasse sobre cada uma das letras. Localizado abaixo do nível do solo, o aposento não tinha janelas, e recebia a luz amarelada e fraca de duas lâmpadas nuas. As sombras do homem e de Shmuel se projetavam em duas paredes distintas. Na parede de Shmuel estavam pendurados os retratos de Herzl,

Chaim Weizmann e David Ben Gurion, e na parede atrás do sr. Sheindlovitch estava pendurado um grande mapa em cores do Estado de Israel, com as linhas do armistício de 1949 marcadas com um grosso traço verde que dividia Jerusalém em dois.

Shmuel repetiu seu pedido. O sr. Sheindlovitch fitou-o por um bom tempo e lentamente um sorriso se desenhou em seu rosto paternal, paciente, como se tivesse ficado surpreso com aquele estranho pedido, mas contivesse a surpresa e perdoasse a ignorância de quem pedia. Ele pigarreou, demorou-se um pouco, imprimiu ainda duas lentas letras em sua máquina de escrever antiga, ergueu o olhar para Shmuel e respondeu-lhe com uma pergunta:

“O senhor é pesquisador?”

“Sim. Não. Na verdade, sim. Eu me interesso pelas dúvidas e alternativas que precederam a decisão de estabelecer o Estado de Israel.”

“E para quem o senhor faz essa pesquisa?”

Shmuel, que não esperava tal pergunta, atrapalhou-se um instante e depois respondeu hesitantemente.

“Para mim mesmo.”

E continuou, num súbito rompante de coragem:

“Não se deve garantir a todo cidadão o direito de examinar os documentos e estudar a história do Estado de Israel?”

“E quais são as atas que o senhor quer examinar?”

“As do executivo da Organização Sionista. As da diretoria da Agência Judaica. De meados de 1947 até a primavera de 1948.”

E acrescentou sem que lhe tivesse sido perguntado:

“Eu me interesso pelo debate de princípios que antecedeu a decisão de proclamar o Estado. Se é que tal debate de fato tenha ocorrido.”

O sr. Sheindlovitch de repente inclinou-se para a frente, como se estivesse chocado, como se lhe tivessem pedido que detalhasse seus hábitos na cama:

“Mas isso é impossível, meu senhor. Isso é decididamente impossível.”

“E por quê?”, perguntou Shmuel, sem força.

“O senhor fez dois pedidos diferentes num só, e vai receber duas respostas numa só.”

Na sala entrou em silêncio uma mulher de aspecto oriental, com cerca de cinquenta anos, num vestido preto e comprido, uma mulher magra e de ombros encurvados, trazendo uma bandeja com copos de chá fumegantes. Ela pôs um copo na frente do sr. Sheindlovitch. Ele agradeceu educadamente e perguntou ao visitante:

“Pelo menos o senhor tomaria um copo de chá? Para não sair daqui com as mãos totalmente vazias?”

Shmuel disse:

“Obrigado.”

“Obrigado sim? Obrigado não?”

“Obrigado não. Dessa vez, não.”

A mulher recolheu sua bandeja, desculpou-se e saiu da sala. O sr. Sheindlovitch continuou do ponto em que tinha parado, em voz baixa, como se contasse um segredo:

“O material do executivo da Organização Sionista não está aqui, meu senhor. Está no Arquivo Sionista. Mas lá o senhor não vai achar nada além de registros estenográficos de discursos, pois as reuniões deles eram abertas ao público. Quanto às atas das reuniões da diretoria da Agência Judaica, saiba que as atas das discussões secretas são matéria absolutamente confidencial e destinada a continuar sendo confidencial por mais quarenta anos, de acordo com a lei dos arquivos e a disposição que obriga a guardar segredos de Estado. Se lhe convier”, continuou o homem sem sorrir, “com isso o senhor está convidado a voltar aqui dentro de quarenta anos, talvez então mude de ideia e queira tomar um copo de chá junto comigo. Espero que o chá da marca Fortuna não esfrie até então.”

Ele se levantou, estendeu a mão e acrescentou com uma tristeza que ocultava com dificuldade certa animação e uma leve e vingativa alegria:

“Sinto muito que tenha se dado ao trabalho de vir até aqui. Eu poderia tê-lo prevenido também por telefone. Então, anote aí o número de nosso telefone para que possa telefonar dentro de quarenta anos, e não perder tempo em vão.”

Shmuel apertou a mão que lhe era estendida e virou-se para ir embora. Quando chegava à porta foi detido pela voz fina do sr. Sheindlovitch:

“O que de fato o senhor quer saber? Pois todos, unanimemente, queriam estabelecer um Estado e todos, unanimemente, sabiam que teríamos de usar a força para nos defender.”

“Shaltiel Abravanel também?”

“Mas ele”, disse o homem, e calou-se. Usou o dedo para escrever mais uma letra em sua máquina de escrever, e acrescentou, ríspido:

“Mas ele foi um traidor.”

Na cozinha, às dez horas da manhã, Atalia disse:

“Ele está doente desde altas horas da noite. Cuidei dele durante quase toda a noite. Preciso sair agora, e você vai entrar daqui a pouco no quarto dele. Você ainda não esteve nenhuma vez em seu quarto. Vai ter de trocar o pijama a cada algumas horas, pois ele fica todo molhado de suor. E lhe dar chá com mel e limão em colherinhas. Pode acrescentar um pouco de conhaque. Se for difícil para ele descer da cama, você vai ter de enfiar de vez em quando um urinol debaixo dele, e também esvaziá-lo e lavá-lo no banheiro. Dessa vez terá de tocar no corpo dele. Ele é muito velho, e talvez isso seja um tanto desagradável e desconfortável. Nós o trouxemos aqui para conversar com ele, e, quando necessário, cuidar dele, não para causar desconforto a você. Lembre-se de lavar as mãos e lembre-se de manter e de trocar toalhas molhadas em sua testa. De forma alguma permita que ele fique falando hoje o tempo todo. Pelo contrário. Fale você. Discurse. Declame. Faça uma preleção. A garganta dele está inflamada.”

Era uma forte gripe de inverno. A febre do velho homem subiu, ficou rouco, seus olhos lacrimejavam, os pulmões se encheram de muco, às vezes tinha acessos de uma tosse seca. Suas orelhas, que Atalia havia tampado com algodão, lhe doíam, principalmente a esquerda. No início continuou tentando manter um tom brincalhão, os esquimós, é claro, têm toda a razão quando abandonam os velhos na neve. De repente lembrou-se de alguns versículos e chamou a si mesmo de *shever kli, cheres hanishbar e ish mach' ovot iadua choli*. Quando a febre subiu até quase quarenta graus, evaporou-se o humor brincalhão. Ficou abatido, apagou seu olhar e envolveu-se num silêncio sombrio.

O médico chegou e foi embora. Auscultou o peito e as costas nuas do doente, aplicou uma injeção de penicilina, mandou que ficasse deitado na cama com a metade superior do corpo levantada sobre muitos travesseiros para não contrair pneumonia. Disse-lhe ainda o médico que tomasse algumas vezes por dia pílulas de AFC e um xarope contra a tosse, pingar gotas no ouvido e beber muito chá quente com limão e mel, sim, certamente, pode misturar com um pouco de conhaque, e instruiu Shmuel a manter o quarto bem aquecido.

“Com um homem que já não é jovem, cuja saúde não é lá essas coisas mesmo em dias nos quais parece estar bem, precisamos tomar muito cuidado com todo tipo de complicações”, disse o médico, um homem ligeiramente gago que tinha vindo de umas das cidadezinhas nas cercanias de Frankfurt, com uma barriguinha quadrada, um lenço triangular despontando do bolso de cima do

paletó, dois pares de óculos, ambos presos a cordões, e mãos pequenas e delicadas como as de uma menininha.

E foi assim que Shmuel Asch teve o privilégio de entrar pela primeira vez no quarto do sr. Wald. Já fazia mais de dois meses que ele morava na água-furtada e ainda não entrara uma única vez no quarto de seu empregador, nem no quarto de Atalia, nem em outro quarto no andar térreo cuja porta, sempre fechada, ficava no corredor em frente à biblioteca. Shmuel supunha que tinha sido o quarto do falecido Shaltiel Abravanel. Esses três quartos tinham estado, até agora, fora da área que lhe era permitida. A área permitida a Shmuel abrangia apenas a biblioteca, que era seu lugar de trabalho, a cozinha, que ele dividia com Atalia, e sua água-furtada. A casa na descida da travessa do Rav Alvez era meticulosamente compartimentada.

Naquela manhã, pela primeira vez, devido à doença do sr. Wald, Shmuel foi autorizado a entrar no quarto particular do ancião, ficar algumas horas sentado junto à sua cama lendo para ele alguns capítulos do livro de Jeremias até ele adormecer. De vez em quando o enfermo despertava, num acesso de tosse catarrenta. Shmuel o apoiava pelas costas e lhe levava aos lábios colherinhas de chá misturado com mel e limão, no qual tinha posto um pouco de conhaque. Era a primeira vez que Shmuel tocava no sr. Wald. No início teve de se obrigar a tocar no velho, porque adivinhara que o corpo deformado e tendinoso lhe despertaria rejeição ou aversão. Quando chegou ao ponto de tocá-lo, sentiu, para sua surpresa, que o corpo era quente e muito sólido ao toque, como se apesar de sua invalidez, ou talvez exatamente por causa dela, ele era dotado de músculos dorsais fortes e de ossos sólidos nos ombros. A tepidez e a solidez agradaram a Shmuel, e ele pôs as mãos sobre os ombros nus do velho quando trocava o paletó do pijama, e talvez até tenha deixado ficar a ponta dos dedos na pele um tanto áspera mais tempo do que precisava.

Quando o velho adormecia, Shmuel se levantava e dava umas voltas pelo quarto. O quarto era quase estreito, muito menor que a biblioteca, mas maior que a água-furtada de Shmuel. Aqui também, como na biblioteca, havia estantes abarrotadas de livros que cobriam duas paredes do quarto e iam do chão até o teto. Enquanto na biblioteca havia livros de estudo em hebraico e árabe e mais três ou quatro línguas, livros sobre ciências sociais e de estudos do judaísmo, do Oriente Médio, história, matemática e filosofia, assim como alguns livros sobre a Cabala e sobre astronomia, aqui no quarto de dormir as estantes estavam cheias de romances, a maioria em alemão, polonês e inglês, muitos deles dos séculos XVIII e XIX e do início do século XX: de *Michael Kohlhaas* a *Ulisses*, de Heine a Hermann Hesse e Hermann Broch, de Cervantes em alemão a Kierkegaard e Musil e Kafka, estes também em alemão, de Adam Mickiewicz e Julian Tuwim a Marcel Proust.

Fora as estantes com livros, só havia no quarto a cama estreita de Guershom

Wald, um guarda-roupa pesado de estilo antiquado, um criado-mudo à cabeceira da cama do enfermo e uma pequena mesa redonda coberta com uma toalha, sobre ela um vaso com sempre-vivas de cor violeta. Junto a essa mesa havia, em lados opostos, duas cadeiras idênticas. Eram cadeiras fora de moda, cujos pés eram de madeira entalhada em forma de plantas, com uma almofada bordada sobre o assento de cada uma. De cada almofada saíam borlas trançadas marrom-claras. Essas cadeiras contrastavam com a simplicidade das linhas retas das estantes de livros, das linhas da mesa redonda e das mesinhas de cabeceira. Além dessas coisas, junto à mesa, uma luminária de chão com um abajur marrom espalhava por todo o quarto, durante a noite, uma luz quente e suave, uma luz hibernal. Entre as estantes de livros, um relógio de parede muito antigo, aparentemente feito de nogueira, com um pesado pêndulo de latão brilhante que oscilava numa desolada lentidão. Como se estivesse entediado de si mesmo. E no canto do aposento um aquecedor a querosene no qual, dia e noite, ardia uma chama tranquila semelhante a um olho azul aberto.

À cabeceira da cama, apoiava-se na mesinha um par de muletas de madeira, que o inválido usava para se movimentar entre os aposentos da casa, ou de seu quarto até o banheiro contíguo, embora na biblioteca sempre teimasse em se movimentar da escrivaninha a seu sofá de vime e de volta sem as muletas, usando a força dos músculos dos ombros e dos braços.

Na única parede vazia, em frente à cama e ao homem nela deitado, Shmuel viu um retrato não muito grande numa moldura simples de madeira. Esse retrato foi a primeira coisa que avistou quando entrou no quarto pela primeira vez, mas algo o fez se apressar a desviar os olhos. Repetidas vezes seus olhares evitavam o retrato, que lhe despertava sentimentos contraditórios de ansiedade, de vergonha e de ciúme. No retrato havia um homem jovem, esbelto, de cabelos claros, um tanto frágil, de rosto comprido e expressão introvertida, um olhar envergonhado e envergonhante, como se os olhos evitassem propositalmente olhar para a lente da câmera. Como se olhassem para dentro. Uma de suas sobrancelhas estava erguida, como se duvidasse de algo, e essa sobrancelha erguida era o único traço de semelhança entre o rapaz e seu pai. Sua testa era alta e o cabelo claro circundava a cabeça como se não o cortasse há muito tempo e como se a foto tivesse sido tirada num lugar aberto onde soprava um forte vento em sentido contrário. Na foto ele vestia uma camisa cáqui amarrutada, mas, ao contrário do costume da época, os botões da camisa não estavam desabotoados na altura do peito, mas sim abotoados até o pescoço.

Guershom Wald estava sentado na cama, diante do retrato do filho, as costas apoiadas numa pilha de travesseiros, vestindo um pijama de flanela marrom com listras claras que Shmuel lhe tinha trocado pouco antes, com um xale cinzento amarrado no pescoço, e sua juba de cabelos brancos espalhada sobre o travesseiro de cima. Quando percebeu o olhar de Shmuel, que contemplava o

retrato na parede, disse numa voz tranquila, sem que tivesse sido indagado:

“Micha.”

Shmuel balbuciou:

“Lamento.”

E imediatamente se corrigiu:

“Lamento muito.” Seus olhos se encheram de lágrimas. Virou seu rosto para que o ancião não percebesse.

Guershom Wald fechou os olhos e disse numa voz rouca:

“O pai de um neto que jamais terei. E ele foi um menino órfão, cresceu comigo sem mãe. A mãe morreu quando só tinha seis anos. Eu o criei sozinho. Fui eu mesmo quem o pegou e o levou ao monte Moriah.”

Calou-se por um momento, e disse com os lábios e não com a voz:

“Em 2 de abril de 1948. Nos combates em Bab-el-Wad.”

Subitamente seu rosto se contraiu e ele acrescentou num sussurro:

“Ele se parecia muito com a mãe, não comigo. Desde os dez anos ele foi meu melhor amigo. Não tive um amigo mais próximo do que ele. Ele e eu podíamos conversar durante horas, ou não falar durante horas. Quase não havia diferença. E às vezes tentava explicar-me coisas cuja compreensão me escapava, matemática superior, lógica formal. Às vezes ria de mim, o velho professor de Tanach e de história que eu era, e me chamava de o homem de anteontem.”

Shmuel tornou a balbuciar:

“Eu compartilho a sua dor.”

E logo se corrigiu:

“Não. É impossível compartilhar a dor. Isso não existe.”

Guershom Wald ficou calado. Shmuel lhe serviu, da garrafa térmica que estava sobre a mesa, mais um copo de chá com mel e limão, misturado com um pouco de conhaque, sustentou o ancião apoiando suas costas e aproximou o copo de seus lábios enquanto enfiava entre eles um comprimido de AFC. Guershom Wald tomou um ou dois goles, engoliu o comprimido, empurrou a mão de Shmuel, afastando de si o copo:

“Quando tinha nove anos, por causa de uma doença, extirparam-lhe um rim. No fim de 1947 ele enganou o comitê de alistamento. Nos dias de tumulto e anarquia nas vésperas daquela guerra, não era difícil enganar o comitê de alistamento. Eles ficavam contentes de serem enganados. Atalia lhe disse que não fosse. Que ele não podia ir. Zombou dele, dizendo ser um bebê correndo até o quintal para brincar de caubóis e índios. Chamou-o de ridículo. Para ela todo o gênero masculino sempre pareceu ridículo. Todos os homens lhe pareciam não ter saído, e nunca sairiam, da adolescência. Shaltiel também o fez jurar que não iria. Shaltiel dizia repetidas vezes que toda aquela guerra era uma loucura de Ben Gurion e uma loucura para um povo inteiro. De fato, uma loucura de dois povos. Na opinião dele a juventude dos dois lados devia jogar por terra todas as armas e

se recusar a combater. Shaltiel ia pelo menos duas vezes por semana tentar convencer seus amigos árabes. Até mesmo depois que começou o derramamento de sangue no outono de 1947, e os bloqueios, e as emboscadas dos atiradores, às vésperas da votação da ONU, ele não parou de ver esses seus amigos. Os vizinhos o chamavam de ‘o que gosta dos árabes’. De ‘o muezim’. De ‘Haj Amin’. E havia quem o chamasse de traidor porque justificava, em certa medida, a oposição dos árabes ao sionismo, e porque tinha feito amizade com os árabes. E apesar disso ele insistia em se dizer sionista e até alegava estar no pequeno grupo de verdadeiros sionistas, que não estavam ébrios de nacionalismo. Afirmava ser o último dos discípulos de Achad Haam. Sabia árabe desde a infância e gostava muito de ficar sentado, cercado de árabes, em cafés da Cidade Velha de Jerusalém, falando durante horas e horas. Tinha grandes amigos tanto entre os árabes muçulmanos quanto entre os árabes cristãos. Ele apontava para um caminho diferente. Tinha outra proposta. Eu discutia com ele. Mantive minha opinião de que essa guerra era uma guerra de *mitsvá*, da qual nossas escrituras dizem que até um noivo sob o pátio nupcial etc. etc. Meu menino, Micha, meu único filho, Micha, talvez não tivesse ido para essa guerra não fossem os discursos de seu pai sobre uma guerra de *mitsvá*: pois eu o eduquei desde a infância nas lembranças dos defensores de Tel Chai, e das patrulhas noturnas de Wingate e dos *notrim* e dos macabeus que agora tinham de renascer. Fui eu quem o adestrei. E não somente eu. Todos nós. As professoras dele no jardim de infância. Os professores. E os amigos da mesma idade que ele. As garotas. Naqueles anos, todos declamavam com devoção o poema de Chana Senesz, jovem judia húngara capturada pelos nazistas: ‘Ouvi uma voz, e fui’. Ele ouviu uma voz e então ele foi. Eu mesmo fui parte dessa voz. Todo o país fazia ouvir essa voz. Nenhum povo pode recuar das trincheiras de sua vida quando está de costas para uma parede. Ele foi e eu fiquei. Não, não fiquei. Micha não existe mais e eu também não existo. Olhe para mim, por favor. Diante de você está um homem que não vive. Um morto tagarela está sentado à sua frente, tagarelando.”

O ancião teve um novo e pesado acesso de tosse, gorgolejou, quase sufocou com aquela tosse catarrenta, seu corpo disforme se contorcendo no leito, começou a bater com a cabeça na parede, batidas surdas e frequentes.

Shmuel apressou-se a fazê-lo parar. Bateu algumas vezes em suas costas e tentou fazê-lo tomar mais alguns goles de chá. O velho engasgou, escarrrou dentro de um lenço amarrotado. Instantes depois Shmuel percebeu que por trás da camuflagem de suas tosses e pigarreios o homem estava chorando para dentro, numa voz espremida e sufocada, com soluços entrecortados. Depois, parecendo com raiva, enxugou os olhos no mesmo lenço no qual escarrara havia pouco, e se repreendeu num sussurro:

“Você me desculpe, Shmuel.”

Essa foi a primeira vez desde o dia em que Shmuel Asch chegara a esta casa,

fazia mais de dois meses, que o velho o chamava pelo nome, e também a primeira vez que lhe pedia desculpas.

Shmuel disse suavemente:

“Descanse. Não fale. Emocionar-se não vai lhe fazer bem.”

O velho parou de bater com a cabeça na parede, só chorava fracamente, um choro superficial, intermitente, que mais parecia soluços. Shmuel olhou para ele e descobriu naqueles momentos o quanto seu rosto monolítico — um rosto cujo escultor tivesse desistido dele no meio do trabalho de esculpi-lo, com o queixo afilado se projetando à frente e o bigode grisalho e desgrenhado — de repente lhe era caro. A feiura do velho lhe parecia uma feiura atraente, cativante, uma feiura tão marcante que era quase uma espécie de beleza. Foi tomado de uma imensa vontade de tentar consolá-lo. Não de fazê-lo esquecer sua dor, pois não havia maneira no mundo de fazê-lo esquecer sua dor, mas, ao contrário, de tomá-la para si, de arrastar com força para si mesmo algo dessa dor. A grande e sulcada mão do velho homem estava pousada sobre o cobertor, e Shmuel, delicadamente, hesitantemente, pôs sobre ela a sua mão. Os dedos de Guershom Wald eram grandes e quentes e circundaram, como num abraço, a mão fria de Shmuel. Por alguns instantes a mão do velho abraçou os dedos do rapaz. Quebrando o silêncio, Wald disse:

“Sei que, quando se faz referência aos mortos na guerra de Tashach, costuma-se dizer que a morte não foi em vão. E eu também dizia isso, todos diziam isso. Ora, como é que eu poderia não dizer isso? Nathan Alterman escreveu: ‘Talvez uma vez a cada mil anos nossa morte tenha um sentido’. Mas para mim é cada vez mais difícil repetir essas palavras. O fantasma de Shaltiel as bloqueia em minha garganta. Shaltiel dizia que, na opinião dele, todo aquele que morre no mundo, não só os que morrem nas guerras, também os que morrem em acidentes, ou de doença, e até mesmo de morte natural em idade avançada, todos os mortos sem exceção, da antiguidade até hoje, todos morreram totalmente em vão.”

Entre as montanhas e os vales dos sulcos de seu rosto distorcido, sob as espessas sobrancelhas grisalhas, os pequenos e penetrantes olhos azuis estavam cravados em Shmuel. E debaixo do denso bigode, o lábio superior tremia. O rosto de Guershom Wald contraiu-se bruscamente, como se tivesse sentido uma dor forte, mas dentro dessa dor se espalhava um sorriso que não era um sorriso. Não propriamente nos lábios sua fisionomia se espalhava, mas apenas em torno dos olhos.

“Ouça, rapaz. Pode até ser que eu, contra a minha vontade, esteja começando a simpatizar com você. Às vezes você lembra um cágado que perdeu a carapaça no caminho.”

Ao entardecer, em meio a uma chuva fustigada pelos ventos, Shmuel foi até a

farmácia na esquina das ruas Keren Kaiemet e Ibn Ezra e comprou para Guershom Wald um inalador a vapor elétrico, para aliviar sua respiração. Comprou também para si mesmo um novo inalador de bolso. No caminho comprou e trouxe uma lata de querosene para o aquecedor e uma garrafa nova de conhaque barato, chamado “conhaque medicinal”.

Quando voltou ao quarto de Guershom Wald encontrou o velho deitado encolhido e envolto no cobertor que tinha puxado para cima quase até as narinas. Sua respiração parecia estar um pouco mais fácil. Shmuel montou o inalador e o ligou na tomada. O aparelho zumbiu levemente e aspergiu uma densa neblina no quarto. O velho disse de repente:

“Shmuel, ouça por favor, tenha cuidado, não se apaixone por ela. Você não é forte o suficiente para isso.”

E acrescentou:

“Antes de você houve aqui três ou quatro rapazes para me fazer companhia. A maioria deles se apaixonou, e de um ou dois deles ela pelo visto se apiedou, por uma ou duas noites. Depois os mandou passear. No fim todos foram embora daqui com o coração dilacerado. Mas não por culpa dela. Realmente não. Não se pode culpá-la. Ela, ela tem certa frieza cálida, um afastamento que suga vocês para ela como uma lâmpada suga as mariposas para sua luz. De você eu às vezes tenho pena. Pois você ainda é um pouco criança.”

Atalia entrou no quarto sem bater à porta. Shmuel ficou sem saber se ela ouvira ou não as últimas palavras do velho. Ela trazia o mingau preparado pela vizinha, a sra. Sara de Toledo, sentou-se na cama do ancião, ajeitou o traveseiro sob sua cabeça, pediu a Shmuel que o amparasse segurando-lhe as costas e deu-lhe de comer, umas cinco ou seis colheradas. Assim ficaram os três durante alguns minutos, as cabeças próximas umas das outras e quase se tocando. Como se estivessem os três inclinados para examinar de perto um objeto raro. Shmuel olhava e via de perto o vinco profundo, mais profundo do que na maioria das pessoas, que se estendia entre as narinas dela e seu lábio superior. Despertou nele uma vontade forte e ardente de apalpar suavemente com o dedo a marca paisagística daquele vinco. Depois disso, o velho cerrou os lábios como um menino teimoso e recusou-se a comer mais. Ela não insistiu, pôs o prato e a colher nas mãos de Shmuel e disse:

“Leve isto para a cozinha. E depois espere por mim na biblioteca.”

Ele saiu e foi para a cozinha, acabou de comer, em pé, o restante do mingau, tirou um vidrinho de *lebenia* da geladeira e comeu até o fim, e um punhado de azeitonas, descascou e comeu uma laranja, lavou o prato e o vidrinho, lavou a colher, enxugou os três e pôs na gaveta e no armário. Agora sentia no corpo um calor como não tinha sentido desde que Iardena o deixara.

Ela já o esperava na biblioteca, refestelada no sofá acolchoado do velho, e disse a Shmuel que dessa vez sentasse à escrivaninha, na cadeira de espaldar alto, estofada, do sr. Wald. Os olhos castanhos, tristes e envergonhados de Shmuel a fitavam debilmente. Atalia vestia calças de lã de um tom escuro de vermelho e um suéter verde que combinava com seus olhos, entre o castanho e o esverdeado. Castanhos com uma centelha esverdeada. Estava relaxada, os joelhos juntos, uma mulher não totalmente esbelta, mas de pescoço esguio, apoiada nas mãos, que estavam pousadas de ambos os lados de suas coxas.

“Vocês estavam falando de Micha”, ela disse. Não como se perguntasse, mas como um fato consumado, ou talvez como se reclamasse. “Você e Wald, os dois, estavam falando dele.”

“Sim”, admitiu Shmuel, “lamento muito. A culpa foi minha. Eu lhe perguntei sobre a pessoa do retrato, e com isso o fiz sofrer. Ou talvez eu não tivesse perguntado, talvez tenha sido ele quem começou a me falar sobre o filho.”

“Não lamente. Não faz mal. Pois ele fala e fala dias inteiros, semanas, meses, discursiva, joga com as palavras, e na verdade não diz nada. Se dessa vez você, de alguma forma, o fez finalmente dizer alguma coisa...”

Ela não terminou a frase. Shmuel encheu-se de uma coragem que não tinha e disse repentinamente:

“Você também não diz muita coisa, Atalia.”

E perguntou se poderia fazer uma pergunta.

Atalia anuiu.

Shmuel perguntou qual era a idade de Micha quando morreu. Ela hesitou um instante, como se não tivesse certeza da resposta correta para a pergunta, ou como se fosse uma pergunta íntima demais. Após breve silêncio disse que ele tinha trinta e sete anos. E tornou a calar-se. Shmuel também não falou nada. Até que ela disse baixinho, como se falasse consigo mesma:

“Ele era matemático. Publicou artigos em periódicos na área da lógica matemática. Ia ser o mais jovem professor nomeado na história da Universidade Hebraica. Até que foi contaminado, como todos, com a loucura que sempre grassou por aqui e um dia saiu correndo e entusiasmado para a degola. Saiu correndo junto com toda a manada.”

Shmuel ficou sentado na cadeira de Guershom Wald, diante da escrivãinha, e pôs as mãos de dedos demasiadamente curtos, em cada um dos quais parecia faltar uma falange, sua respiração ficou de repente ofegante, mas ele se conteve e não estendeu a mão para pegar o inalador em seu bolso. Atalia olhava para ele de viés, de seu assento, de baixo para cima, e parecendo cuspir as palavras por entre os lábios disse:

“Vocês queriam um Estado. Queriam independência. Bandeiras e uniformes e cédulas de dinheiro e tambores e clarins. Vocês derramaram rios de sangue limpo. Sacrificaram uma geração inteira. Expulsaram centenas de milhares de árabes de suas casas. Enviaram navios cheios de imigrantes sobreviventes de Hitler direto do cais para os campos de batalha. Tudo isso para que aqui houvesse um Estado de judeus. E vejam o que vocês receberam.”

Shmuel ficou espantado. E após um momento gaguejou, educado:

“Desculpe, mas não concordo totalmente com você.”

“Claro que você não concorda. E por que haveria de concordar? Você é um deles. Revolucionário, socialista, rebelde, e, mesmo assim, um deles. Micha também passou da noite para o dia a ser um deles. Aliás, perdoe-me, por favor, como aconteceu exatamente que você não foi morto?”

“Eu era jovem demais para aquela guerra. Eu tinha então treze anos.”

Atalia não largou dele:

“Como não foi morto depois? Em operações de represália? Na campanha do Sinai? Nas incursões? Nas operações especiais do outro lado da fronteira? Num acidente em algum exercício militar?”

Shmuel enrubesceu. Hesitou um instante, e depois confessou:

“Eu não servi numa unidade de combate. Tenho asma, e meu coração é dilatado.” Seus olhos se encheram subitamente de lágrimas que tentou esconder

de Atalia, porque teve vergonha delas.

“Micha tinha apenas um rim. Com nove anos de idade foi operado no Hadassa, na rua Neviim, e lhe tiraram o rim esquerdo. Era um inválido. Como o pai. Ele falsificou o atestado médico e também a assinatura do pai. Ele os enganou, e eles ficaram muito contentes de terem sido enganados. Eram todos enganados. Mesmo aqueles que enganavam na verdade estavam sendo enganados. Wald também. Todo um rebanho de enganados.”

Shmuel disse, desanimado:

“Você não acha que em 1948 nós lutamos realmente porque não tínhamos alternativa? Que estávamos encostados na parede?”

“Não. Vocês não estavam encostados na parede. Vocês eram a parede.”

“Você está tentando me dizer que seu pai acreditava de verdade que tínhamos um mínimo de possibilidade de sobreviver aqui por meios pacíficos? Que seria possível vencer os árabes a concordar com a partilha do país? Que se poderia obter uma pátria só com belas palavras? E você também acredita nisso? Mas se até mesmo o mundo do futuro apoiou então o estabelecimento de um Estado para os judeus. Até o bloco comunista nos forneceu armas.”

“Abravanel não era um admirador de Estados. Em geral. Em lugar algum. Ele não sentia admiração por um mundo dividido em centenas de Estados nacionais. Como fileiras e mais fileiras de jaulas separadas, num jardim zoológico. Não sabia iídiche, falava hebraico e árabe, ladino e inglês e francês e turco e grego, mas a expressão que usava para todos os Estados do mundo era exatamente em iídiche, ‘*Goim naches*’. Prazer de *goim*, de não judeus. Todos os Estados eram, para ele, um conceito infantil e antiquado.”

“Ele era, pelo visto, um homem ingênuo? Um sonhador?”

“O sonhador era Ben Gurion, não Abravanel. Ben Gurion e todo o rebanho que o seguia, como os que seguiam o flautista de Hamelin. Para a degola. Para o massacre. Para a expulsão. Para o ódio eterno entre as duas comunidades.”

Shmuel remexeu-se, inquieto, na cadeira estofada do sr. Wald. As palavras proferidas por Atalia lhe pareceram descontroladas, ameaçadoras, quase de arrepiar os cabelos. As respostas conhecidas, as respostas de Guershom Wald, estavam na ponta de sua língua, mas assim mesmo não encontrou as palavras. O pensamento de que todos os Estados nacionais pareciam jaulas num jardim zoológico despertara nele a vontade de jogar na cara de Atalia e do pai dela que num lugar onde seres humanos se tratam como animais selvagens talvez fosse mesmo necessário contê-los em jaulas separadas. Mas lembrou-se de que Atalia era uma viúva de guerra, e decidiu ficar calado. Muito mais do que vencê-la num debate ele ansiava por segurar seu corpo, mesmo que só por um instante, em seus braços. Tentou, em pensamento, imaginar o pai dela, que se esforçava em vão para, sozinho, represar em sua mão a cachoeira da história. Como era possível que um homem que não acreditava num Estado para os judeus se

considerasse sionista e até tivesse sido por alguns anos membro do executivo da Organização Sionista e da direção da Agência Judaica? Como se tivesse lido seus pensamentos, Atalia disse numa voz em que se mesclavam zombaria e tristeza:

“Ele não chegou a isso do dia para a noite. A revolta árabe de 1936, Hitler, os movimentos subterrâneos, os assassinatos, as represálias das organizações subterrâneas judaicas, os patíbulo erguidos pelos britânicos, e principalmente — as muitas conversas que teve com seus amigos árabes, o levaram à ideia de que aqui havia de fato bastante lugar para duas comunidades, e que seria melhor para elas coexistirem lado a lado, ou uma dentro da outra, sem nenhuma estrutura de Estado. Existir como comunidade mista, ou como uma combinação de duas comunidades que não ameçam o futuro uma da outra. Mas talvez você tenha razão. Talvez vocês todos tenham razão. Talvez ele fosse mesmo um homem ingênuo. Talvez tenha sido melhor acontecer tudo o que vocês fizeram aqui, que dezenas de milhares fossem para o matadouro e centenas de milhares fossem para o exílio. Pois os judeus são aqui um grande acampamento de refugiados e os árabes também são um grande acampamento de refugiados. E a partir de agora os árabes vivem todo dia a tragédia de sua derrota, e os judeus vivem todo dia o pavor da vingança deles. Assim, pelo visto, é muito melhor para todos. Dois povos consumidos por ódio e veneno e ambos saíram da guerra embebedos de vingança e de justiça. Rios inteiros de vingança e justiça. E de tanta justiça o país inteiro está coberto de cemitérios e está semeado dos destroços de centenas de aldeias pobres que existiam, foram apagadas e não existem mais.”

“Há respostas, Atalia, mas não vou mencioná-las. Tenho medo de magoar você.”

“A mim”, disse Atalia, “já é impossível magoar. Somente, talvez, com um obus capaz de penetrar em blindagem.”

E com isso se levantou de repente, cruzou a biblioteca com quatro passos pesados e parou junto à porta.

“Eles o tiraram de mim, o degolaram”, disse subitamente, não com tristeza, nem com raiva, mas com certa agitação que quase parecia uma alegria raivosa, “com trinta e sete anos ele foi destacado para acompanhar com uma submetralhadora Sten e algumas granadas um dos comboios para Jerusalém. Foi em 2 de abril de 1948. A estrada para Jerusalém serpenteia dentro de um uádi profundo, e os árabes ficavam atirando nos comboios do alto das montanhas, de ambos os lados da estrada. Parece que já estava anoitecendo. Os comandantes do comboio temiam ficar bloqueados no escuro naquela estrada estreita. Alguns dos combatentes desceram dos caminhões blindados e foram enviados para desmontar uma barreira de pedras que os árabes tinham estendido na largura da estrada. Outros, entre eles Micha, correram colina acima para atacar com granadas caseiras e liquidar as posições dos atiradores. Esse ataque foi repellido. Quando escureceu eles recuaram, carregando nas costas os feridos e os mortos.

Mas nem todos os feridos e mortos. Quando o comboio já se aproximava de Jerusalém, alguém lá se lembrou de que estava faltando Micha. Na manhã seguinte saiu um pelotão para fazer uma varredura nas encostas das colinas. Seus melhores amigos, que na maioria eram dez ou quinze anos mais jovens que ele. Eles procuraram durante toda a manhã, até encontrá-lo. Talvez tenha agonizado lá, sozinho, a noite inteira. Talvez tenha gritado por socorro. Talvez tenha tentado se arrastar de bruços, sangrando, declive abaixo, até a estrada. E talvez os árabes o tenham encontrado logo após seus companheiros recuarem. Eles cortaram sua garganta, despiram a parte de baixo do corpo, deceparam seu membro e o enfiaram em sua boca. Nunca saberemos se o degolaram antes ou depois de o terem capado. Essa resposta fica em aberto. Essa resposta eles deixaram para sempre à minha livre imaginação. Para que nunca me falte sobre o que pensar nas noites. Noite após noite. Não me contaram isso. Não me contaram nada. Nada. Só soube por acaso. Mais ou menos um ano após sua morte um de seus amigos morreu num acidente de trabalho na Galileia, e me deram para ler o diário que ele deixou. Só ali, nesse diário, encontrei um registro com menos de dez palavras, contando como eles acharam Micha entre as pedras. E desde então eu só o vejo, o tempo todo eu o vejo, a metade inferior do corpo desnuda, a garganta cortada e seu membro decepado enfiado entre os lábios. Todo dia eu o vejo. Toda noite. Toda manhã. Fecho os olhos e o vejo. Abro os olhos e o vejo. E continuei a morar aqui com os dois avós que já não serão avós, continuei a cuidar dos dois. O que mais me resta fazer? Amar vocês, homens, é impossível. O mundo inteiro está em suas mãos já faz milhares de anos, e vocês o transformaram numa coisa horrível. Num matadouro. Talvez somente usar vocês. Às vezes até mesmo ter pena de vocês e tentar consolá-los um pouco. De quê? Não sei. Talvez da invalidez de vocês.”

Shmuel ficou calado.

“Abravanel morreu dois anos depois. Morreu sozinho aqui, no outro quarto. Morreu odiado e difamado. Desprezado por todos. Talvez até por ele mesmo. Todos os seus amigos árabes ficaram do outro lado das novas fronteiras, ou foram expulsos de suas casas em Katamon e em Abu Tor e em Baka'a. Não lhe restavam amigos judeus: ele era o traidor. Entre Micha e a morte de Abravanel vivemos aqui mais ou menos dois anos, Abravanel, Guershom Wald e eu, só nós, os três, sem ninguém mais, sozinhos. Como num submarino. Eu e os dois avós do filho que eu não vou ter. Wald discordava de Abravanel em tudo, discordava de ponta a ponta, mas não tornaram a discutir, nem uma só vez. A morte de Micha calou os dois totalmente. De uma só vez desapareceram todas as argumentações. As palavras sufocaram. Reinou o silêncio entre eles, e também entre eles e mim. Wald com certeza sofria com esse silêncio. Ele gosta de falar e precisa falar sem parar. Para Abravanel, ao contrário, o silêncio era conveniente. Eu cuidava dos dois e todo dia saía por algumas horas para trabalhar com um corretor de

imóveis da rua Strauss. Um dia, pouco depois do noticiário das sete horas da noite, Abravanel estava só, na cozinha, tomando café e, como sempre, lendo o jornal. Toda noite ele ficava lá sozinho tomando café e lendo o jornal. De repente sua cabeça tombou e bateu na xícara de café, derrubando-a. A lente direita de seus óculos se despedaçou como se uma bala de fuzil tivesse atingido diretamente seu olho. O jornal ficou encharcado com o café que se derramou na mesa, em seu peito, em seus joelhos e no chão. E foi assim que o encontrei. Café, jornal, óculos quebrados, o rosto no encerado com sua estampa de flores, como se tivesse tirado um breve cochilo na mesa da cozinha, só que com a testa e os cabelos mergulhados numa poça de café. Eu acolhi de Abravanel algumas de suas ideias mas na verdade não gostava dele, exceto, talvez, na época em que ainda era uma menininha. Ele era sem dúvida uma pessoa íntegra, e também bastante corajoso e original, mas nunca quis e também não soube como ser pai, e tampouco foi um marido. Uma vez, quando eu tinha quatro anos, ele me esqueceu numa loja no mercado de Machane Iehuda, porque se envolveu numa discussão com um padre e, para poder continuar discutindo, foi andando com ele até a rua Jaffa e continuou a acompanhá-lo até a rua Hachabashim. Em outra ocasião, ficou zangado com minha mãe e proibiu-a de sair de casa por duas semanas, e para isso escondeu dela seus três pares de sapatos. Uma vez a encontrou bebendo uma taça de vinho na cozinha e rindo em voz alta com um amigo grego que ele tinha. Por causa disso trancou-a na água-furtada. Ele era um homem solitário, centrado em si mesmo e ciumento. Um fanático. Um ponto de exclamação itinerante. Família não era coisa para ele. Talvez tenha nascido para ser monge.”

Jesus e todos os seus apóstolos eram judeus, filhos de judeus. Mas no imaginário popular cristão, o único entre eles que ficou gravado como judeu — e a representar todo o povo judeu — foi Judas Iscariotes. Na hora em que chegaram os enviados do sacerdócio e os guardas do Templo para prender Jesus, todos os demais apóstolos se assustaram, temeram por suas vidas e se dispersaram em pânico para todos os lados, e só Judas ficou. Talvez tivesse beijado Jesus para lhe fortalecer o ânimo. Talvez até tivesse seguido com aqueles carcereiros para o lugar aonde levaram o mestre. Pedro também foi até lá, mas antes da aurora Pedro renegou Jesus três vezes. Judas não o renegou. Quanta ironia há nisso, escreveu Shmuel em seu caderno, que o primeiro e último cristão, o único cristão que não abandonou Jesus nem por um momento e não o renegou, o único cristão que acreditou na divindade de Jesus até seus últimos instantes na cruz, o cristão que acreditou até o fim que Jesus iria se erguer e descer da cruz, diante de toda a Jerusalém e diante do mundo inteiro, o único cristão que morreu com Jesus e não continuou a viver depois dele, o único que de fato sofreu com a morte de Jesus, exatamente ele foi considerado por centenas de milhões de pessoas em cinco continentes e durante milhares de anos como o mais típico dos judeus. E o mais repulsivo e desprezível entre eles. A encarnação da traição e a encarnação do judaísmo e a encarnação da conexão que existe entre o judaísmo e a traição.

Na era moderna, escreveu Shmuel em seu caderno, o historiador Tzvi Graetz escreveu que Jesus é o único filho de uma mulher que “se pode dizer sem exagero atuou mais após a morte do que quando vivo”. Shmuel acrescentou em sua caligrafia apressada, à margem dessas palavras: Não é verdade. Não foi somente Jesus. Judas Iscariotes também atuou após sua morte muito mais do que quando em vida.

Sozinho na noite de inverno em sua água-furtada, com uma chuva forte e sempre igual caindo no telhado inclinado bem perto de sua cabeça e soando nas calhas da casa, os ciprestes se curvando ao vento oeste, uma ave noturna lançando desesperada um único e agudo grito, Shmuel se debruçava sobre sua escrivaninha, tomando de vez em quando um grande gole da garrafa de vodca barata aberta sobre a mesa à sua frente, e escrevia em seu caderno:

“Os judeus quase nunca falavam sobre Judas. Em lugar algum. Nenhuma palavra. Tampouco quando ridicularizavam a crucificação e a ressurreição que aconteceu, segundo os evangelhos, ao cabo de três dias. Os judeus de todas as gerações, mesmo os que escreveram palavras de contestação ao cristianismo,

tinham muito medo de tocar no nome de Judas. Os mesmos judeus que afirmaram, como Graetz e como Klausner, que Jesus tinha nascido judeu e morrido judeu e estivera próximo dos essênios e era odiado pela casta dos sacerdotes e dos conhecedores da Torá, porque havia feito amizade com pecadores, coletores de impostos e prostitutas, eles também silenciaram quanto a Judas Iscariotes. Até mesmo aqueles judeus para os quais Jesus tinha sido um ilusionista, um feiticeiro ardiloso e bastardo de um soldado romano, todos evitaram falar uma só palavra sobre Judas. Tinham vergonha dele. Ignoravam-no. Talvez tivessem medo de conjurar um fantasma, a lembrança do homem para cuja figura haviam se canalizado rios e rios de ódio e aversão durante oitenta gerações. Não provoquem, não despertem. Shmuel lembrava-se muito bem da figura de Judas em alguns quadros famosos da Última Ceia: uma criatura retorcida e asquerosa sentada encolhida como um verme na extremidade de uma mesa na qual todos os outros comensais são belos, um ser escuro entre seres de cabelos claros, de nariz torto e orelhas grandes, dentes amarelos e estragados, uma expressão cúpida e desprezível a se espriar em seu rosto malvado.

“Lá, no Calvário, numa sexta-feira que era também véspera de Pessach, a multidão zombava do crucificado: ‘Salve a si mesmo e desça da cruz’. E Judas também lhe implorava: ‘Desça, rabi, desça agora. Agora mesmo. Está ficando tarde e o povo começa a se dispersar. Desça. Não demore mais.’”

“Será”, escreveu Shmuel em seu caderno, “será que não houve um único crente que tenha perguntado a si mesmo como era possível que um homem que vendera seu mestre pela módica quantia de trinta siclos de prata tivesse logo depois se enforcado por não aguentar tanto sofrimento? Nenhum dos outros apóstolos havia morrido junto com Jesus, o nazareno. Judas foi o único que não quis continuar a viver depois da morte do Salvador. Mas em nenhum dos textos que conhecia Shmuel tinha encontrado a mínima tentativa de defender aquele homem, aquele que, não fosse ele, não haveria crucificação nem cristianismo nem Igreja, aquele que sem ele o homem de Nazaré teria sido totalmente esquecido, como algumas dúzias de milagreiros e pregadores rurais da distante Galileia.”

Depois da meia-noite Shmuel vestiu seu casaco de estudante surrado, com as laçadas de corda e os pedaços de madeira que serviam de botões, pôs na cabeça o gorro *chapka*, passou um pouco de talco de bebê na barba, no rosto, na testa e no pescoço, pegou a bengala com a cabeça de raposa e desceu para a cozinha. Tinha a intenção de passar queijo cremoso numa grossa fatia de pão, pois fora atacado de súbita fome noturna, e sair para andar pelas ruas desertas até sentir um bom cansaço. Talvez tivesse a recôndita esperança de encontrar Atalia na cozinha. Quem sabe também estava insone? Mas a cozinha estava vazia e escura, e acendeu a luz a tempo de ver uma barata marrom e gorda fugindo dele numa corrida enviesada para debaixo da geladeira. Por que está fugindo, riu Shmuel,

eu não tocaria em você, o que tenho contra você? O que você fez contra mim? E em que eu sou melhor do que você?

Abriu a geladeira e viu algumas verduras, uma garrafa de leite e um pacote com queijo branco. Desse queijo ele partiu com os dedos um grosso pedaço, pôs sobre uma fatia de pão que enfiou na boca e mastigou sem dar atenção às migalhas que grudaram em sua barba. Algumas migalhas ele espalhou de propósito nas lajotas do chão, para o desjejum da barata. Depois fechou a geladeira e atravessou o corredor na ponta dos pés, pois sabia que Guershom Wald, que convalescia de sua doença, talvez estivesse agora acordado, sentado à sua escrivaninha ou estirado em seu sofá acolchoado na biblioteca. No caminho parou por um instante diante da porta fechada de Atalia, prestando atenção, e como não ouviu rumor algum saiu de casa para a escuridão trancando a porta e tateando as lajotas que calçavam o pátio com sua bengala com a cabeça de raposa.

A chuva não cessara completamente, só tinha diminuído, e agora era um fino chuveiro. O vento também se abrandara. Um silêncio profundo reinava na travessa. O ar estava frio e límpido, vítreo, um ar que inundou e purificou seus pulmões e limpou sua cabeça dos vapores da vodca barata. Todas as janelas e persianas estavam cerradas e de nenhuma janela saía luz. O velho lampião de rua, do tempo do mandato britânico, um lampião com quadradinhos de vidro, iluminava pouco mas espalhava muitas sombras nervosas que se mexiam sobre o pavimento da rua e sobre os muros. Shmuel avançou, a cabeça projetada para a frente, o corpo sendo rebocado atrás da cabeça e as pernas se esforçando para não atrasar, subindo a travessa do Rav Alvez na direção da rua Ussishkin. Dali se encaminhou para as Nachlaot, num caminho parecido com o que tinha percorrido naquela noite, há algumas semanas, com Atalia. Lembrou o silêncio que reinara entre eles naquele passeio e pensou no que ela agora lhe tinha contado sobre a morte de Micha e do pai dela, que ela nunca quis chamar de “pai” e sempre se referia a ele pelo sobrenome: Abravanel. Perguntou a si mesmo o que afinal estava fazendo durante todo o inverno naquela casa, cheia dos odores da morte, entre o fantasma do dono da casa e o velho que discursava e discursava sem parar como um brinquedo mecânico que tivesse enguiçado, e aquela mulher interdita, que abominava todo o sexo masculino. Embora, talvez, em algumas e raras vezes manifestasse uma repentina e cálida piedade. E respondeu a si mesmo que ele estava buscando isolamento. Exatamente como premeditara fazer quando Iardena foi embora e casou com Neshar Sharshavsky e quando interrompeu os estudos. E até agora ele estava firme nessa decisão. Mas será que você está de fato se isolando? Pois, mesmo quando você se tranca em sua água-furtada, seu coração está o tempo todo lá embaixo, na cozinha, ou na soleira da porta fechada de Atalia.

Um gato de rua enregelado, magro, o ventre retraído de fome, costelas

salientes, o rabo pendurado entre as patas traseiras, estava encolhido entre duas latas de lixo e olhava para Shmuel com olhos brilhantes, todo tenso, pronto para fugir num segundo. Shmuel parou, olhou para esse gato, de repente cheio de muita compaixão. A compaixão que às vezes o assediava em relação aos que amargavam a própria sina, uma compaixão que quase nunca o levava a qualquer ação. Em seu íntimo disse ao gato: Só não fuja de mim você também. Porque eu e você somos um pouco parecidos. Cada um de nós dois está aqui sozinho no escuro, nesta chuva fina, e se pergunta o que vai ser agora. Cada um de nós dois busca para si mesmo alguma fonte de calor e, enquanto busca, vacila. Ele se aproximou um pouco, a bengala tateando à sua frente, mas o gato não recuou de onde estava entre as latas de lixo, mas arrepiou-se e encurvou-se um pouco, arreganhando os dentes e bufando duas vezes seguidas como numa advertência silenciosa. De repente ecoou no escuro o som abafado de um tiro, e depois uma curta rajada de tiros secos, muito mais próximos, rompendo o silêncio. Shmuel não soube avaliar de que direção vinham esses tiros. A Jerusalém jordaniana cercava por três lados a Jerusalém israelense, e ao longo de toda a fronteira tinham construído posições fortificadas de tiro, cercas de arame foram estendidas, muros de cimento foram moldados e campos foram semeados de minas. De quando em quando atiradores de elite jordanianos disparavam e atingiam quem estivesse passando, ou havia um tiroteio sem objetivo algum, durante meia hora ou uma hora, entre as posições fortificadas nos dois lados da linha divisória.

Depois das rajadas de tiros de novo caiu sobre Jerusalém o silêncio da noite hibernal. Shmuel curvou-se, estendeu a mão na direção do gato e tentou chamá-lo. E para seu espanto, em vez de fugir, o gato deu três ou quatro passos cautelosos em sua direção, farejando o ar desconfiado, suas vibrissas trêmulas à luz do lampião, os olhos faiscando com uma penetrante centelha demoníaca e o rabo espetado para cima. Seus passos macios e flexíveis pareciam passos de dança, como se esse gato magro quisesse examinar de perto o estranho solitário no beco. Talvez ainda não tivesse esquecido como, alguma vez, recebera algo de comer da mão de um homem estranho. Shmuel lastimou estar de mãos vazias. Lembrou-se do queijo branco na geladeira e arrependeu-se de não ter trazido com ele algumas fatias. E também poderia ter cozinhado um ovo antes de sair, para agora descascá-lo e dá-lo a esse gato de rua, maltratado pela fome.

“Não tenho nada, me perdoe”, desculpou-se Shmuel em voz baixa. Mas o gato não ficou impressionado com essas palavras e se aproximou ainda mais de Shmuel, ainda curvado, farejou a ponta de seus dedos estendidos, e em vez de ficar decepcionado e ir embora preferiu esfregar o lado da cabeça na ponta dos dedos estendidos e, ao mesmo tempo, emitir um breve gemido de cortar o coração. Shmuel ficou todo agitado e surpreso, deixou os dedos abertos para que o gato pudesse continuar a se esfregar neles. E então se encheu de coragem,

pousou a bengala na calçada e acariciou com a outra mão a cabeça e o dorso do gato, e delicadamente fez cócegas em seu pescoço e debaixo de suas orelhas. Era um gato cinza e branco, não muito grande, quase um filhote, muito macio e tépido e sedoso ao toque. Quando Shmuel o acariciava seus pulmões emitiam um ronronar baixo e uniforme, e ele tornou a esfregar seu rosto nos dedos estendidos para ele.

Após um instante, o gato esfregou-se duas vezes na perna dobrada de Shmuel, soltou debilmente mais um gemido baixinho, mudou de ideia, virou-se e afastou-se de lá sem olhar para trás, e desapareceu entre as latas de lixo em suaves e elásticos passos tigrinos.

Shmuel continuou seu caminho, atravessou Machane Iehuda, passou pelo bairro de Mekor Baruch, em cujas paredes de pedra se espalhavam cartazes de rabinos e ativistas religiosos, porretes e boicotes e imprecações, “eles nos quebraram”, “não toquem no que é messiânico”, “é proibido votar nessas eleições impuras”, “os sionistas continuam a agir como Hitler, maldito seja”.

Suas pernas o conduziram a um beco no bairro de Iaguia Kapaim, onde ficava aquele seu café dos tempos do grupo de estudos sobre a renovação socialista, um café proletário em que se reuniam os seis participantes do grupo em torno de duas mesas juntas, à distância de uma ou duas mesas daquele pequeno grupo de profissionais, pintores, eletricitistas, aprendizes de gráfica e bombeiros, com os quais na verdade nem falavam, apenas pediam de vez em quando a um deles para acender um cigarro.

Quando chegou ao café, que estava fechado e trancado com grades de ferro enferrujadas, Shmuel ficou como que plantado em seu lugar e perguntando a si mesmo o que afinal estava fazendo ali. E fez a si mesmo a pergunta que Atalia lhe fizera algumas horas antes:

“Por que você não foi morto também?”

Curvou-se e olhou seu relógio de pulso. Uma e dez. Não se via viva-álma em todo o bairro. Em uma janela apenas brilhava uma luz fraca e ele imaginou que lá estava um jovem *avrach*, recitando versículos dos Salmos. Disse consigo mesmo, mas dirigindo-se a esse *avrach*: Nós dois, eu e você, procuramos algo que não tem dimensão. E como não tem dimensão, não vamos achar nem que procuremos até amanhã de manhã, e na noite seguinte e em todas as noites seguintes até o dia de nossa morte, e talvez até mesmo depois de nossa morte.

No caminho de volta para casa, na subida da rua Zichron Moshe, Shmuel pensou na morte de Micha Wald, esse matemático de alto nível que foi casado com Atalia e talvez também a amasse e fosse amado por ela, antes de Atalia tornar-se uma pessoa tão azeda. Apesar de sua mulher e seu sogro serem contra a guerra propriamente dita e contra o estabelecimento do Estado, e terem se oposto com todas as forças a que ele se mobilizasse para batalhas que para eles eram malditas, e apesar de ele mesmo ser um inválido como o pai, tendo-lhe

sido extraído do corpo um rim quando ainda era criança, apesar de tudo isso ele se apresentara para lutar na Guerra de Independência. E tinha saído para um ataque naquela noite, a noite de 2 de abril de 1948, correndo colina acima. Shmuel tentou vislumbrar em pensamento o homem ferido, não um rapaz do Palmach, mas um homem casado com trinta e sete anos, certamente não dos mais robustos, e, quem sabe, talvez até asmático como eu, com dificuldade para galgar com rapidez aquelas colinas. Seus companheiros tinham recuado no escuro, descendo a montanha até o comboio bloqueado na estrada, sem perceber que ele havia ficado para trás. Será que não gritou por medo de que os soldados do inimigo ouvissem? Será que ficou inconsciente? Ou talvez, com o que lhe restava de forças, tenha tentado arrastar-se para baixo, na encosta em declive, até a estrada e o comboio? E talvez tenha sido exatamente o contrário, talvez tenha gritado e gritado, apesar de suas dores horríveis, e exatamente por causa desses gritos os combatentes árabes o tenham encontrado no escuro? E quando o encontraram será que tentou falar com eles? Na língua deles? Será que sabia falar árabe, como o sogro? Será que tentou falar com eles? Implorar por sua vida? Com certeza sabia, como todos, que naquela guerra, nos primeiros meses, os dois lados quase não faziam prisioneiros. Será que entendeu, num pânico terrível e desesperado, o que eles estavam prestes a fazer quando lhe tiraram as calças? Será que seu sangue gelou nas veias? Shmuel estremeceu todo e pôs a mão nas calças como se quisesse proteger seu membro, e apressou os passos, apesar de a chuva fininha ter cessado, só deixando no ar de Jerusalém um frio cortante e o cheiro de folhas apodrecendo e da terra molhada. Por que você não foi morto também?

Pouco antes da praça do Davidka, com um chiado agudo de freios parou a seu lado um carro de patrulha da polícia, as lanternas piscando, uma janela se abriu e uma voz de tenor fanhosa lhe perguntou com acentuado sotaque romeno:

“Para onde vai, meu senhor?”

“Para casa”, disse Shmuel, embora na verdade ainda não tivesse resolvido se já terminara suas andanças por essa noite. Ele havia pensado em caminhar pelas ruas até se esgotarem as forças.

“Documento de identidade.”

Shmuel passou a bengala de uma mão à outra, desabotoou o casaco com dedos enregelados e bateu no bolso da camisa, depois no outro bolso e depois no bolso de trás das calças, até finalmente puxar e estender para o guarda romeno a capa de sua carteira de identidade: naquela época as carteiras de identidade tinham a forma de cadernetinhas azuis com capa de cartão. Ele continuou a escarafunchar os bolsos e a revirar os forros, até achar nas profundezas de um deles o miolo do documento, que tinha se soltado da capa. O guarda acendeu uma luzinha no teto de seu carro, examinou a carteira e devolveu a Shmuel a capa e a própria carteira.

“Você errou o caminho?”

“Por quê?”, perguntou Shmuel.

“Em sua carteira está escrito que você mora em Tel Arza.”

“Sim. Não. Estou hospedado agora, hospedado não, eu trabalho na travessa do Rav Alvez. No bairro de Shaarei-Chessed.”

“Trabalha? A essas horas?”

“É o seguinte”, disse Shmuel, “eu trabalho lá e também pernoito lá. Isto é, a moradia é mais ou menos uma parte de meu salário. Não importa. É um pouco complicado.”

“Você está bêbado?”

“Não. Sim. Talvez um pouco. A verdade é que tomei alguns goles antes de sair.”

“E para onde exatamente sua excelência saiu, talvez se possa saber, a uma hora dessas numa noite fria como essa?”

“Assim, sem destino. Para dar umas voltas. Arejar um pouco a cabeça.”

Mas o guarda já começava a se entediar. Falou alguma coisa para o colega, que estava atrás do volante, e depois disse a Shmuel enquanto fechava a janela:

“Não é muito saudável ficar dando voltas sozinho pelas ruas a uma hora dessas. Uma pessoa pode pegar de repente um resfriado. Ou dar de cara com um lobo.”

E acrescentou:

“Ial’la, agora vai daqui direto, mas direto, para casa. Estas não são exatamente as horas das pessoas de bem. Tenha muito cuidado para que não tornemos a ver você esta noite.”

Gelado, molhado e cansado Shmuel Asch voltou, pouco depois das duas, para a casa na travessa do Rav Alvez. Entrou de mansinho, na ponta dos pés, para que o velho não o ouvisse. Depois se lembrou de repente que ele ainda estava um pouco adoentado, e com certeza tinha adormecido em sua cama, diante do retrato do filho morto. Acendeu, pois, a luz na cozinha, procurou sua barata, mas pelo visto ela já havia se retirado para seu sono noturno, e Shmuel comeu uma fatia grossa de pão com geleia e algumas azeitonas e bebeu um copo d’água, pois ficara com preguiça de fazer um chá, embora estivesse todo gelado e ansioso por alguma coisa quente. Depois galgou silenciosamente as escadas para a água-furtada, acendeu o aquecedor, tirou o casaco, descalçou os sapatos, tomou mais três longos goles da garrafa de vodca, despiu-se e ficou por um momento, em sua ceroula comprida de flanela, diante do aquecedor. Então disse para si mesmo: Isso não vai lhe adiantar nada. E, apesar de ele mesmo não entender o que pretendia dizer com essas palavras, elas o tranquilizaram um pouco, e ele foi para a cama, fez duas aspirações no inalador para controlar a asma; embora naquele momento não estivesse com dificuldade para respirar, temia um acesso iminente. Depois se enrolou no cobertor e adormeceu quase no mesmo instante

em que pousou a cabeça no travesseiro. Esqueceu-se de apagar a luz e o aquecedor, e também de fechar com a rolha a garrafa de vodca.

Na manhã seguinte acordou às onze, vestiu-se, pegou sua bengala e saiu, meio tonto e alquebrado, para comer um goulash e uma compota de maçã no restaurante húngaro da rua Rei George. Na verdade ele teria de entrar, assim que acordasse de manhã, no quarto de dormir do homem enfermo e perguntar-lhe se estava precisando de alguma coisa. Lavá-lo. Trocar-lhe o pijama banhado de suor. Servir-lhe um chá. Dar-lhe de beber em colherinhas. Ministrá-lhe um comprimido e ajeitar-lhe os travesseiros. Mas não fez isso antes de sair porque lhe tinham dito já no primeiro dia em que chegara que pela manhã o velho sempre ficava dormindo. E, além disso, com certeza Atalia dera uma olhada uma ou duas vezes, ou Bela, a faxineira, ou talvez a vizinha Sara de Toledo. Mas assim mesmo você teria de ir até ele e ver se estava precisando de algo. Talvez o velho estivesse acordado, só esperando por você. Talvez tivesse ficado acordado a noite inteira e encontrado novas palavras que queria lhe dizer. Talvez ele precisasse lhe dizer esta manhã algo mais sobre o filho. Como é que você pôde descuidar dele assim. Agora, no restaurante húngaro, sobre seu prato fumegante de goulash, Shmuel se arrependeu profundamente. E disse a si mesmo: Tarde demais.

Em meados de fevereiro Guershom Wald estava curado. Apenas uma tosse seca e insistente não o largava. De novo manquitolava em suas muletas indo de seu quarto à biblioteca às cinco horas da tarde, onde Shmuel ficava com ele até as dez ou onze da noite. Quase não mencionou mais o filho. Mas todas as vezes em que uma ironia o fazia erguer a sobrançelha esquerda, Shmuel se lembrava de Micha e de sua horrível morte solitária. Guershom Wald e Shmuel ouviam juntos o noticiário. Falavam sobre a primeira bomba atômica detonada pela França, naqueles dias. Falavam sobre a livre navegação no canal de Suez e sobre a declaração de Ben Gurion de que as ameaças de Nasser eram ameaças inúteis. Shmuel subia então para sua água-furtada e o velho ficava acordado com seus livros e seus papéis até cinco ou seis horas da manhã. Depois passava a manhã toda dormindo em seu quarto, no qual agora Shmuel tinha permissão para entrar às vezes, para trazer os óculos que ele esquecera na mesa de cabeceira, ou para desligar o rádio que ele deixara ligado.

Desde aquela noite em que, ardendo em febre, Guershom Wald tinha contado a Shmuel sobre a morte do filho, houve uma mudança no relacionamento dos dois. A loquacidade febricitante como que amainara um pouco. Ainda irrompia de vez em quando em esgrimas verbais e jogos de palavra, brincava, confundia citações, educava Shmuel com floreadas perorações sobre a controvérsia de Uganda, ou sobre a natureza da velhice em comparação com o temperamento da juventude. Às vezes falava por meia hora ao telefone com um de seus interlocutores incógnitos. Fazia pilhéria. Citações. Trocava algumas estocadas verbais. Mas a partir de agora acontecia de ficar totalmente calado por uma ou duas horas. Permanecia sentado na cadeira estofada em couro junto à escrivaninha ou deitado em seu sofá de vime, protegido com o cobertor quadriculado em padrão escocês, lendo um livro, os grossos óculos escorregando um pouco para a ponta do nariz, o bigode branco estremecendo, os pequenos olhos azuis percorrendo as linhas, uma das sobrançelhas um pouco levantada, os lábios se movendo enquanto lia, a juba prateada emprestando à sua cativante feiura certa majestosidade. Parecia um professor aposentado, um professor fazendo pesquisa no silêncio de sua biblioteca. Às vezes trocavam entre si as páginas de um exemplar do jornal *Davar*. Às nove da noite os dois ouviam o noticiário. Shmuel ficava sentado em frente a Guershom Wald na cadeira das visitas, lendo o livro *Iemei Tsiklag*, com o qual se debatia às vezes durante aquele inverno, além das horas em que ficava lendo o Novo Testamento ou consultando um dos livros que trouxera consigo de seu quarto no bairro de Tel Arza, livros que

tratavam da posição dos judeus em relação a Jesus, o nazareno. Entre eles, um livro em hebraico publicado no mesmo ano, Tashi't. 1959, de S. Z. Zeitlin, sob o título *Ieshu Hanotsri Melech Haiehudim*, Jesus, o nazareno, rei dos judeus. E havia também o livro em inglês de M. Goldstein, *Ieshu bamassoret haiehudit*, Jesus na tradição judaica, e outros impressos com artigos publicados por seu mestre, o professor Gustav Iom-Tov Eisenshalom. Em nenhum desses livros e artigos se falava de Judas Iscariotes, além das menções rotineiras a sua traição e ao fato de que para multidões de cristãos, gente simples do povo, Judas, o traidor, passara a ser o representante arquetípico e abominado de todos os judeus, onde quer que se encontrem, judeus de todos os países e de todas as gerações.

Um silêncio profundo desceu sobre a biblioteca. Lá fora, de longe, se ouviam às vezes, entre uma chuva e outra, vozes de crianças brincando. De vez em quando uma bolha de querosene borbulhava no cano interno do aquecedor que ficava num canto da biblioteca e irradiava um calor agradável. Da mesa até o sofá de vime e do sofá de volta à mesa o velho fazia seu caminho com as próprias forças, sem as muletas, usando somente os músculos dos braços e dos ombros. Nunca permitia que Shmuel o ajudasse.

Mas nos dias seguintes houve uma mudança: o velho deixou que Shmuel o apoiasse um pouco nos ombros e lhe ajeitasse as almofadas atrás das costas. Quando se deitava no sofá Shmuel o cobria delicadamente com o cobertor de lã quadriculado em padrão escocês. A cada hora lhe servia um copo de chá quente, no qual ainda cuidava de misturar suco de limão e mel, e um pouco de conhaque, embora a gripe tivesse passado. Preparava também para si mesmo um copo de chá e o adoçava com mel. Naquele silêncio total ouviu-se uma vez a voz do velho, que erguera os olhos do livro dizendo, parecendo continuar uma conversa que tinha consigo mesmo sem parar:

“Todos eles pensaram que ele havia enlouquecido. Aqui e ali o execravam e insultavam, chamando-o de traidor, amante dos árabes, até mesmo espalharam em Jerusalém um insistente boato de que um dos avós dele era um jardineiro árabe de Belém, mas ninguém se dava ao trabalho de debater com ele. Como se de sua garganta tivesse saído um *dibuk*, um espírito maligno, e não uma ideia. Como se a verdade dele nem sequer fosse digna de que se discordasse dela.”

“Você está falando sobre o pai de Atalia?”, perguntou Shmuel.

“Ele, e não outro. Eu também me obriguei a não entrar em controvérsia com ele. Estamos distantes demais um do outro. Toda manhã ele lia o jornal *Davar* e quando terminava entrava aqui e o punha, calado, sobre a minha mesa. Não trocávamos palavra, a não ser ‘desculpe’ e ‘obrigado’ e talvez ‘faça o favor de abrir a janela’. Uma ou duas vezes saiu de seu silêncio para me dizer que os pais do sionismo, calculadamente, tinham se utilizado das energias religiosas e messiânicas existentes no coração das massas judaicas em todas as gerações e mobilizado essas energias em proveito de um movimento político que em sua

base era secular, pragmático e moderno. Mas um dia, ele disse, o Golem vai se insurgir contra seu criador: as energias religiosas e messiânicas, as energias irracionais que os fundadores do sionismo tentaram atrelar à sua luta secular e atual, vão irromper um dia e arrastar com elas tudo o que os pais do sionismo tiveram a intenção de realizar aqui. Ele se demitiu do executivo da Organização Sionista não porque deixara de ser sionista, mas porque achava que todos eles juntos tinham se afastado completamente do caminho, deixando-se levar de olhos fechados atrás da loucura de Ben Gurion, saíram dos trilhos e se transformaram todos da noite para o dia em jabotinskianos, se não em sternistas. E na verdade não se demitiu, e sim foi afastado. Afastado tanto do executivo da Organização Sionista quanto da direção da Agência Judaica. Apresentaram-lhe a alternativa de decidir em vinte e quatro horas se ia pôr sua carta de demissão na mesa de Ben Gurion ou se seria afastado formalmente, vergonhosamente, numa votação unânime, de ambas as instituições. Ele escreveu uma carta de demissão toda argumentada, mas essa carta foi engavetada. Nenhum jornal quis publicá-la. Sua demissão foi envolta num silêncio total. Ora, talvez esperassem que ele se suicidasse. Ou se convertesse ao islamismo. Ou que abandonasse o país. Há sete anos pedi a Atalia que fosse procurar essa carta, ou ao menos uma reprodução fotográfica dela, no Arquivo Sionista. Ela voltou de mãos vazias. Não lhe disseram se a carta fora arquivada, ou perdida, mas informaram com a maior cara de pau que essa carta nunca tinha existido. Mergulhara como chumbo em águas poderosas. Dois anos após a Guerra de Independência, ele morreu aqui nesta casa. Morreu só, na cozinha. Estava sentado lá, numa certa manhã, como costumava fazer, lendo o jornal, e de repente se inclinou para a mesa como se quisesse limpar da toalha alguma mancha feia e supérflua, bateu com a cabeça e morreu. Na ocasião de sua morte ele talvez fosse o indivíduo mais isolado e odiado no país. Seu mundo havia desmoronado. Muitos anos antes disso sua mulher o deixara, e a filha nunca o chamou de pai. Sempre o chamava de Abravanel. Falso, falso é o coração, e perverso, quem o compreenderá?, disse o profeta Jeremias. Pois quase cada um de nós às vezes escolhe secretamente para si um outro pai. Depois da morte de Shaltiel, Atalia procurou no quarto dele anotações, artigos, manuscritos. Vasculhou todos os armários, revirou todas as gavetas, e não encontrou nada. Nem um único pedaço de papel, a não ser seu testamento, pelo qual deixou para ela esta casa e os terrenos no bairro de Talpiot e o dinheiro de suas economias, e estava com ela com palavras enérgicas que me permitisse continuar a viver aqui os dias restantes de minha vida. Pelo visto ele tinha destruído com as próprias mãos todos os seus papéis. Seu arquivo particular. A valiosa troca de correspondência com árabes famosos em Jerusalém, em Belém, em Ramallah, em Beirute, no Cairo, em Damasco. Não, ele não a queimou. Pelo visto rasgou tudo em pedacinhos e jogou na privada durante muitos dias, puxando a descarga a cada vez. Nada restou depois dele a

não ser o testamento, que Atalia guardou depois de mostrá-lo para mim uma só vez, há anos, e eu lembro que as últimas palavras no testamento eram: ‘Tudo isso foi escrito e assinado com total lucidez, talvez a única lucidez que ainda restou aqui em Jerusalém’. Ela o encontrou na cozinha, o jornal aberto à sua frente, o café derramado sobre o jornal e a testa pousada na mesa como se aquele homem obstinado tivesse finalmente resolvido voltar as costas a todos nós. Você me pede que tente descrevê-lo. Ora, eu não sou bom em descrições. Talvez possa lhe dizer o seguinte: ele era um homem de baixa estatura, moreno, óculos com lentes redondas e armação preta, sempre admiravelmente elegante em seus ternos cinzentos ou azul-escuros, com um lenço branco triangular no bolso de cima do paletó. Tinha um pequeno bigode preto e bem cuidado, olhos negros e penetrantes e um olhar agudo que sempre nos fazia baixar os olhos de seu rosto. Dele sempre emanava o perfume de uma fina loção pós-barba. Lembro que suas mãos eram bem desenhadas e bonitas, não como as de um homem, mais como as de uma mulher muito bonita. Apesar das discordâncias entre nós, que ficavam cada vez mais profundas, ele sempre me foi caro como um irmão. Um irmão desorientado, amaldiçoado, um irmão que se desviara do bom caminho, mas assim mesmo um irmão. Afinal foi ele quem me trouxe para cá, para morar nesta casa, depois que nossos filhos se casaram, para ele ter com quem conversar. Talvez tivesse medo de ficar sozinho na companhia do jovem casal. Talvez esperasse que todos nós, juntos, um dia criássemos aqui os netos, todos sob o mesmo teto, como uma família jerusalmita das gerações passadas. Como a família na qual ele mesmo tinha crescido, aqui nesta casa, a família Iehoiachin Abravanel. Não sabia que Micha e Atalia teriam dificuldade para gerar um filho.”

Shmuel perguntou:

“Você disse que depois da tragédia tinha decidido não entrar em controvérsia com ele. Mas por que, de fato, você não queria discutir com ele? Afinal, você gosta de discutir, e sabe fazer isso. Talvez você pudesse demovê-lo um pouco de suas ideias. Ou pelo menos amenizar um pouco a solidão dele. E sua solidão também.”

“A distância entre nós era grande demais”, disse Guershom Wald com tristeza, atrás de seu bigode, “ele se blindara em sua opinião de que seria impossível realizar o sionismo por meio de um enfrentamento com os árabes, e eu, no fim da década de 1940, já tinha compreendido que seria impossível realizá-lo sem esse enfrentamento.”

“E Atalia? Estava próxima das ideias do pai?”

“Ela é ainda mais radical do que ele. Disse-me uma vez que toda a permanência dos judeus em Erets Israel está baseada numa injustiça.”

“Então por que não se mexe e vai embora daqui?”

“Não sei”, disse Guershom Wald, “não tenho uma resposta para essa pergunta.”

Ainda antes de nossa tragédia, havia nela certo afastamento. Assim mesmo nós combinamos um com o outro, ela e eu. Não como um sogro com sua nora, mas, talvez, como um velho casal dominado pelos hábitos e que evita o mínimo atrito. Ela cuida de mim e eu a deixo em paz. Ora, você está aqui principalmente para que ela esteja dispensada de falar comigo. Você está sendo pago, assim como os que o antecederam, para que a sua simples presença desperte em mim meu apetite de falar. Mas eis que esse apetite de falar também está, cada vez mais, me abandonando. Em breve você vai começar a padecer aqui de um desemprego implícito. Um copo de chá, mais um copo de chá, um punhado de pilulas e mais um punhado de pilulas, e um prolongado e recíproco silêncio. Como chumbo nas águas profundas. Agora me conte mais alguma coisa sobre Jesus na visão dos judeus. Faz tempo que você não me fala dos absurdos e calúnias que gerações e gerações de judeus perseguidos inventaram para difamar pelas costas quem fora carne de sua carne, mas a quem seus perseguidores tinham escolhido para ser seu redentor e salvador.”

Shmuel pousou de repente a mão sobre a mão escura e tendinosa de Guershom Wald manteve o contato e disse:

“Há trinta anos Aharon Avraham Kabak escreveu uma espécie de romance sobre Jesus, o nazareno, e deu-lhe o título de *Bamish' ol hatsar*, No caminho estreito. O romance é um pouco cansativo. Adocicado demais. O Jesus de Kabak é descrito ali como um judeu delicado e frágil que tenta trazer para o mundo compaixão e caridade. Mas exatamente as relações entre Jesus e seu discípulo Judas Iscariotes, Kabak descreve como relações tortuosas, de amor e ressentimento, atração e rejeição. O Judas de Kabak é um homem bastante repulsivo. Kabak também estava cego, como todos. Seus olhos também estavam cobertos. Ele também não enxergou que Judas foi o mais fervoroso dos crentes em Jesus.”

“Os olhos”, disse Guershom Wald, “nunca se abrirão. Quase todos os homens atravessam sua vida, do nascimento à morte, com os olhos fechados. Você e eu também, meu caro Shmuel. Com os olhos fechados. Pois se abrirmos um só instante nossos olhos, imediatamente irromperá de dentro de nós um grande e terrível grito, e vamos gritar e gritar, sem parar nem por um minuto. E se não estamos gritando dia e noite, é sinal de que nossos olhos estão fechados. Agora, seja gentil e leia seu livro, e vamos ficar em silêncio. Já falamos bastante por esta noite.”

No dia seguinte, às onze e meia da manhã, antes que ele saísse para seu restaurante húngaro, Atalia bateu à porta. Vestia uma saia preta comprida, até os tornozelos, um suéter vermelho e justo que ressaltava as curvas de seu busto, e calçava sapatos finos, de salto alto. Tinha amarrado no pescoço uma echarpe de lã branca tricotada que combinava com o suéter. Shmuel achava bonitas, mas fechadas, aquelas feições bem marcadas com sua testa alta, os calorosos olhos castanho-esverdeados, as sobrancelhas finas e curvas, o vinco profundo e cativante entre suas narinas e seu lábio superior, e o cabelo escuro e comprido que escorria sobre o ombro. Sua amargura se ocultava sobretudo nos cantos dos lábios apertados que raramente sorriam. Trouxera com ela para o quarto ascético de Shmuel seu perfume de violetas com um leve aroma de amido e de roupa passada a vapor, e ele aspirou o cheiro profundamente para dentro de seus pulmões. Ficou por alguns instantes parada à sua porta, ereta, sem entrar no quarto, olhando para as figuras armadas e barbadas dos revolucionários de Cuba com que Shmuel enfeitara as paredes de sua água-furtada, e para o desenho do crucificado no colo da mãe, depois de o terem baixado da cruz.

Atalia viera pedir um favor: por razões ligadas a seu trabalho no escritório de investigações, precisava se encontrar às três da tarde, no café Atara, na rua Ben-Iehuda, com um homem que tinha certo desequilíbrio mental e que muitas vezes estava embriagado já no meio do dia. Tinha pensado que talvez fosse melhor ir para esse encontro na companhia de um homem. Quando Atalia pronunciou a palavra “homem”, ambos sorriram. Será que Shmuel poderia dispor de meia hora, às três da tarde, e vir se encontrar com ela e com o poeta Hiram Nechushtan no café Atara? Ele não teria de participar da conversa e na verdade não teria de fazer nada a não ser estar presente e tomar um copo de chá ou café. Se ele recusasse, se estivesse ocupado, ou sem interesse em participar do encontro, ela obviamente entenderia e iria respeitá-lo. Mas é claro que ele não recusaria.

Shmuel pediu:

“Por favor, conte-me algo sobre este sr. Nechushtan. Se não for um segredo absoluto. Como tudo o que diz respeito a você.”

“Hiram é meio poeta. Não um poeta conhecido, e sim um poeta desgarrado. Já foi membro do Lechi. Desde o estabelecimento do Estado, não encontrou um lugar nele. Como muitos dos egressos do Lechi. Faz vários tipos de trabalho. É guia de turistas, traduz livros, escreve em todo tipo de revistas que ele mesmo publica. Há dois anos tomou um empréstimo de um empreiteiro de obras

chamado Iliá Shvartsboim, que foi seu companheiro de luta subterrânea, e agora se recusa a devolver o dinheiro e até alega que nunca houve nem aconteceu tal empréstimo. E como foi feito sem avalistas e sem um contrato assinado, com base num aperto de mãos amigas entre dois companheiros de armas, não será fácil arrancar o dinheiro dele. Meu escritório está tentando já há algumas semanas convencer o poeta-combatente, numa linguagem amena e às vezes não tão amena, que devolva a Shvartsboim o dinheiro. Hoje você e eu vamos tentar novamente.”

Shmuel disse:

“Sente-se. Por que está aí de pé na porta?”, e apontou para a única cadeira. Ele mesmo sentou-se na ponta de sua cama e aspirou até o mais fundo de seus pulmões o tênue perfume que ela trouxera consigo.

“Se não há contrato e nenhum outro documento, quem sabe o poeta tem razão? Quem sabe não houve empréstimo algum e o seu empreiteiro o inventou?”

Atalia disse:

“Houve empréstimo. Certamente houve. Temos até uma testemunha. Uma contadora chamada Ester Levi, que estava presente no café Atara quando o empreiteiro lhe deu as cédulas de dinheiro. Nechushtan esqueceu-se dela completamente, mas eu espero trazê-la também para nosso encontro de hoje. Ela também talvez seja um pouco estranha, mas a estranheza dela se expressa no fato de nunca esquecer de nada. Nada. Lembra-se exatamente, palavra por palavra, quem disse o que e a quem há dez anos, e até antes disso. E isso é, pelo visto, uma maldição das pesadas. Talvez exatamente você descubra que tem algo em comum com ela. Nos subterrâneos do Lechi diziam que ela uma vez escondeu granadas dentro do sutiã.”

“Espero que no encontro de hoje ela venha sem granadas no sutiã”, disse Shmuel, e depois de encaixar uma pilhéria sem graça sobre bombas e sutiãs acrescentou:

“Está bem. Às três horas no café Atara. Estarei lá. Talvez seu empreiteiro rico concorde em conceder a mim também um pequeno empréstimo.”

E acrescentou ainda, sem que lhe tivesse sido perguntado:

“Você já sabe. Sempre farei tudo o que você me pedir.”

“E por que isso?”

Para essa pergunta Shmuel não encontrou resposta. Sentiu que mais um instante e seus olhos iriam se encher de lágrimas e apressou-se a desviar o olhar para que Atalia não percebesse. Shmuel às vezes lacrimejava, seja porque sentia pena dos outros seja porque tinha piedade de si mesmo. Dessa vez não sabia de quem começara a sentir pena. Então se encheu de uma coragem que em geral não tinha e disse, os olhos pregados na parede:

“Eu gostaria de propor que você e eu tentássemos ser *chaverim*. Isso é... não *chaverim*. A palavra *chaverim* talvez sinalize algo que não pode haver entre nós.

Amigos.”

Imediatamente se encheu de vergonha e humilhação e apressou-se a corrigir o que dissera:

“Que não sejamos estranhos um ao outro. Não totalmente estranhos. Afinal vivemos aqui somente os três durante todo este inverno sob o mesmo teto. Seria bom se eu e você —”

Mas não soube como terminar essa frase. Enrubescou debaixo de sua barba desgrenhada, baixou os olhos e calou-se.

Atalia disse:

“Sentimentos. Seus dois antecessores, que aqui faziam companhia ao velho, estavam cheios de sentimentos. Estou um pouco cansada de pessoas com sentimentos. Todos os sentimentos me parecem supérfluos e acabam mal. A vida pode ser muito mais simples quando se abole o sentimento. Mas eu não tenho de educar você, Shmuel. Talvez você se contente com o fato de que sou mais ou menos capaz de tolerar você, em geral, e aqui e ali tem até momentos em que é um pouco mais do que isso.”

Era a primeira vez que ela o chamava pelo nome.

Às duas e meia, depois do goulash e da compota de maçã no restaurante húngaro e depois de um pequeno descanso de meio-dia, Shmuel Asch levantou-se, trocou de camisa e vestiu sobre ela seu suéter rasgado cinza. Sobre o suéter vestiu o casaco que se abotoava com as laçadas de corda e grandes botões de madeira, pôs o *chapka*, espalhou talco de bebê na barba, no pescoço e na testa, verificou se o inalador estava no bolso e saiu para ir ao café Atara. Quando pisou com todo o peso do corpo no degrau de madeira na saída da casa, o degrau improvisado que fora colocado junto à soleira, o degrau se levantou como uma gangorra quando alguém se senta de repente no outro lado, e quase derrubou Shmuel. Mas ele conseguiu recuperar o equilíbrio no último momento, apoiando-se com os braços na parede.

O poeta Hiram Nechushtan, um homem pequeno e magro de cabelos pegajosos, costeletas compridas, nariz quebrado de boxeador e testa alta com um único cacho gorduroso caindo sobre ela, como se estivesse grudado com cola no meio da testa, disse, sem se levantar:

“Você com certeza já se esqueceu de mim, mas eu me lembro muito bem de você. Você é Shmuel Asch. Ia sempre aos encontros do grupo de renovação socialista. Uma vez eu participei do encontro de vocês no café Roth, no bairro de Iaguia Kapaim. Muita renovação não havia por lá, e o socialismo de vocês era metade bolchevique metade cubano. Eu também sou um pouco socialista e até um pouco revolucionário, mas ao contrário de vocês eu sou decididamente um socialista hebreu. Hebreu, não judeu. Com os judeus não quero ligação alguma. Os judeus são um morto ambulante. E o que é que você está fazendo aqui conosco hoje? Você veio aqui da parte do noivo ou da noiva?”

Um cheiro meio azedo emanava dele, e na boca lhe faltava um incisivo.

“Eu”, gaguejou Shmuel, “sou amigo de Atalia Abravanel. Amigo não. Conhecido. Ou vizinho.”

Atalia disse:

“Eu o convidei. Quis que tivéssemos uma testemunha. Vamos esperar mais cinco minutos e, se Ester Levi não aparecer, começamos a tratar de nosso assunto.”

Estavam sentados no discreto andar de cima do café Atara, que era uma espécie de mezanino envolto em vapores, onde pairavam cheiros de café, doces e cigarros, misturados com cheiros de casacos de lã molhados e cheiros de corpo no inverno. Esse mezanino não tinha janela, o ar era enfumaçado e denso. Nas mesas vizinhas sentavam algumas figuras mais ou menos conhecidas de Jerusalém: lá estava um conferencista de temas históricos não muito jovem que não reconheceu Shmuel, apesar de ele ter participado no ano anterior de um de seus seminários. E havia duas mulheres, uma delas de corpo avantajado, membro do Parlamento pelo partido da situação, a outra, uma jornalista do *Davar*. Tomavam chá com leite e comiam torta de maçã com creme.

A deputada dizia:

“Não é possível. Coisas como essa não dá para aceitar em silêncio.”

A jornalista respondeu:

“Mas não estou tentando justificá-los, nem mesmo um milímetro, não me interprete mal, não tenho como justificá-los, mas assim mesmo, de alguma forma, tenho um pouco de pena deles. Aqui já esquecemos completamente que no mundo há lugar, além de princípios e ideais, para um pouco de compaixão também.”

“A compaixão, Sílvia, não pode de maneira alguma ser em detrimento dos princípios e dos ideais. Cuidado, caiu um pouco de chá no seu pires.”

A uma terceira mesa sentava um pintor conhecido, não jovem, rosto bexiguento, sobrancelhas grossas e revoltas, um lenço de seda vermelha no pescoço, e lia um jornal preso a uma régua, como era comum nos cafés europeus na época anterior à Guerra Mundial. Um garçom de jaleco branco passava entre as mesas, e quando Atalia lhe sinalizou, foi até a mesa deles, uma toalha branca pendurada no braço, fez uma reverência e disse num sotaque vienense:

“Shalom, minha senhora e meus senhores: como posso servi-los hoje, por favor? Tenho vários tipos de doces, todos muito bons. Recomendo a torta de chocolate.”

Atalia pediu para ela e para Shmuel um café preto e forte, enquanto o poeta suspirava, como se estivesse abrindo mão do café só dessa vez, trincando os dentes, e pediu um calicezinho, calicezinhosinho bem pequenino, um dedo e não mais, de conhaque. Mas que seja conhaque importado, conhaque de verdade,

não essas imitações que fabricam aqui no país. Depois acendeu um cigarro, deu três ou quatro tragadas profundas, amassou-o no cinzeiro, cheirou a ponta dos dedos, acendeu outro cigarro e disse:

“Então, seria bom saber qual é afinal o motivo de nos termos reunido aqui hoje. Para redigir um novo manifesto? Assinar mais uma declaração? Organizar uma manifestação de massa com seis ou sete participantes?”

Atalia disse:

“Mas você já sabe do que se trata: Iliá Shvartsboim.”

O poeta olhou para ela admirado. Apagou meticulosamente o cigarro do qual só tinha fumado uma terça parte, tirou um novo do maço sem oferecer a Atalia ou a Shmuel, soprou colunas de fumaça pelas narinas e irrompeu de repente num riso provocador, um riso hostil, a ponto de os ocupantes das outras mesas voltarem para ele um olhar surpreso através da nuvem de fumaça em que tinha se envolvido. Ele recolheu esse riso e optou por um risinho.

“Em primeiro lugar”, disse, “nunca tomei emprestado sequer um centavo de Iliá Shvartsboim. E eu nunca pediria emprestado a ele. É um homem odioso. Um miserável cafetão judeu em tudo quanto é tipo de terrenos e armazéns. Em segundo lugar, já lhe disse pelo menos duas vezes, vou devolver a ele quando tiver dinheiro. Se é que vou ter dinheiro. E por que é que vou ter dinheiro? E esse Iliá tem mais dinheiro do que pelos no nariz. Na verdade, vim aqui hoje para pedir a ele, por intermédio de vocês, um pequeno empréstimo, cinco mil liras, por três meses. Digam-lhe que estou disposto a pagar com juros. E até esses juros que a religião proíbe.”

Atalia disse:

“Voltemos ao empréstimo anterior. Temos uma testemunha, Ester Levi. Você se esqueceu dela, mas ela estava com vocês aqui no café Atara há dois anos, quando Iliá lhe entregou o dinheiro em espécie. Ester Levi vai testemunhar contra você se o levarmos ao tribunal. E vamos levá-lo.”

“Você”, o poeta voltou-se de repente para Shmuel, “por que fica aí sentado e calado assim. Vai ser com certeza a segunda testemunha contra mim? Porque sem duas testemunhas eles não têm um caso? Mas você é um socialista. Ou talvez não seja mais. Você um dia foi um socialista de Fidel Castro. Então venha, explique para nós, por favor, onde está aqui a justiça, como e por que um poeta pobre como eu tem de financiar um chupa-sangue revoltante como Iliá Shvartsboim?”

O garçom voltou trazendo um copinho de conhaque para Hiram Nechushtan e café preto para Atalia e Shmuel. Junto a cada xícara de café tinha posto um pequeno bule com leite. Depois perguntou polidamente se podia sugerir também uma torta de maçã com chantili. Ou talvez de chocolate, também com chantili. Ou um bolo de farelo doce.

Atalia recusou educadamente as três sugestões, agradeceu ao garçom e disse:

“Ester Levi não veio. Mas com toda a certeza vamos levá-la ao tribunal. Ester também nos contou que seus pais lhe deixaram de herança um apartamento de subsolo e de um só cômodo, sem janelas, no beco que fica atrás do Cinema Edison. É o apartamento que você chama de ‘sua toca’. Você não vai querer que o tribunal tire de você esse quarto. Para onde você iria se saísse de lá?”

Hiram Nechushtan equilibrou seu cigarro aceso na beira do cinzeiro, esqueceu-o lá, acendeu um novo e falou:

“Para onde eu vou? Para onde eu vou? Vou para o inferno. De qualquer forma, já estou há muito tempo a caminho do inferno. Já fiz a maior parte do caminho. Já estou quase lá.”

Levantou-se de repente e disse:

“Basta. Para mim, com certeza, já é suficiente. Agora vou embora daqui. Vou sair neste instante. Não quero continuar sentado aqui com vocês. Não quero continuar a falar com vocês. Vocês são pessoas cruéis. A crueldade, minhas senhoras e meus senhores, é a maldição da humanidade. Fomos expulsos do paraíso não por causa daquela maçã, a maçã que vá para o inferno, quem se importa com uma maçã a menos ou uma maçã a mais, não fomos expulsos do paraíso por causa de uma maçã idiota, fomos expulsos de lá só por causa da crueldade. Até hoje estamos sendo expulsos o tempo todo, de um lugar para o outro, por causa da crueldade. Digam vocês dois ao empreiteiro repulsivo de vocês que o dinheiro dele ainda vai retornar a ele com juros sobre juros, vai voltar para ele multimultiplicado, vai voltar para ele em sacos abarrotados e cheios de moedas e de notas, vai voltar para ele numa chuva de dinheiro vivo, mas não de mim. Vai voltar para ele muito rápido. Vai voltar para ele das mãos dos ricos, e não dos que têm as mãos vazias. E, aliás, eu também sou uma pessoa cruel. Não vou negar isso. Uma pessoa cruel e tacanha que está sempre atrás de respeito, e sendo expulsa ao longo de todos esses anos, de um lugar para o outro. Uma pessoa descartável. Completamente. Mas três mil liras! Iliá Shvartsboim! Três mil liras esse verme pode dar sem a menor dificuldade como gorjeta a um engraxate. E eu não tenho nem três liras para pagar aqui por este meu conhaque mijado. E assim mesmo eu me levanto e vou embora porque uma pessoa sensível não deve ficar desnecessariamente nem mais um minuto na companhia de pessoas malvadas. Você”, voltou-se então para Shmuel e de novo riu aquele riso molhado e obscuro, “você, ouça-me, é melhor que você tome cuidado com ela. Se por acaso já está um pouco apaixonado por ela, que Deus se apiede de sua alma. Vou embora daqui. Aqui não tem nada para mim. De qualquer maneira, todos se esqueceram de mim. Vocês também, todos vocês, façam o favor de me esquecer neste exato instante. De me esquecer neste instante, de uma vez por todas, e pronto.”

Virou-se, sem se despedir, e saiu em passos trôpegos, desceu pela escada, e Atalia e Shmuel viram, de cima, como ele tateava entre os casacos pendurados

no cabide da entrada, finalmente puxava daquele monte de casacos uma capa de chuva rasgada que aparentemente pertencera algum dia a um soldado inglês, se envolvia nela, acenava com a mão, “shalom, shalom”, para o retrato do presidente Itzhak Ben-Zvi e saía cambaleando para a rua molhada e fria.

Shmuel e Atalia continuaram sentados um em frente ao outro depois de o poeta ter ido embora, as xícaras vazias diante deles, conversaram sobre o monte Scopus e sobre os prédios da universidade que ficavam nesse monte, que a guerra tinha isolado das construções do campus. Shmuel lembrou que dentro de menos de uma hora teria de começar seu turno com Guershom Wald. Tinha de dizer a Atalia, tinha de dizer agora, sem demora. Mas o que tinha para lhe dizer? Ele sorriu distraído, cravou o olhar nas mãos delas que estavam pousadas sobre a mesa à sua frente, tendinosas, a pele pintada com manchas marrons, como se fossem muito mais velhas do que ela, e disse-lhe em voz baixa:

“Quem sabe nos encontramos esta noite? Ir ao cinema e jantar em seu restaurante? Wald certamente vai concordar em me liberar duas horas antes do fim de meu turno.”

“Diga-me”, disse Atalia, “não restou em Jerusalém nenhuma moça de sua idade?”

Shmuel protestou. Ele na verdade também era um rapaz bem velho. “E daí?”, ele perguntou, hesitou um instante e disse: “Nós dois estamos um pouco sozinhos”.

“Mas você procurou essa solidão. Não veio até nós para se isolar?”

“Vim porque minha namorada me deixou e se casou com o namorado anterior. Vim porque meu pai perdeu na justiça e faliu, e não pôde continuar a financiar meus estudos. E também porque o trabalho que comecei a escrever já estava emperrado havia alguns meses. Embora eu ainda não tenha tido tempo para perguntar a mim mesmo que aspecto teria o mundo, que aspecto teriam os judeus se não tivessem rejeitado Jesus. Penso cada vez mais no homem que entregou Jesus aos romanos, aparentemente em troca de trinta siclos de prata. Diga-me, isso lhe parece lógico? Trinta siclos de prata! Um homem rico como Judas, que aparentemente era dono de terras e propriedades na cidade de Keraiot. Você por acaso sabe quanto representava, no total, trinta siclos naquela época? Bem pouco dinheiro. O preço de um escravo mediano. Quem sabe você gostaria de ouvir algumas de minhas ideias sobre Jesus e os judeus? Quer que eu leia para você esta noite algo de minhas anotações?”

Ela ignorou sua proposta. Espalhou com a mão de longos dedos a fumaça que pairava entre eles. Chamou o garçom, pagou pelo café e pelo conhaque e pediu um recibo, apesar de Shmuel ter tirado sua carteira do bolso. Ele não conseguiu se antecipar a ela, pois seus gestos eram desajeitados. Ela disse que não se incomodasse, que poupasse seu dinheiro, que essa pequena quantia era, de

qualquer maneira, por conta do escritório de investigações em que trabalhava.

“E eu lhe pago tão pouco por seu trabalho lá em casa. Uma ninharia. Diga, você também tira alguma satisfação dessas horas que passa com Wald? Quem sabe em meio ao palavreado dele haja um ou dois momentos de coisas interessantes? Você tem de perdoá-lo. Após a morte do filho ele não tem mais nada a não ser as palavras. E na verdade você também gosta bastante de palavras. Esse trabalho que você recebeu de nós combina muito com você.”

Atalia dobrou o recibo que o garçom lhe havia trazido e os dois se levantaram para ir embora. Desceram do andar de cima do café Atara, acharam seus casacos no cabide giratório da entrada, e Shmuel tentou vestir o casaco em Atalia. Mas seus gestos eram tateantes, e ela puxou o casaco, tirando-o das mãos dele, vestiu-o agilmente, abotoou, e depois ajudou Shmuel a vestir o dele, pois em vez de enfiar o braço na manga ele o enfiara pelo rasgão do forro, sua mão ficou presa entre o forro e a manga e não saiu do outro lado. De repente, quando ainda estavam na entrada do café, e ele punha seu *chapka*, Atalia deslizou os dedos em seu rosto, num gesto rápido, borboleteante, como se afastasse uma migalha errante de sua barba, e disse:

“Você às vezes toca o coração. Embora eu não tenha coração.”

No mesmo instante Shmuel lamentou que seu rosto fosse coberto de uma barba desgrenhada.

Ao sair, caminharam juntos na direção da travessa do Rav Alvez e pararam junto a uma cabine de telefone público, pois Atalia queria fazer uma ligação.

“Você não precisa me esperar. Vá logo ao encontro do velho. Ele está lá esperando por você.”

“Vou aguardar você aqui”, disse Shmuel.

Cinco ou seis minutos depois Atalia saiu da cabine e presenteou Shmuel com um de seus raros sorrisos. Um tênue sorriso que começou nos cantos dos lábios e só depois chegou aos cantos dos olhos. Ela segurou o braço dele, apertou-o de leve e disse:

“Está bem, vou sair com você esta noite. Desta vez não para uma emboscada noturna no monte Sion, nem para um restaurante e cinema, mas para um lugar que você com certeza não conhece. Para o bar de Fink. Alguma vez ouviu falar de Fink? Lá se encontram, à noite, sobre um cálice de vermute ou de uísque, jornalistas e correspondentes estrangeiros, homens de teatro, cónsules de diversos países, advogados, oficiais das forças da ONU, homens e mulheres casados, mas não uns com as outras, e às vezes também um ou dois jovens poetas vão até lá com suas namoradas, para verem e serem vistos. Eu preciso estar lá hoje por uma ou duas horas e observar uma pessoa importante. Só observar. Nada mais. Se você tiver muita vontade, vai poder, enquanto eu observo, falar comigo sobre judeus e sobre Jesus e sobre Judas Iscariotes. Prometo prestar atenção durante pelo menos parte do tempo mesmo se meus olhos estiverem ocupados.”

E acrescentou:

“Seremos um casal. Com esta sua barba e esta sua cabeleira você pode ter qualquer idade. As pessoas vão pensar que você é meu acompanhante. E na verdade terão razão em pensar assim: esta noite você será meu acompanhante.”

Shmuel disse:

“Tenho uma coisa para lhe contar. É o seguinte: já sonhei algumas vezes com você à noite. Com você e também com seu pai. Seu pai, na foto que vi no jornal, se parece um pouco com Albert Camus. Nesses sonhos você era ainda mais inatingível do que fora dos sonhos.”

“Inatingível”, disse Atalia, “como isso é banal.”

“Quer dizer”, explicou Shmuel, mas não soube como continuar.

“Seus antecessores que moraram na água-furtada também começaram a me contar sonhos. Depois eles pegaram suas coisas e nos deixaram, cada um por sua vez. Em breve você também vai nos deixar. Essa vida monótona numa casa antiga e escura na companhia de um velho falastrão e uma mulher amarga não combina com um rapaz jovem como você. Você é cheio de ideias. Cheio de fulgurações. Talvez um dia você escreva um livro, se apenas conseguir vencer essa sua preguiça. Logo você vai procurar sinais de vida em outro lugar. Talvez volte a estudar. Ou talvez vá para Haifa, de volta para papai e mamãe.”

“Estão construindo uma nova cidade no Neguev, na orla da grande cratera de Ramon. Antes de chegar até vocês eu pensei em ir para lá, que talvez me aceitassem como vigia noturno, ou encarregado de algum armazém ou depósito. Mas não. Vou ficar mesmo com vocês até que me mandem embora. Não vou a lugar algum. Não me restou vontade para nada. Minha vontade se desvaneceu, se é que se pode dizer assim.”

“Por que você ficaria conosco?”

Shmuel reuniu toda a coragem que tinha e balbuciou:

“Você sabe por quê, Atalia.”

“Isso vai acabar mal”, disse Atalia quando chegaram à porta da casa e ela girou a chave na fechadura, “cuidado aqui com este degrau. Pise nele delicadamente. Você pode ir às dez horas para o bar de Fink. Vá até lá por conta própria. Vou esperar por você lá. Fica na rua Histadrut, esquina com Rei George, em frente ao Cinema Tel Or e ao restaurante da cooperativa. Não coma nada antes disso. Vou convidar você esta noite para um jantar de verdade em vez desses restos que você come sempre aqui em casa. Não se preocupe. Vai ser por conta do escritório.”

Shmuel inspirou com força para dentro dos pulmões o cheiro da casa, um cheiro de roupa recém-lavada, de limpeza delicada, de amido e da tepidez de roupa passada com ferro a vapor, misturado com uma leve emanção de um cheiro de velhice. Subiu para o seu quarto, jogou o casaco e o chapéu em cima da cama, urinou longamente, apressando-se a puxar a água ainda antes de

terminar, tossiu e tornou a puxar a água, enquanto repreendia a si mesmo por ter usado o termo “inatingível” em sua conversa com Atalia. Depois desceu para a biblioteca, onde encontrou Guershom Wald sentado à escrivaninha, as muletas apoiadas de viés no sofá de vime. O velho lia um livro e rabiscava listas num papel cheio de rasuras, seu bigode branco se projetando do rosto como se estivesse eriçado, as sobrancelhas de neve em sua densidade e espessura, os lábios se movendo sem emitir som. Shmuel sentiu nesse momento que aquele velho lhe era próximo. Como se o conhecesse e gostasse dele desde a infância. Mas quase tudo sobre o que tinham falado em suas prolongadas conversas em todas aquelas longas noites de inverno lhe pareceu de repente muito distante daquilo sobre o qual os dois deveriam realmente ter falado.

“Eles o chamaram de traidor”, disse Wald, “porque todo dia confraternizava com árabes. Ele viajava para ir vê-los em Katamon, e em Sheikh Jerach, e em Ramallah, em Belém e em Beit Djala. Com frequência os recebia aqui em sua casa. Todo tipo de jornalistas árabes vinha até aqui; e ativistas de causas públicas. Líderes de organizações. Professores. Também o chamavam de traidor porque em 1947, e até em 1948, no fragor dos combates da Guerra de Independência, ele continuou a alegar que a decisão de estabelecer um Estado judeu tinha sido um erro trágico. Ora, seria melhor, dizia ele, que no lugar do mandato britânico que desmoronava viesse um mandato internacional ou um regime provisório sob responsabilidade americana. É bem provável, disse, que cem mil sobreviventes do Holocausto nos campos de transição espalhados pela Europa tivessem permissão de emigrar para o país; até os americanos apoiavam uma imigração como essa, de uma tacada só, e a comunidade judaica aumentaria de seiscentos e cinquenta mil para três quartos de milhão. Com isso se daria uma solução à situação opressiva dos judeus desarraigados. Depois, seria melhor dar uma parada. Deixaríamos os árabes digerirem gradualmente, no decorrer de dez ou vinte anos, o fato concreto de nossa presença no país. Enquanto isso talvez tudo se acalmasse, com a condição de que parássemos de acenar com a exigência de um Estado hebreu. O ponto central da oposição árabe, assim alegava Abravanel, não se dirigia contra o projeto sionista já existente, cuja realização principal eram algumas cidadezinhas e dezenas de comunidades rurais ao longo da planície litorânea, sua oposição se originava do medo que sentiam do crescente poderio dos judeus e de suas intenções mais ambiciosas. Depois de longos anos de conversas com seus amigos árabes no país, nos Estados vizinhos, chegara à conclusão de que os árabes temiam sobretudo aquilo que se desenhava a seus olhos como uma superioridade judaica no conhecimento, na tecnologia, em astúcia e em motivação, superioridade que os levaria no fim do processo a se expandir e dominar todo o espaço árabe: eles temem, ele sempre dizia isso, não tanto o pequeno feto sionista, mas o gigante agressivo encolhido dentro dele.”

“Qual gigante”, disse Shmuel baixinho, “isso é realmente uma piada. Comparados com eles somos uma gota d’água no mar.”

“Os árabes não veem as coisas assim, segundo Abravanel. Os árabes não acreditaram nem por um instante no doce palavreado sionista, segundo o qual um punhado de judeus teriam vindo para cá com o propósito apenas de achar um cantinho de refúgio, como uma mão protetora diante de seus perseguidores na Europa. Houve uma vez um chefe de governo no Iraque, Adnan Pachachi, que

declarou, em 1947, que quando o número de judeus na Palestina chegasse a um milhão não haveria em toda a Palestina quem pudesse enfrentá-los. Quando chegasse a dois milhões, não haveria em todo o Oriente Médio quem pudesse enfrentá-los, e se chegasse a três ou quatro milhões, o mundo muçulmano inteiro não poderia com eles. Esses temores, dizia Shaltiel Abravanel, esse medo dos novos cruzados, a crença mágica no poder satânico dos judeus, o pavor árabe de que a intenção maligna oculta dos judeus é destruir as mesquitas no monte do Templo para construir em seu lugar um novo Templo e instalar um império judeu do Nilo ao Eufrates, todos esses temores é que originaram a ardente oposição dos árabes a uma realidade que ia se formando, a do estabelecimento judaico entre o litoral e o pé das montanhas. Esse temor dos árabes, assim acreditava Abravanel, ainda poderíamos aplacar se agíssemos com paciência e boa vontade, com inquebrantáveis esforços para dialogar com os árabes, com a criação de um sindicato comum de trabalhadores, com a abertura de povoações judaicas para que habitantes árabes nelas morassem, com a abertura de escolas e de nossa universidade para alunos árabes e acima de tudo — com o abandono da ideia pretensiosa do estabelecimento de um Estado judeu em separado, com um exército judeu e um poder judaico e instrumentos de Estado pertencentes aos judeus e somente aos judeus.”

“O pensamento dele”, disse Shmuel com tristeza, “tem alguma coisa à qual o coração gostaria muito de corresponder, embora na verdade seja um pensamento adocicado. Eu penso, ao contrário, que os árabes, mais do que temer a força dos judeus no futuro, se deixaram seduzir pela fraqueza dos judeus no presente. Você e eu vamos tomar agora um copo de chá? E quem sabe comer alguns biscoitos? E você daqui a pouco também precisa tomar seu xarope e dois remédios.”

“Eles o chamaram de traidor,” continuou Wald sem reagir à sugestão do chá, “porque a estreita brecha de oportunidades que se abriu em meados da década de 1939 ante a aspiração de criar aqui um Estado judeu independente, mesmo num pedaço muito pequeno do território, essa tênue possibilidade arrebatoou a maioria dos corações. Arrebatoou a mim também. Abravanel, de sua parte, não acreditava em nenhum Estado. Nem num Estado binacional. Nem num Estado comum a judeus e árabes. A própria ideia de um mundo dividido em centenas de Estados com barreiras fronteiriças, cercas de arame farpado, passaportes, bandeiras, exércitos e sistemas monetários diversos lhe parecia uma ideia maluca e arcaica, primitiva, desumana, uma ideia ultrapassada no tempo e destinada a desaparecer rapidamente do mundo. Ele me dizia: Para que vocês querem correr e estabelecer aqui a sangue e fogo mais um ministado liliputiano, ao preço de uma guerra eterna, quando muito em breve, de qualquer maneira, todos os Estados do mundo vão desaparecer e em seu lugar virão comunidades e mais comunidades de pessoas que falam línguas diversas e que vivem uma a

lado da outra e uma dentro da outra sem esses brinquedos letais que são a soberania, os exércitos, as barreiras nas fronteiras, e todo tipo de instrumentos de destruição.”

“Ele tentou conquistar adeptos para suas ideias? Nas instituições? Nos jornais? No público?”

“Tentou. Em círculos restritos. Tanto entre árabes quanto entre judeus. Às vezes ia duas vezes por mês para Ramallah e para Belém, para Jaffa, Haifa e Beirute. Participou de encontros em casas particulares, com a presença de gente muito culta vinda da Alemanha, no bairro de Rechavia. Ora, será melhor não tentarmos estabelecer aqui nem um Estado árabe nem um Estado judeu, ele dizia: vamos viver aqui um ao lado do outro e um dentro do outro, judeus e árabes, cristãos e muçulmanos, drusos e circassianos, gregos e católicos e armênios, um grupo de comunidades vizinhas não separadas por quaisquer barreiras. Aos poucos talvez desapareça o temor árabe do que lhes parece uma conspiração ambiciosa dos sionistas para judaizar o país inteiro. Em nossas escolas nossos filhos estudarão árabe e nas escolas deles vão ensinar hebraico a seus filhos. Ou melhor, disse, vamos desenvolver juntos escolas comuns. Trinta anos de intriga britânica, usando o método de ‘dividir para reinar’, terão finalmente um término. E assim, não em um dia apenas e não em um ano apenas, acreditava Abravanel, talvez surjam os primeiros botões de confiança e até mesmo de amizade pessoal entre árabes e judeus. E, na verdade, botões como esses já existiam na época do domínio britânico, em Haifa, em Jerusalém, em Tiberíades, em Jaffa, e em outros lugares. Muitos árabes e judeus estavam ligados por laços de negócios, e muitas vezes se sentiam em casa, um na casa do outro. Como Abravanel e seus amigos. Afinal esses dois povos têm tanta coisa em comum: judeus e árabes, em trajetórias diferentes, foram ao longo da história vítimas da Europa cristã. Os árabes foram humilhados pelas potências colonialistas e sofreram a vergonha da opressão e da exploração, e gerações e mais gerações de judeus sofreram degradação, banimento, perseguições, expulsões, morticínio, e por fim o assassinato de um povo que não teve precedentes na história do mundo. Duas vítimas da Europa cristã, dizia Shaltiel, será que não existe um fundamento histórico profundo para relações de amizade e compreensão entre eles?”

“Em minha opinião, sim”, disse Shmuel, “um pouco ingênuo. Otimista. Totalmente contrário ao que Stálin disse sobre a questão nacional. Mas é atraente.”

Ele se levantou, acendeu a luz, foi de uma janela a outra fechando as persianas, que rangeram em seus eixos. Quando abriu as janelas para puxar as persianas para dentro, o ar frio e seco de Jerusalém, que cortava na garganta e nos pulmões, penetrou na biblioteca. Shmuel apalpou o inalador em seu bolso, mas repeliu o impulso de usá-lo. Guershom Wald continuou:

“Se os judeus insistissem em declarar um Estado judeu independente no fim do mandato britânico, advertiu Abravanel, no mesmo dia iria eclodir uma guerra sangrenta entre eles e todo o mundo árabe, e talvez entre eles e todo o mundo muçulmano. Meio milhão de judeus contra centenas de milhões de muçulmanos. Essa guerra, previa Abravanel, os judeus não venceriam, e mesmo se lhes acontecesse um milagre e conseguissem superar os árabes em uma rodada, em duas, em três, em quatro, a vitória final seria do Islã. Seria uma guerra para gerações inteiras, porque cada vitória judaica só iria aprofundar e redobrar a hostilidade dos árabes com a proficiência satânica dos judeus e suas aspirações cruzádicas. Era sobre essas ideias, e as que delas se depreendiam, que Shaltiel discorria para mim aqui nesta sala. Ainda antes de tudo acontecer. Antes ainda de eu ter perdido meu único filho nas montanhas de Jerusalém na noite de 2 de abril. Ele falava em pé, junto à janela, de costas para a escuridão lá fora e o rosto, em geral, voltado não para mim, mas para esse quadro do pintor Rubin. Ele gostava muito dessas paisagens do desenho. Gostava das montanhas da Galileia e das encostas dos vales e do Carmel, gostava de Jerusalém e do deserto e das pequenas aldeias árabes da planície e dos declives nas montanhas. Também gostava dos gramados dos *kibutzim* e das colônias judaicas com as casuarinas e os telhados de telhas vermelhas. E não havia nisso contradição alguma.

“Algumas semanas após o casamento de Micha e Atalia, em 1946, Shaltiel apareceu uma noite em minha pequena residência na rua Gaza e convidou-me a vir morar com eles aqui nesta casa. Há bastante lugar para todos nós, ele disse. Por que ficar sozinho? Eu era então um veterano professor de história no Ginásio Rechavia. E, na verdade, já às vésperas de me tornar um professor aposentado. Micha e Atalia moravam então em sua água-furtada. Esta biblioteca era a biblioteca de Shaltiel Abravanel. Eu só trouxe, quando me mudei para cá, os romances que estão em meu quarto. Ele ficava caminhando aqui na biblioteca, de parede a parede, das janelas para a porta, da porta para a cortina de costas na entrada da cozinha, em passos miúdos e rápidos, enquanto estendia em meus ouvidos seu ideal do grupo de comunidades. Ele chamava o Estado, qualquer Estado que fosse, de dinossauro feroz. Uma vez chegou aqui agitado, vindo de uma conversa de meia hora que tivera a seis olhos com David Ben Gurion e David Remez no gabinete de Ben Gurion, no prédio da Agência Judaica, e me disse — lembro-me de como sua voz tremia enquanto falava — que aquele homenzinho, cuja voz lembra às vezes a de uma mulher histérica, tinha se tornado um falso messias. Shabetai Tzvi. Iakov Frank. E que ele ia fazer desabar sobre todos nós, judeus, árabes, e na verdade — sobre o mundo inteiro, a desgraça de um derramamento de sangue contínuo que não teria fim, e acrescentou, dizendo-me: Talvez Ben Gurion ainda consiga em vida, e talvez até muito brevemente, ser o rei dos judeus. Rei por um dia. Rei indigente. O messias dos indigentes. Mas as próximas gerações vão acabar o amaldiçoando. Ele

conseguiu arrastar atrás dele os colegas que eram mais cautelosos do que ele. Acendeu neles um fogo que lhes era estranho. A principal tragédia dos homens, Shaltiel costumava dizer, não é que perseguidos e oprimidos aspirem a se libertar e se apurmar. Não. O grande mal é que os oprimidos anseiam secretamente por se tornar os opressores de seus opressores. Os perseguidos sonham em ser perseguidores. Os escravos sonham ser senhores. Como em *Meguilat Ester*.”

Guershom Wald calou-se por um momento, e acrescentou, pesaroso:

“Não. De forma alguma, não. Nem por um momento acreditei em tudo isso. Até zombei dele um pouco. Não admiti nem por um instante que Ben Gurion alguma vez tivesse aspirado a ser o senhor dos árabes. Shaltiel vivia dentro de um mundo maniqueísta. Construiu para si mesmo uma espécie de paraíso utópico, e em contraposição a ele configurou um inferno. Eles, por outro lado, começaram a chamá-lo de traidor. Disseram que tinha se vendido aos árabes em troca de muito dinheiro. Disseram que ele mesmo era filho bastardo de um árabe. Jornalistas hebreus o ridicularizaram, chamando-o de ‘o muezim’, ou de ‘xeque Abravanel’, ou até mesmo de ‘a espada do Islã’.”

“E você?”, perguntou Shmuel, tão excitado que se esqueceu de alimentar os peixes ornamentais no aquário e de dar ao velho suas pílulas vespertinas. “Você não brigou com ele?”

“Eu”, suspirou Guershom Wald, “eu, que sou pobre de ação, houve um tempo em que ainda discutia com ele com grande veemência. Até a noite de 2 de abril. Naquela noite acabaram de uma vez por todas as discussões entre nós. A tragédia extinguiu a discussão. De qualquer forma, não restara nenhuma possibilidade para seus argumentos neste país. Todos já tínhamos percebido que os árabes não tolerariam nossa presença aqui mesmo se desistíssemos de proclamar um Estado para os judeus. Era claro como o sol do meio-dia, até para os mais moderados entre nós, que a posição árabe não abriria nenhuma fresta nem para a sombra de uma sombra de uma solução conciliatória. E eu já era um homem morto.”

“Eu então só tinha treze anos”, disse Shmuel, “e estava num movimento juvenil. Acreditava, como todos, que nós éramos os poucos que estavam com a razão, e que os árabes eram malvados e muitos. Não tinha a menor dúvida de que eles queriam nos arrancar à força do pedacinho de terra sob nossos pés. Todo o mundo árabe estava firmemente ancorado na ideia de exterminar ou expulsar os judeus. Era com esse teor que soavam os chamamentos dos muezins do alto dos minaretes nas mesquitas, na oração do meio-dia das sextas-feiras. Mas lembro também que lá em Haifa, na minha infância, vinham clientes árabes ao pequeno escritório de medições de meu pai no Hadar HaCarmel, Shachaf Ltda. Às vezes vinham negociantes de terrenos, efêndis em seus albornozes vermelhos, com ternos de ombreiras e com uma corrente de ouro fazendo uma curva em sua barriga e continuando até o relógio de ouro enfiado num bolso lateral. Eles se serviam de licor e alguns petiscos e conversavam com meu pai e com o sócio

dele com moderação e amplitude, num inglês ou francês redondo e polido. Enalteciam o vento que soprava do mar ao entardecer, ou as safras de azeitonas. E às vezes nos convidavam, meu pai, minha mãe, minha irmã e eu, a comer os petiscos deles, na rua Allenby. Os garçons nos serviam uma bandeja atrás da outra com café e chá árabes e fortes, amendoins e nozes e castanhas e halvah e balas. Fumavam juntos cigarros e mais cigarros, e concordavam que toda a política era totalmente supérflua e só trazia tristeza e prejuízo a todos nós. Que sem a política a vida poderia ser tranquila e bela. Até que um dia começaram em Haifa os ataques a ônibus de judeus, sangrentas operações de represália de combatentes judeus em aldeias árabes da região da baía de Haifa, uma multidão de árabes exaltados trucidou os judeus nas refinarias, e de novo operações de represália, atiradores judeus e árabes tomaram posição em telhados atrás de barricadas feitas de sacos de areia, foram erguidas barreiras de inspeção fortificadas nas passagens entre bairros dos árabes e bairros dos judeus. E em abril de 1948, cerca de um mês antes da retirada dos britânicos, dezenas de milhares de árabes de Haifa embarcaram numa verdadeira esquadra de barcos e botes de pescadores e fugiram em massa para o Líbano. No último dia, dirigentes judeus em Haifa ainda distribuíram folhetos pedindo a eles que ficassem. Verdade que em Lida e muitos outros lugares não lhes pedimos que ficassem, mas os matamos e expulsamos. E lá em Haifa esses folhetos não adiantaram. Os árabes já estavam tomados de um medo mortal. Pairava entre eles o temor de um massacre: espalhara-se o boato de que os judeus tencionavam liquidar todos eles, como tinham liquidado os habitantes da aldeia árabe de Dir Iassin, que ficava aqui, do outro lado da colina, não muito longe desta casa. Da noite para o dia Haifa ficou vazia da maior parte de seus habitantes árabes. Até hoje, eu passo às vezes pelos antigos bairros árabes, que agora estão cheios de novos imigrantes, passeio ao anoitecer pelas ruelas onde continuam a morar milhares de árabes que optaram por ficar em Haifa, e me pergunto se o que aconteceu era inevitável que acontecesse. Meu pai, por sua vez, continua alegando até hoje que não havia como fugir disso. Que a Guerra da Independência foi uma guerra total de vida ou morte, ou nós ou eles, uma guerra em que combateram entre si não dois exércitos, mas duas populações, rua contra rua, bairro contra bairro, a janela de uma casa contra a janela da casa em frente. Em guerras como essa, diz meu pai, uma guerra civil, entre cidadãos, sempre, e em todo lugar, são desarraigadas populações inteiras. Foi assim que aconteceu entre a Grécia e a Turquia, entre a Índia e o Paquistão. Entre a Polônia e a Tchecoslováquia e a Alemanha. Eu ouvia o que ele dizia, ouvia as ideias de minha mãe, que até hoje alega que tudo o que aconteceu foi por culpa dos britânicos, que prometeram esta terra duas vezes, a dois povos, e se compraziam em gerar um conflito entre eles. Uma vez Atalia me disse que o pai dela não pertencia a nossa época. Talvez estivesse atrasado. Talvez estivesse

adiantado. Mas não era de nosso tempo. Ele e Ben Gurion foram homens que acalentaram sonhos muito grandes. Eu, de minha parte, às vezes enxergo as brechas. Talvez, no tocante às brechas, você já tenha me influenciado um pouco. Em nossas conversas vespertinas aprendi com você a duvidar um pouco. Talvez por causa disso, nunca mais serei um verdadeiro revolucionário, e somente um revolucionário frequentador de cafés. Agora vou até a cozinha esquentar o mingau para nós. Permita-me deixar você esta noite um pouco antes da hora, pois Atalia me convidou para jantar com ela num clube, ou bar, onde nunca estive.”

Shmuel estendeu um guardanapo xadrez sobre a camisa de Guershom Wald, enfiando suas pontas por baixo do colarinho do velho, serviu-lhe o mingau que esquentara e que tinha polvilhado um pouco de açúcar e canela em pó, e para si preparou duas grossas fatias de pão com margarina e queijo cremoso, apesar de Atalia lhe ter instruído a não comer nada antes de seu encontro no Fink. Mas a fome foi mais forte que ele.

Enquanto comia o mingau que Shmuel lhe servira, Guershom Wald disse:

“Considero Ben Gurion o maior líder dos judeus em todas as gerações. Maior que o rei Davi. Talvez um dos maiores estadistas na história mundial. Um homem lúcido e perceptivo, que enxergou e compreendeu há muito tempo que os árabes nunca concordariam por livre vontade em tolerar nossa presença aqui. Tampouco concordariam em partilhar conosco nem o território nem o poder. Soube muito antes de seus colegas que nada nos seria dado numa bandeja de prata, que nenhum discurso conciliatório mudaria a disposição dos árabes e os faria gostar de nós, e também sabia que nenhuma força viria de fora para nos defender no dia em que os árabes se erguessem para nos arrancar todos daqui. Já na década de 1930, depois de ter tido longas conversas com dirigentes árabes, inclusive os amigos queridos e cordatos de Shaltiel Abravanel, Ben Gurion chegou à conclusão de que o que não conseguíssemos por nós mesmos não nos seria dado por caridade ou concessão. Meu filho Micha saía às noites para o bosque de Tel Arza a fim de se exercitar no uso de armas, porque ele também sabia. Todos sabíamos. Eu só não sabia que meu filho também sabia. Não imaginava que meu filho também sabia. Não queria admitir. Ele já não é um rapaz, eu me dizia, já tem trinta e sete anos e é quase um professor. Às vezes, nas semanas que se seguiram à tragédia, sem que ele me tivesse dito uma só palavra, eu imaginava ouvir Shaltiel Abravanel a me perguntar, em sua mudez, se eu ainda achava que tudo aquilo valia a pena. Essa pergunta que Shaltiel nunca fez me feria como se ele me enfiasse repetidas vezes uma faca na garganta. E desde então não nos falamos mais. Nem eu nem ele. Nos calamos. Tudo esvaecera. Com exceção, raríssimas vezes, de um concerto nas telhas do telhado ou a compra de uma geladeira elétrica. Agora, por gentileza, ponha este prato e esta colher na pia da cozinha, não se preocupe em lavar e arrumar, e vá depressa

correr atrás da ponta da cauda do vestido dela. Eu, de minha parte, não vejo nenhum sentido nesse seu cerco a ela. Você não foi feito para ela e ela não foi feita para você, e na verdade ela já não é feita para nenhum homem no mundo. Será uma mulher solitária até o fim da vida. Mesmo após minha morte ela vai ser uma mulher solitária nesta casa vazia. Nenhum estranho virá. Ou talvez até venha, para ser enxotado no dia seguinte, ou depois de algum tempo, exatamente do jeito que veio. Você também será logo enxotado, e eu vou perder você também. Apresse-se. Vista sua melhor roupa e siga depressa seu caminho. Não se preocupe comigo. Vou continuar sentado aqui com meus livros e meus cadernos até a madrugada, e então vou me arrastar por mim mesmo até minha cama. Vá, Shmuel. Vá até ela. Você já não tem alternativa.”

Mas Shmuel Asch não chegou naquela noite ao encontro com Atalia. Quando estava para sair de casa em seus passos desvairados, o *chapka* na cabeça desgrenhada, o casaco abotoado e apertado até o pescoço, um dos botões das calças faltando, tropeçou de repente no degrau de madeira improvisado na entrada da casa. Não tropeçou, mas pisou com todo o seu peso numa extremidade do degrau, fazendo-o se erguer como uma alavanca, atirando-o para trás. Ele rolou sobre si mesmo, as costas bateram com força na parede, a cabeça chocou-se com o lado do degrau e depois nas lajotas, até aterrissar de costas com o pé esquerdo revirado sob o corpo. Uma dor aguda atravessou seu tornozelo ou a sensível articulação entre o tornozelo e a perna. Primeiro sentiu uma dor no crânio mais forte que a dor no tornozelo. O chapéu foi lançado longe e rolou corredor abaixo. Shmuel ficou deitado ali, estendido de costas, e enfiou a mão por baixo dos cabelos, sentindo na ponta dos dedos como se formava uma morna poça de sangue. Ficou assim alguns instantes sem se mexer, e para seu espanto descobriu que estava rindo. Ria e gemia ao mesmo tempo. Apesar da dor, aquela queda o fazia rir como se tivesse acontecido com outra pessoa e não com ele, ou como se ele tivesse feito alguma travessura surpreendente e até divertida. Enquanto tentava em vão se levantar e se pôr pelo menos de joelhos, ouviram-se de longe as batidas das muletas de Guershom Wald. O velho tinha ouvido o barulho da queda, cambaleado até o corredor, percebera com um olhar o corpo retorcido, o sangue que escorria de dentro do emaranhado de cabelos encaracolados formando um pequeno rio sobre o chão, e o tornozelo torcido. Ele recuou, foi em suas muletas até a escrivaninha, telefonou para o Maguen David Adom, pedindo uma ambulância. Depois manquejou até o corredor e inclinou-se pesadamente, apoiado em uma das muletas, tirou do bolso um lenço xadrez, pressionou contra a cabeça sangrante de Shmuel e disse:

“Esta casa não lhe traz sorte. Na verdade, para nenhum de nós.”

Shmuel riu:

“A partir de agora eu também vou precisar de um par de muletas. Ou de uma cadeira de rodas. Aqui vai haver quatro muletas.” Mas seu riso se entortou e virou um gemido de dor.

Vinte minutos depois chegou um enfermeiro de avental branco e barba por fazer, junto com dois maqueiros pequenos, escuros e ágeis, ambos magros e parecidos um com o outro quase como se fossem gêmeos; mas um deles tinha braços compridos de forma quase não natural; os dois eram totalmente calvos, mas o de braços compridos tinha uma protuberância inchada no lado esquerdo da

calva. Os maqueiros levaram Shmuel para a ambulância. Enquanto o faziam, praticamente não disseram uma palavra sequer. O enfermeiro inclinou-se e tomou, entre o polegar e o indicador, o pulso de Shmuel, cortou com uma tesourinha uma pequena porção de seus cachos, desinfetou e cobriu com um pedaço de gaze e esparadrapo a ferida que sangrava em sua cabeça. E como Shmuel em sua queda tinha derrubado o degrau de madeira, os maqueiros tiveram de suspender a maca em diagonal e trepar do vestibulo para o chão do pátio, diante da porta. Antes pousaram a extremidade da maca nesse plano mais alto, depois o da protuberância trepou do vestibulo para aquele degrau no pátio e puxou a maca para além do umbral da porta. Enquanto isso seu colega fixou o degrau de madeira que tinha virado, segurou a maca pelas duas empunhaduras ao lado da cabeça do ferido e a suspendeu, e os dois juntos a removeram para o pequeno jardim e a levaram através do portão quebrado para a ambulância com as luzes piscando que lá estava, com o motor ligado e as portas traseiras abertas e voltadas para o portão.

No caminho, o enfermeiro envolveu a cabeça de Shmuel com uma atadura branca em que logo apareceu e se espalhou uma mancha de sangue. Alguns minutos antes das dez, traziam-no para a emergência do hospital Shaarei Tzedek, na rua Jaffa. Deram-lhe uma injeção para aplacar as dores e radiografaram o tornozelo, constatando uma pequena fissura, e não uma fratura, fixaram a fissura com gesso e o deixaram em observação no departamento de ortopedia.

Às sete horas da manhã chegou Atalia, vestindo um suéter azul-celeste e uma saia azul-escura e usando uma echarpe de lã vermelha. Os grandes brincos de madeira oscilavam, pendendo de suas orelhas, os cabelos caindo sobre o ombro esquerdo e escondendo pela metade um pequeno broche de prata que parecia uma concha. Ela ficou um instante na porta da enfermaria e varreu com o olhar os oito leitos, quatro de cada lado, dois dos quais estavam vazios. Quando seu olhar deparou com Shmuel, não se apressou em ir até ele, e ficou mais um pouco junto à porta, olhando para ele como se encontrasse nele uma faceta nova desconhecida dela até então. Os bondosos e envergonhados olhos castanhos dele acariciaram a figura dela, submissos e acovardados, o que a enterneceu um pouco. Shmuel estava deitado, coberto com um lençol, no terceiro leito à esquerda. Seu pé engessado estava descoberto e levantado. Quando ela chegou perto dele, fechou os olhos. Atalia inclinou-se, ajeitou delicadamente o lençol e fez duas suaves carícias em sua barba, ao longo das bochechas. Ela passou os dedos pela atadura que branquejava em torno de sua testa, desfazendo nos dedos alguns de seus cachos.

Ele abriu os olhos, acariciou com cautela a mão que o acariciava, mão que parecia ser muito mais velha do que o rosto e o corpo, e resolveu sorrir. Mas em seu rosto a expressão foi de dor e de criança mimada.

“Dói muito?”

“Não, quase não dói. Sim.”

“Deram-lhe algo contra as dores?”

“Deram alguma coisa.”

“Não adiantou?”

“Não. Quase nada. Um pouco.”

“Vou falar com eles. Já vão lhe dar algo que vai ajudar. Enquanto isso, quer beber alguma coisa? Água?”

“Acho que não.”

“Sim ou não?”

“Acho que não. Obrigado.”

“Eles me disseram que você fissurou a articulação do tornozelo.”

“Você ficou esperando, ontem à noite?”

“Quase até meia-noite. Pensei que você tivesse esquecido. Não, não pensei que tivesse esquecido, mas que havia adormecido.”

“Não adormeci. Estava correndo a seu encontro, com medo de me atrasar, levei um tombo no degrau.”

“Você corria por estar tão excitado assim?”

“Não. Talvez. Sim.”

Atalia pousou uma mão fresca na testa enfaixada de Shmuel e aproximou seu rosto do dele até que por um momento suas narinas absorveram o tênue perfume de violetas, e o aroma de sua respiração, misturado com o de pasta de dentes e o de um xampu delicado. Depois ela se levantou e foi procurar um médico ou uma enfermeira para pedir que lhe dessem algo para aliviar a dor. Tinha a impressão de ser a culpada por ele ter se machucado, embora não divisasse lógica alguma nessa sensação. De qualquer forma, decidira ficar com ele até o mandarem para casa ao meio-dia, depois da ronda dos médicos. Veio uma enfermeira magra e alta com o cabelo preso num pequeno coque e deu a Shmuel uma pílula com um copo d'água e disse que às dez viria o fisioterapeuta, para lhe ensinar como usar o par de muletas, e depois pelo visto o mandariam para casa. Ele se lembrou de repente do hospital em Haifa onde fora internado quando criança, após a picada do escorpião. Lembrou-se do frio contato da mão de sua mãe na testa. Estendeu uma mão tateante, achou a mão de Atalia, segurou-a, entrelaçou seus dedos nos dela.

Atalia disse:

“Você está sempre correndo. Por que está sempre correndo? Se não corresse, não teria levado esse tombo no corredor.”

Shmuel disse:

“Estava correndo para você, Atalia.”

“Você não tinha motivo para correr. O homem que eu precisava observar no bar de Fink nem chegou lá. Fiquei lá sozinha até perto de meia-noite esperando você. Dois homens jovens, um após o outro, sentaram à minha mesa e tentaram

despertar meu interesse, um fofocando a respeito de uma atriz, o outro com um segredinho sobre um passo em falso dos serviços secretos. Mas eu me livreí dos dois. Disse a cada um deles que estava esperando alguém, e que preferia esperar sozinha. Tomei gim-tônica, comi amendoins e castanhas e continuei esperando por você. Por que esperei por você, isso eu não sei. Talvez porque estava certa de que você, evidentemente, tivesse errado o caminho.”

Shmuel não respondeu. Ele aumentou a pressão de seus dedos em torno dos dedos dela e ficou buscando o que dizer. E, não tendo encontrado, puxou a mão dela entrelaçada na sua, aproximando-a dos lábios, e os pousou nos dedos dela, não com um beijo, mas só um toque, um roçar. E imediatamente se interrompeu.

Pouco antes das dez chegou um rapaz baixo, gordo, de rosto tão corado como se fosse de carne viva, sem pele. Vestia um avental branco amarrotado, um sólídeu preto desleixado preso com grampo fluuava em seus cabelos ralos. O rapaz levantou Shmuel da cama, fez com que ele se apoiasse numa perna só e começou a lhe ensinar como usar as muletas. Talvez por ter tido muitas oportunidades de observar Guershom Wald, ele não teve dificuldade para aprender como enfiar as muletas sob as axilas, como agarrar bem as barras transversais e avançar com cuidado no corredor entre os leitos com a perna engessada um pouco erguida no ar. Atalia e o fisioterapeuta lhe davam apoio de um e de outro lado. Quinze minutos depois ele já sabia sair da enfermaria, acompanhado por seus dois anjos da guarda, andar de muletas até a extremidade do corredor e voltar agilmente para o departamento. Depois descansou um pouco e saiu para uma nova rodada, dessa vez sozinho. Atalia ficou a uma distância de dois passos dele, pronta para ampará-lo se fosse necessário. Shmuel disse:

“Veja. Estou caminhando sozinho.”

Depois disso:

“Ainda que só possa voltar a trabalhar dentro de algumas semanas.”

Atalia respondeu:

“Sem problema. Você vai começar a trabalhar já esta noite. Vocês dois vão ficar sentados um em frente ao outro, como de costume, o velho vai ficar falando o tempo todo e você, é claro, vai discordar dele em tudo. Eu vou providenciar o mingau e o chá de vocês e vou alimentar os peixes ornamentais em seu lugar.”

Depois que voltaram à travessa do Rav Alvez num táxi encomendado por Atalia, ela cortou com uma tesoura a perna esquerda das calças de veludo cotelê de Shmuel e o ajudou a vesti-las por cima do gesso. Depois o deitou na biblioteca, no sofá de vime de Guershom Wald, serviu-lhe um copo de chá com uma fatia de pão com queijo, e foi abrir, arejar e preparar para Shmuel o quarto ao lado, aquele quarto no andar térreo que estava sempre trancado, o quarto no qual Shmuel não estivera uma única vez, o quarto do pai dela. Ela estendeu um lençol e pôs um cobertor e um travesseiro no estreito sofá. Ele não poderia subir para

sua água-furtada enquanto seu pé estivesse engessado. Desde o dia de sua chegada à casa de Abravanel Shmuel queria entrar nesse quarto trancado. Lá, sempre sentira isso, o aguardava alguma revelação. Ou inspiração. Como se aquele fosse o coração selado da casa. E eis que agora, graças a seu acidente noturno, a porta se abria para ele. Ele ficou pensando sobre os sonhos que iria ter aqui esta noite.

Ele estava deitado de costas no sofá que pertencera a Shaltiel Abravanel, o pé engessado levantado, apoiando-se em três almofadas, os artelhos rosados despontando da extremidade aberta da cobertura de gesso. A cabeça encaracolada e envolta na atadura branca repousava em outras duas almofadas. Vestia as calças de veludo cotelê que Atalia tinha cortado para que pudesse enfiar pelas calças o pé engessado, e um paletó de pijama que pertencia a Guershom Wald. Chupava uma bala de caramelo, doce demais, e sobre seu peito descansava, virado e aberto, o livro *Iemei Tsiklag*, que ele não queria ler. Um leve cheiro de cera de vela derretida e de flores secas pairava no ar do quarto. Esse cheiro desconhecido lhe agradava, embora não fizesse ideia de sua origem. Shmuel aspirou até o mais fundo de seus pulmões esse cheiro estranho, cera de velas antigas e flores secas, e se perguntou se era o cheiro permanente de quartos fechados durante muitos anos, ou se era o cheiro de velas acesas há anos, nas longas noites de inverno, ou quem sabe seria um remanescente do cheiro do corpo do homem rejeitado e odiado que viveu aqui em solidão absoluta os últimos anos de sua vida. Pelas aberturas das persianas cerradas se infiltrava um raio de sol enviesado no qual rodopiavam dezenas de milhares de minúsculas partículas de poeira, como uma infinidade de mundos iluminados dentro de uma resplandecente Via Láctea. Por um momento Shmuel se esforçou para fixar o olhar num desses milhares de grãos brilhantes, que em nada diferiam de todos os outros, e de acompanhar seu percurso. Após um instante ele o perdeu. Era-lhe agradável estar deitado naquele sofá, naquele quarto, e essa sensação prazerosa se infiltrou e se espalhou por todos os seus órgãos e o fez lembrar os dias solitários de doença deitado em sua cama de criança em Haifa, na casa da qual não gostava, no corredor escuro onde ficava sua cama, entre paredes manchadas de mofo.

O que fez Shaltiel Abravanel depois de ter sido afastado? O que fez nos dias do cerco de Jerusalém, dos bombardeios, dos combates de casa em casa, da queda do quarteirão judeu na cidade velha, da falta de água, das filas por farinha, óleo, querosene, leite em pó e ovos em pó? Será que escrevia artigos para si mesmo? Memórias? Prognósticos? Será que tinha tentado se aproximar de sua filha furiosa? Será que tinha tentado manter assim mesmo um contato indireto com seus amigos da Jerusalém árabe, do outro lado da linha de fogo? Será que redigiu algum memorando que pretendia enviar ao governo provisório? Será que acompanhava febrilmente a evolução dos combates? Será que tinha se fechado aqui e pensava dia e noite em seu adversário figadal David Ben Gurion, que

conduzia naqueles dias a progressão da guerra sangrenta de seu pequeno gabinete em uma das colinas de Ramat Gan?

A cor das paredes e do teto era um branco desbotado quase cinzento. Não havia no quarto uma lâmpada de teto, e a luz provinha apenas de duas luzes laterais, uma presa à parede na cabeceira do sofá em que Shmuel estava deitado, a outra na ponta de uma haste de metal encurvada sobre a mesa de trabalho de Shaltiel Abravanel. Essa mesa, ao contrário da escrivaninha de Guershom Wald, estava vazia, totalmente desocupada. Nenhum livro, nenhuma revista, nenhum jornal, nenhum pedaço de papel sobre ela. Nem caneta, nem lápis, nem régua, nem elásticos, nem tachinhas ou clipes. Nada. Só a lâmpada lá estava, acesa, brotando da cabeça de um cano de ferro encurvado e cercada por uma semiesfera de metal. No entanto, a mesa estava sem poeira, e Shmuel se perguntou se a mulher que limpava a casa uma vez por semana também entrava neste quarto trancado, ou quem sabe a própria Atalia viesse e de quando em quando limpasse a poeira dos poucos móveis que ali havia?

A escrivaninha preta tinha pés finos e recurvados, um painel traseiro alto e dois painéis laterais enviesados. Esses painéis eram dotados de gavetas e de todo tipo de pequenas reentrâncias e esconderijos secretos. Shmuel se lembrava vagamente de que há muitos anos, em sua infância em Haifa, na casa de árabes conhecidos de seus pais, eles chamavam essas escrivaninhas de *secretar*. A palavra *secretar* despertou-lhe uma nostalgia e uma saudade das casas dos árabes ricos da rua Allenby, que costumava visitar quando criança na companhia dos pais, e onde era recebido com néctar de romãs e balas doces demais, que ficavam por muito tempo grudadas entre os dentes, sob a língua e no fundo das gengivas.

Além da *secretar* e do sofá sobre o qual Atalia fizera Shmuel se deitar com o pé para cima, havia no quarto duas cadeiras pretas de espaldar reto, um guarda-roupa trancado, de aspecto austero, e três prateleiras de livros com não mais de trinta ou quarenta tomos antigos, em francês, árabe, hebraico, grego e também em inglês. De onde estava deitado no sofá era difícil para Shmuel decifrar o que estava escrito nas capas dos livros, mas prometeu a si mesmo que iria verificar um por um assim que tivesse oportunidade. E também que iria espiar, em segredo, dentro das gavetas da *secretar*.

Dois delicados desenhos de paisagens dos montes da Judeia, em molduras pretas protegidas com vidro, estavam pendurados na parede em cima do sofá em que Shmuel estava deitado. Num deles se via uma colina árida batida pelos ventos, tendo ao fundo montanhas distantes, e no outro uma caverna sombria num uádi onde cresciam alguns mirrados arbustos. Na parede atrás da *secretar* estava pendurado um mapa muito grande, antiquado, da região oriental do mar Mediterrâneo. Encabeçava-o um título em francês: “Terras do Levante e seu entorno”. Sob o título se estendiam no mapa a Síria e o Líbano, Chipre, Erets

Israel e a Transjordânia, o Iraque, o norte do Egito e da Arábia Saudita. Sobre Erets Israel e a Transjordânia juntas se estendia o dístico “Palestina”; e entre parênteses também estava escrito “A Terra Santa”, enquanto na área ocupada pelo Líbano se lia, em francês, “O grande Líbano”. As zonas de influência do Império Britânico, inclusive a ilha de Chipre, eram apresentadas em cor-de-rosa, e as zonas de influência da França estavam assinaladas em azul-claro. O mar Mediterrâneo e o mar Vermelho em azul-escuro. A Turquia, em verde, e a Arábia Saudita, em amarelo.

As persianas da única janela do quarto estavam cerradas, a janela fechada e obscurecida por duas abas de uma cortina pesada, de um grosso tecido marrom. Pela abertura entre as duas abas da cortina e através das frestas da persiana se infiltrava e atravessava o quarto numa diagonal um único raio de luz, ao longo do qual saltitavam dezenas de milhares de fulgurantes grãos de poeira. Esse raio de luz atraíu e prendeu seu olhar. Apesar da dor surda no tornozelo e na cabeça, Shmuel sentia uma doce quietude a envolvê-lo, como se finalmente tivesse voltado para casa, não à casa dos pais nem ao corredor escuro onde dormira todos os dias de sua infância, mas à casa que sempre desejara, a casa onde não estivera uma única vez, a casa dele, a verdadeira. A casa aonde ele vai todos os dias de sua vida. Desde o dia em que chegara à casa na travessa do Rav Alvez para tentar ser admitido naquele trabalho, nunca sentira uma quietude tão profunda como essa. Como se desde o início tivesse almejado em segredo, durante todas aquelas semanas, conseguir um dia estar deitado, doente, neste quarto, neste sofá, à luz das duas luminárias laterais, diante do mapa francês das terras do Levante e seu entorno e ao pé do raio de luz no qual partículas de poeira brilhavam e redemoinhavam e rodopiavam sem parar.

Atalia entrou no quarto em passos silenciosos, inclinou-se sobre a cama e ajeitou as almofadas que davam apoio às costas. Sentou-se a seu lado na beira do sofá e lhe serviu um prato fundo cheio de sopa de legumes, fumegante e espessa. A vizinha Sara de Toledo é quem tinha preparado essa sopa para o almoço do sr. Wald, como fazia todos os dias, mas dessa vez Atalia lhe tinha pedido uma dose dupla. Ela estendeu uma toalha sobre a barba de Shmuel e sobre seu peito e começou a lhe dar de comer numa colher, apesar de Shmuel, espantado, ter dito que isso não era necessário, que ele certamente podia se alimentar sozinho. Mas Atalia insistiu:

“Você vai sujar toda a sua barba e também o paletó do pijama.” E acrescentou:

“Nos últimos meses eu dava de comer a ele também. Aqui neste quarto. Mas não na cama, e sim junto à escrivaninha. Sentávamos muito próximos um do outro nessas duas cadeiras e eu estendia sobre ele uma toalha e lhe dava de comer, colherada por colherada. Ele gostava muito de sopas espessas como esta, bem condimentada, sopas de ervilha, lentilhas, abóbora. Não. Ele decididamente

não foi um inválido no fim da vida. Nem paralítico, nem senil. Só muito fraco e indiferente e enfurnado em si mesmo. No início eu lhe trazia estas sopas quentes, ele gostava da sopa quase fervendo, deixava o prato sobre a escrivadinha, saía e voltava quinze minutos depois para recolher o prato vazio. Nos últimos meses de vida, ele parou de comer, a não ser que eu ficasse no quarto com ele insistindo para que comesse, e eu também lhe contava, enquanto ele comia, uma pequena história. Ele gostava muito de todo tipo de lendas e fábulas. Depois já não bastavam minha presença e a história, ficava sentado me ouvindo sem tocar na comida. Até que comecei a lhe dar de comer, colherada a colherada, enfiando a colher entre seus lábios. No fim da refeição eu lhe enxugava a boca com uma toalha, e ficava com ele mais meia hora ou uma hora, contando sobre um passeio que fiz há muito tempo na Galileia, ou sobre um livro que li. Já lhe disse que eu não gostava dele, a não ser, talvez, quando ainda era uma menininha, mas exatamente no fim, quando ele mesmo foi se transformando numa criança, entre nós começou a se estabelecer uma certa e tardia proximidade. Uma pessoa como ele, que durante toda a vida sempre falou com uma lógica afiadíssima, em frases curtas e medidas e numa voz baixa e de extrema fluência, ele, que mesmo nas mais acirradas discussões nunca ergueu a voz, e não sabia ouvir nem gostava de ouvir o que os outros diziam, que nem uma só vez se deu ao trabalho de prestar atenção à minha mãe ou a mim, exatamente essa pessoa falou muito pouco em seus últimos meses de vida. Talvez até mesmo tenha começado, afinal, a prestar alguma atenção. Às vezes ficava com Guershom na biblioteca, que um dia foi dele, até que abdicou dela em favor de Wald, assim como abdicou, em nosso favor, de toda a casa, fora este pequeno quarto. Permaneciam os dois na biblioteca, meia hora ou uma hora inteira, Wald quase não falava e Abravanel ficava ouvindo as palavras que Wald não tinha dito. Ficava dobrando entre os dedos um clipe de metal, e tentava depois, em vão, endireitá-lo. Ou talvez não estivesse ouvindo. Não havia como saber se estava ouvindo ou sonhando acordado. Além de mim e de Wald, ninguém entrava no quarto dele. Nunca. Nenhuma visita, nenhum conhecido, nenhum profissional. Só Bela, a faxineira, passava pelos quartos uma vez por semana, silenciosa como um espírito mau. Todos nós tínhamos um pouco de medo dela. Sara de Toledo trazia da cozinha dela a sopa com pedaços de carne e o mingau, e às vezes também alguma fruta ou legume. Ele não recebia visitas. Vizinhos não batiam à porta. Ninguém vinha, nunca, nos ver, com exceção de cinco ou seis consoladores que chegavam ao anoitecer nos primeiros dias após Micha ser morto e ficavam por um breve tempo na biblioteca, tentando, o melhor possível, abreviar o silêncio. Depois de alguns dias esses consoladores sumiram. A porta se fechou. E desde então, todos esses anos, ficamos sozinhos. Ninguém queria ter relações com um traidor. Ele mesmo não procurou fazer qualquer contato. Duas ou três vezes chegaram cartas enviadas do outro lado da fronteira, de Beirute ou de Ramallah, e que foram

encaminhadas até nós por intermédio de um ou outro contato na Europa. Ele não se deu ao trabalho de responder a essas cartas. Uma vez um famoso jornalista francês nos telefonou, um radical conhecido por sua simpatia pela causa árabe, e pediu permissão para vir visitá-lo, trocar ideias e fazer algumas perguntas. Não recebeu resposta. Eu até quis escrever a esse jornalista explicando que Abravanel não mais concedia entrevistas, mas fui instruída a deixar isso de lado e o pedido sem resposta. Ele viveu seus últimos anos em prisão domiciliar, por opção própria. Não saiu do quarto uma só vez. Nem para a mercearia, nem para a banca de jornais, nem para um passeio vespertino no campo que fica no final da rua. Eu me enganei, pensando que ele estava castigando a si mesmo. Mas ele não estava castigando a si mesmo, e sim o mundo. Por exemplo, nem uma só vez conversou comigo ou com Wald sobre a proclamação do Estado. Nem sobre a vitória na guerra. Nem sobre a expulsão dos árabes. Nem sobre as multidões de judeus que começaram a chegar dos países árabes e da Europa. Nem sobre os episódios sangrentos nas novas fronteiras. Como se tudo isso tivesse acontecido num outro planeta. Só uma vez, ao anoitecer, rompeu seu silêncio e disse a Wald e a mim, junto à mesa da cozinha: Vocês ainda verão que, no melhor dos casos, isso não vai se sustentar por mais do que alguns anos. No máximo duas ou três gerações, não mais. E com isso, calou-se. Guershom Wald pareceu-me sair do sério de tão excitado que ficou para responder àquelas palavras, mas voltou atrás e preferiu silenciar. De manhã Abravanel sentava-se no sofá e lia o jornal durante quinze minutos, depois, sem falar, o passava a mim, para que o lesse e passasse a Wald. Depois ficava andando por uma hora ou hora e meia no quarto ou no jardim, junto à cisterna. Quando se cansava, trazia uma cadeira e sentava-se para descansar à sombra da figueira no pátio, na parte calçada com lajotas. À medida que o sol avançava no céu, ele ia deslocando um pouco a cadeira, perseguindo a sombra. Depois de um prato de sopa no almoço deitava para descansar durante uma ou duas horas. Quando se levantava, vinha sentar-se a esta escrivaninha para escrever. Ou ler. Ou ler e escrever alternadamente, até o dia escurecer. Quando anoitecia, acendia a luz na luminária de mesa e continuava a ler e, de quando em quando, a fazer breves anotações em pequenos pedaços de papel. Mas não encontramos nenhum desses escritos após sua morte. Nem um só pedacinho de papel. Nenhum bilhete. Procurei em vão em todas as gavetas, em todas as prateleiras do armário, e entre as páginas dos livros na estante. Não, ele não queimou seus papéis, não achei em lugar algum da casa ou do pátio o menor sinal de papel queimado. Não, ele picotava tudo em pedacinhos e jogava fora, todo dia, na privada. Ele e Wald escreviam e destruíam, tornavam a escrever e a destruir. Quem sabe você também? Não? Todos, menos eu, escrevem nesta casa. Parece que seus antecessores na água-furtada também tentavam escrever. Ao que parece tem uma coisa assim nas paredes daqui, ou debaixo das lajotas. Só eu não escrevo nada, a não ser instruções para Bela.

Depois que ele morreu, tranquei este quarto e o deixei trancado, e só ontem decidi abri-lo para você, porque você não vai poder, de forma alguma e por algum tempo, subir para a água-furtada.”

Assim falou, levantou-se da beira do sofá e cobriu Shmuel com um cobertor fino, levou consigo o prato vazio e saiu do quarto. Ao sair disse:

“Se precisar de alguma coisa, basta erguer a voz e me chamar. Eu o ouvirei da cozinha ou de meu quarto. As paredes desta casa são muito grossas mas eu tenho um ouvido sensível.”

Shmuel ficou deitado de costas, olhando para a coluna de poeira iluminada, até que o ângulo da luz mudou e essa Via Láctea interior, com sua infinidade de mundos rodopiantes emitindo faíscas de fulgor, desapareceu de sua vista. Uma penumbra fresca e serena tomou conta do quarto. Ele fechou os olhos.

Quando tornou a abri-los, já era noite. Atalia tinha acendido a luz da luminária da escrivaninha, mas não da que ficava à sua cabeceira. O quarto se encheu de sombras. Ela o fez soerguer-se, com a ajuda de três almofadas atrás de suas costas, e pôs sobre sua barriga uma bandeja com uma fatia de pão com queijo, um prato com salada verde picada em pedacinhos, um ovo duro e algumas azeitonas pretas. Dessa vez Shmuel comeu com apetite e Atalia tornou a sentar-se junto dele na beirada da cama, olhando para ele como se contasse uma a uma cada azeitona que comia. Por um instante os olhos castanhos dele cruzaram com os olhos marrom-esverdeados dela, e seu olhar irradiou para ela uma candura e uma gratidão que a comoveram. Dessa vez não lhe deu de comer. Ele se cobriu bem com o cobertor, com medo de que ela percebesse o volume de seu desejo. Quando terminou, ela afastou a bandeja dele, levou consigo os restos do jantar, saiu do quarto sem dizer uma palavra, e voltou quatro ou cinco minutos depois trazendo uma bacia de água com sabão, uma esponja de banho e uma toalha. Shmuel apressou-se a dizer que não era necessário, que podia descer da cama e ir até o banheiro com a ajuda das muletas, que até mesmo, quando ficara sozinho, tinha ido ao toalete duas ou três vezes. Mas Atalia ignorou o que ele disse, fez uma carícia fresca e rápida em sua testa, disse-lhe que não a atrapalhasse, e em gestos enérgicos jogou no chão o cobertor, despiu o paletó do pijama que Shmuel recebera emprestado do sr. Wald, e continuando, sem hesitar, despiu de suas pernas, a sádia e a engessada, as calças de veludo cotelê, e sem interrupção tirou de uma só vez suas roupas de baixo, até que ele ficou deitado de costas, chocado e completamente nu, ocultando seu membro com a mão. Ela começou a lavar seu corpo com movimentos circulares que lhe foram muito agradáveis, passados os primeiros momentos de choque e de constrangimento. Primeiro limpou seus ombros e o peito peludo, ordenou-lhe que se sentasse e lavou vigorosamente, com a esponja encharcada de água com sabão, suas costas e seus quadris, tornou a deitá-lo, esfregou com força sua barriga, os pelos espessos de seu púbis, afastou sua mão e, sem dizer palavra e sem pestanejar, envolveu

com a esponja ensaboada seu membro em semiereção, não demorou muito e ensaboou sua virilha e depois sua perna sadia, e lavou um por um os dedos róseos que despontavam da abertura na extremidade do gesso. Depois do banho, enxugou-o todo em gestos bruscos, da testa à ponta dos artelhos, com uma toalha grossa e áspera, o que lhe causou grande prazer, como se fosse só uma criança pequena que se enrola numa toalha depois do banho de banheira numa noite de inverno. Ele se encolheu todo e fechou os olhos de tanta vergonha, porque apesar de seus desesperados esforços seu membro agora se erguia ereto do emaranhado de pelos nas partes baixas de seu ventre. Atalia recolheu a bacia com água e sabão, dobrou a toalha, pôs a esponja molhada dentro da bacia, depositou tudo no chão, inclinou-se sobre Shmuel, seus lábios roçaram sua testa enquanto sua mão se estendia e tocava por um instante seu membro. Um toque quase inexistente. Depois o cobriu com o cobertor, apagou a luz, saiu do quarto em silêncio e fechou a porta.

No dia seguinte, três ou quatro vezes Shmuel Asch levantou-se e manquitolou em suas muletas até o banheiro, passou pela cozinha, bebeu três copos de água e comeu uma grossa fatia de pão com geleia, voltou mancando a seu leito e quase imediatamente adormeceu. As dores eram surdas, mas renitentes. Ele as sentia vagamente mesmo durante o sono, como se seu corpo ainda estivesse zangado com ele. Mesmo assim, essas dores lhe eram agradáveis, pois ele sentia que as merecia e que eram dores justas, que lhe cabiam por direito. Semidesperto, ficou tenso à espera de que Atalia viesse hoje também dar-lhe de comer e lavá-lo. Mas Atalia não veio.

Às cinco horas da tarde foi despertado por Guershom Wald, que entrou no quarto ruidosamente, com empurrão de porta, tosse e batidas de muletas, e sentou-se esparramado em uma das cadeiras pretas de espaldar alto, apoiou as muletas na *secretar* junto às muletas de Shmuel e brincou quanto à troca de funções entre eles: A partir de agora você é o doente e eu tenho a obrigação de distraí-lo e de lhe fazer companhia. O cabelo branco brilhava à luz da luminária e o bigode de Einstein tremelicava enquanto falava como se tivesse vida própria. Era um homem grande e torto, e parecia sempre que sua posição ao sentar, qualquer que fosse, não lhe era confortável, que o assento era baixo demais ou elevado demais, e que o corpo queria o tempo todo mudar sua postura, as largas e fortes mãos sem encontrar descanso. Começou com uma longa história sobre um rei que trocara de posição com um andarilho e fez uma brincadeira com o tombo de Shmuel, que não seria senão uma evidente trama para conquistar as graças de Atalia, só que as graças dela eram só aparentes. E continuou, dizendo que há muitos e muitos anos suas muletas não pisavam aqui, no covil secreto de Shaltiel Abravanel, que Atalia sempre mantém fechado e trancado.

Os três antecessores de Shmuel que haviam morado antes dele na água-furtada, disse Guershom Wald, parece que não tiveram o privilégio de dar uma única espiada neste quarto. Nem no quarto de Atalia, apesar de os três, cada um a seu modo, a terem cortejado sem nunca deixar de esperar um milagre. Depois disso, o bom humor de Guershom Wald desapareceu de uma só vez, a centelha picante de seu olhar deu lugar a uma tristeza contida, e ele deixou Shmuel falar por alguns minutos sobre o epíteto de traidor, que na verdade deveria ser visto até como uma condecoração por mérito: veja-se que na França, não faz muito tempo, o presidente De Gaulle foi eleito com os votos dos partidários de uma Argélia francesa, e agora ficou claro que ele pretende de fato destituir com as próprias mãos o regime francês da Argélia e conceder independência total à

maioria árabe. Os que ontem o apoiavam entusiasticamente agora o chamam de traidor e até ameaçam atentar contra sua vida. O profeta Jeremias foi considerado um traidor tanto pela turba de Jerusalém quanto pelo palácio real. Os sábios do Talmude excomungaram Eliseu ben Abuya e o chamaram de estrangeiro. Mas pelo menos não apagaram do livro suas ideias e sua lembrança. Abraham Lincoln, o libertador de escravos, foi chamado de traidor pelos adversários. Os oficiais alemães que tentaram matar Hitler foram fuzilados como traidores. Na história de vez em quando surgem pessoas corajosas que estão à frente de seu tempo e por isso são chamadas de traidoras ou exóticas. Herzl foi chamado de traidor só porque ousou conceber o estabelecimento de um Estado judeu fora de Erets Israel quando parecia claro que a Erets Israel otomana estava vedada ao povo judeu. Até David Ben Gurion, quando há doze anos concordou com a divisão do território em dois Estados, um judeu e um árabe, foi chamado por muitos de traidor. Meus pais e também minha irmã me acusam agora de ter traído a família ao interromper meus estudos. De fato, talvez tenham mais razão do que eles mesmos pensam, porque a verdade é que os traí ainda muito antes de ter interrompido os estudos. Eu os traí desde que era um menino e sonhava que tinha outros pais. Os que estão dispostos a mudar, os que têm a força para mudar, sempre serão vistos como traidores pelos que não são capazes de qualquer mudança, que têm um medo mortal de mudanças, não entendem o que é mudança e abominam toda mudança. Shaltiel Abravanel sonhou um lindo sonho, e por causa desse sonho houve quem o chamasse de traidor.

Shmuel calou-se. Lembrou-se de repente do avô, pai de seu pai, vovô Antek, que viera da Letônia em 1932, fora admitido para trabalhar na polícia secreta britânica porque tinha um grande talento para falsificar todo tipo de documentos. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele fornecera aos britânicos dezenas de documentos nazistas falsificados, com os quais os britânicos abasteceram seus agentes e espiões que atuavam atrás das linhas inimigas. A verdade é que vovô Antek se alistara na polícia secreta britânica para repassar dados sigilosos a uma das forças subterrâneas judaicas, e também tinha falsificado muitos documentos para esses combatentes. Foram exatamente esses homens do grupo dele que o assassinaram em 1946, pois suspeitavam que fosse um agente duplo colaborando com os britânicos. O pai de Shmuel lutou durante muito tempo para limpar o nome de vovô Antek do opróbrio da traição que lhe fora imputado. Shmuel acrescentou numa voz abafada, como se temesse que pessoas estranhas estivessem ouvindo:

“E o beijo de Judas Iscariotes, o mais famoso beijo da história, certamente não foi o beijo de um traidor: os enviados dos sacerdotes do Templo que vieram prender Jesus ao final da Última Ceia não tinham a menor necessidade de que Judas Iscariotes lhes mostrasse quem era seu mestre. Só alguns dias antes disso

Jesus tinha vindo ao Templo numa fúria, derrubando com raiva, diante de todo o povo, as mesas dos mercadeiros. Jerusalém inteira já o conhecia. Além disso, quando vieram prendê-lo ele não tentou escapar, mas se apresentou voluntariamente a seus aprisionadores e os acompanhou por sua livre vontade. A traição de Judas, se é que foi traição, aconteceu no momento da morte de Jesus na cruz. Foi quando Judas perdeu sua fé. E junto com sua fé, perdeu também uma razão de viver.”

Guershom Wald inclinou-se um pouco para a frente e disse:

“Em todas as línguas que conheço, e também nas línguas que não conheço, o nome de Judas passou a ser sinônimo de traidor. E talvez também sinônimo de judeu. Para milhões de cristãos simples, todo e qualquer judeu está contaminado com o vírus da traição. Uma vez, quando eu ainda era estudante em Vilna, há cinquenta anos, num vagão de segunda classe de um trem a caminho de Varsóvia, sentaram-se à minha frente duas freiras, em seus hábitos pretos e capuzes brancos e brilhantes. Uma era idosa e de feições severas, amplos quadris e uma barriga pontuda de homem, enquanto sua colega, ao contrário, era uma jovem doce de rosto delicado, e seus olhos grandes e muito abertos me lançavam um olhar azul-claro, um olhar cristalino, um olhar que era só inocência e comiseração e pureza. Essa jovem freira parecia um quadro da Madona numa igreja rural, uma Madona que ainda era mais mocinha que mulher. Quando tirei do bolso um jornal em hebraico, o abri e comecei a ler, a freira mais velha me disse num polonês festivo e com um tom de surpresa e decepção: Mas como é isso, o senhor está lendo um jornal judaico? Imediatamente lhe respondi e disse que era de fato judeu e que em breve deixaria a Polônia e iria viajar para morar em Jerusalém. Sua coleguinha olhou para mim com seus olhos puros, que de repente tinham se enchido de lágrimas, e começou a me repreender com brandura, com sua voz de sinos: Mas ele era tão, tão doce, como vocês puderam fazer isso com ele? Eu, de minha parte, me contive com dificuldade, para não lhe responder que no dia e na hora em que se deu a crucificação eu por acaso tinha hora marcada no dentista. Você tem de terminar sua pesquisa, e talvez um dia publicar um livro, ou até mesmo dois livros: um sobre Judas Iscariotes e outro sobre como Jesus é visto pelos judeus. E quem sabe depois também seja a vez de um livro sobre como Judas Iscariotes é visto pelos judeus?”

Shmuel ajudou melhor sua posição deitada, endireitou com cuidado a perna engessada, puxou uma almofada de trás da cabeça e a enfiou entre os joelhos. Depois disse:

“Em 1921, o escritor Nathan Agmon, que vendia mais livros sob o nome de Nathan Bistrisky, publicou uma lenda dramática, ou melhor, uma espécie de peça teatral, chamada ‘Jeshua de Nazaré’. No texto de Bistrisky, na noite da Última Ceia Judas volta da casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde tomara conhecimento de que os sacerdotes haviam decidido que Jesus tinha de morrer.

Judas insiste com Jesus para que se junte a ele, e que naquela mesma noite os dois deveriam fugir de Jerusalém. Mas o Jesus de Bistritsky se recusa a fugir e diz que já está espiritualmente cansado, e que queria morrer. Ele incumbe Judas de ajudá-lo a morrer, para isso traindo e prestando testemunho de que ele realmente pretendia ser o Messias, ou rei dos judeus. Ao ouvir isso, ‘Judas se afasta dele com medo’, ‘arranca-se de seus braços com horror’ e grita para Jesus: ‘Serpente... você é uma serpente na figura de uma pomba’. Jesus lhe responde: ‘Então, pise em mim’. E Judas se atreve a repreender Jesus com as palavras ‘Não banque o inocente’, e até implora ao mestre que não o encarregue dessa terrível missão. Jesus não muda de ideia: ‘Eu lhe ordeno que você me entregue pois meu desejo é morrer crucificado’. Judas recusa. Ele se vira e afasta-se de Jesus, com a intenção de fugir para sua cidade. Mas uma força interior mais poderosa do que ele o obriga, no último momento, a voltar, ajoelhar-se aos pés do mestre, beijar suas mãos e seus pés, e aceitar, deprimido, a terrível missão da qual fora encarregado. O traidor, segundo essa obra, não é senão um apóstolo fiel: ao entregar Jesus a seus perseguidores, ele não está fazendo outra coisa senão cumprir, resignado, a tarefa da qual seu mestre o incumbira.”

Guershom Wald comentou, rindo:

“Se, em vez de crucificar à direita de Jesus o bom ladrão, Pilatos tivesse ordenado que Judas fosse crucificado à sua direita, Judas seria elevado pelos cristãos à categoria de santo, e a escultura de Judas Iscariotes na cruz estaria ornando dezenas de milhares de igrejas, milhões de criancinhas cristãs receberiam o nome de Judas, papas adotariam o seu nome. E apesar disso tudo, eu digo a você, com Judas Iscariotes ou sem Judas Iscariotes, mesmo assim o ódio aos judeus não desapareceria no mundo. Não desapareceria nem diminuiria. Com ou sem Judas, o judeu continuaria a representar para os crentes o papel do traidor. Gerações e gerações de cristãos nos lembrariam sempre como a turba que gritava no momento da crucificação: Matem-no, matem-no, que seu sangue esteja sobre nós e nossos filhos. E eu lhe digo, Shmuel, que o conflito entre nós e os árabes muçulmanos é apenas um pequeno episódio na história, um episódio curto e passageiro. Dentro de cinquenta, ou cem, ou duzentos anos não restará dele lembrança, enquanto o que existe entre nós e os cristãos é um caso profundo e tenebroso e ainda pode durar cem gerações. Enquanto ensinarem a cada criança, junto com o leite materno, que ainda perambulam pelo mundo criaturas assassinas de Deus, ou os descendentes dos assassinos de Deus, não teremos descanso. Você, pelo visto, está sabendo usar muito bem seu par de muletas. Mais um pouco poderemos, você e eu, dançarmos juntos com oito pernas. Portanto, espero você amanhã, como sempre, à tarde, na biblioteca. Vou ligar agora para um de meus caros amigos que me odeiam, vou deixá-lo um pouco sobre brasas, e depois você vai ficar comigo e me discursar sobre *tikun-olam*, o conserto do mundo, sobre Fidel Castro

e sobre Jean-Paul Sartre e sobre a grandeza da revolução vermelha na China, e eu, como sempre faço, vou ficar rindo, porque para mim o mundo não tem conserto.”

E num dos dias que se seguiram — era um sábado de céu com nuvens baixas e escuras, quando a casa inteira na extremidade da travessa do Rav Alvez era como um porão, cercada de sombras entre as espessas muralhas de ciprestes —, Shmuel Asch tentou subir, às nove horas da manhã, os degraus em curva para a sua água-furtada. Ele depositou as muletas aos pés da escada, segurou com ambas as mãos o corrimão e tentou pular numa perna só um degrau para o degrau acima dele, jogando a perna engessada para a frente, no ar, o joelho dobrado, para que não batesse no próximo degrau. Mas depois de três ou quatro degraus perdeu a respiração, num acesso de asma. Desistiu, descansou três ou quatro minutos sentado no terceiro degrau, e saltitou de volta, numa perna só, para a base da escada. Recolheu as muletas, apoiou-se nelas, manquejou até seu quarto provisório no andar térreo, jogou-se no sofá e encheu os pulmões, inspirando do inalador. Ficou deitado de costas durante quinze minutos, discutindo em pensamento com Shaltiel Abravanel: por que, afinal, na opinião de Abravanel, os judeus são o único povo em todo o mundo que não teria direito a um pequeno Estado, menor do que a Bélgica, menor ainda que a Dinamarca, e ainda um Estado no qual três quartas partes são terras de um árido deserto? Será que realmente os judeus foram sentenciados a um sombrio castigo até o fim de todas as gerações? Foi por causa de nossos pecados que fomos exilados de nossa terra? Por que os judeus são assassinos de Deus? Será que Abravanel achava que sobre os judeus, e somente sobre eles, paira uma maldição eterna?

E mesmo supondo que Shaltiel Abravanel tenha razão em seu conceito de que todo o Estado nacional é uma tragédia e uma peste, mesmo que tenha razão ao dizer que em breve desaparecerá a peste do nacionalismo e todos os Estados hão de passar e se extinguir no mundo, pelo menos até que se realize a visão de um mundo sem Estados, pelo menos enquanto cada povo tiver grades em suas janelas e ferrolhos e fechaduras em suas portas — não é justo que o povo judeu também tenha uma pequena casa com grade e fechadura, exatamente como todos os outros? Sobretudo depois que um terço desse povo foi aniquilado há poucos anos só porque não tinha casa nem porta com fechadura nem um pedacinho de chão que lhe pertencesse. Nem um exército nem armas para se defender? Quando chegar o dia, quando finalmente todos os povos derrubarem as paredes que os separam — então, por favor, certamente, nós também iremos derrubar com satisfação as paredes que construímos à nossa volta e nos juntaremos com alegria e júbilo à grande comemoração. Embora, com uma cautela neurótica, talvez dessa vez não sejamos logo os primeiros no mundo a

abrir mão da fechadura e das grades. Talvez dessa vez sejamos os terceiros no mundo, ou os quartos, em nosso bairro. Por maior segurança. E se é para ser como todos, continuou Shmuel a discutir intimamente com o pai de Atalia, a pergunta é: onde neste mundo poderia ser a terra dos judeus senão em Erets Israel, que foi sua única casa alguma vez no mundo? Uma terra onde há bastante espaço para dois povos, que poderiam nela viver um ao lado do outro, em amizade e cooperação? E quem sabe um dia ainda possam viver aqui os dois sob a bandeira de um socialismo humanista, de uma economia comum, de acordos federativos, e de justiça para todos os homens?

Pensou em expressar esse pensamento para Atalia imediatamente, levantou-se e saltou em suas muletas, muito agitado, em direção à cozinha, chamando seu nome duas ou três vezes, mas Atalia não estava lá e não ouviu seus chamados, embora lhe tivesse assegurado ter um ouvido atento. Shmuel, que capengava até a pia para se servir de um copo d'água esbarrou de repente no canto da mesa, uma das muletas lhe escapou da mão e ele quase desabou e caiu. No último instante conseguiu agarrar-se no armário e recuperou o equilíbrio, mas com isso arrastou e derrubou no chão um vidro de geleia e mais um jarro cheio de pepinos em conserva, cujo conteúdo, misturado com os cacos de vidro, espalhou-se, inundando o chão da cozinha. Ele se apoiou com força no canto da bancada, amparou-se sobre uma das muletas e tentou se inclinar sem tocar com o pé engessado no chão, para juntar e recolher com a mão direita os cacos e tentar limpar o que tinha sujado. Mas ao se inclinar assim perdeu o equilíbrio, a muleta sobre a qual se apoiava deslizou na poça pegajosa de geleia que se espalhou no chão, e Shmuel caiu de lado no chão, e enquanto caía seu ombro bateu com força no canto de mármore da pia.

Era de manhã, o velho dormia, como em toda manhã, um sono profundo. Foi Atalia quem finalmente apareceu, vinda do quarto, num roupão caseiro de flanela azul, os cabelos escuros molhados e brilhando depois de lavados. Ela puxou Shmuel e o fez sentar, e, enquanto apalpava suas costas e todo o seu corpo, Shmuel se apressava a lhe assegurar que estava tudo bem, que nessa queda, para variar, ele não tinha se ferido nem quebrado nenhum osso. Ao cabo de um minuto mudou de ideia e queixou-se de uma dor no pescoço. Ela inclinou-se, fez que ficasse de pé sobre a perna sã e passou o braço dele em torno dos ombros dela, e assim, ele se apoiando nela com todo o seu peso e pulando numa perna só, o levou para o quarto e o deitou na cama de seu pai. Sem ponto de interrogação no fim da frase ela disse:

“O que vou fazer com você.”

E depois falou assim:

“Quem sabe contratamos mais um estudante, que a partir de agora cuide de vocês dois.”

Ela saiu e desapareceu, e três ou quatro minutos depois voltou, descendo da

água-furtada de Shmuel e trazendo consigo roupas de baixo limpas, uma blusa de malha de mangas compridas, calças largas e um surrado suéter cinza. De uma gaveta da mesa ela tirou uma tesoura grande e cortou ao longo de toda a perna esquerda das calças limpas que trouxera, para que pudesse vesti-las por cima do gesso. Depois se curvou sobre Shmuel e o despiu de todas as roupas como tinha feito alguns dias antes, quando tinha vindo a seu quarto para lavá-lo. Quando ele tentou tapar suas vergonhas com a mão, Atalia afastou essa mão num gesto brusco, como uma doutora impaciente cuidando de uma criança, e disse secamente:

“Você, não me atrapalhe.”

Shmuel fechou os olhos com força, como sempre fazia em sua primeira infância, quando a mãe lhe dava banho de banheira e ele tinha medo que o sabão lhe ardesse nos olhos. Mas dessa vez Atalia não tinha trazido uma esponja encharcada de água com sabão e não limpou seu corpo, e sim fez três ou quatro carícias lentas em seu peito peludo e deslizou um dedo nos lábios dele, afastou-se por um instante e lhe disse: E você não fale nada agora. Nada. Ela tomou uma almofada da cama e tapou com ela o retrato do pai, que estava bem em frente a eles e os olhava da escrivania, despiu-se e deixou cair a seus pés seu roupão de flanela azul, e ainda antes que ousasse abrir os olhos Shmuel sentiu o tépido corpo dela chegar e envolver o corpo dele, e como os dedos dela, sem quaisquer preliminares, o pegavam e o levavam para dentro dela, e como Shmuel já não tocava numa mulher havia meses, tudo terminou quase antes de começar.

Ela ficou com ele por alguns momentos, suas mãos tateando como se buscassem algo que tinham perdido no emaranhado de seus cachos e de sua barba e na pelagem de seu peito. Depois de um instante afastou a mão, recolheu do chão o roupão de flanela e se envolveu nele do pescoço aos tornozelos, amarrou e apertou bem o cinto do roupão nos quadris. Saiu e voltou trazendo a bacia e a esponja e a toalha e limpou e vestiu Shmuel em movimentos enérgicos e o cobriu bem com o cobertor, envolvendo os ombros e os pés. Por fim tirou a almofada sob a qual tinha sepultado antes o retrato do pai. Shaltiel Abravanel parecia estar pensativo e tranquilo. Sem lançar um só olhar ao retrato Atalia cerrou as cortinas, apagou a luz e saiu, fechando a porta.

Shmuel ficou deitado de costas de olhos fechados. De repente estremeceu todo, levantou-se, achou suas muletas e saiu apressado atrás dela, na cozinha. Sentiu que precisava dizer alguma coisa, romper o virulento silêncio que Atalia impusera aos dois, mas não achou o que lhe dizer. Enquanto a água fervia Atalia saiu e voltou trazendo consigo um rodo, um pano de chão e uma pá. Ela limpou e enxugou bem o chão da cozinha. Depois lavou as mãos com água fria e preparou um café para os dois. Quando pôs as xícaras de café sobre a mesa da cozinha, ergueu os olhos e olhou para Shmuel com espanto, como se fosse o filho de pessoas estranhas que, contra a sua vontade, lhe tinha sido entregue para ficar sob

sua total responsabilidade, e de quem ela sentia pena mas sem saber absolutamente o que ainda poderia fazer por ele. Shmuel puxou a mão dela para si, envolveu os dedos dela nos seus e os levou aos lábios. Ainda não tinha achado o que dizer. Ainda não acreditava totalmente que o que acontecera no quarto de Shaltiel Abravanel minutos antes tinha realmente acontecido. Estava envergonhado e constrangido com o açodamento febricitante de seu corpo, que por causa dele não conseguira, nem tivera tempo para isso, tentar dar prazer a ela também. Tudo acontecera e se passara num instante, e num instante ela já se despegara dele e se envolvera em seu roupão de flanela. No mesmo momento Shmuel quis tomá-la nos braços e fazer amor mais uma vez, e imediatamente, mesmo aqui sobre o chão da cozinha, ou de pé, apoiados na bancada de mármore, para provar a ela o quanto ele ansiava por lhe retribuir pelo menos um pouco da graça que ela lhe concedera e com a qual o inundara no quarto de seu pai. Atalia disse com tranquilidade:

“Olhem só para ele.”

E acrescentou:

“Existe uma fantasia assim, em que uma mulher decide dar a um jovem estarrecido sua primeira experiência e depois colhe toda a abundante gratidão envergonhada e entusiasmada que ele despeja sobre ela. Li uma vez em algum lugar que uma mulher que concede a um jovem sua primeira vez irá, por causa disso, direto para o paraíso. Não se trata de você, não se trata de você, sei que já teve namorada. Ou namoradas. Não vou para paraíso algum. Nem tenho o que procurar por lá.”

Shmuel disse:

“Atalia.”

E depois disse:

“Posso ser para você o que você quiser. Um rapaz virgem. Um asceta. Um cavaleiro. Um selvagem esfomeado. Um poeta.”

E se assustou com essas palavras que dissera, e as corrigiu dizendo:

“Praticamente desde meu primeiro dia aqui, eu —”

Mas Atalia o interrompeu:

“Basta. Cale-se. Pare de falar, de uma vez.”

Ela tirou as xícaras de café, depositou-as na pia e saiu calada da cozinha, deixando atrás de si um cheiro que, além da fragrância de violetas, carregava agora um novo e estonteante aroma. Shmuel ficou sozinho por mais quinze minutos, agitado e excitado e sem se encontrar. O que lhe pareceu ter acontecido, disse a si mesmo, foi só na sua imaginação. Você apenas sonhou com isso. Não aconteceu de verdade.

Pegou suas muletas e apoiou-se nelas, fez seu caminho de volta, dessa vez com especial cuidado, até o quarto de Shaltiel Abravanel. Numa perna só, ficou por um momento olhando o mapa das terras do Levante. Depois seu olhar pousou no

rosto delicado e pensativo do homem bigodudo do retrato, que lembrava um pouco Albert Camus. Finalmente foi até a janela e abriu as persianas para ver se a chuva tinha passado. A chuva havia de fato cessado, mas um forte vento oeste testava os vidros da janela. Da janela, na direção oeste, viam-se apenas campos abandonados batidos pelo vento. Está chegando a hora de você se levantar e ir embora daqui. Você já sabe que as palavras da Bíblia “e ninguém mais reconhece o seu lugar” se aplicam a todos os que moram nesta casa, os vivos e também os mortos. “Você sabia como acabou a temporada de seus antecessores na água-furtada. Em que você é melhor do que eles? Em que você consertou o mundo durante todos os dias deste inverno?”

De repente sentiu muita pena de Atalia, por sua orfandade e por sua solidão, pelo frio permanente que a envolve, por seu amado que fora degolado como um cordeirinho no declive da montanha, sozinho na escuridão da noite, pelo filho que não lhe nasceria, por não ter tido a capacidade de fazer reviver, mesmo que por algumas semanas, um pouco do que nela morrera e fora sepultado.

Na extremidade dos campos desertos, molhadas e desmorrando no escuro, ficavam as ruínas da aldeia árabe abandonada Sheikh Bader, sobre as quais estava sendo construído, havia dez anos, um enorme prédio para festivais. O prédio fora abandonado no meio da obra e construído mais um pouco depois e de novo abandonado já fazia muito tempo. Era um esqueleto cinzento, inacabado, pesado, todo feito de paredes que estavam sendo erguidas e foram interrompidas no meio do caminho, e escadarias largas expostas à chuva, e vigas escuras de concreto cujos vergalhões de ferro enferrujados se projetavam delas como dedos de cadáveres.

Sozinho na estalagem vazia, pouco antes da hora de fechar, pouco antes do início do feriado do Shabat. Um copo de vinho e um prato com carne de cordeiro com molho estão na mesa diante dele, mas ele, apesar de não ter comido nem bebido desde a noite anterior, não toca na carne nem no vinho, nem na fruta lavada que a moça grávida depositou à sua frente. Ele olhou para ela e viu e soube que essa moça pobre, pequena e bexiguenta não tinha ninguém no mundo, nem parente nem conhecido, e com certeza engravidara aqui em uma das noites de outono, de algum passante eventual, um dos clientes da estalagem, ou talvez do próprio dono da estalagem. Dentro de algumas semanas, quando começarem as contrações do parto, ela será jogada daqui para a escuridão do lado de fora, e não haverá no céu ou na terra quem lhe dê ajuda. Ela vai parir o seu feto no escuro e chafurdar em seu sangue sozinha, em alguma gruta abandonada, entre morcegos e aranhas, como um animal do campo. Depois ela e seu bebê vão passar fome, e se ela não conseguir voltar a ser escrava em uma das estalagens, provavelmente será uma prostituta barata de estradas. O mundo é vazio de compaixão. Há três horas a benevolência fora assassinada em Jerusalém, e a compaixão fora assassinada, e a partir de agora o mundo estava vazio. Esse pensamento não afastou de seus ouvidos nem por um instante o eco dos gritos que já duravam sete horas, e mesmo agora na estalagem vazia ao anoitecer eles ainda não o tinham largado. Ele não parava de captar de longe, além dos vales e das colinas, os lamentos e os gemidos de sofrimento, absorvia-os na pele e nos cabelos e nos pulmões e nas entranhas. Como se os gritos ainda continuassem lá, no largo da crucificação, de onde somente ele tinha se erguido e fugido para fora da cidade, para esta longínqua estalagem.

Estava sentado e encurvado no banco de madeira, as costas contra a parede, os olhos fechados, e tremia todo, fortemente, apesar da tarde quente e úmida. O cãozinho que se grudara nele no caminho jazia a seus pés, debaixo da mesa. Era um cão magro, perdendo pelo, marrom-claro, com uma ferida aberta e purulenta no declive do dorso, um cão abandonado que se acostumara durante toda a vida à fome e à solidão e aos pontapés desferidos por sapatos de estranhos. Durante seis horas o crucificado não tinha parado de gritar e de se lamentar. Enquanto sua agonia se prolongava, chorava e bradava e implorava, tal era a dor que sentia, e chamava repetidas vezes por sua mãe, chamava e tornava a chamar numa voz fraca e pungente, voz que parecia um choro de bebê mortalmente ferido e abandonado no campo, sozinho, para secar em sua sede e derramar o que lhe restava de sangue sob um sol causticante. Era um apelo

desesperado, que subia e baixava e de novo subia, enregelando o coração, Mãe, Mãe, e depois veio um grito lancinante de dor, e novamente Mãe. E de novo o lamento pungente e depois dele um gemido fraco, prolongado, cada vez mais fraco, um lamento que durou até o último sopro.

Os gritos dos outros dois crucificados foram mais espaçados. De um deles se ouviam, intermitentemente, murmúrios abafados que pareciam vir do fundo de seu ventre. De quando em quando os dois soluçavam em seu sofrimento, trincando os dentes, o crucificado da esquerda deixava escapar a cada meia hora ou a cada hora um berro surdo, longo e interminável, um berro das profundezas, o berro de um animal que está sendo abatido. Uma nuvem preta de moscas agitadas desceu sobre os três crucificados e grudou-se a suas peles, voejando faminta sobre o sangue que corria das feridas dos pregos.

Sobre os galhos das árvores próximas se espregia numa espera impaciente uma multidão de aves de rapina pretas, grandes e pequenas, de bicos recurvados, pescoços calvos e penas eriçadas. De vez em quando uma delas emitia um grito, gutural e agudo. Às vezes irrompia uma briga furiosa e umas bicavam com raiva a carne das outras, e tufos de penas arrancadas esvoaçavam no ar quente e seco.

Ao meio-dia o sol se derramava como chumbo derretido sobre a terra, sobre os crucificados e sobre a multidão de espectadores. O céu estava baixo e poeirento, sujo, de uma cor entre o marrom e o cinzento. A turba se apertava, uns contra os outros, ombro com ombro, quadril com quadril. Não paravam de falar, cada um com quem estava a seu lado, e às vezes erguiam a voz e falavam aos gritos com outros mais afastados. Havia quem tivesse pena dos crucificados, e quem tivesse pena de um ou dois deles, e havia os que se alegravam ao vê-los sofrer. Os parentes e amigos dos moribundos se juntavam em grupos pequenos, apoiando-se mutuamente, abraçados, chorando, e talvez ainda aguardando um milagre. Aqui e ali circulavam na multidão vendedores com bandejas de metal oferecendo aos berros doces, bebidas, figos secos, tâmaras, sucos de frutas. Curiosos em grande agitação forçavam passagem para a frente, a fim de melhor observar as dores da crucificação, ouvir mais de perto os gritos e gemidos e soluços, perscrutar a curta distância os rostos contorcidos dos crucificados e os olhos que pareciam saltar das órbitas, suas feridas a sangrar, os andrajos esfarrapados encharcados de sangue. Havia os que, com estardalhaço, faziam comparações entre um e outro crucificado. Em contrapartida havia os outros que às cotoveladas abriam caminho para trás, pois já tinham visto o bastante e se apressavam para chegar em casa e preparar o dia festivo que se aproximava. Muitos dos presentes haviam trazido comidas e bebidas, e as consumiam. Os que tinham conseguido se espremer até as primeiras fileiras sentavam esparramados na areia, túnicas arregaçadas, joelhos dobrados, alguns apoiados nos ombros dos outros, e tagarelavam, ou faziam brincadeiras, ou mordiscavam a merenda que tinham trazido, ou apostavam em altos brados qual dos três crucificados iria

morrer primeiro. E havia quatro ou cinco que não paravam de gritar e de zombar do crucificado do meio, e de provocá-lo, onde estava seu pai, por que seu pai não vinha ajudá-lo, e por que, afinal, ele não salvava a si mesmo como tinha salvado todo tipo de outros sofredores? Por que não se levantava e descia de uma vez da cruz? Outros curiosos já tinham se desapontado ou se cansado, e começavam a dispersar. Aqui e ali se destacavam da multidão, aos grupos, espectadores que já tinham visto bastante e não mais esperavam perdão ou milagre ou qualquer reviravolta surpreendente naquele quadro de sofrimento e agonia dos três crucificados. Homens e mulheres davam as costas à fileira de cruzes, desciam lentamente colina abaixo e começavam a fazer seu caminho para casa. Já estava ficando tarde, e com o anoitecer era esperado o início do Shabat e do dia festivo. O calor abrasador ia apagando a curiosidade e a agitação. Todos, os moribundos nas três cruzes e os curiosos e os soldados romanos e os enviados dos sacerdotes, todos estavam banhados de um suor pegajoso, que se misturava com uma nuvem de poeira espessa levantada pelos pés da multidão. Essa poeira cinzenta preenchia os espaços de ar ardente, dificultava a respiração e tingia de cinza toda a visão. O suor escorria aos borbotões sobretudo dos soldados romanos, em seus brilhantes capacetes de ferro e suas armaduras de metal. Dois sacerdotes baixos, ambos com o corpo largo e de pesadas carnes, se encontravam a alguns passos da massa humana, e de vez em quando um deles se inclinava e sussurrava algo ao ouvido do colega, que anuía preguiçosamente com acenos de cabeça. Um deles às vezes soltava uma flatulência.

E havia lá também, bem ao pé da cruz do meio, quatro ou cinco mulheres desesperadas, em roupas de luto, que se comprimiam umas contra as outras, apoiando-se pelos ombros, quase abraçadas, mas não totalmente abraçadas pois seus braços pendiam frouxos ao longo do corpo. De vez em quando uma delas passava o braço em volta dos ombros da mais velha e lhe acariciava o rosto e enxugava sua testa com um lenço. A mulher mais velha estava lá como que petrificada, como que paralisada, não desgrudava os olhos da cruz, mas os olhos estavam secos. Só por vezes sua mão tocava involuntariamente, num leve roçar, seu próprio corpo, nos mesmos lugares em que tinham sido pregados os pregos na carne do crucificado. Enquanto a mais jovem chorava sem parar, um choro baixinho e sempre igual. Chorava com os olhos abertos, com o rosto impassível, como se o rosto não soubesse que os olhos estavam cheios de lágrimas. Seus lábios estavam entreabertos e os dedos de ambas as mãos entrelaçados. Ela não desprezou nem por um instante seus olhos arregalados do homem na cruz. Como se o que lhe restava de vida dependesse totalmente e apenas da insistência de seu olhar. Como se ele fosse expirar se ela desviasse dele seus olhos mesmo por um átimo.

O homem alto, que lá estava de pé um pouco fora da multidão, sentiu de repente que estava sendo arrastado em direção àquelas mulheres, como se suas

pernas o quisessem levar até elas por vontade própria, mas se conteve e ficou onde estava, na beira da multidão, apoiado nas toras quebradas da madeira de uma cruz antiga, cujos destroços tinham ficado lá de uma das crucificações anteriores. O milagre, assim acreditava o homem, sem sombra de dúvida, estava para acontecer agora. Agora. A qualquer momento. Eis que agora, agora, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, que não é deste mundo.

Durante todas aquelas horas ardentes, enquanto o sangue escorria de suas feridas, esvaindo-se cada vez mais, o crucificado do meio implorava por sua mãe. Talvez a estivesse vendo com seus olhos que iam se apagando, encolhida a seus pés no grupo de mulheres enlutadas, os olhos dela buscando os seus. Ou talvez os olhos dele já tivessem se fechado e só olhavam para dentro de si mesmo, e não podia mais vê-la, nem ela nem as outras mulheres nem toda a multidão. Nem uma só vez no decorrer daquelas sete horas o crucificado tinha chamado pelo pai. Repetidas vezes implorava Mãe, Mãe. Implorou por ela durante horas. E somente na nona hora, no último minuto, exatamente quando expirava, voltou atrás e clamou de repente pelo pai. Mas mesmo nesse seu último grito não chamou seu pai de pai, mas balbuciou: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Judas soube que com estas palavras a vida de ambos estava acabada.

Os outros crucificados, à direita e à esquerda do falecido, continuaram a agonizar em suas cruzes, ao sol ardente, durante uma hora ou mais. As feridas dos pregos estavam cercadas por uma nuvem zumbidora de gordas moscas esverdeadas. O da direita praguejava com horríveis imprecações, e uma espuma branca borbullava e fervilhava em seus lábios agonizantes. E o crucificado da esquerda voltava a emitir às vezes um lamento de dor baixo e desesperado, calava-se, e gemia novamente. Só ao crucificado do meio viera o *menuchá nechoná*, merecido descanso. Seus olhos estavam cerrados, a torturada cabeça pendia sobre o peito, e seu corpo magro parecia relaxado e débil como o cadáver de um rapazinho.

O homem não esperou que baixassem os três mortos da cruz e levassem seus corpos. Assim que, numa imprecação, o último dos crucificados expirou, ele foi embora de lá, circundou as muralhas da cidade, indiferente ao cansaço e ao calor e à fome e à sede, vazio de pensamentos e de saudades, vazio de tudo que houvera nele em todos os dias de sua vida. Seus pés lhe foram muito leves nessa caminhada, como se afinal um grande peso tivesse sido tirado de seus ombros. Um cão marrom-claro, perdendo pelo, de patas tortas, o dorso ferido e purulento, grudou nele pelo caminho e saltitava à sua volta, como a implorar por alguma coisa. O homem tirou de seu embornal uma fatia de queijo, curvou-se e a pôs diante do cão, que engoliu tudo avidamente, deu dois latidos roucos e continuou a correr atrás do homem. Suas pernas o conduziram a uma estalagem antiga no caminho que levava à sua cidade, Keraiot. Na entrada da estalagem o homem

tornou a se debruçar sobre o cão, passando a mão duas vezes em sua cabeça e dizendo num sussurro: Vá embora, cão, vá embora, não acredite. O cão se virou e afastou-se dali com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas, mas depois de alguns instantes mudou de ideia e entrou, quase se arrastando sobre o ventre, e enfiou-se rastejando sob a mesa do homem. Ficou lá deitado sem emitir um som, só repousou a cabeça na sandália empoeirada de seu benfeitor.

Eu o assassinei. Ele não queria ir para Jerusalém e eu o arrastei para Jerusalém quase contra a vontade. Passei semanas e semanas tentando convencê-lo. Ele estava tomado de dúvidas e de temores, repetidas vezes me perguntava, e perguntava aos demais discípulos, seria de fato o homem? As hesitações não o largavam. Por vezes seguidas pediu algum sinal vindo de cima. A cada vez sentia a necessidade pungente de mais um sinal. Só mais um sinal, um último. E eu, mais velho que ele, e mais tranquilo que ele, e mais experiente que ele nas vivências do mundo, eu, em cujos lábios ele fixava os olhos em seus momentos de dúvida, eu lhe disse e tornei a dizer-lhe: você é o homem. E você sabe que é o homem. E todos nós sabemos que você é o homem. E eu lhe disse, pela manhã e à noite, e de novo pela manhã e de novo à noite que seria em Jerusalém, e só em Jerusalém, e que tínhamos de ir para Jerusalém. De propósito minimizei o valor dos milagres que ele havia realizado nas aldeias, milagres dos quais os rumores se mesclavam vagamente com outros rumores sobre todo tipo de outros milagreiros, muitos dos quais perambulavam pelas aldeias da Galileia curando doentes com o toque de suas mãos. Rumores que sopravam durante algumas semanas entre as colinas, até esvaecerem e desaparecerem.

Mas ele se recusava a ir para Jerusalém. No ano que vem, dizia, talvez no ano que vem. Foi quase à força o arrastei para a cidade, para a festa de Pessach. Dizia-nos repetidas vezes que em Jerusalém, a cidade que matava seus profetas, zombariam dele e o exporiam ao ridículo. Uma ou duas vezes disse que em Jerusalém sua morte o esperava. Tinha medo da morte, e tremia diante dela, assim como todo homem tem medo da morte, apesar de, no fundo, ele saber muito bem. Sabia tudo o que o esperava. Assim mesmo se recusava a aceitar o que sempre soubera, e rogava que o deixassem continuar sempre a ser apenas um curador de doentes galileu, indo de aldeia em aldeia e despertando os corações com seu evangelho e seus milagres.

Eu o assassinei. Eu o arrastei contra a vontade para Jerusalém. Verdade que ele era o mestre e eu era um de seus discípulos, mas mesmo assim ele me ouvia. Da mesma maneira que os que hesitam e duvidam sempre se deixam arrastar pelos palpites dos que estão convictos e não têm dúvidas. Ele costumava me ouvir, embora eu sempre encontrasse uma maneira sutil e calculada de fazê-lo sempre sentir que a decisão tinha vindo dele, não de mim. Também os outros, seus discípulos e seguidores fiéis, que bebiam sequiosamente todas as suas palavras, eles também estavam condicionados ao que eu dizia, e eu sabia como

fazer para que eles sentissem que minha opinião não era mais do que um modesto eco da opinião deles. Deixaram comigo o controle do dinheiro porque eu era o mais velho deles, o mais experiente nas coisas deste mundo, o mais habilidoso no regateio, porque eu era o mais agressivo deles e porque reconheciam que nenhum estranho ardisoso conseguiria me enganar ou ludibriar. Quando nos deparávamos com representantes oficiais e autoridades, era sempre eu o porta-voz. Eles eram aldeões das margens do mar da Galileia, eu cheguei até eles vindo de Jerusalém. Eles eram filhos pobres de pais pobres, visionários e sonhadores, e eu deixara atrás de mim propriedades e campos e vinhedos e um emprego respeitável com os sacerdotes de Keraiot. Para eles eu era a Jerusalém que tinha descido até eles para censurá-los e desvendar suas tramas, desmascará-los como um grupo de patifes e trapaceiros, e eis que, assim como Bal'am, eu acabei os abençoando e juntando-me a eles e vestindo as mesmas roupas surradas, e comendo com eles de sua escassa comida, andando descalço e com os pés feridos como eles e acreditando como eles, e até mais do que eles, que realmente surgira o Messias e que esse rapaz solitário e introvertido, esse rapaz tímido e pobre, que ouve vozes, que entalha de seu coração puro fábulas maravilhosas e traz mensagens simples que fluem dele como águas límpidas de uma fonte, mensagens que encantam cada coração, mensagens de amor e compaixão e de renúncia e de alegria e de fé, esse rapaz magro é de fato o filho único de Deus e veio até nós finalmente para salvar o mundo, e ele agora anda aqui entre nós como se fosse um de nós, mas não é um de nós e nunca será.

Ele sempre teve medo de Jerusalém e até mesmo a repudiava. Repudiava o templo e os sacerdotes e os fariseus e os saduceus e os sábios e os ricos e as autoridades governantes. Era um medo típico de um rapaz de aldeia, o temor de um jovem tímido, corroído pelo pavor de que lá lhe arrancassem do rosto o disfarce, de ser alvo de desprezo e de zombarias, de que o olhar perscrutador dos sábios e dos próceres do lugar o despissem, deixando-o nu e exposto; pois Jerusalém já tinha visto dúzias e dúzias de pessoas como ele e por um breve instante iria encará-lo com um sorriso entediado nos lábios, e no instante seguinte daria de ombros, voltando-lhe as costas.

E quando chegamos a Jerusalém, eu, quase com minhas próprias mãos, preparei para ele sua crucificação. Não desisti. Fui insistente e determinado, imbuído de uma fé ardente de que o fim dos tempos estava prestes a acontecer. Ninguém, em Jerusalém, pensava em crucificá-lo. Ninguém via nenhuma razão ou motivo para crucificá-lo. Para quê? Aldeões embriagados de inspiração divina, portadores de alvíssaras e fazedores de milagres na praça do mercado confluíam para a cidade quase que diariamente, vindos das mais remotas regiões do país. Para os sacerdotes, esse rapaz da Galileia não era senão mais um pregador excêntrico em seus rotos andrajos. E para os romanos, não passava de um mendigo maluco obcecado por Deus, como todos os judeus. Fui quatro vezes

ao Salão de Pedras Talhadas e me apresentei ao sumo sacerdote e aos sacerdotes mais graduados, e falei e falei até conseguir convencê-los de que esse águere era diferente de todos os outros águeres, de que a Galileia inteira estava se encantando com ele, de que eu mesmo tinha visto, com meus próprios olhos, como ele ressuscitava mortos, e com meus próprios olhos o vira caminhar sobre a água e exorcizar demônios e transformar água em vinho e pedras em pão e peixes. Também fui até os romanos, aos ministros do exército e da guarda, aos conselheiros do governador, fiquei diante deles, fluente, articulado, e pouco a pouco consegui inculcar nos dignitários romanos a suspeita de que esse homem tão delicado era de fato um fator de rebelião, uma fonte de inspiração para os que se erguiam contra o domínio romano. Até que fiz com que decidissem, sem muito entusiasmo, aceitar minha sugestão. Não porque tivessem realmente se convencido de que o rapaz de quem eu estava falando era mais perigoso do que todos os outros, mas por pura indiferença. Mais um crucificado, menos um crucificado... Cada prego cravado em sua carne fui eu quem pregou. Cada gota de sangue que escorreu de seu corpo puro fui eu quem derramou. Ele, desde o início, sabia com certeza até onde iam suas forças, e eu não sabia. Eu acreditei nele muito mais do que ele acreditou em si mesmo. Forcei-o a prometer um novo céu e uma nova terra. Um reino que não é deste mundo. Prometer a redenção. Prometer a imortalidade. E ele só tinha a intenção de continuar a perambular pelo país, curando enfermos e dando de comer a quem tem fome e plantando com sua bondade as sementes do amor e da compaixão.

Eu o amei com um amor profundo e acreditei nele com uma crença total. Não era somente o amor de um filho mais velho por seu irmão menor e melhor do que ele, nem somente o amor de um homem adulto e experiente por um rapaz delicado, e não somente o amor de um discípulo por seu grande mestre mais velho que ele, nem somente o amor de um crente total ao fazedor de milagres e maravilhas. Não. Eu o amei como Deus. E na verdade o amei muito mais do que amava a Deus. De fato, desde minha juventude eu já não amava a Deus. Até mesmo o rejeitava. Um deus que tem ciúme e que vinga e que controla, que atribui aos filhos os pecados dos pais, um Deus cruel e irado e amargo e iracundo e vingativo e mesquinho e sanguinário. Enquanto o filho, para mim, era amoroso e piedoso e misericordioso e cheio de compaixão e também, quando queria, mordaz, cortante, caloroso, e até divertido. Ele herdou o lugar de Deus em meu coração. Passou a ser o meu Deus. Eu acreditei que a morte não poderia tocá-lo. Acreditei que ainda hoje aconteceria em Jerusalém o maior milagre de todos. O último e definitivo milagre. Após o qual não haveria necessidade de quaisquer milagres. O milagre após o qual viria o Reino dos Céus e o amor iria prevalecer sozinho no mundo.

O prato de carne que a serva grávida com a pele do rosto marcada depositou à minha frente, eu pus debaixo da mesa, para alimentar o cão. O vinho, eu deixei.

Levantei-me e tirei do bolso o pacote com nosso dinheiro e o enfiei num gesto quase grosseiro no colo da moça, sem trocar com ela uma só palavra. Saí de lá e vi que o sol já começava a baixar. A luz impiedosa ia suavizando como que tomada de hesitações. As colinas próximas me pareciam vazias e o caminho se estendia deserto e poeirento até o limite do horizonte. Sua voz dolorida, débil, a voz de um menino ferido e abandonado, deixado sozinho para agonizar no campo em grande sofrimento, Mãe, Mãe, não parava de soar em meus ouvidos, nem quando estava sentado na estalagem nem quando saí para continuar meu caminho. Senti saudades de seu sorriso bom e de seu costume de sentar-se relaxado à sombra de um sicômoro ou de uma parreira e de falar conosco, às vezes como se as palavras que saíam de sua boca surpreendessem a ele também.

O caminho era ladeado por pomares de oliveiras e por figueiras e romãzeiras. Na linha do horizonte já pairava um tênue vapor sobre as copas das árvores distantes. Dentro dos pomares havia frescor e sombra. Num deles avistei um poço talhado em pedra, e sobre ele um sarilho feito de madeira. De repente invadiu-me um grande amor por esse poço. Desejei que ele nunca deixasse de oferecer sua água a todo sedento. Deixei o caminho por um momento, aproximei-me do poço, bebi de sua água límpida, tirei do sarilho um pedaço de corda, que enrolei em meu antebraço. Depois continuei a caminhar.

Além dos pomares e vinhedos, nas suaves encostas das colinas, os campos verdejavam de trigo e cevada até onde a vista alcançava. Esses campos me pareceram muito grandes e abandonados. Tão grandes e tão abandonados que seu tamanho e seu abandono me acalmaram um pouco. O grito penetrante que o dia inteiro ecoava em meus ouvidos cessou. No mesmo instante ocorreu-me uma revelação simples e eu soube intimamente que tudo isso, as montanhas, a água, as árvores, o vento, a terra, o crepúsculo, tudo iria continuar por gerações e gerações, sem qualquer mudança. Todas as palavras que proferimos vêm e vão, mas tudo isso não passaria nem desapareceria e sim continuaria para sempre. E se alguma vez houver alguma mudança, certamente não será mais do que uma mudança muito pequena. Eu o assassinei. Eu o suspendi na cruz. Eu preguei os pregos em sua carne. Eu derramei seu sangue. Há alguns dias, em nosso caminho para Jerusalém, ao descer uma dessas colinas, ele de repente ficou com fome. Deteve-se junto a uma figueira, dessas que se cobrem precocemente de folhas muitos dias antes de os frutos amadurecerem. E nós nos detivemos junto a ele. Ele tateou entre as folhas com as mãos, procurando por um fruto, e, como não encontrou nenhum, de repente amaldiçoou a figueira. No mesmo instante todas as folhas da árvore murcharam e caíram. Só restaram o tronco e os galhos, nus e mortos.

Por que ele a amaldiçoou? Que mal lhe havia feito? Essa figueira não tinha жаça. Pois nenhuma figueira jamais dará frutos, e não pode dar frutos, nos dias que antecedem a festa de Pessach. Se ele teve vontade de comer figos, quem o

impediria de realizar ali, se era só querer, um de seus milagres, fazendo com que a figueira amadurecesse os frutos na mesma hora, muito antes de sua época, assim como transformou pedras em pão e água em vinho? Por que a amaldiçoou? Que pecado cometeu essa figueira? Como esqueceu o evangelho que traz em sua boca e encheu-se de repente de repulsa e crueldade? Lá, ao pé dessa figueira, no mesmo instante, eu deveria ter arregalado os olhos e visto que afinal de contas ele não era senão feito de carne e sangue, como nós. Maior do que todos nós, mais maravilhoso do que nós, infinitamente mais profundo do que todos nós, mas feito de carne e sangue. Naquele mesmo lugar eu deveria ter agarrado com toda a força as fimbrias de sua roupa e tê-lo feito voltar-se, e a todos nós, no mesmo instante, dar meia-volta e retornar imediatamente para a Galileia. Sem ir para Jerusalém. Você está proibido de ir para Jerusalém. Eles o matarão em Jerusalém. Nós pertencemos à Galileia. Vamos voltar e ir de aldeia em aldeia, pernoitando onde encontrarmos um lugar para dormir, você fará tudo o que puder para melhorar a condição dos infelizes e para difundir o evangelho do amor e da caridade e nós o seguiremos até o fim de nossos dias.

Mas eu ignorei a maldição da figueira. Eu insisti em levá-lo até Jerusalém. E agora já anoitece e já chegam o Shabat e a festa de Pessach. Não para mim. O mundo está vazio. Uma última e opaca luz acaricia o topo das colinas e essa luz não é diferente da luz vespertina que vimos ontem e anteontem. O vento que sopra do mar também se parece em tudo com o vento que ontem soprou sobre nós. O mundo inteiro está vazio. Talvez eu ainda pudesse me virar e voltar agora à estalagem, voltar para a serva grávida e feia com o rosto coberto de marcas de varíola, dar-lhe minha proteção, ser um pai para a criança em seu ventre e ficar com ela e com a criança até meus últimos dias de vida. Adotar o cão vagabundo. Mas a estalagem já está fechada e escura e lá não há viva alma. A primeira estrela surge no céu que escurece e eu lhe digo num murmúrio “estrela, não acredite”. Mais adiante, numa curva do caminho, aquela figueira morta está me aguardando. Eu examino cuidadosamente galho por galho, encontro o galho certo e amarro nele a corda.

Às vezes se encontravam por acaso na cozinha, e ela fritava uma omelete com queijo e salsinha, cortava um pão em fatias e punha na mesa diante dele alguns legumes e uma faca e um prato, para que ele preparasse uma salada. Ele cortava os legumes em pedacinhos e muitas vezes acabava derramando molho de tomate nas calças, ou cortando o dedo. Uma vez ela o impediu de pôr açúcar branco em vez de sal na salada. Ele procurou uma deixa, mesmo que tênue, para lembrá-la indiretamente do que tinha acontecido. Mas Atalia não se deixou pegar.

“Você está bonita esta manhã com esse vestido verde. E o colar. E o lenço.”

“Você olhe em vez disso para a sua camisa. Pulou dois botões.”

“Acho que eu e você precisamos falar.”

“Mas estamos falando.”

“E aonde essa conversa sobre colares e botões poderá levar a nós dois?”

“E aonde deveria levar? Só não comece a fazer uma preleção. Suas preleções, guarde para Wald. Ele e você vão despejar preleções um sobre o outro. Espere. Não me responda. O velho tosse toda manhã durante o sono. E você, com essas suas muletas, como vai conseguir servir-lhe às vezes um copo de chá?”

“Eu sei. Sou apenas um estorvo. Amanhã ou depois vou livrar vocês de mim. Vou providenciar que alguém venha apanhar as minhas coisas.”

Atalia pousou dois dedos borboleteantes em sua nuca e respondeu que não havia razão para se apressar: daqui a dois dias iam trocar o gesso por uma atadura elástica, e depois de alguns dias não precisaria mais de muletas. Ou quem sabe, por algum tempo, só iria precisar de uma?

“Eu ainda me lembro quase de cor o aviso que você pendurou há quatro meses na cafeteria do pavilhão Kaplan, na universidade. O aviso que me trouxe até aqui. Por que você não pendura lá novamente o mesmo aviso, e eu libero a água-furtada para o meu sucessor?”

“Quem vier depois de você não vai botar açúcar na salada. Já nos acostumamos um pouco com você.”

“Mas com você eu não me acostumarei jamais, Atalia. E também não vou esquecer-la.”

“Pedi a Sara de Toledo que nos próximos dias, enquanto você estiver com o gesso, ela venha aqui duas ou três vezes à tarde e à noite. Ela vai preparar chá para vocês dois e servir, entre as sete e as oito, o mingau de semolina. Ela também concordou em lavar os pratos na cozinha e alimentar os peixes no aquário. Antes de sair vai fechar todo dia as persianas. É claro que você vai nos esquecer depois de duas ou três semanas. Todos esquecem. A cidade está cheia

de garotas. Você terá outras. Jovens. Você é um menino delicado e generoso. As moças apreciam essas qualidades porque é muito difícil encontrá-las entre os homens. E enquanto isso sua única tarefa é ficar conversando com Wald à tarde e à noite. Tente não concordar com ele em nenhum assunto. Tente insuflar discussões e discordâncias para mantê-lo alerta e afiado, pelo menos durante algumas horas todo dia. Eu me empenho, com todas as minhas forças, para que ele não se apague. Preciso ir. Você fique aqui tranquilo e acabe de comer. Não tem para onde se apressar. Olhe como você fica sentado à minha frente com os olhos arregalados e não para de ter pena de si mesmo. Chega de ter pena de si mesmo. Há muito pouca compaixão no mundo e é uma lástima desperdiçá-la.”

Com isso calou-se, olhou para ele com seu olhar penetrante, como se o reavaliasse. E de repente riu e disse:

“Muitas e diferentes mulheres ainda vão amar você, com essa barba desgrenhada e esses cachos encaracolados que não dá para pentear de jeito algum. Nem com um azevinho. Sempre confuso e sempre um pouco tocante, e também, na verdade, um queridinho. Você não é um caçador. Nunca se gaba, não incomoda, nem mesmo está apaixonado tanto assim por si mesmo. E tem mais uma coisa que me agrada bastante: você tem tudo escrito em sua testa. Um menino que não tem segredos. Correndo apressado, o tempo todo, entre tudo quanto é tipo de amores, na verdade não está correndo coisa nenhuma, e sim sempre esperando com os olhos fechados que o amor o ache e vá a seu encontro para mimá-lo sem que você sequer precise despertar de seu sono. Para mim isso é bem bonitinho. Toda a Jerusalém agora está cheia de rapazes de voz grossa e braços grossos que foram todos, sem exceção, heróis de guerra no Palmach, ou nos postos fortificados no alto das colinas, e agora estão todos na universidade estudando alguma coisa, escrevendo alguma coisa, pesquisando alguma coisa, indo de um curso para o outro, alguns deles já são até mesmo professores. E se não estão na universidade, são todos funcionários do Estado, metidos em todo tipo de atividades secretas, viajando em missões sigilosas, e todos ansiosos por contar para você, por contar para qualquer garota, no maior dos segredos, todo tipo de questões de Estado ocultas em que estão envolvidos no papel de herói principal. Há também os que abordam você na rua como se tivessem descido neste instante de seus postos no topo das colinas. Como se há dez anos não vissem nem tocassem uma mulher. Agrada-me bastante que você seja, tanto assim, diferente deles. Um pouco não desperto e um pouco como que exilado. Deixe o prato e os talheres na pia, Sara de Toledo virá hoje para arrumar tudo.”

Às onze e meia da noite, depois que leu um pouco na cama e seus olhos já se fechavam de cansaço, espantou-se de repente e apressou-se a cobrir o corpo com o cobertor, quando ela veio até ele descalça, sem que ele tivesse ouvido a porta se abrir ou fechar. Na luz mortiça que vinha do lampião de rua e penetrava pelas frestas da persiana, ela, mais uma vez, foi primeiro até a escrivaniinha e

virou o retrato do pai, com seu rosto severo, para baixo. Depois, sem dizer uma só palavra, afastou o cobertor, sentou-se a seu lado, curvou-se sobre ele e acariciou com todos os seus dedos o peito cabeludo, e também a barriga e as coxas, e colheu seu membro na mão. Quando ele tentou sussurrar algo, ela pôs a mão em sua boca. Depois tomou as mãos dele entre as suas, e pôs uma mão em cada seio, e levou seus lábios não aos lábios dele, mas a sua testa, e deslizou a língua por seu rosto e pelas pálpebras, que estavam cerradas. Lenta e suavemente ela o conduziu, passo a passo, como que numa sonolência. Mas nessa noite não se levantou e não o deixou assim que ele relaxou, mas ficou e o orientou, como se fosse um visitante numa terra desconhecida, conduzindo pacientemente os dedos dele, entrelaçados nos seus, para que conhecesse seu corpo, até ensiná-lo a retribuir o prazer com prazer. Ficou por algum tempo deitada a seu lado sem se mexer, a respiração pausada e tranquila, e Shmuel quase pensou que ela tivesse adormecido em sua cama. Mas ela lhe sussurrou “Não durma” e de novo subiu e montou em seu corpo e dessa vez fez-lhe coisas que ele só conhecera em sonhos, e dessa vez ele conseguiu satisfazer o corpo dela também. À uma da manhã ela se despediu dele com uma mexida entre seus cachos, acariciando por um instante seus lábios com um dedo macio e cochichando: “Pelo visto você, entre todos, é de quem vou me lembrar”, e tornou a pôr o retrato do pai em seu lugar sobre a mesa, e flutuando em sua camiseta saiu e fechou a porta sem fazer o menor ruído.

Às oito e meia da manhã seguinte tornou a entrar no quarto. Dessa vez vestia saia preta e suéter vermelho justo, de gola alta, sobre a qual pusera um colar fino de prata. Ela o ajudou a se vestir, apoiou-o em seus ombros quando manquitolou até o banheiro, esperou-o do outro lado da porta até terminar de urinar e de escovar os dentes e molhar a barba e polvilhá-la com talco de bebê. Quando ele saiu, ela lhe deu um beijo rápido, um leve roçar, na boca, e não disse uma palavra sobre o que acontecera à noite, virou-se e foi embora, deixando atrás de si um leve aroma de um delicado perfume de violetas. E ele continuou ali de pé por algum tempo, à espera quem sabe de que ela voltasse para dar-lhe alguma explicação. Talvez arrependido de não ter finalmente beijado o profundo e estonteante sulco que descia de suas narinas até o lábio superior. Por fim sorriu por um instante sem perceber que estava sorrindo. E foi mancando até a biblioteca para aguardar o velho homem, tirou do bolso o inalador, fez uma longa inalação e prendeu a respiração, retendo a substância nos pulmões, até soltar o ar numa só e prolongada expiração. Enquanto isso pegou na estante o livro *Mil e uma noites*, em sua tradução para o hebraico de Yossef Yoel Rivlin, e leu durante meia ou uma hora. Comparou mentalmente esse livro com o Cântico dos Cânticos, e os dois com Abelardo e Heloísa, e se perguntou se seria um dia capaz de escrever para ela uma bela carta de amor. As lágrimas sufocavam sua garganta.

Toda tarde Guershom Wald se deitava em seu sofá de vime, as feias mãos estendidas em repouso sobre os braços do sofá como duas combalidas ferramentas de trabalho, seu espesso bigode branco estremecendo às vezes à luz da lâmpada como se o velho estivesse balbuciando algo sem emitir voz. Mas quando falava havia em sua voz, como sempre, um tom mordaz e cáustico, como se tivesse a intenção de refutar completamente, e com desprezo, o que estava dizendo no momento mesmo em que o dizia.

“Na visão de Yossef Klausner, Jesus Cristo não era cristão, mas um judeu em tudo. Nasceu judeu e morreu judeu e nunca lhe passou pela cabeça fundar uma nova religião. Paulo, ou seja, Shaul, da cidade de Tarso, foi o pai da religião cristã. O que Jesus pretendia era apenas despertar os corações e purificá-los e trazer de volta os judeus que tinham se corrompido, os saduceus e os fariseus de um lado, os coletores de impostos e as prostitutas de outro, fazê-los retornar à pureza das fontes primordiais. Eis aí você, todo dia aqui comigo e me contando, já há algumas semanas, uma história em episódios de como, praticamente a cada geração, aparece algum judeu que se considera muito sábio, para se levantar e atirar nele uma pedra. Em geral era uma pedra desprezível e covarde, todo tipo de fofoca sobre sua origem e as circunstâncias de seu nascimento e tudo quanto é ideia mesquinha sobre suas curas e seus milagres. Um dia talvez você ainda vai escrever sobre esses judeus deploráveis e condenar sua estreiteza de espírito. E talvez também incluir na história Judas Iscariotes, sobre quem, assim como no caso de Jesus, se derramaram jarradas de imundície. Apesar de, se não fosse ele, não haveria Igreja nem cristianismo. Sobre o que existe entre você e ela, não vou dizer palavra. Ela agora está lhe concedendo sua graça. Não acredite. Ou acredite. Como quiser. Os que aqui estiveram antes de você pregavam nela os olhos e ela às vezes lhes correspondia, e talvez até tenha concedido a algum deles duas ou três noites para depois mandá-lo seguir seu caminho. Agora chegou sua hora. A verdade é que a cada vez eu ainda fico espantado. O caminho do homem com uma donzela e o caminho de uma donzela com um homem estão entre as coisas que não dá para imaginar. Mas o que uma pessoa como eu pode entender das reviravoltas de um coração de mulher? Às vezes tenho a impressão de que — mas não. Nem uma palavra. Melhor ficar calado.”

E dois dias depois Atalia levou Shmuel de táxi ao ambulatório, onde fizeram uma radiografia e tiraram o gesso de sua perna, pondo no lugar uma atadura elástica bem apertada. Ele tentou fazer uma brincadeira a respeito de seu tomo formulando um trocadilho sem graça. Atalia o interrompeu: “Pare com isso. Não tem graça nenhuma”.

Shmuel começou no mesmo instante a lhe contar a história de Rothschild e o mendigo e também a de Ben Gurion encontrando-se com Stálin no mundo do além. Ela ouviu em silêncio. Anuiu duas vezes com a cabeça. Depois pousou seus

dedos frescos na mão dele e disse em sua voz mais tranquila:

“Shmuel. Basta.”

E depois disse:

“Já quase nos acostumamos com você.”

E para arrematar seu silêncio:

“Se você está confortável naquele quarto, por mim pode ficar mais alguns dias. Até a perna ficar completamente curada. Quando estiver pronto, deixe-me um bilhete na mesa da cozinha e eu virei ajudá-lo a arrumar suas coisas, embaixo e em cima. O quarto de Abravanel só se sente bem quando está vazio, escuro e trancado. Com o retrato dele falando dia e noite para as paredes na escuridão. Desde a minha infância esse quarto sempre foi para mim o cubículo escuro de um monge, ou uma cela de prisão. Um calabouço. Ele não teve irmãos nem irmãs. Vou lhe contar uma coisa que você não é obrigado a ouvir. Embora você esteja aqui conosco só para ouvir e prestar atenção. Pagam-lhe aqui um salário pela sua atenção. Quando eu era uma menina de dez anos, minha mãe nos abandonou e foi para Alexandria atrás do comerciante grego que era amigo íntimo e assíduo de Abravanel e que costumava declamar poesia em cinco ou seis idiomas. Mais de uma vez ficou para pernoitar em cima, na água-furtada. Eu sempre tive certeza de que esse grego, que já não era jovem, só se interessava por Abravanel e era indiferente a minha mãe, e a mim também. Verdade que era educado, beijava sempre a mão dela, trazia às vezes um vidro de perfume, e para mim bonecas de baquelite, bonecas com vestidos de chiffon e com um pequeno botão na barriga, que era só apertar e ela era capaz até de chorar. Ou de rir. Mas quase nunca ele se detinha para falar com minha mãe ou comigo. Ele só conversava com Abravanel, durante horas. Às vezes discutiam em voz baixa. Às vezes ficavam sentados no quarto e fumando até altas horas da noite, liam poesia e conversavam em grego. Só quando entrava na cozinha para pedir um café fresco o grego demorava alguns minutos e ficava cochichando com ela em francês. Às vezes até fazia minha mãe cair na risada. Ela gostava de rir, fiquei surpresa com ela, pois em casa o riso era uma visita muito rara. Uma noite, eu estava na porta da cozinha e vi que a mão dela estava pousada, como por acaso, no ombro dele. No inverno ele trouxe uma garrafa de vinho. Até que uma vez, quando Abravanel estava em Beirute e eu num passeio da escola, ela se levantou de manhã cedo, fez a mala, pegou a bolsa e viajou até Alexandria para procurar o homem grego. Que não era dos mais bonitos, mas cujos olhos às vezes irradiavam centelhas de riso e de verve. Ela deixou uma carta na cozinha, dizendo que na verdade não tinha alternativa, ninguém tem alternativas, ela escreveu, estamos todos sujeitos a forças que fazem conosco o que querem. Na carta dela havia ainda a expressão de diversos sentimentos dos quais não me lembro nem quero lembrar. Depois que ela foi embora, Abravanel transformou o quarto no lugar de suas sessões punitivas. Ele me chamava e me fazia sentar não

ao lado dele, mas em frente a ele, do outro lado da escrivaninha, só para me fazer preleções. Nem uma só vez ele me fez uma pergunta. Nenhuma pergunta. Nem uma só. Nunca. Nem sobre meus estudos na escola, nem sobre amigos e amigas, nem para onde eu tinha sumido na véspera, nem se eu precisava de algo, nem se eu tinha saudades, nem como eu tinha dormido à noite, nem se estava difícil para mim ser uma menina sem mãe. Se eu lhe pedia dinheiro, ele me dava imediatamente sem fazer perguntas. Mas nem uma só vez me levou com ele para suas reuniões. Não me convidou para ir ao cinema ou para um café. Não me contou uma história. Não foi fazer compras comigo. Se eu ia sozinha ao Centro e comprava para mim uma roupa nova, ele nunca percebia. Se eu recebia uma amiga, ele se fechava em seu quarto. Se eu ficava doente, ele chamava um médico, ou pedia a Sara de Toledo que viesse ajudar um pouco em casa. Uma vez eu também saí de casa sem dizer palavra. Dormi umas cinco ou seis noites na casa de uma amiga. Quando voltei ele disse baixinho, talvez sem olhar para mim: ‘O que aconteceu, não vi você ontem. Onde você esteve ontem?’. E uma vez lembrei a ele que na segunda-feira seguinte eu ia completar quinze anos. Ele foi procurar alguma coisa entre seus livros na estante. Ficou lá alguns minutos, de costas para mim, vasculhando nos livros. Por fim pegou e me deu de presente uma coletânea de traduções de poesia do Oriente e escreveu nela uma dedicatória: ‘À querida Atalia, esperando que este livro a esclareça, finalmente, quanto ao lugar em que vivemos’. Fez-me sentar em frente a ele no sofá, e sentou-se ele mesmo em sua cadeira para que a escrivaninha fosse uma divisória entre ele e mim e me fez uma longa preleção sobre a era dourada que um dia existiu entre muçulmanos e judeus. Eu não lhe disse nada além de obrigado. Peguei o livro e sai e fui para meu quarto, fechando a porta. Mas por que de repente eu lhe contei essas histórias sobre Abravanel? Dentro de alguns dias você também vai nos deixar. Este quarto vai ficar novamente trancado e as persianas estarão cerradas. O certo para este quarto é estar sempre trancado. Ele não precisa de ninguém. Tenho a impressão de que você também não gosta de seus pais. Você também é uma espécie de investigador particular. E você também já quase não me pergunta, nunca, nada.”

Ao cabo de alguns dias Shmuel já podia dispensar as muletas, e só se valia às vezes da bengala com a raposa entalhada no castão que tinha encontrado sob a cama na água-furtada, no dia em que chegou. Já podia a cada uma ou duas horas servir um copo de chá para Guershom Wald, alimentar os peixes ornamentais, acender a luz ao anoitecer e lavar a louça na cozinha. Tudo parecia ter voltado a ser como antes, mas Shmuel sabia no íntimo que seus dias nessa casa já estavam passados e terminados.

Será que ela havia feito descer seus antecessores também e aberto para eles, por duas ou três noites, o quarto trancado do pai antes de descartá-los? Será que, também para eles, tinha virado por algum tempo o retrato do pai, ou o enfiado sob a almofada? Ele não ousava perguntar, e Atalia não falava. Mas às vezes olhava para ele com uma afeição zombeteira e lhe sorria como se dissesse: Não se lamente.

Caso se encontrassem na cozinha ou no corredor, ela lhe perguntava como ia a perna. Ele lhe respondia que a perna estava quase curada. A perna lesionada, assim ele entendia, ainda lhe propiciava uma breve prorrogação, mais alguns dias, mais uma semana no máximo. Nem uma palavra foi dita sobre a possibilidade de ele voltar para a água-furtada. Embora na verdade ele já pudesse subir para lá manquitolando, se ela lhe dissesse que já era tempo de liberar o quarto de Shaltiel Abravanel e voltar para a água-furtada. Mas ela não disse.

Durante a maior parte da manhã ele ficava sentado, sozinho, à mesa da cozinha, mordiscando uma fatia de pão com geleia, desenhando com a ponta dos dedos linhas imaginárias no encerado com seus delicados desenhos de flores azuis. Shmuel não sabia qual era o nome dessas flores. De repente lamentou o fato de nunca ter se lembrado de trazer para ela um buquê de flores. Ou um perfume. Ou talvez um lenço para ela usar no pescoço. Um par de sapatos delicados. E ele poderia tê-la surpreendido uma ou duas vezes. Comprar-lhe um livro de poemas. Elogiar um de seus vestidos. Já não mais faria para ela barquinhos de papel dobrado nem os faria navegar em sua direção ao longo deste encerado sobre a mesa do café da manhã. Já não vagaria atrás dela nas noites, entre as emaranhadas ruelas de Jerusalém, ou no rastro de gatos famintos.

Durante toda uma manhã ele ficou sentado à *secretar* de Shaltiel Abravanel escrevendo uma longa carta para Iardena e Neshar Sharshavsky. Tinha pensado em contar a eles sobre tudo o que se passara com ele aqui e talvez também se vangloriar, insinuando o que acontecera entre ele e Atalia. Mas no meio da

escrita compreendeu que não valia a pena. E lembrou-se de que havia se comprometido por escrito a não contar a ninguém o que acontecia nesta casa. Rasgou a carta em pedacinhos, jogou na privada e deu a descarga, e resolveu, em vez disso, escrever cartas à irmã e aos pais. Enquanto cogitava o que poderia lhe contar, baixou nele o cansaço e ele foi mancando até a cozinha, onde esperava encontrar casualmente Atalia. Ela não veio até a cozinha. Talvez tivesse ido para o trabalho. Talvez estivesse sozinha em seu quarto lendo, ou ouvindo música bem baixinho. Passou queijo cremoso em duas grossas fatias de pão preto e comeu as duas, uma após a outra, numa mastigação grosseira, e completou com um café preto.

Depois, permaneceu por um bom tempo sentado na cozinha recolhendo do encerado migalha por migalha de pão, das quais fez um bolinho amassado, jogou-o no lixo e decidiu que não ia se dar ao trabalho de retirar os cartazes pendurados nas paredes de sua água-furtada, as figuras dos líderes da revolução em Cuba. Iria deixar todos esses dirigentes desfraldados nas paredes em benefício de quem viesse depois dele. E deixaria também a reprodução do quadro da Madona abraçando o filho crucificado, porque esse desenho lhe pareceu de repente adocicado demais, adornado com muitas figuras de pequenos e esvoaçantes anjos rechonchudos. Como se a dor já tivesse sido perdoada.

Ainda não tinha a menor noção de para onde ir ao sair daqui, mas sentia que cada vez mais rareavam as ideias que cultivava desde sua primeira juventude, assim como era cada vez mais irrelevante o grupo de estudos da renovação socialista e se complicava seu trabalho sobre Jesus na visão dos judeus, que já não sabia absolutamente como terminar, uma vez que a antiga história de Jesus e os judeus ainda não havia terminado, e não terminaria tão cedo. Essa história não tem fim. Agora sabia em seu íntimo que na verdade era tudo em vão, que não valia e não valerá a pena. Despertou-lhe a vontade de ir embora dessa casa que mais parecia um porão e de ir para lugares abertos, para as montanhas ou para o deserto, ou talvez ir navegar no mar.

Uma vez, ao entardecer, envolveu-se em seu casaco de estudante, fechou os botões em suas laçadas, levantou a gola, pôs o *chapka* sobre os cachos, que tinham crescido sem freio e agora escorriam e cobriam a gola do casaco, levou consigo a bengala com a cabeça de raposa entalhada e saiu mancando para a travessa. O pálido lampião do tempo do mandato britânico já estava aceso e espalhava debaixo dele um pouco de luz e muitos blocos de sombras. Na rua não havia viva alma, mas nas janelas se viam luzes fracas, e na extremidade da ruela, para o lado do ocidente, ainda agonizavam lentamente os últimos clarões do pôr do sol, manchas e manchas faiscantes de vinho derramado e de veludo sanguíneo sobre uma tela de claridade avermelhada. Shmuel caminhou um pouco pela travessa, forçando a vista à luz baça do lampião e tentando decifrar os nomes dos moradores fixados nas entradas das casas vizinhas. Até que conseguiu divisar

numa pequena placa de porcelana os nomes de Sara e Avram de Toledo, em letras pretas sobre fundo azul-claro. Hesitou um instante antes de bater à porta. Ele conhecia Sara de Toledo de suas curtas visitas à casa, mas nunca trocara com ela mais do que algumas palavras de cortesia. O marido, um homem baixo e largo, achatado e sólido, com uma cabeça quadrada que parecia uma bigorna, abriu a porta numa pequena fresta e olhou desconfiado para o estranho que estava à sua frente. Shmuel se apresentou e pediu, hesitantemente, para trocar só algumas palavras com a sra. De Toledo, por favor.

Avram de Toledo não respondeu. Fechou a porta, e parece que ficou cochichando por um ou dois minutos com alguém no interior da casa. Depois tornou a abrir uma fresta estreita e pediu que esperasse mais um pouco. E novamente virou a cabeça para consultar alguém cuja voz Shmuel não conseguia ouvir. Por fim disse:

“Entre. Cuidado com o degrau.”

E acrescentou, perguntando numa voz rouca:

“Quer beber?”

E depois disse ainda:

“Sara já vem.”

Fez Shmuel sentar numa cadeira forrada com duas almofadas antigas de cor bordô, pediu desculpas e saiu da sala, mas Shmuel teve a impressão de que o homem havia ficado por perto, no corredor, e continuava a observá-lo entre as sombras.

O quarto era fracamente iluminado por um lustre pendente do teto, onde ardiavam duas lâmpadas amarelas. Havia mais uma lâmpada, queimada. Além da cadeira em que estava sentado, havia na sala duas outras, antigas, que não se pareciam uma com a outra nem com a sua cadeira, um sofá baixo e desbotado, um aquecedor a querosene, um guarda-roupa mal-ajambrado com pés espiralados, uma mesa de jantar preta e uma prateleira suspensa presa com duas cordas a dois pregos na parede. Na prateleira estavam enfileirados dez ou vinte livros religiosos, com letras douradas a brilhar nas lombadas. O vaso de cor turquesa que estava no centro da mesa também tinha ornamentos dourados, e dos dois lados desse vaso desajeitado se projetavam duas asas largas. O canto da sala era preenchido por uma grande arca de madeira escura, não lixada, que pelo visto continha roupa de cama e talvez roupas e objetos para os quais não havia lugar no armário. Sobre essa arca estava estendida uma toalhinha bordada em cinco ou seis cores.

Passaram-se uns dez minutos até Sara de Toledo chegar, num largo vestido caseiro, envolta num xale que cobria sua cabeça e seus ombros e calçando chinelos. Ela não se sentou em uma das cadeiras, ficou em pé na sombra entre o corredor e a sala, as costas apoiadas na parede, e apressou-se a perguntar a Shmuel se, Deus nos livre, tinha acontecido algo ruim. Shmuel respondeu que não

tinha acontecido nada, tudo estava na mais perfeita ordem, perdão por estar incomodando numa hora dessas, ele pede licença para fazer à sra. De Toledo uma pergunta: será que ela conheceu o proprietário anterior da casa, o sr. Abravanel, e que tipo de homem era ele?

Sara de Toledo ficou calada. Anuiu com a cabeça algumas vezes, lentamente, como se concordasse consigo mesma ou como se lamentasse um fato que já estava consumado e não havia como voltar atrás.

“Ele gostava de árabes”, ela disse por fim, com tristeza; “não gostava de nós. Talvez os árabes lhe tivessem pagado.”

E após mais um breve silêncio acrescentou:

“Ele não gostava de ninguém. Nem dos árabes ele gostava. Quando todos os árabes fugiram, ou quando os ajudamos a fugir, ele ficou na casa dele. Não foi com eles. Não gostava de ninguém. Você fica? Toma uma xícara de café?”

Shmuel recusou, agradecendo, levantou-se e foi em direção à porta. Sara de Toledo disse:

“Amanhã ao meio-dia vou à sua casa levando a comida. Como é que quase nunca alguém vem visitar o sr. Wald? Como é que pode? Não tem parentes? Amigos? Alunos? Ele até que é um homem muito bom. Uma pessoa culta. Instruída. O filho dele morreu na guerra, coitado, um filho único, e ele ficou sem ninguém, com exceção da moça que já não é tão moça, a filha do sr. Abravanel. Ela era a mulher do filho, mas só por um ano. Talvez um ano e meio. Ela também ficou sem ninguém. Você estuda como estudante?”

Shmuel explicou que já fora um estudante, mas que agora tinha a intenção de começar logo a procurar um trabalho. Antes de sair ainda disse:

“Obrigado. Desculpe. Sinto muito.”

O homem atarracado e compacto apareceu agilmente da sombra do corredor e acompanhou Shmuel até a porta: “Minha mulher quer parar de trabalhar com vocês. Já não é tão jovem. E a casa de vocês, eu acho, talvez traga azar”.

Shmuel ficou ainda uns quinze minutos sozinho sob o lampião de rua. Esperava. Por quem esperava, ele não sabia. Enquanto isso pensava que isso de ele estar ali de pé esperando não era nada excepcional, a maioria das pessoas vive dia após dia à espera, o tempo todo sem saber por quem ou pelo que estão esperando. Foi com esse pensamento que voltou mancando para casa e foi apressadamente para a biblioteca e perguntou ao velho se ele estava precisando de alguma coisa, talvez um chá, ou biscoito, ou talvez quisesse que ele lhe descascasse uma laranja?

Guershom Wald disse:

“Ela tem um radinho no quarto dela. Nas noites em que não sai, ela ouve os programas de música. Ou fica mudando de estação para ouvir programas transmitidos pelas estações árabes. O pai dela lhe ensinou um pouco de árabe, mas pelo visto ela não herdou dele os sonhos de fraternidade entre judeus e árabes. Só herdou dele a sua raiva. A raiva e a humilhação. Talvez ela tenha

outros sonhos. E talvez você já saiba quais são. Em seus últimos anos, quando já vivia fechado aqui em casa, ele também já quase tinha deixado de falar sobre o ideal da fraternidade entre os dois povos. Uma vez contou que quando era jovem acreditava de todo o coração, assim como todos nós acreditávamos, que os judeus estavam construindo para eles um lar em Erets Israel sem banir qualquer pessoa e sem cometer qualquer injustiça. Ora. Na década de 1920 já começou a duvidar disso e na década de 1939 entendeu que os dois povos se moviam rapidamente em rotas que os levariam sem dúvida a uma colisão, a uma guerra sangrenta no fim da qual apenas um dos dois iria sobreviver. Os vencidos não poderiam ficar aqui. Mas ele não se afastou logo das convicções da juventude. Não foram poucos os anos durante os quais ele engoliu suas dúvidas e continuou a seguir seu roteiro, e a dizer mais ou menos somente aquilo que todos esperavam que dissesse um representante da nobreza sefardita de Jerusalém nas instituições do Movimento Sionista. De vez em quando ele clamava por um diálogo com o povo vizinho. De vez em quando protestava contra os métodos violentos. Mas essas palavras suas quase não despertavam atenção. Os outros recebiam com indiferença e até mesmo com um leve tédio o fato de às vezes aparecer em Shaltiel uma certa sensibilidade, pelo visto uma sensibilidade sefardita, às dificuldades inerentes aos emaranhados da questão árabe. Com suas ideias, já se afastara de todos os amigos. Ainda acreditava que os judeus tinham razão ao aspirar erigir aqui um lar, mas chegara à conclusão de que esse lar devia ser um lar comum para judeus e árabes. Somente na década de 1940 ele começou a ser uma voz discordante nas reuniões da diretoria da Agência Judaica e do executivo da Organização Sionista. Em 1947, quando se levantou de repente para exprimir a única opinião contrária ao plano de Partilha da Organização das Nações Unidas e contra a independência de Israel, algumas pessoas começaram a chamá-lo de traidor. Pensavam que tinha enlouquecido. No fim lhe deram duas horas para optar entre pedir demissão ou ser afastado. Depois de pedir demissão, calou-se por completo. Não se apresentou em público nem disse uma palavra sequer. Envolveu-se todo em sua humilhação, como se fosse uma mortalha. Compreendeu que não haveria quem o ouvisse. Nos dias que antecederam a proclamação do Estado e também durante os dias da Guerra de Independência, de qualquer maneira não havia a menor possibilidade de que alguém se desse ao trabalho de dar atenção a concepções como as dele. Naqueles dias todos nós já tínhamos compreendido que a guerra que se aproximava seria dessa vez uma guerra de vida ou morte, e que se fôssemos derrotados nenhum de nós ficaria com vida. No dia 2 de abril foi morto Micha, meu filho único. Meu único filho foi morto. Micha. Há mais de dez anos que passo todas as noites acordado. Toda noite eles vêm e o degolam entre as pedras na encosta daquele bosque de pinheiros. E então nós três nos fechamos aqui neste ataúde, e desde então estamos aqui fechados. Na época do cerco jordaniano sobre Jerusalém as

grossas muralhas de pedra nos defenderam das balas e dos obuses. Atalia continuou a se trancar em casa, era a única que às vezes saía de casa para ficar na fila da carroça do querosene e da carroça do gelo, e também, com nossas cartelas de cupons, ficou por nós nas imensas filas de distribuição de alimentos. Depois que a guerra acabou, ele cortou o que restava de sua ligação com o mundo exterior, deixou de responder a cartas, recusava-se a ir até o telefone, toda manhã lia jornais em seu quarto, e era só para mim e para sua filha que ele, em momentos inesperados, expressava toda a amplitude de seu desalento com o novo Estado, que para ele estava imerso num culto ao militarismo, na embriaguez da vitória e num embaraçoso ufanismo nacional. Ben Gurion, para ele, padecia de um complexo messiânico, e quanto aos ex-colegas, ele via a todos apenas como um bando de capachos e escudeiros. Ficava horas e mais horas trancado em seu quarto e escrevendo. O que ele escrevia lá, eu não sei. Nada restou depois dele, a não ser o cheiro de decepção e de tristeza que preenche até hoje o espaço desta casa. O cheiro de decepção e de tristeza é pelo visto o fantasma dele que se recusa a ir embora desses aposentos. Breve você também irá embora e eu vou ficar aqui com ela. Com certeza ela de novo vai encontrar algum rapaz excêntrico que concorde em substituir você. Ela sempre encontra alguém, sempre o deixa tonto, e às vezes lhe corresponde por um momento e depois o manda embora daqui. Às vezes ela recebe visitas que chegam nas noites e vão embora nas noites. Em geral eu as ouço, mas não as vejo. Vêm e vão. Por quê? Não sou capaz de responder. Talvez ainda não tenha encontrado o que está procurando. E talvez não esteja procurando nada, só saltitando como um beija-flor, de néctar em néctar. Ou, ao contrário, está sempre enlutada, o tempo todo, enlutada até mesmo quando encontra um parceiro para uma noite ou duas. Quem vai saber? Durante milhares de anos induzimos nós mesmos a acreditar que a mulher, por natureza, é completamente diferente de nós, diferente em tudo, de uma diferença total e absoluta. Quem sabe exageramos um pouco nisso? Não? Você logo vai seguir seu caminho e eu, pelo visto, às vezes vou sentir um pouco sua falta por aqui. Especialmente nessas nossas horas, quando a luz diminui depressa e a noite penetra nos ossos. Eu vivo de despedida em despedida.”

No início de março cessaram as chuvas de inverno. O ar ainda estava frio e seco, vítreo, mas nas manhãs o céu estava limpo, e um azul carregado, brilhante, se espriava sobre a cidade e sobre as montanhas e os vales. Os ciprestes, os muros de pedra na travessa do Rav Alvez estavam sem poeira e como que iluminados de dentro com uma luz precisa e nítida. Como se tivessem sido criados somente nesta manhã. As manchetes do jornal falavam de um forte terremoto no Marrocos, na cidade de Agadir, em que tinham morrido milhares de pessoas. Guershom Wald disse: A vida é uma sombra que passa, como na oração fúnebre de Yom Kippur. A morte também é uma sombra que passa. Só a dor não passa. Continua e continua. Sempre.

Na extremidade da rua serpenteava o uádi raso onde ainda havia algum acúmulo de água de chuva. A partir da margem mais afastada do uádi se estendiam campos vazios e encostas de colinas abandonadas, sobre as quais, aqui e ali, teimava em medrar uma oliveira solitária. As oliveiras pareciam, de longe, terem abandonado havia muito tempo o reino vegetal para se juntar ao reino das coisas inanimadas. Os campos e as colinas tinham se coberto ao final do inverno com um tapete verde-escuro, pintalgado aqui e ali de flores que a chuva fizera crescer, ciclames e anêmonas e papoulas. De longe se viam as ruínas da aldeia árabe abandonada, Sheikh Bader. Mais além e acima das ruínas da aldeia se erguia, como um dragão primevo, a sombra desajeitada do gigantesco edifício para festivais que fora abandonado no meio da construção, e de cujas meias-paredes despontavam os dedos emaciados e contorcidos de vergalhões de ferro enferrujados.

Às vezes, ao entardecer, nuvens escuras e baixas vinham cobrir de sombra os céus de Jerusalém, como se o inverno tivesse se arrependido e voltado a pairar sobre a cidade, mas até a manhã essas nuvens se dispersavam e de novo um azul-celeste e límpido se estendia sobre todas as torres e cúpulas, sobre os torreões e as muralhas, sobre as ruelas tortuosas, sobre os portões de ferro e as escadarias de pedra, e sobre as cisternas de água. As chuvas tinham se afastado de Jerusalém, deixando apenas algumas poças espalhadas. O vidraceiro, o estofador e o vendedor de *alte zachen* iam novamente de rua em rua apregoando com suas vozes roucas. Como se tivessem sido enviados, os três, para prevenir a cidade de uma peste ou de um incêndio. Nas janelas e nas balaustradas das varandas ardiavam as flores de gerânio. As copas das árvores se encheram de gritos de pássaros, como se a esses pássaros tivesse chegado alguma notícia estrondosa que tinham sido encarregados de difundir com urgência por toda a

cidade.

Numa dessas manhãs Atalia entrou, sem bater à porta, no penumbroso quarto do pai. Ela trazia para Shmuel um grande *kitab* antigo, de cor cáqui escura, e o pôs sobre a cama. Shmuel supôs que esse *kitab* algum dia pertencera a Micha. Depois se lembrou de que na verdade era o seu próprio *kitab*, no qual havia trazido suas coisas e seus poucos livros quando chegara no início do inverno. Atalia disse:

“Sua perna já está quase boa.”

Não disse isso como se perguntasse, mas como quem estabelece um fato. E acrescentou:

“Vim ajudar você. Pois você não vai conseguir empacotar sozinho.”

Depois subiu e desceu duas vezes da água-furtada e trouxe de lá suas roupas e seus livros, embora sua perna estivesse quase curada e ele pudesse baixar sozinho suas coisas. Quando perguntou a ela por que estava se encarregando de fazer algo que ele já podia fazer sem sua ajuda, respondeu com as palavras:

“Quis que você descansasse um pouco.”

Shmuel disse:

“Já faz mais de quatro meses que eu descanso o tempo todo.”

Ao que ela disse:

“Se ficar mais tempo conosco você ainda vai ficar completamente petrificado. Como nós. Vai criar limo. Mesmo assim, você envelheceu aqui.”

E acrescentou:

“Quatro meses já é o bastante. Você tem de ficar entre pessoas jovens, rapazes, moças, estudantes, vinho, festas, curtições. O que teve aqui foi só um tempo do qual pelo visto você estava realmente precisando, mas apenas durante o inverno. Este inverno já passou. O urso tem de acordar.”

“O urso não vai se esquecer do mel.”

“O mundo inteiro está cheio de mel. E todo ele está aguardando você.”

Quase estendeu as mãos para de repente segurar os ombros dela e abraçá-la e apertar o corpo dela contra o seu e sentir mais uma e pela última vez como seus seios se amassavam no peito dele. Mas uma voz interior lembrou que ele era o hóspede e ela, sua anfitriã. Por isso se conteve e reprimiu as lágrimas que sufocavam sua garganta e quase lhe afloraram nos olhos. E junto com isso, sem contradição, havia também certa e nebulosa alegria pelo fato de que dentro em pouco estaria se levantando e indo embora daqui.

As roupas, os livros e o material de higiene de Shmuel estavam amontoados em desordem sobre o sofá. Também lá estavam o casaco e o chapéu, e diversos cadernos e algumas pastas de cartolina. Atalia se curvava, ajudando-o a enfiar tudo dentro do grande *kitab*. De repente foi até a estante de livros do pai e de lá colheu um pequeno jarro azulado e delicado feito de vidro de Hebron, talvez um presente de um dos amigos árabes de Abravanel, num movimento rápido

embrulhou o jarro em alguns rolos de papel de jornal, enfiou entre as camadas de roupa e roupa de baixo dentro do *kitbag* e disse:

“Um pequeno presente. Meu. Para sua jornada. De qualquer maneira você vai acabar quebrando. Ou perdendo. Ou vai esquecer completamente de quem é que ele veio.”

E continuou entulhando para dentro do *kitbag* mais roupas e mais papéis e a máquina de escrever. Mas no meio desse empacotamento se pôs ereta e declarou de repente:

“Intervalo. Venha para a cozinha. Agora você e eu vamos ficar dez minutos sentados e tomar um café juntos. Eu vou me sentar à mesa e você vai preparar o café e me servir. Poderá até fazer para mim mais um barquinho de papel. Só existe uma coisa no mundo na qual ninguém pode concorrer com você, que é fazer barquinhos de papel. Também vai poder preparar para você uma fatia de pão com geleia, ou com queijo, para não sair daqui com fome.”

Shmuel balbuciou:

“Saio com mais fome ainda do que quando cheguei.”

Atalia optou por ignorar essa insinuação. Ela disse:

“Parece-me que você, assim mesmo, conseguiu escrever alguma coisa aqui durante esses meses. Fora eu, todos aqui ficam escrevendo o dia inteiro. Não param de escrever. É alguma coisa que tem nas paredes. Ou nas frestas do chão.”

“Eu daria tudo para ler o que seu pai escreveu.”

“Ele não nos deixou nada. No fim, tratou de destruir cada pedacinho de papel. Como se tivesse apagado sua vida.”

“Você verá que algum dia ainda escreverão sobre ele. Vão pesquisar. Alguém vai se lembrar dele, talvez só daqui a anos, eu acredito que alguém irá vasculhar nos arquivos e revelar a sua história.”

“Mas não havia história alguma. Ele na verdade não fez nada. Algumas vezes falou um pouco, e porque falou o jogaram escada abaixo, e ele se ofendeu, desde então se fechou em casa e silenciou para sempre. Isso é tudo. Não houve história alguma.”

Shmuel disse:

“Estou com um pouco de dificuldade para respirar. Desculpe. Acho que preciso do inalador. Mas não tenho ideia de onde ele está. Será que já o empacotei?”

Atalia levantou-se e saiu da cozinha, voltou dois ou três minutos depois e entregou-lhe o inalador, dizendo em sua voz tranquila:

“O ar aqui não é bom para você. Aqui está sempre fechado. É sufocante.”

Com essas palavras acabou de tomar o café, de pé, levou sua xícara para a pia, lavou-a e enxugou-a, pôs no armário da louça, chegou-se a ele por trás e por um momento cobriu seus olhos com as mãos, como numa brincadeira de

criança.

“Assim, com os olhos vendados, você viveu aqui comigo todo este inverno.”

E quando estava na porta disse:

“Como queria estar eu também com os olhos vendados. Pelo menos às vezes. Pelo menos nas noites insones. Pelo menos quando um homem toca em mim. Você não precisa escrever para nós nem telefonar. Não é preciso. Abra uma página nova.”

Quando Shmuel Asch ficou sozinho, sentado à mesa da cozinha, o inalador ainda entre os dedos, admirou-se por ela não ter sequer perguntado para onde ele iria, e se tinha para onde ir. Talvez tivesse esquecido de perguntar. Talvez não quisesse saber. Como se em seu caminho tivesse se curvado para fazer uma carícia em algum gato de rua. E quando o gato começou a ronronar embaixo de sua mão acariciante, ficou tocada por um momento, pegou um pedaço de queijo ou salame, pôs à sua frente e o acariciou duas vezes na cabeça, e com isso virou e seguiu, porque ela é solitária.

Depois de engolir duas ou três grossas fatias de pão com geleia e de manchar seu suéter, ele também levou para a pia, lavou e enxugou pela última vez seu prato e sua xícara. E saiu de lá para terminar sua tarefa de empacotamento.

Tinha a intenção de esperar no quarto de Shaltiel Abravanel até que o velho acordasse de seu sono matinal, para despedir-se dele, embora não fizesse ideia de com que palavras os dois poderiam se despedir. Depois levaria ao ombro seu *kitbag* e seguiria seu rumo. Decididamente, seguiria seu rumo. Não ficaria nem mais um minuto. A bengala com a cabeça de raposa entalhada ele levaria consigo sem pedir permissão. Nem ela nem o velho precisavam dessa bengala. Que ele tivesse pelo menos alguma pequena recordação. Quatro meses passara aqui, do início ao fim do inverno, os parques trocados que lhe haviam pagado talvez fossem suficientes, com dificuldade, para sustentá-lo durante mais ou menos três ou quatro semanas. Pelo menos teria uma bengala. Não sairia daqui com as mãos completamente vazias. Esta bengala, assim sentia, lhe pertencia por direito.

Suas roupas, seus livros, seus cadernos, seu material de higiene, Atalia tinha comprimido dentro do *kitbag* que lhe trouxera. Assim mesmo ele teve a aguda sensação de que algo estava faltando, e se perguntou o que estaria esquecendo aqui e se ainda teriam restado coisas em cima, na água-furtada. Teve a ideia de subir a seu antigo quarto e verificar se Atalia tinha de fato trazido todos os seus pertences, e talvez também se despedir dos pôsteres e da reprodução que decidira deixar penduradas na parede da água-furtada em benefício de quem viria tomar seu lugar.

Enquanto terminava de empacotar, Guershom Wald apareceu. Abriu a porta empurrando-a com um ombro, manquitolou até o centro do quarto e lá ficou sem se mexer, fortemente apoiado nas muletas, o corpo ocupando no espaço do

quarto um volume muito maior do que realmente ocupava. Ele cravou seu olhar não em Shmuel, mas no grande *kítbag* sobre o sofá. Era um homem desajeitado e retorcido, de ombros largos, e sua cabeça estranha dava a impressão de que não a tinham terminado de talhar, seu corpo parecia uma velha árvore que os selvagens ventos de inverno fustigavam ano após ano, suas largas mãos a empunhar os apoios das muletas, o nariz torto e protuberante a lhe dar a aparência de um judeu sombrio em alguma caricatura antissemita, o cabelo embranquecido escorrendo na nuca e quase chegando aos ombros, o bigode branco crescendo, espesso, acima dos lábios entreabertos, os pequenos olhos azuis a perfurar você até você ser obrigado a desviar o olhar. De repente Shmuel sentiu a garganta apertar e ele se enterneceu à vista desse homem solitário. Procurou as palavras certas, mas por fim disse apenas:

“Por favor, não se zangue comigo.”

Estava tão constrangido e triste que ainda disse:

“Vim me despedir de você.”

Embora, evidentemente, ele não tivesse vindo. Ao contrário. O velho se antecipara a ele e viera com suas muletas até o quarto de Abravanel para se despedir de Shmuel.

Guershom Wald gostava de palavras e sempre as usava com largueza e sem a menor hesitação. Mas dessa vez disse somente:

“Um filho eu já perdi. Venha até aqui, rapaz. Chegue perto de mim, por favor. Aproxime-se mais. Mais um pouco.” E inclinou sua pesada cabeça e deu um beijo no meio da testa de Shmuel, com lábios fortes e frios.

Quando saía da casa para a travessa do Rav Alvez, lembrou que tinha de pisar com cuidado no degrau de madeira frouxo. Fechou atrás de si a porta de ferro e demorou-se um pouco olhando para ela. Era uma porta com duas folhas feitas de um metal verde, sobre uma das quais se aplicara a cabeça de um leão cego que servia de aldraba. No centro da folha da direita, num dístico aplicado com letras em relevo, lia-se: CASA DE IEHOIACHIN ABRAVANEL HI'V PARA DIZER QUE DEUS É JUSTO. Lembrou-se do dia de sua chegada, de como ficara diante dessa porta e hesitara um pouco, se batia ou desistia. Por um instante perguntou a si mesmo se haveria um caminho de volta para dentro dessa casa. Não agora. Não agora. Talvez um dia. Talvez depois de anos. Talvez somente depois de conseguir escrever *O evangelho segundo Judas Iscariotes*. Ficou junto à porta durante dois ou três minutos, sabendo muito bem que ninguém o chamaria de volta e assim mesmo esperando pelo chamado.

Não veio chamado algum, a não ser o dos latidos abafados de cães distantes, da direção das ruínas de Sheikh Bader. Shmuel deu as costas para a porta e atravessou o pátio calçado com lajotas de pedra e saiu para a rua sem tentar fechar o portão enferrujado, que de qualquer maneira estava sempre meio fechado e meio aberto. Esse portão estava emperrado havia muitos anos. Não havia quem o consertasse. E talvez nem valesse mais a pena. No fato de o portão estar emperrado já há tantos anos Shmuel encontrou uma espécie de obscura confirmação de que afinal ele tinha razão. Mas tinha razão em quê? Para isso não tinha resposta. Acima do portão via o arco de ferro no qual se haviam gravado seis palavras: CHEGOU A SION O REDENTOR JERUSALÉM TOVAVA, 5674.

Carregou o *kitbag* nos ombros durante todo o percurso até a estação rodoviária central, segurando a bengala com a mão livre. Devido ao peso e à dor surda na perna, ele avançava lentamente, mancando um pouco, e de quando em quando passava o *kitbag* de um ombro ao outro, e a bengala de uma mão à outra. Na esquina com a rua Bezalel avistou de repente seu mestre, o professor Gustav Iom-Tov Eisenshalom, vindo em sua direção, carregando uma pasta em uma das mãos e uma sacola em forma de rede, cheia de laranjas, na outra. Estava mergulhado numa conversa, ou numa discussão, com uma mulher não jovem que não era estranha a Shmuel, mas ele não conseguiu de maneira alguma se lembrar de onde a conhecia. Por conta dessa hesitação Shmuel só se lembrou de cumprimentar o professor depois que os dois já tinham passado por ele. Disse a si mesmo que o professor, com seus óculos de lentes grossas com certeza não o reconheceria debaixo do imenso *kitbag* que carregava, e mesmo se tivesse

reconhecido, sobre o que, na verdade, poderiam falar um com o outro? Sobre como gerações de judeus viam Jesus, o nazareno? Sobre como ele via Judas? Na verdade, que proveito esse assunto poderia trazer a uma só pessoa que fosse?

Na estação rodoviária ele esperou cerca de dez minutos na fila do guichê errado. Quando chegou sua vez, o bilheteiro esclareceu-lhe que aquele guichê era só para soldados com vale-transporte do exército e para civis portadores de documentos de convocação para servir como reservistas. Shmuel desculpou-se, esperou mais de quinze minutos na fila de outro guichê, e por um instante se perguntou se não seria melhor viajar diretamente para a casa dos pais, em Haifa. Agora que sua irmã estava em Roma, ele não teria de dormir naquele corredor fuliginoso. Talvez eles lhe cedessem dessa vez o quarto de Miri, com a bela janela que dava para a paisagem da baía. Mas seus pais agora eram como estranhos para ele, como se os dois fossem apenas a sombra de uma lembrança obscura, e como se neste inverno o velho inválido e a mulher viúva o tivessem adotado, e ele agora pertencesse somente a eles.

Quando comprou o bilhete, soube que o próximo ônibus para Beer Sheva só sairia ao fim de uma hora. Carregou então sobre o ombro esquerdo o *kitbag* e também a bengala, para que a mão direita ficasse livre. Comprou num quiosque dois *beiguels* salgados e bebeu um copo de *gazoz*, e sentiu uma repentina necessidade de telefonar para Guershom Wald e lhe dizer: “Você me é muito caro”. Conseguiria dizer essas palavras, mesmo de longe, ao telefone, sem que o velho o fuzilasse com um de seus olhares irônicos? Ou talvez a própria Atalia atendesse e ele, sem pudor, imploraria que ela lhe permitisse voltar hoje mesmo para sua água-furtada, e ele lhe prometeria, na mais solene das promessas que daquele dia em diante. Mas o quê, daquele em dia em diante, ele não tinha a menor noção. Pretendeu devolver o fone a seu lugar, no aparelho fixado na parede. Em vez de pendurá-lo, voltou-se e o entregou a um soldado magro e pálido que esperava pacientemente atrás dele.

Sentado num banco empoeirado com o *kitbag* apertado entre os joelhos e olhando a multidão de soldados armados que enxameavam pelas plataformas, Shmuel pensou em aproveitar o tempo de espera e anotar algumas linhas, para não esquecer. Mas não encontrou nos bolsos nem um caderninho nem uma caneta. Em vez de escrever, redigiu em pensamento uma breve carta ao primeiro-ministro e ministro da Defesa Ben Gurion. Depois cancelou a carta e pediu a uma soldada de corpo miúdo que vigiasse por um momento suas coisas, e tornou a ir ao quiosque, tomou mais um copo de *gazoz* e comprou dois *beiguels*, um para ele, para viagem, o outro para a soldada que enquanto isso tomava conta de suas coisas.

Shmuel Asch deixou Jerusalém às três horas da tarde, num ônibus da Egued para Beer Sheva. Alguns meses antes tinha ouvido falar de uma cidadezinha nova que estava sendo construída no deserto, na beira da grande cratera de Ramon.

Não conhecia ninguém nessa nova cidade. Pensava em encontrar lá um lugar onde pudesse deixar o *kitbag* e a bengala, e sair em busca de um emprego de vigia noturno numa construção, ou de zelador na escola pública, e talvez até mesmo de bibliotecário, ou ajudante de bibliotecário na biblioteca. Com certeza também estavam construindo uma pequena biblioteca. Não existe unidade populacional sem uma biblioteca. E, se não for biblioteca, uma casa de cultura.

Depois de encontrar um canto para repousar a cabeça, iria escrever uma carta para os pais, e uma carta para a irmã, e tentaria explicar para onde sua vida estava levando. Talvez escrevesse algumas linhas para Iardena e talvez até para a travessa do Rav Alvez. Não sabia o que escrever, mas esperava que no novo lugar, com o correr do tempo, se tornaria claro para ele o que, na verdade, tinha ido buscar.

Enquanto isso estava sozinho, sentado no fundo do ônibus, no centro do banco traseiro vazio. O *kitbag* disforme espremido entre os joelhos, porque não conseguira de maneira alguma enfiá-lo na prateleira de bagagem acima dos bancos. Nela só tinha conseguido pôr a bengala com a cabeça de raposa entalhada, e por cima dela seu casaco e o *chapka*, embora tivesse certeza absoluta de que os esqueceria lá quando chegasse sua vez de descer do ônibus ao fim da viagem.

O ônibus deixou para trás as miseráveis casas de pedra no final da rua Jaffa, passou pelo posto de gasolina na saída da cidade e pelo cruzamento com a estrada que leva a Guiv'at Shaul, e num instante estava na estrada entre as montanhas. Subitamente, e de uma só vez, Shmuel foi levado por uma onda de tépida felicidade. A visão das montanhas vazias, dos bosques jovens e do imenso céu estendido sobre tudo o fez sentir-se como se finalmente acordasse de uma sonolência prolongada demais. Como se tivesse passado todo o último inverno na solitária de uma masmorra e agora estivesse saindo para a liberdade. Na verdade não era só o último inverno nem só a casa na travessa do Rav Alvez. Todos os seus anos de estudo em Jerusalém, o campus, a biblioteca, a cafeteria, as salas dos seminários, seu quarto de moradia em Tel Arza, Jesus na visão dos judeus e Jesus na visão de Judas, Iardena, que sempre o tratara como se tivessem entregado a ela um animal de estimação divertido mas um pouco ridículo e sempre espalhando desordem à sua volta, e Neshet Sharshavsky, o diligente hidrologista que encontrara para si, toda esta cidade sempre contraída em si mesma como se a todo instante esperasse receber um golpe, Jerusalém com seus sombrios domos de pedra e com os mendigos cegos e as velhas devotas encarquilhadas sentadas horas e horas sem se mexer e encolhidas ao sol em banquinhos nas portas de porões escuros. Os rezadores envoltos em seus xales de oração a passar quase correndo como sombras encurvadas, indo e vindo de ruela em ruela em seu caminho para a penumbra das sinagogas. A densa fumaça dos cigarros nos cafés de teto baixo cheios de estudantes em seus suéteres grossos de

gola alta, todos eles consertadores do mundo e todos interrompendo sem parar as palavras do colega. Os montes de lixo e detritos que entulham terrenos abandonados entre as construções de pedra. Os altos muros de pedra que se debruçam sobre mosteiros e igrejas. A linha de barricadas e cercas de arame farpado e terrenos minados que cercam por três lados a Jerusalém israelense e a separam da Jerusalém jordaniana. Rajadas de tiros nas noites. Essa desesperança estrangulada sempre a pairar e a oprimir.

Para ele era bom deixar Jerusalém para trás e sentir que cada minuto que passa mais o afasta dela.

Lá fora, pela janela do ônibus, verdejavam encostas de montanhas. Era primavera no país, e as flores silvestres despontavam nas margens da estrada. Escancarada, antiga, envolta numa grande serenidade, assim lhe parecia a terra montanhosa que se estendia fora da cidade. Uma pálida lua diurna flutuava lá em cima, entre fragmentos de nuvens, e não saía da moldura da janela. Mas o que você está fazendo aqui numa hora que não é sua hora, Shmuel espantou-se intimamente com a presença dessa lua. Em Shaar ha-Gai a estrada serpenteava entre colinas arborizadas, sobre uma das quais, na primavera de doze anos antes, Micha Wald agonizara sozinho, sangrando entre as pedras a noite inteira até desmaiar e morrer abandonado, pela manhã, devido à perda de sangue. Graças à sua morte ganhei de presente este inverno na casa dele, junto de seu pai e de sua mulher. Foi ele quem me deu de presente este inverno. Que eu desperdicei. Apesar de ter tido lá uma abundância de ócio e de solidão.

Junto a um quiosque no cruzamento de Hartuv, o ônibus parou por uns minutos. Shmuel desceu para urinar e para comprar mais um *beiguel*, e tornou a beber um copo de *gazoz*. O ar estava quente e impregnado. Duas borboletas brancas se perseguíam, numa dança. Shmuel inalou repetidas vezes esses aromas de primavera em inspirações profundas, enchendo os pulmões, até sentir-se levemente tonto. Quando voltou a sentar-se em seu lugar, viu que novos passageiros tinham subido no ônibus. Sentaram-se nos bancos mais próximos. Alguns vestiam roupas de trabalho e pareciam queimados de sol apesar de a primavera só ter começado havia dois ou três dias. Alguns traziam consigo instrumentos de trabalho ou cestas com aves vivas e ovos e queijo de fabricação caseira. No banco anterior ao dele, duas jovens mantinham uma conversa animada e divertida numa língua que Shmuel não entendia. Na parte da frente do ônibus, um grupo de alunos ou talvez integrantes de um movimento de jovens estava voltando de um passeio. Os rapazes e as moças cantavam a plena voz canções de guerra e dessas que se cantam em volta das fogueiras. O motorista, um homem idoso e rechonchudo vestido com roupa cáqui amarrotada, também aderiu ao canto. Segurava o volante com uma das mãos e com a outra marcava o ritmo batendo com seu picotador de bilhetes no painel à sua frente. Pela janela iam passando, uma após outra, novas aldeias, todas estabelecidas depois da

guerra. Eram aldeias brancas com telhados vermelhos e jovens ciprestes nos quintais e longos telheiros de lata que abrigavam estábulos e galinheiros. Entre uma aldeia e outra se estendiam, até onde a vista alcançava, pomares de árvores frutíferas e campos de trigo e cevada e plantações de trevo e alfafa.

No entroncamento de Kastina o ônibus tornou a fazer uma parada de dez minutos. Pessoas subiram e desceram, e Shmuel também desceu e caminhou entre as plataformas poeirentas, envoltas no cheiro de gasolina queimada. Por um instante lhe pareceu que nesses lugares já o aguardavam havia muito tempo, e até estavam espantados com seu atraso e esperando dele uma explicação ou desculpa. No quiosque ele comprou um jornal vespertino, mas nem olhou para ele. Em vez de olhar o jornal, ergueu os olhos para verificar se a pálida lua ainda o acompanhava. Achava que essa lua pertencia a Jerusalém e seria melhor que ficasse nela e parasse de segui-lo. Mas a lua continuava a pairar entre as nuvens esgarçadas e só ficara ainda mais pálida. O motorista buzinou para reunir os passageiros. Shmuel voltou para seu assento, e não desgrudou os olhos dos vinhedos e pomares que passavam por ele na janela, e se estendiam até o sopé das montanhas. Tudo o alegrava, e tudo lhe aquecia o coração. Dos dois lados da estrada tinham sido plantadas mudas de eucaliptos, com uma função de natureza militar, a de esconder o movimento nas estradas dos olhos de pilotos inimigos. Quanto mais se afastavam para o sul, mais rareavam as novas aldeias, as aldeias de Chevel Lachish, e só a amplidão dos campos continuava a se estender ao longo da estrada até ceder lugar, lentamente, a colinas baixas e vazias. Essas colinas também tinham se colorido de verde, graças às chuvas de inverno, mas Shmuel sabia que era um verde passageiro e que em algumas semanas essas colinas voltariam a ficar áridas e torrando ao sol, e só arbustos espinhosos batidos pelos ventos secos continuariam a se agarrar nelas como se fosse com garrasafiadas.

Quando o ônibus chegou ao anoitecer à estação de Beer Sheva, Shmuel deixou sobre o banco o jornal que não tinha lido, pôs o *kitbag* no ombro, recolheu da prateleira superior seu casaco, a bengala e o chapéu, comprou um copo de *gazz* e o bebeu quase de um só gole, e foi saber quando e de onde sairia o ônibus para a nova cidadezinha na orla da cratera de Ramon. No guichê de informações lhe disseram que o último ônibus para Mitzpeh Ramon já havia saído e o próximo só sairia no dia seguinte, às seis da manhã. Ele sabia que tinha de perguntar mais alguma coisa, mas não lhe ocorreu de forma alguma o que perguntar. Assim, saiu dali mancando um pouco, o *kitbag* sobre o ombro esquerdo, o casaco e a bengala no direito, afastou-se da estação e caminhou um pouco pela cidadezinha, que quase não conhecia. Das extremidades das novas ruas se abriam à sua frente as imensidões do deserto. Colinas de areia, baixas e achatadas, sobre as quais, aqui e ali, se espalhavam as tendas escuras de pastores beduínos.

Suas pernas o levaram de rua em rua, todas parecidas, ruas de bairros feios,

fileiras e fileiras de blocos similares, com o reboco descascando, construções em forma de caixas compridas com três ou quatro andares que se deterioravam da noite para o dia. Nos pátios acumulavam-se destroços de metal junto com pedaços de móveis antigos. Em um dos pátios crescia uma figueira um pouco seca, e Shmuel, que gostava de figueiras, se deteve um pouco junto à árvore e procurou com o olhar um ou dois frutos precocemente amadurecidos. Que não havia nem poderia haver porque nenhuma figueira frutifica no início da primavera, antes da festa de Pessach. Shmuel arrancou uma folha da figueira e continuou a levar sua carga, a passos lentos, pela ruela em declive. Ao longo da calçada, na frente dos prédios, se estendia uma caravana de latas de lixo, muitas delas sem tampas. Na estreita rua crianças pequenas perseguiram aos gritos um gato amarelo que fugiu deles e refugiou-se no vão escuro sob os toscos pilares de concreto sobre os quais se apoiavam os prédios daquele bloco de moradias. Espinheiros e mato cresciam nos terrenos. Aqui e ali, destroços de ferro retorcidos enferrujavam. A maioria das persianas estava cerrada e nos vestibulos, nas entradas dos prédios, amarradas com correntes, havia bicicletas antigas e alguns carrinhos de bebê.

Numa janela de segundo andar apareceu uma mulher jovem e bonita, num colorido vestido de verão, debruçou-se para fora, seus seios sólidos a pressionar o peitoral, cabelos longos e soltos, e pendurou uma blusa molhada no varal. Shmuel olhou de baixo para ela. Essa mulher parecia ser agradável, delicada, cordial e talvez acolhedora. Decidiu dirigir-se a ela, desculpar-se, pedir-lhe um conselho, para onde ir, o que devia fazer? Mas, enquanto buscava as palavras adequadas, a mulher acabou de pendurar a blusa, fechou a janela e desapareceu. Shmuel continuou ali em pé, no meio da rua deserta. Baixou do ombro o *kitbag*, depositou-o no asfalto empoeirado. Com cuidado, pôs o casaco sobre o *kitbag*, e também a bengala e o chapéu. E perguntou a si mesmo.

Ao escrever este livro encontrei grande auxílio no livro *Judeus contam sobre Jesus*, organizado por Avigdor Shenan, publicado em 1999 por Iediot Achronot-Sifrei Chemed, na série Judaísmo Aqui e Agora, organizada por Iochi Brandes.

Também tive a ajuda do livro de Sh'z Zeitlin, *Jesus de Nazaré, rei dos judeus* (Jerusalém e Tel Aviv: 5719), e do livro de M. Goldstein, *Jesus in the Jewish Tradition* (Nova York 1950).

Glossário

Achad Haam — Escritor e líder sionista da época inicial do movimento sionista, que, ao contrário de Theodor Herzl, via o sionismo como afirmação de Sion como centro cultural do povo judeu, não necessariamente como centro político num Estado judeu.

alte zachen — Em ídiche no original, “coisas velhas”, quinquilharias.

Avot-Nezikin — Referência ao tratado *Avot* na ordem *Nezikin*, segmentos da Mishná (livro de comentários sobre as leis da Torá, o Pentateuco) que tratam de danos.

avrachim — Plural de *avrach*, jovens judeus recém-casados ou alunos de academias rabínicas.

Bab-el-Wad — Desfiladeiro no acesso a Jerusalém, que na Guerra de Independência de Israel estava cercada e bloqueada pelos árabes, e por onde passavam comboios de mantimentos, na tentativa judaica de romper o cerco e suprir a cidade de víveres, água e armas.

chalutz — Pioneiro; o termo designa os imigrantes judeus que migravam para a Palestina e depois para Israel a fim de, segundo sua ideologia, mudar o perfil do povo judeu do exílio, principalmente ao se dedicarem aos trabalhos braçais de redenção da terra, abertura de estradas, agricultura, criação de *kibutzim* e outras formas de estabelecimentos coletivos e cooperativos.

chaver (plural: *chaverim*) — Palavra de múltiplos significados, às vezes superpostos (sem correspondente polissêmica em português, daí ter sido mantida em hebraico): membros (de clube, organização), companheiros, camaradas, amigos e também namorados.

cheres hanishbar — Uma “porcelana quebradiça”, de uma oração melancólica no Yom Kippur.

chupá — O pálio nupcial do casamento judaico, e, por metonímia, a cerimônia religiosa do casamento.

controvérsia de Uganda — No início do movimento sionista moderno, discussão a respeito da possibilidade de o pretendido Estado para o povo judeu ser

estabelecido em Uganda, como lhe fora proposto, ou na histórica Erets Israel, então Palestina.

davar davur al ofnav — De Provérbios 25,11.

Erets Israel — Terra de Israel, termo com que os judeus se referiam durante vinte séculos de exílio à sua terra, que fora perdida após 1200 anos de soberania, conquistada pelos romanos no século I. Erets Israel tornou-se o Estado de Israel em 1948.

gazoz — Bebida feita de essência de frutas e água com gás extraída sob pressão.

Gvilei Esh — Série de publicações cujo conteúdo são escritos de pessoas que tombaram nos combates pela independência e pela defesa de Israel.

Hagadá de Pessach — Referência aos quatro tipos de filhos mencionados na leitura da Hagadá, o texto que se lê no Seder (ritual e jantar que comemoram o início de Pessach, a Páscoa judaica). Os quatro são: o sábio, o mau, o ingênuo e o que nem mesmo sabe perguntar.

Haj Amin — Referência a Haj Amin el-Husseini, “o mufti de Jerusalém”, líder árabe palestino da rejeição à partilha e à presença judaica na Palestina, aliado de Hitler e do nazismo.

Hi'v — Transcrição das iniciais em hebraico de *haShem iechaiehu veishamrehu* (que Deus o deixe viver e o guarde).

Iemei Tziklag — *Dias de Tziklag*, livro ficcional do escritor Samech Izhar (1958) sobre a Guerra de Independência e seus combatentes, que ganhou o prêmio Israel de Literatura.

ish mach'ovot iadua choli — “Homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento” (Isaías 53,3).

ish tachat gafnó veish tachat teenató — Essa expressão aparece 1266 vezes na Bíblia hebraica.

jabotinskianos — Seguidores de Vladímir Jabotínski, líder da ala direita do sionismo, favorável a um Estado judaico em toda a Palestina.

Keraiot — Iscariotes vem do hebraico *ish Keraiot*, “homem [da cidade] de Keraiot”. *Keraiot*, literalmente, quer dizer “cidades”.

Keren Kaiemet LeIsrael — Instituição judaica encarregada de, mediante

arrecadação popular entre judeus de todo o mundo, adquirir terras para a comunidade judaica na então Palestina, e, depois do estabelecimento do Estado de Israel, principalmente para florestamento e reflorestamento.

kitbag — Grande saco, geralmente usado por militares para transportar suas roupas e objetos pessoais.

koná — Feminino de *koné*, tem vários significados; “compradora” é o mais comum no contexto contemporâneo, mas em textos bíblicos e seus comentários pode ter a conotação de “criador” e também de “dono”, como nos trechos citados pelo personagem.

lebenia — Na época em que se passa a história, *lebenia* era uma espécie de iogurte, leite azedado e diluído como medida de economia, pois Israel ainda tinha problemas de abastecimento.

Lechi — Iniciais de Lochamei Cherut Israel, Combatentes pela Liberdade de Israel, um dos grupos militares que lutavam antes do estabelecimento do Estado de Israel. Como o grupo Stern e o Etsel, era da ala direita do sionismo, não acompanhando a linha majoritária do movimento.

lal’la — Interjeição de origem árabe muito usada em Israel, no sentido de “vamos lá!”, “em frente!”.

leratek — Palavra hebraica com múltiplos significados, alguns de caráter metafórico, como o escolhido para a tradução, “atrair”. Poderia também ser “prender”, “fascinar”, “eletrizar” e outros.

levaná — Uma das palavras para “lua”, em hebraico. Feminino de *lavan*, “branco”.

Maguen David Adom — Escudo Vermelho de Davi, equivalente israelense da Cruz Vermelha.

Meguilat Ester — História bíblica de como os judeus da antiga Pérsia, ameaçados de serem vítimas de massacre por uma trama do ministro Haman, se livraram da ameaça (e do ministro) graças à intervenção da (judia) rainha Ester.

menuchá nechoná — O termo é o título em hebraico de outro livro do autor (publicado no Brasil como *Uma certa paz*). Está presente no texto de uma prece mortuária judaica, “El male rachamim”, Deus cheio de misericórdia. Pode-se traduzir como “descanso correto”, ou “adequado” ou “merecido”.

Mishná — Conjunto de seis livros que comentam e interpretam as leis da Torá, com base na tradição oral criada pelos comentários dos sábios judeus, cuja compilação e escrita foram concluídas no século VI.

mitsvá — Palavra hebraica que designa cada um dos mandamentos religiosos, morais, sociais e éticos de um judeu, como definidos explicitamente na Torá. São 613, sendo 365 no formato “não faça” e 248 no formato “faça”.

Moriah — O atual monte do Templo, onde ficavam os dois templos da Antiguidade judaica, hoje a mesquita do Domo da Rocha e o Muro Ocidental (único remanescente do segundo templo), ou Muro das Lamentações, o lugar mais sagrado do judaísmo. É também, no texto bíblico, o monte no qual Abraão ia sacrificar seu filho, Isaac.

Muli — Diminutivo carinhoso para Shmuel.

Nachlaot — Bloco de 32 bairros antigos de Jerusalém.

nazareu — No Antigo Testamento, judeu que se consagrava ao serviço de Deus e levava uma vida de pureza, abstinência e ascetismo, física e espiritualmente.

notrim — Organização não oficial de guarda às colônias e instituições judaicas no período anterior à independência de Israel.

Palmach — Uma das forças armadas não oficiais da comunidade judaica antes do estabelecimento do Estado de Israel, considerada a força de combate de elite da Haganá, o exército não oficial que depois deu origem ao exército de Israel.

Pasta de Shim'on — Coletânea de homilias antigas do Talmude Babilônio e do Talmude de Jerusalém, atribuída ao rabi Shim'on Ashkenazi, de Frankfurt.

Salão de Pedras Talhadas — No Templo, a sala na qual se reunia o Grande Sinédrio, o tribunal superior judaico.

shever kli — Termo para “caco”, na Mishná.

sternistas — Seguidores da organização combatente Stern, que atuava durante o Mandato Britânico na Palestina (1940-8). Visava principalmente expulsar os britânicos da Palestina para permitir a criação de um Estado judaico.

talit — Xale de orações, um dos objetos do ritual judaico.

Tanach — A Bíblia hebraica, que se escreve em hebraico como acrônimo de Torá (Pentateuco), Nevi'im (Profetas) e Ketuvim (Escritos).

Tashach — Corresponde a 5708, o ano judaico da proclamação do Estado de Israel e da Guerra de Independência.

Tashi't — Referência a um ano do calendário judaico, no qual as letras do alfabeto representam números. “T” é a letra “tav”, que equivale a 400, “sh” é a letra “shin”, que equivale a 300, “i” é a letra “iod”, que equivale a 10, “t” é a letra “tet”, que equivale a 9. Assim juntas, acrescenta-se som de vogal (*a*) e pronuncia-se T(a)shi't, ou seja, o ano 400 + 300 + 10 + 9, na verdade 5719 do calendário judaico, que corresponde a 1959 do calendário universal.

Tel Chai — Colônia judaica na Galileia, foi atacada por árabes em 1920, resistindo bravamente. No combate morreu Iossef Trumpeldor, nome famoso da luta judaica na era pré-independência. Tel Chai foi depois abandonada e queimada pelos árabes. Hoje lá existe um monumento alusivo a essa luta.

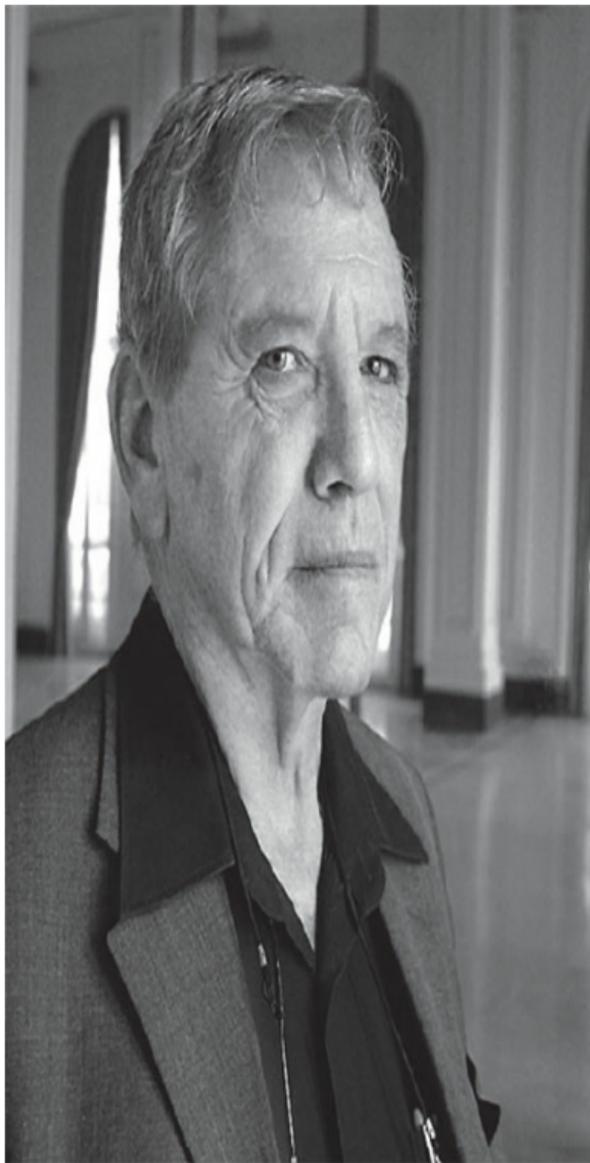
tembel — Literalmente “chapéu de bobo”, chapéu cáqui em forma de cone arredondado, típico dos pioneiros e da população em geral, dos tempos anteriores e imediatamente posteriores à proclamação do Estado de Israel.

tikun-olam — “Conserto do mundo”, conceito da cabala judaica segundo o qual o mundo foi concebido com perfeição pela divindade, mas esse apuro foi quebrado, e aguarda o “conserto”, necessário e factível pelo homem e por sua conduta.

tossefta — Complementos à Lei Oral, paralelos aos textos da Mishná, que por sua vez interpretam os da Torá.

Tovava — Iniciais em hebraico de *Tibané vetikonon bim'herá beimeinu amen* (Será construída e erigida brevemente em nossos dias amém), fórmula que se segue à menção de cidades sagradas ou de importância histórica para os judeus. O ano de 5674, no calendário judaico, corresponde ao período anual do último trimestre de 1913 e três trimestres de 1914.

Wingate — Orde Wingate foi um famoso general britânico que apoiou a luta de defesa dos judeus na Palestina, na época do mandato britânico. Ele treinou as forças militares da comunidade e criou as “patrulhas noturnas”, que vigiavam e protegiam as comunidades e instituições judaicas dos ataques árabes.



BEL PEDROSA

AMÓS OZ nasceu em Jerusalém, em 1939. Desde os anos 1960 tem se dedicado a uma extensa produção literária que inclui romances, ensaios e artigos. Como escritor e ativista político, é o intelectual israelense mais renomado de nossos dias.

Copyright © 2014 by Amós Oz

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Habssorá al pi lehudá Ish Keraiot

Capa

Máquina Estúdio

Foto de capa

The kiss, 1907 © Brancusi, Constantin/ Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2014.

Cortesia do Gabinete de Constantin Brancusi do Museu de Arte de Craiova, Romênia.

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Jane Pessoa

Luciane Helena Gomide

ISBN 978-85-438-0211-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiasletras.com.br

blogdacompanhia.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1.](#)

[2.](#)

[3.](#)

[4.](#)

[5.](#)

[6.](#)

[7.](#)

[8.](#)

[9.](#)

[10.](#)

[11.](#)

[12.](#)

[13.](#)

[14.](#)

[15.](#)

[16.](#)

[17.](#)

18.

19.

20.

21.

22.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29.

30.

31.

32.

33.

34.

35.

36.

37.

38.

39.

40.

[41.](#)

[42.](#)

[43.](#)

[44.](#)

[45.](#)

[46.](#)

[47.](#)

[48.](#)

[49.](#)

[50.](#)

[51.](#)

[Sobre o autor](#)